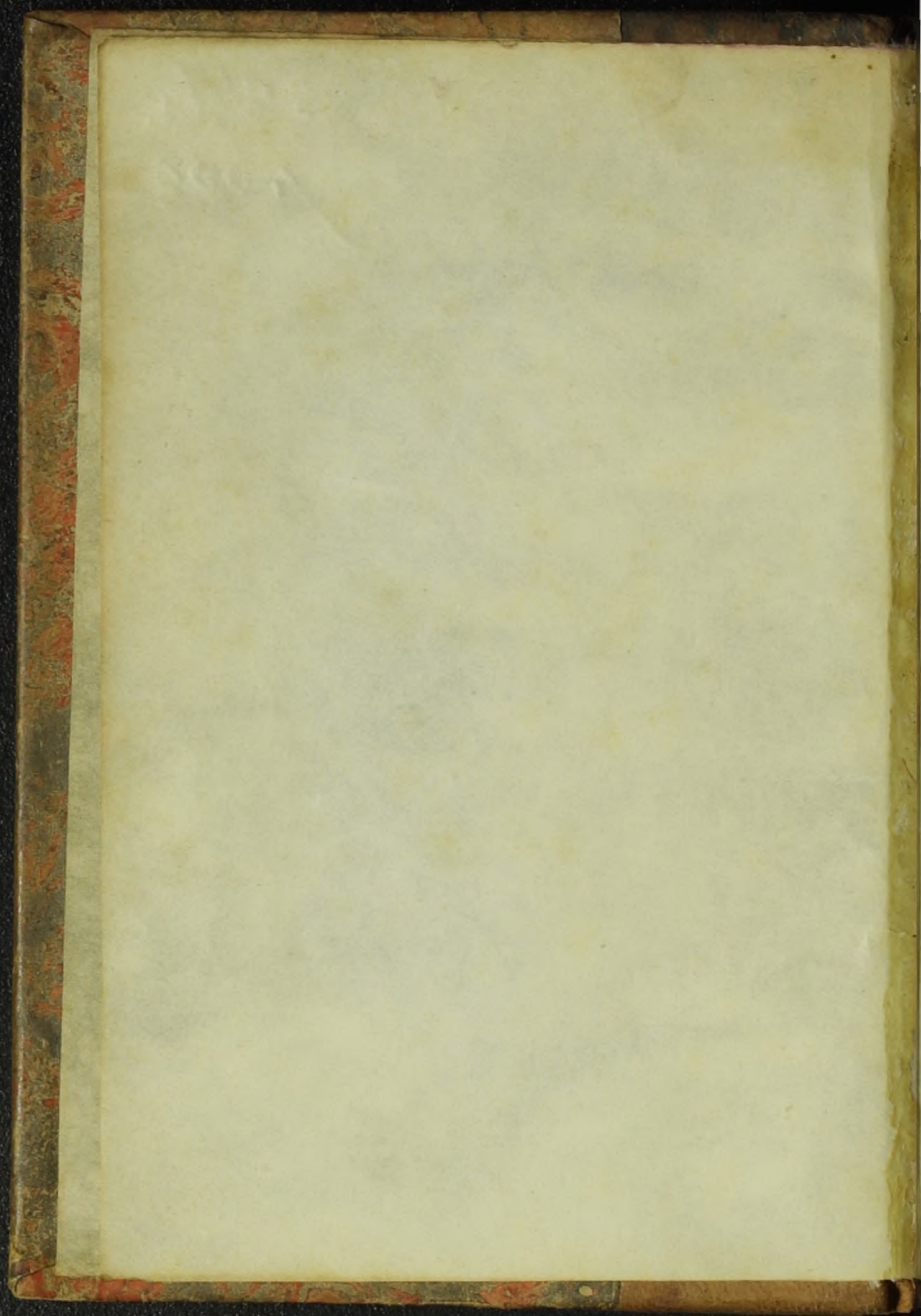


3 Vols.

1000



CHRONICA
DO EMPERADOR
CLARIMUNDO,

DONDE OS REIS DE PORTUGAL DESCENDEM ,

TIRADA DA LINGUAGEM UNGARA

EM A NOSSA PORTUGUEZA ,

DIRIGIDA AO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. JOAÕ,

FILHO DO MUI PODEROSO REI

D. MANOEL,

PRIMEIRO DESTE NOME.

POR

JOAÕ DE BARROS

SEU CRIADO.

NOVA EDIÇÃO.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGENES LESSA"

TOMO I. Tombo N.º 27309

MUSEU LITERÁRIO

L I S B O A ,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1843.

CHRONICA
DO IMPERADOR
GLAUBIMUNDO

FOUNDED BY THE PORTUGAL GOVERNMENT
PRINTED AT THE PORTUGAL PRESS
LISBON

D. JOAÃO

PRINCE DO REINO DE PORTUGAL

D. MANUEL

PRINCE OF BEIRA

JOAO DE BARROS

SEU ORATEIRO

NOTA EDITORIAL

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGENS LÉSSA"

TOMO 4.

Tombo N.º

MUSEU LITTERARIO

LISBOA

NA ESTABELECIÇÃO HOLLANDESA

1848

PROLOGO

FEITO DEPOIS DESTA OBRA IMPRESSA.

AO MUI ALTO, E PODEROSO REI

D. JOAÕ III.

DESTE NOME

POR

JOAÕ DE BARROS

SEU CRIADO.

Amor, FAVOR, e Temor, Rei mui poderoso, Príncipe de justiça, tem tanta força em todas as cousas, que nenhuma se pôde fazer sem algum delles, e ás vezes huma com todos. E assim como o primeiro ha de permanecer com nossa alma, assi antecede aos dois nas obras que neste mundo faz; que logo leva huma ordem firme, hum concerto seguro, huma liberalidade franca, que os outros não tem. E elle me fez dispôr os dias passados pera servir V. Alteza na trasladação desta Chronica. E sabendo isto de mim, usastes tão liberalmente commigo, dando-me a isso

favor, que em espaço d'oito mezes acabei de a trasladar. Da qual a V. Real Casa leva a maior gloria : porque ella foi o claro estudo em que toda minha vida empreguei. E por cima das arcas da vossa guardarropa , publicamente , como muitos sabem , sem outro repouso , sem mais recolhimento , onde o juizo quieto pudesse escolher as cousas que a fantasia lhe representava ; fiz o que meu amor , e vosso favor ordenaõ. E como colhi este fructo , o mais temporaõ do que devera , mandei-o imprimir. No qual tempo por vontade da Summa Potencia , recebeste o Real Centro digno de Vós, e Vós muito mais delle. E este cuidado de governar , reger , e provêr todas as particularidades de vossos Povos, e Reinos, me fizeram estimar em muito o que tinha começado. Porque quando lho dirigi no seguinte Prologo , as menos occupaõs que entãõ tinha , lhe faziaõ tomar alguma pera emendar meus erros. Mas agora na segunda mãõ , que he a mais trabalhosa , conhecendo a fraqueza de meu estillo , e a grandeza de Vosso Real Estado , fizeraõ-me duvidar o que fa-

ria : Se perder o gasto que tinha feito na impressãõ, entregando o meu trabalho ao fogo, ou sahir á luz com elle. E nestas duvidas, sobreveio o temor de fazer tal desacatamento ás cousas onde Vossa Alteza pusera os olhos. E deste temor, tomei ousadia pera dar fim ao que me inda não satisfaz : Porque todas as obras tem arrependimento. As boas quando não trazem o effeito pera que se ordenaõ : As más por se fazerem, as duvidosas por terem o fim incerto. Este he outro novo temor com que as primicias de minha pobreza se apresentaõ ante Vossa Real Magestade. A quem peço, não como ellas merecem, mas se de vós espera, sejaõ inda favorecidas.

PROLOGO

*SOBRE A TRASLADAÇÃO DA
Chronica do Emperador Clarimundo,
donde os Reis de Portugal descendem.
Dirigido ao esclarecido Principe D.
João , filho do mui poderoso Rei D.
Manoel , Primeiro deste nome. Por
João de Barros seu criado.*

Nam tem a natureza , mui alto , e esclarecido Principe , taõ desordenada ordem na repartiçaõ de suas graças, e perfeiçoens , que a cada hum dos humanos , naõ dê huma em especial : e quem se queixar della , naõ será com razaõ. Porque se o naõ dotou de esforçada ousadia nas cousas do militar exercicio, deo-lhe divino conselho pera as saber governar. Se lhe tirou a perfeiçaõ de perfeito Orador , naõ lhe negou avondança do versificar. Se o desfalleceo no conhecimento das consonancias da Musica, supprio-lhe esta mingua com disposiçaõ, graça, gentileza, e bom ár em vestir, e fazer cousas, que cobrem o desfallecimento que tem as outras. E porque totalas estas, e as que daõ

perfeiçãõ sem tachã, mui poucas vezes, ou nunca se viraõ em huma só pessoa, disse Homero : Naõ deo Deos a hum totalas cousas. Mas isto se naõ entende em V. Alteza, pois além das virtudes, que por maõ divina em V. Real Pessoa foraõ influidas; de totalas graças que a natureza tinha, vos fez justamente verdadeiro possuidor. E bem o tendes mostrado, Principe excellente, desde o principio de vossa infancia, té o presente tempo da perfeita adolescencia : usando de cada hũa, nos casos, e tempos opportunos pera que foraõ ordenadas, sem entremeter as de prazer em tempo de pesar, mas por ordem distribuidas, que saõ em V. Real Senhoria exemplo pera quem perfeitamente quizer obrar. E como eu, Illustrissimo Principe, fosse criado sobre a disciplina destas magnificas obras, que no discurso de sua vida tem feito, notei quam grande inimigo era da ociosidade dan-nosa, e nesta parte (pois minha baixa qualidade a mais naõ podia supprir) quiz imitar seu virtuoso exercicio, lendo as vidas, e obras dos passados, e excellentes Principes, que tanto exem-

plo com ellas deraõ, até o tempo del-Rei Nosso Senhor, e progenitor vosso, que assi a todas escureceo, como o claro Sol ás Estrellas cega, alcançando victoria por mar, por terra, e Senhorio de povos, em menos tempo do que a vontade os póde desejar. E por tanto, com verdade se diz desfallecer-lhe mundo para o conquistar, e naõ victoria, saber, e industria, para outros alcançar (se os ahi houvesse neste;) que no outro, segundo suas pias, e virtuosas obras, assaz tem ganhado de gloria. E ainda que V. Alteza delle herdasse, naõ inclinardes os ouvidos a cousas de vosso louvor, naõ me parece justo chegar a hũas, e a outras, sem pagar o debito, e tributo por Deos ordenado: Que he louvar a quem bem obra. Porque com o tal louvor damos graças a elle eterno Ministrador das virtuosas operações, e miraculosas façanhas. Pois quem será de tanta ingratitude, Principe mui esclarecido, que se naõ entremeta a quere-las louvar, principalmente aquelles com quem nesta parte de bem dizer, a natureza communicou sua graça? E porque quanto me ella aqui tem

negado, acrescentou em desejo de vos servir, beijarei vossas Reais mãos, porque perdoeis a meu fraco, e atrevido engenho, commetter estes commettimentos de louvor, pois a outras pessoas de mais saber, e authoridade he permitida licença de navegar pelo mar de suas grandes obras, dignas de tal memoria. Porque a pouca sufficiencia de meu engenho, ainda agora em pequenos rios póde ser perdida, não tendo idade, e estudo pera em taõ alto golfaõ me entremeter, ao qual Livio, Salustio, Virgilio, nem Lucano, creio que deraõ principio, pois taõ difficultoso lhes fora de achar meio, e fim. E como eu, Principe mui poderoso, nas obras que estes compuseraõ gastasse o que me restava de tempo, depois que em outras cousas vos servia, offereceo se caso, que todo em vosso serviço empregado fosse. Digo isto, preclaro Senhor, porque entre alguns Alemães, e Estrangeiros, que com a Rainha nossa Senhora a estes Reinos de Portugal vieraõ, foi Carlím Delamor (homem fidalgo, e bem docto em todas as cousas que a tal pessoa conuinhaõ.) E como as suas me contenta-

vaõ, trabalhei por alcançar delle sua conversaçãõ, e amizade. E conhecendo elle isto de mim, deome tanta parte della, que satisfez a meu desejo. E em quanto nestes Reinos esteve, entre muitas cousas de passatempo que neste tinhamos, era contar elle as grandezas dos Emperadores de Alemanha, e Constantinopla, com tanta ordem, e concerto, que parecia ter o proprio original dellas na memoria. E as que alli lustravaõ em mais admiraçãõ, e grandeza, eraõ do Emperador Clarimundo, que, segundo saõ maravilhosas, fazem presumir, serem mais favor d'escriptores, que verdadeira relaçaõ da verdade. Porém, pois das antigas cousas naõ temos outra certeza, he necessario darmos-lhe tanta fé, quanta nos ella testificaõ. Quanto mais, que a experiencia das nossas presentes autorizaõ todas as suas passadas. E quem nesta verdade duvidar, ponha os olhos na grandeza das obras del-Rei vosso padre, e desfará a roda do pouco credito, que a todas as outras der. E já no tempo deste, naõ menos Christianissimo, que esforçado Principe, mostrava huma figura do que os de sua li-

nhagem no seu fariaõ : porque a elle escolheo Deos pera origem dos Reis de Portugal , donde V. Alteza havia de descender (como adiante neste primeiro capitulo se dirá.) E porque sómente os Ungaros , e Gregos de suas memoraveis façanhas tinhaõ lembrança , (pelas em sua linguagem terem escriptas ,) quiz trespassar esta primeira parte de sua Chronica em a nossa Portugueza , porque a nós suas cousas tambem publicas fossem , pois nos tocaõ pela parte que delle recebemos : que foraõ taõ Christianissimos, e poderosos Reis, como os Portuguezes tem alcançado , (sendo primeiro da Summa Potencia concedido.) E ainda , magnanimo Principe , que seja digno de muita reprehensaõ , pelo atrevimento que tomei , em trasladar cousa , que com divina eloquencia devera ser relatada. Naõ creio que o serei em tanto extremo , como o fora de meu desejo , em naõ obrar obra de que V. Alteza fosse servido : pois este he o fim pera que quero longa vida : e esta vontade me desculpa da culpa , que por isso me quizerem dar. E tambem , considerando eu ser feitura vossa , acudio-

me hum fervor de fé, que não podia
alguem reprehender este atrevimento,
crendo que ha de ser favorecido da vossa
liberal vontade, como todas as cousas ze-
losas de bem obrar o são. E este favor
dará tanto lustro ao tempo que d'aqui
empreguei, que cegará a quem lhe qui-
zer pôr nome de perdido. E posto que
deste perigo seja salvo, não creio ser
mui seguro do que acháraõ quantos es-
creveraõ. Porque difficil he escapar al-
guem da diversidade dos juizos ociosos;
os quaes tem hum parecer pera julgar,
e outro sentir pera fazer: e todos emen-
daõ o alheio, e poucos sentem o seu.
Mas primeiro que minha fama seus com-
bates sinta, beijarei vossas Reaes mãos,
porque mandeis prover esta taõ grande,
e excellente Chronica, com melhor in-
vençaõ, e mais avondosa eloquencia, e
inventiva elegancia, do que se nella por
minha dureza achará. E com este seguro
Real, de Real mão recebido, serca sal-
vo do impetuoso murmurar.

CONCORDANCIA,

Que o Tradadador faz entre dois Chronistas, sobre a vinda de D. Henrique a estes Reinos de Espanha, e sobre a sua Genealogia.

Ainda que isto seja fóra da ordem, e principio desta Chronica; por ser mui necessario á trasladação della, me pareceo cousa justa, e devida, tocar aquillo, de que tem necessidade: Porque aquelles, que as Chronicas dos Reis de Portugal, e Castella lerem, não tenhaõ algũa duvida, em que possaõ embicar. Digo isto, porque segundo Duarte Galvaõ no principio da Chronica que delRei D. Affonso Henriques compôs (primeiro deste nome em Portugal) contando da vinda de D. Henrique seu Pai no tempo delRei D. Affonso de Castella, que Emperador de Espanha se chamava, diz ser este D. Henrique segundogenito delRei de Ungria, e de huma irmãa do Conde D. Reimaõ de Tolosa, que com o Conde D. Reimaõ de Saõ Gil todos juntos a estes Reinos de Espanha vieraõ. E Mossem Diogo de Valera na sua Valereana tem o contra-

rio, dizendo como D. Henrique era natural de Constantinopla, e que servindo na guerra a elRei D. Affonso de Castella fazendo obras dignas de tal galardão lhe dera sua filha Thareja por legitima mulher, e em dote as terras, que entãõ em Portugal aos Mouros eraõ tomadas; como se mais largamente na Chronica delRei D. Affonso mostra. Pois parece nesta contrariedade da patria, e natureza de D. Henrique, que estes dois Chronistas discordaõ, e quem naõ souber a razaõ que ambos tinhaõ pera fazer esta differença, naõ sei como isto julgarãõ. Porém, pois nos Deos trouxe em nossos tempos Historia por onde fossemos certos da Genealogia deste bemaventurado D. Henrique, primeiro fundamento da Casa de Portugal, poderemos dar razaõ a quem della tiver necessidade. E porque no terceiro livro desta parte, se manifesta mui claro, e por extenso as cousas do pai de D. Henrique, e as suas, e a razaõ, porque veio a estes Reinos de Espanha; se deixa aqui de tocar. Sómente digo, segundo o que nestas partes vi, que D. Henrique era neto de Clarimundo (as grandezas, e obras do

qual, neste volume, com tanto louvor, e gloria sua se manifestaõ,) que foi Rei de Ungria por fallecimento de Adriano seu Pai: e por parte de Clarinda, sua mulher, herdou o Imperio de Constantinopla, ao qual succedeo nestes dois Senhorios D. Sancho seu filho, pai de D. Henrique. Assi, que não sem causa diz hum Chronista, que veio de Constantinopla, e outro, que era natural de Ungria; pois seu pai neste tempo estes dois tão grandes Senhorios governava, e possuhia.

qual, neste volume, com tanto labor,
e depois sua se mandaram, que se
de Uçta por salimento de Adriano
em parte de parte de Cristina, sua
mulher, sobre o império de Constanti-
nople, ao qual succedeo nestes dias
Sebastião D. Sancho seu filho, por
D. Henrique, que era seu avô
diz hum Chronista, que viveo de Cris-
tophila, e outro, que era natural de
Uçta; por seu pai neste tempo era
don João de Sevilha Governador,
e portante.

CHRONICA
DO EMPERADOR
CLARIMUNDO,

DONDE OS REIS DE PORTUGAL DESCENDEM.

LIVRO I.

CAPITULO I.

No tempo, que o grande Adriano em Ungria reynava, era taõ temido, e amado o seu bom Regimento, e esforço, que nas casas dos Reys, e Principes, que delle tinhaõ conhecimento, nunca se praticava em al, senaõ com quanto amor aos amigos, e rigor aos inimigos tratava, nam perdoando ao mal, e favorecendo sempre o bem. E por esta virtude, que com outras muitas tinha, imprimio tanto amor nos coraçoens de seus naturaes, e assi estrangeiros, que mais a vida delle, que as suas proprias estimavaõ. E como a

Claudio, Rei de França, todas estas cousas fossem manifestas, considerando o proveito, que do tal casamento podia alcançar, mandou-lhe seus Embaixadores, dizendo, que a clara fama de suas virtuosas, e esforçadas obras era taõ geral a todos, que naõ só a elle, que tinha muita razaõ pera o desejar, mas a todos os Reys commovia a querer sua amizade, e aliança. Assi que por esta causa, como por descender do Real Tronco dos Reis de Ungria, elle desejava de o ajuntar por matrimonio com Briayna sua legitima filha, se lhe a elle aprouvesse. E que oulhasse quanto proveito d'aqui sucedia: porque sendo ambos liados per tam sancto ajuntamento, elle tinha por fé, que Deos seria sempre em sua ajuda, assi no acrecentamento de sua honra, e Reynos, como na destruiçaõ de seus inimigos. E mais que esta aliança seria causa de se destruirem os odios, que os Reys de França com elles tiveram, e por se de todo gastarem algũas reliquias, se ainda no pouco quedavaõ, lhe pedia, que folgasse de o aceitar por pay, e verdadeiro amigo, e que as outras cousas, que ganhava, considerasse bem nel-

las, e veria quanto alcançava em o fazer. Ouvindo Adriano esta embaixada, como já antes disso estava apercebido, sabendo ao que os Embaixadores vinhaõ, respondeo com huma gravidade digna de tal pessoa, que nunca cousa tanto desejara, como ser ajuntado per tam sancto ajuntamento, com os Francezes, e que naõ podera isto tam favoravelmente desejar, como lhe elle succedia; pois alcançava por verdadeiro pay a hũa tal pessoa, como era ElRey. E além deste contentamento, se acrescentava outro, que era haver por mulher a Princeza Briayna, tanto em virtude, quanto em fermosura perfeita (segundo a fama claramente manifestava.) E por a menos destas cousas o ordenara fazer, ainda que cada hũa em si era muito, quanto mais tantas, e que o tanto contentavaõ. Dada esta resposta ao Marquez Fassiaõ, e ao Conde Calindo, que eraõ os Embaixadores, tornaõ mui contentes, assi por ser a sua vontade, como por receberem delRey muitas mercês. E navegando com prospero tempo, aportaraõ em hũa Cidade de França chamada Colonia, onde os ElRey entaõ esperava: ao qual deraõ a reposta de

sua embaixada com aquella ordem , e concerto , que diante das Reaes pessoas se deve ter : do que ElRey ficou mui contente , assi pelo proveito , e honra , que do tal casamento alcançava , como por saber com quanto amor , e acatamento delRey Adriano sua embaixada fora recebida. E passados alguns dias em que se as cousas pera a tal partida ordenavaõ , embarcou a Princeza Briayna em vinte Náos mui grossas , e bem apercebidas d'armas , e tiros , por causa das grandes armadas , que o Turco no Archipelago trazia. E além do contentamento , que levava , lembrando-lhe ser mulher de hum Principe , que taõ nomeado pelo mundo era , foi mui acompanhada de Duques , Condes , Donas , Donzellas , e outros aparatos , que a tal pessoa convinhaõ. Pois a gente d'armas , que estes Senhores como Capitaens haviaõ de mandar , se necessario fosse ; certo a vitoria , que della se podia esperar era bem duvidosa , ainda que o Turco com todo seu poder fosse presente. E navegando sem algum impedimento , chegaraõ á Cidade de Segura , onde ElRei Adriano com a mais principal gente de seu Reino , que

pera a tal festa eraõ chamados, com muito prazer recebeo a esta Princeza. E ainda que do mar vinha bem agastada, sahio taõ fermosa, que ElRei, e todos os seus, tiveraõ por nada a fama pera o que alli com sua presença julgavaõ. E nesta primeira vista, que ElRei Adriano se vio com ella, foi tanto o entendimento d'amor antrambos, quanto no discurso de sua vida continuadamente mostraraõ: porque foraõ sempre taõ contentes hum do outro, que se naõ podia amor mais verdadeiro em seu tempo achar. E entrando este poderoso Rei com grande prazer, e alegria pela Cidade, levando pela maõ a fermosa Briayna, começou todo o povo de dar muitas graças a Deos, por ajuntar duas taõ nobres pessoas, assi em condiçaõ, como em graça, e parecer. E com este contentamento, que todos tinhaõ, cada hum trabalhava naquellas festas pelo mostrar com muitas justas, torneios, e outras cousas de prazer, que nos taes tempos se usaõ, as quaes foraõ magnificas, e com tanto prazer celebradas, que senaõ podiaõ mais avantejar, e nellas manifestou ElRei liberalmente sua grandeza, dando, e fa-

zendo a todos mui assinadas mercês. E com esta liberalidade, que ácerca dos humanos he cousa que mais atrahe a bem amar, ganhou tanto a vontade dos Francezes, e assi daquelles, que se nas festas acharaõ, que sempre tiveraõ de sua grandeza que dizer. E acabada a maior força destas festas, partiraõ-se os Embaixadores, e Estrangeiros, que a ellas vieraõ: e ainda que ElRei a todos fazia grandes partidos pera em seu Reino ficarem, antes na sua patria quizeraõ o pouco, contentes, que na estranha o muito com saudade.

C A P I T U L O II.

Como, passados alguns annos, houve El-Rei Adriano hum filho: e dos grandes, e miraculosos sinaes, que se fizeram em seu nascimento.

Passados alguns annos, em que El-Rei, e a Rainha viveraõ com grande desejo de alcançar hum filho, que fosse amparo, depois de seus dias, a seus naturaes, e vassallos, que já começavaõ a viver descontentes por lhe Deos negar

o que com tanta efficacia pediaõ, quiz-lhe Deos conceder esta mercê, dando-lhe hum Principe em tanto extremo dotado de perfeição, e fermosura, que não pode a natureza com todas suas forças mais nelle obrar. E certo, que não foi o seu nascimento sem maravilhosos sinaes de sua vinda, prognosticando a grandeza de suas obras : porque o dia antes que nascesse, foi ElRei Adriano á caça com muitos Falcoens de plumages diversas, antre os quaes levou hum Nebri, que ElRei Bronay lhe mandara, com outros cinco, que cada anno com doze cavallos era obrigado de tributo pagar. E a este estimava ElRei em tanto preço, que por causa da sua bondade tirou as pareas dos cavallos a Bronay. E andando com todolos caçadores por hũa, e outra parte, vieraõ ter a hũa grande Alagôa, donde antre muitas aves se levãntou hũa Garça Real grande, e de fermosura maravilhosa. E com o alvoroço della mandou logo lançar todolos outros Falcoens, e depois que a tiveraõ remontada, soltou da mão a Bronay, porque assi chamava ao Nebri por causa de quem lho mandara : E tanto que pôs os olhos

na Garça , sem fazer pontas a hũa , nem a outra parte , subio direito a ella , e sendo já taõ alto , que os outros Falcoens o viraõ , deixaraõ a Garça , vindo-se todos a elle , assi como a inimigo mortal , e começaraõ hũa batalha mui crua pera suas carnes , ferindo cada hum rijamente por onde podiaõ alcançar a Bronay , mas elle contra tanta multidaõ ás vezes se defendia , e outras offendia , ajudando - se das armas , que lhe a natureza dera . E andando assi todos baralhados , e ElRei mui agastado por quam pouco soccorro lhe podia dar , começou a Garça a pôr-se da sua banda , ferindo aos outros Falcoens gravemente , e elle com este favor , e ajuda cobrou tanto esforço , que em pequeno espaço , hum , e hum , os lançou todos espedaçados aos pés do cavallo , em que ElRei estava : do que ficou mui espantado , e muito mais quando vio , que a Garça era feita sua contraria , e com grande vontade , e mór crueza do que os outros Falcoens fizeraõ , se andavaõ ferindo . E tanto tempo se maltrataraõ , que já cansados , e de todas as forças desfallecidos cahiraõ ambos mortos afferrados dentro na grande Alagõa ,

sem mais delles parecer, que hum fervor, que subitamente se levantou n'agoa, em tanta quantidade temeroso, que os olhos, que tal caso viraõ, naõ se deleitavaõ muito em no olhar, com que ficaraõ todos mui tristes, naõ sabendo a causa de tamanha novidade. E como a humana natureza cousas taõ prodigiosas mais atribue a mal, que a contentamento seu, começou ElRei de o sentir em maior estremo. E com esta paixãõ indo pera a Cidade praticando naquelle novo acontecimento, encontrou muita gente de cavallo a graõ pressa, que trazia nova de outra maior desventura, dizendo: Senhor, acudi a vossa Cidade Segura, porque Arnicalaz Capitaõ do Turco entrou dentro no Porto com doze Galés mui poderosas, e destruiu todas as Náos, e Navios, que nelle estavaõ, sem alguém poder a isso resistir: sómente o Conde Drongel, que sahio a elle com essa gente, que mais prestes achou: e a Rainha está recolhita na maior Fortaleza do Castello. ElRei com esta nova de maior paixãõ, pôs rijamente as pernas ao cavallo, porque antes que mais dano se fizesse, com sua presença o remediasse:

mas quando chegou, por muito que nisso fez, já todas as cousas estavaõ apacifcadas; porque Drongel, como aquelle que nos taes actos tinha gastado parte de sua vida, tomou todas as Galés, e cativou Arnicalaz, sómente duas escaparaõ, mas nestas se achou tanta riqueza, com que se bem pagaraõ os dannonos, que tinhaõ feito. E ao tempo que se estas cousas acabaraõ, e ElRei entrava pelas portas do Castello, em que a Rainha estava, começou de vir a noite taõ escura, e cheia de tempestade, que se naõ podiaõ os homens com a furia dos ventos ouvir: Pois os relampagos, e braveza do mar misturada com ameudados trovoens, era em tanta quantidade temeroso, que lhes fazia trazer á memoria os males, que tinhaõ feito, arrependendo-se delles. E andando assi todo o povo com temor do medo passado, e sinaes presentes, por suas casas com cirios bentos, e com outras devoçoens, que nos taes tempos se fazem, de que quebrou tanta multidaõ d'agoa misturada com grossa pedra, que já todos mais curavaõ das almas, que da salvaçaõ das vidas, crendo ser aquelle outro segundo diluvio. E com

a avonança das agoas, que toda a noite choveo, hum Rio, que passava pelo arrabalde, que fóra dos muros da Cidade estava, em que muitos Turcos, que pagavaõ tributo, em sua lei viviaõ, alargou a maior parte de todas as cousas. E alguns dos Turcos, que podéraõ escapar, subiraõ-se a hum monte, em que tinhaõ huma Mezquita, que antrelles era mais principal: e alli com seu çalah, e oraçaõ, começaraõ a pedir remedio. E estando nesta rogativa, desceo hum risco taõ grande, e com tanto impeto, que destruiu toda a Mezquita, e os seus devotos, que dentro estavaõ: e de si começou este fogo a atear-se pelas casas, de maneira, que se queimaraõ muita parte, ou quasi todas. E cessando estas cousas de tanto terremoto, começou a luz d'alva mui graciosa, e rosada a esclarecer as terras: e antes que de todo demonstrasse o dia, amostrou Deos a ElRey, e a seus vassallos este bemaventurado Principe, que quanto desejavaõ, sem a Rainha nisso sentir muitas dores, ou trabalho: e além de sua fermosura ser mais divina, que humana, em gram maneira espantou a todos hum sinal de chaga, que so-

bre o coração na parte direita trazia taõ vermelho, que parecia verter claro sangue, e quanto lhe mais remedios punhaõ, tanto se mais assanhava. E vendo a Rainha, que mais era misterio, e obra de Deos, que da natureza, naõ quiz que lhe pusessem alguma cousa, pois taõ pouco aproveitava. E naõ era sem causa ser isto assi; pois o verdadeiro remedio se havia por elle de alcançar com tantos trabalhos, como a historia vos contarã. E porque este Principe té aquelle tempo a todas as creaturas em fermosura venceo, e seu nascimento foi em dia taõ claro, e alegre pera os que com tanto temor, e trabalho os seus naturaes antes de sua vinda tinhaõ passado, pos-lhe a Rainha por nome Clarimundo, que conveio mui bem com todas as suas manhas, e obras, que foraõ luz, e claridade do mundo, que entãõ se chama claro, quando os Principes, que o governaõ, destruem aquelles, que com seus maleficios o tem escuro.

CAPITULO III.

Como o Principe Clarimundo foi dado a criar á Condessa Urbina mulher do Conde Drongel, e do que lhe nesta criação aconteceu.

Neste tempo, que o Principe nasceo, criava a Condessa Urbina, mulher do Conde Drongel, hum filho, que seria de dous mezes, e porque era o primogenito, não no quiz dar a criar a ninguém, senão aos seus peitos. E ElRey vendo a sua disposição pera em tal caso a encarregar, e lembrando-lhe os serviços tão assinados, que do Conde na frontaria dos Turcos tinha recebido, onde por sua industria, e esforço tomara muitas Villas, Lugares, e algumas Cidades fizera tributarias, de que não pequena renda cadanno, mas mui grande, e honrosa alcançava; quizlhe pagar estes serviços, e assi os do dia passado, dando-lhe o Principe pera que sua mulher o criasse, e elle fosse seu ayo, depois que idade pera isso tivesse, crendo com quanto cuidado, e amor, destas

duas taõ nobres pessoas havia de ser criado : Com a qual mercê o Conde ficou mui satisfeito, por ella em si ser de tanto preço, que vencia o merecimento de seus serviços, e podera ser galardaõ de quantos lhe neste mundo tinha feito. Mas a sua ventura ordenou o contrario do que elle esperava, e foi bem desviada de seu pensamento a criaçaõ deste Principe : porque antre algumas Turcas, que a Condessa em sua casa trazia, eraõ tres filhas de Biscarnaõ Fronteiro mór do gram Turco, as quaes Drongel captivou, e estavaõ em sua casa tidas naquelle estado, e reputaçãõ, que a filhas de taõ grande Senhor convinha. E a mais velha, que Fainama se chamava, vinha prenhe de seu marido, com quem pouco havia que casara, e em casa da Condessa pario hum menino, que naõ durou mais de tres mezes, e o amor que lhe tinha, porque em alguma maneira se parecia com Filinem o filho da Condessa, converteo nelle : donde se causou, que o servio com tanto cuidado, e diligencia, que quando a Rainha entregou o Principe á Condessa, naõ quiz ella que outrem criasse seu filho, senaõ Fainama,

por este amor que nella via , e por ter mui maravilhoso leite, além de seu aviso, e fidalguia : e a este tempo seria já o menino Filinem de dous mezes, e ainda que os levava em idade ao Principe não no parecia, porque assi como o Deos engrandeceo nas outras perfeiçoens, assi ao tempo de seu nascimento lhe deu hum corpo, que parecia creatura de mais dias. E tornando a Fainama, que já estava tida por ama, e taõ contente, que em alguma maneira esquecia a morte de seu filho, e desterro de sua patria, aconteceu huma noite, que descuidando do menino Filinem encostou-se na cama sobre elle, e com o peso do corpo, quando acordou, vendo que o tinha affogado, com muitas lagrimas começou a maldizer sua ventura : e com esta paixãõ cuidava o remedio pera se salvar de tamanho perigo, como lhe estava aparelhado, se a Condessa visse morto aquelle filho, que tanto amava. E revolvendo muitas cousas na fantasia, achou, que este era o melhor remedio, que por em tanto podia ter, té buscar outro mais seguro : e com esta determinaçãõ, foi-se mui passo onde Urbina tinha o Principe,

e despiolhe os vestidos com que estava pensado, e pensou com elles a Filinem o mais apressadamente que pode, e assi pôlo á ilharga da cama, porque cuidasse a Condessa o que depois verdadeiramente creio. E acabada esta troca tomou o Principe nos braços, e foi o pensar na sua camera, e entã lançou-se a dormir, como aquella que não fizera cousa por onde perdesse o seu sono. Porém ella, com tudo, tinha taõ pouco descanso, quanto os culpados com seus erros tem.

C A P I T U L O I V .

Como se Drongel, e a Condessa Urbina, partiraõ da Corte del-Rei de Ungria, e dos casos taõ desestrados, que lhe neste caminho aconteceraõ.

A Condessa, como aquella que todos seus cuidados estavaõ prontos em ministrar as cousas necessarias ao Principe, tanto que acordou, foi logo com as mãos a tentar se dormia, e não o achando perto da cama, com muita turvaçaõ tomou rijamente huma vèla, que detraz

das cortinas tinha acesa : e vendo jazer o menino morto , como desacordada , e fóra de si , tomou-o nos braços , e foi-se onde Drongel mui repousado jazia , dizendo : Senhor , acordai , e ajudai-me a chorar o descanso de nossas vidas , que assi taõ de subito em minhas mãos pereceo. O Conde , ainda que era homem de muito esforço pera sofrer combates de qualquer desventura , que lhe viesse , naõ pode tanto soster a paixãõ desta , que todo naõ ficasse cortado : e sem mais dizer , tomou o menino nos braços , parecendo-lhe que ainda naõ era tanto o mal , mas quando o achou taõ verdadeiro , com a turvaçaõ que d'aqui sentio , perdeo o juizo , e todo conhecimento da verdade , sem achar outro remedio mais prestes , que o das lagrimas , porque estas saõ a erança , que nos a natureza ao tempo de nosso nascimento dá : e isto he mui proprio em nós , e assi qualquer desaventurada nova tomar por verdadeira , e nunca por incerta. E com esta ceguidade , que se gera de nossa fraqueza causa-se ás vezes commetterem pessoas erros , com que se depois achaõ bem enganadas : assi como o Conde , e sua mulher ,

que não olhando as feições, e parecer de seu filho serem tão pouco conformes com as do Principe, creião verdadeiramente que elle era, e que com a morte perdera o lustro de seu parecer como todos humanos perdem. E estando ambos, que hum a outro não podião responder, com a dor que n'alma tinhão atravessada, começou o Conde com algum tanto esforço dizendo : Senhor, aqui mais temos necessidade de conselho, que de muitas lagrimas, pois o remedio de nosso mal se não alcança por ellas : e porque antes de sermos sentidos busquemos a salvação de nossas vidas, parece-me, que será bem partirmos d'aqui, porque eu certo não terei coração pera diante del-Rey parecer, pois em minhas mãos se perdeu o lume de seus olhos, e esperança de meu descanso. E vós, senhora, se me quizerdes acompanhar nesta desaventura, como sempre o fizestes nas cousas de minha honra, e contentamento, dai cá essa mão, e vamos onde Deos tiver por bem, que nossas vidas hajaõ triste fim. Nunca Deos queira, respondeo a Condessa, que eu, Senhor, fique pera ver, e ouvir

quantos com tanta razaõ, e vontade haõ de chorar este Senhor, que lhe Deos deu, e por minha negligencia fiz perder, o qual lhe fora amparo de suas vidas, defensor de suas terras, e de seus serviços descansado galardão: e naõ creio, que a fortuna terá tanto poder, que aparte hum do outro em qualquer estado, quem ella puser, pois Deos me deu a vós pera descanso de minhas desaventuras: por tanto façamos o que mandaes, que onde vós chorardes a culpa, que eu tenho, ahi a quero com vosco lazerar. Eraõ tantas as lagrimas envoltas nestas palavras, que o despojo, que dellas alli ficou, podéra ao outro dia ser testemunha com quanta dor, e paixã aquella partida fizeraõ, sem lhe lembrar casa, nem fazenda, senaõ assi como aquella desventura os tomou, partiraõ mui secretamente, por naõ serem sentidos. E tanto andáraõ naquelle espaço da noite, que ficava, té chegarem a Val dos Anjos, hum Mosteiro de Freiras, onde Christina sobrinha do Conde estava por Abbadessa: e tirando pela campainha, acudio a Porteira, que se levantára ás Matinas, e perguntou-lhe o que deman-

dava : Senhora, respondeo o Conde, que-riamos fallar á Madre Abbadessa, e por ser cousa de grande necessidade, e importancia viemos a tal hora. Esperai vós aqui hum pouco, respondeo ella, que eu vo-la chamarei. Quando a Abbadessa veio, e vio seu tio, e Urbina cheios de tantas lagrimas, e em tal estado, e tempo, ficou mui espantada, não sabendo a causa de tal novidade. Sobrinha, disse o Conde, não vos espanteis de nos assi verdes, mas como a vida podemos soster, pois nossa desaventura he de tal qualidade, e paixão, que lagrimas, nem sentimento a pódem mostrar, mas ouvi-nos alguma parte della, e julgareis quanta razão temos de o assi fazer. Então lhe contou todo o caso, dizendo, que por isso não podia al fazer, senão apartar-se em lugar onde nunca fosse visto, nem conhecido por tão desaventurado, e mo-fino : e que se o assi não fizesse, sua vida tinha o perigo mais certo, do que esperava remedio, pois ElRei podia presumir, que elle, e a Condessa foraõ causa da morte de seu filho, isto pera algum fim : e ainda que assi não fosse, pela vergonha de parecer em sua Corte, era

bem, que o fizessem, quanto mais por evitar os perigos, que á sua vida, e honra estavaõ aparelhados: e por tanto lhe rogava, que os encomendasse a Deos naquella Santa Casa, e mais lhe mandasse dar duas bestas pera caminhar. Ouvindo Christina estas taõ tristes novas, considerando os trabalhos, e desaventura, que a seu tio estavaõ aparelhados, começou de os consolar, dizendo, que se naõ fossem, porque ella os teria alli secretamente, té que Nosso Senhor remediasse seu trabalho, e ella confiava nelle, e em sua Gloriosa Madre, que os consolaria, pois a verdade de sua innocencia lhe era manifesta; e que naõ quizessem mostrar com seu desterro, que elles foraõ causa da morte de Clarimundo, que ElRey, e a Rainha, verdade era, que ao presente tempo teriaõ grande sanha contra elles, parecendo-lhes, que por seu descuido, e pouco resguardo acontecera aquelle desastre; porém conformando-se com a vontade de Deos, que lhe assi aprouvera, perdoaria a sua innocencia. Estas, e outras cousas lhe dizia Christina pelos commover ao que desejava: mas como já estavaõ endureci-

dos naquelle proposito, nunca de seus conselhos quizeraõ tomar algum. E vendo ella quam pouco lhes aproveitava, mandou-lhes dar dois trotoens, que no Mosteiro serviaõ, e algum dinheiro pera sua despeza, pedindo-lhes, que donde quer que se achassem, lhe mandassem novas de si, pera serem providos das cousas necessarias, pois já queriaõ o seguir sua vontade, e má determinação. E despedidos della com muitas lagrimas de todos, tanto andaraõ, que aos sete dias de sua partida, querendo passar hum Rio, amostrou-se ainda alli a fortuna mais aspera contra elles; porque o palafrem da Condessa com o trabalho do caminho, que todos aquelles dias tinha feito, hia taõ cansado, que tropeçou em humas pedras, que á borda do caminho estavaõ, sem se poder levantar. A Condessa, ainda que da quèda ficou atormentada, vendo-se a pé, e em tal tempo, sentio mais esta dor, que a da caída. E estando ella, e o Conde em trabalho de levantar o palafrem, chegou hum Cavalleiro armado de todas suas armas, que tambem queria passar o vão, quando os vio estar nesta pressa, disse

contra Drongel : Parece-me, homem honrado, vosso trabalho por demais, segundo esse palafrem está morto, mas eu vos tenho buscado, se vos bem parecer, outro melhor remedio, que he tornardes a cavalgar em vosso palafrem, e eu tomarei essa Dóna honrada nas ancas, porque o Rio he alto, e não o podereis passar; e como formos da outra parte, por socorrer a vossa necessidade mandavos-hei dar aquelle palafrem, em que esse meu escudeiro vai. O Conde, e sua mulher vendo quam virtuosamente queria obrar com elles, deraõ-lhe muitas graças por tal ajuda : mas isto era mais com zelo de maldade, que com desejo de bem fazer, porque elle tanto que vio a Condessa, que a este tempo era moça, e gentil mulher, pareceo-lhe tam bem, que cuidou logo a maldade, que esperava fazer. E tomando-a nas ancas, vendo-se da outra parte do Rio, pôs rijamente as pernas ao cavallo, e como era ligeiro, em pequeno espaço se alongou do Conde, sem as lagrimas de Urbina pera isso lhe aproveitarem, porque Narfastim, que assi havia nome este Cavalleiro, mais curava de andar, que das paixoens, que

lhe ouvia dizer. Quando se o Conde vio per tamanha traiçaõ enganado, começou a maltratar o palafrem, que levava, parecendo-lhe, que o alcançaria: mas todo este trabalho foi em vaõ, porque o levava taõ cansado, e morto, que aos quatro passos o leixou a pé, e vendo-se atribulado, e de tanta desaventura perseguido, desviou-se do caminho pera hum arvoredõ, e tirou o freio ao palafrem por pacer da erva, com que alguma força cobrasse. E estando assi na contemplaçãõ de suas cousas, começou a dizer com lagrimas de piedade: Oh piedoso Senhor! quam secretas, e cheas de mysterio saõ todas as tuas cousas, sem o juizo dos homens poder alcançar, sem tua vontade, a menor parte dellas, nem menos desviar-se do que de suas vidas tens ordenado. E a perdiçaõ de minhas cousas testifica esta verdade, pois que era ha dois dias mui contente, e agora sou o mais descontente dos descontentes; e que menos esperança tem de seu remedio: perdendo o bem de minha vida, descanso, e honra das minhas cãas. E por mais inagoas sentir, consentiste, que tamanha traiçaõ me fosse feita, e perdesse

a companheira de quantos males esperava sofrer, porém pois assi te apraz, permite, que acabe esta triste vida, porque acabem os males, que ha tanto mataõ sem matar. Com estas, e outras cousas envoltas com muitos suspiros d'alma passou o Conde toda aquella noite, e ao outro dia em amanhecendo, entrou no caminho, que leixara, naõ perdendo a esperança, companheira enganosa de todos humanos, sem lhe nunca dar o bem descansado.

C A P I T U L O V.

Do que aconteceu a Narfastim, que á Condessa forçosamente levava.

Narfastim, que á Condessa forçosamente levava, tanto andou, que a horas de Sol posto encontrou huma Dóna acompanhada de quatro escudeiros, que pera huma sua Fortaleza caminhava. E chegando a ella, começou Urbina mais fortemente a chorar, dizendo, que lhe valessem, que aquelle Cavalleiro a levava contra sua vontade. A Dóna commovida a piedade com as lagrimas

de Urbina, disse a Narfastim: Certo, Cavalleiro, não me parece, que usaes do que prometestes, pois contra sua vontade quereis que vos acompanhem as Dónas, e donzellas, que vós tão obrigado sois por outra via amparar. Narfastim, como hia acendido no amor de Urbina, deu mui pouco por suas palavras: e não leixando seu caminho, trabalhava por chegar a huma Fortaleza de seu Pay, que era outro na virtude tal como elle, que nas armas lhe tinha este grande vantaje. E despedido Narfastim desta Dóna, que Blinoiva se chamava, chegou Blivonte hum sobrinho seu, que vinha a gram pressa pela acompanhar: e quando soube della o que com Narfastim passara, começou a tomar hum galope apressado apos elle, e como trazia cavallo ligeiro, em pequeno espaço o alcançou, dizendo: A' Dom falso Cavalleiro, não te podes tanto esconder, que a tua maldade te não descubra por onde quer que fores, pois forçosamente levas essa Dóna, que tanto te desama. Narfastim, sem lhe mais responder, dando a Condessa ao seu escudeiro moveo contra elle sua lança baixa parecendo-lhe, que o seu esfor-

ço lhe daria vingança, e com a força, que ambos levavaõ, deraõ-se taõ fortes encontros, que as lanças foraõ mui facilmente quebradas. E arrancando das espadas, começaraõ de se ferir como aquelles que na desenvoltura das armas em muitas partes se naõ achariaõ seus iguaes. E tanto continuaraõ sua batalha, té que Narfastim quebrou a espada no brocal do Escudo de Blivonte. E vendo-se com ella perdida, e que as forças de seu inimigo se renovavaõ, remeteo a elle por se travar a braços: mas Blivonte lhe deu hum golpe de tanta força, antes que a elle chegasse, que lhe fendeo o elmo, e a cabeça, com que vingou Urbina, e elle ficou descansado. E como alimpou a espada daquelle sangue de sua victoria, foi-se onde a Condessa estava: e depois de a salvar mui cortezmente disse: Senhora, pois vos Deos livrou, e cumprio o que desejaveis, vede o que determinaes fazer, porque naõ com menos vontade farei o que mandardes do que pus por obra o que vistes, e quem me a isto obriga, saõ estas armas, que pera ajuda, e amparo dos que tiverem necessidade dellas, folguei de a-

ceitar. Senhor Cavalleiro, respondeo Urbina, pois sou chegada a tempo, que vos não posso pagar com mais, que o rogar a Deos por vós, me não quero a outra cousa offerecer: mas elle por cujo serviço taes cousas obraes, vos dará o galardão: E no fim destas palavras contou-lhe como ella, e seu marido eraõ de terra estrangeira, e vindo seu caminho, no passo de hum váo a tomara aquelle Cavalleiro por tamanho engano: e por quanto não sabia a que parte seu marido era lançado, lhe rogava, que a pusesse em casa de alguma virtuosa pessoa, té saber novas delle. E estando nestas cousas, chegou Blinoiva a elles, que ficou mui alegre, vendo que seu sobrinho com tanta honra acabara aquella aventura. Blivonte lhe contou entãõ quanto passara com Urbina, e pedio-lhe, que pois o amparo della lhe tocava, folgasse de a agasalhar. Não ha hi cousa, disse Blinoiva, que estando em meu poder, eu por vosso amor não faça, quanto mais esta, com que tanto folgarei, por me parecer esta Dóna mulher virtuosa, e de merecimento, por isso descançai, que eu tomo esse cuidado. E entãõ se che-

gou a Urbina, que nas ancas do palafrem do escudeiro de Blivonte estava, e fez-lhe muito agasalhado confortando-a pela perda de seu marido, dizendo, que Deos lhe mandaria taes novas delle, com que de todo descansasse. Desta maneira ficou a Condessa em casa daquella Dóna mui amada, e querida della: e não sem causa, porque Urbina era tão virtuosa em suas cousas, que ainda, que mais della não soubessem isto sómente bastava para ser mui estimada de todos. Porém nada disto a descansava com a lembrança do Principe Clarimundo, e de seu marido, estando desterrado de sua natureza: mas todas estas magoas se converteraõ em descansado prazer. Porque este só bem tem o nojo, dar no fim algum descanso.

CAPITULO VI.

Do que Drongel passou com hum escudeiro, e do mais, que depois fez.

Partido o Conde Drongel da floresta, onde ouvistes, que com tantas lagrimas chorara a perdição de suas cousas; tanto andou a huma, e a outra parte por

toda aquella terra de Tiburnia , onde lhe isto aconteceo , que vendo-se quebrantado n'alma com paixãõ , e no corpo com muito trabalho , determinou de deixar suas cousas nas mãos de Deos , crendo serem aquellas mais ordenadas da sua vontade em puniçaõ de seus peccados , que obras da varia fortuna. E caminhandoo pera Escardona , huma Cidade porto de mar , com proposito de se meter em alguma Náo , que o lançasse em terra , onde não visse cousa , que lhe desse lembrança da sua ; chegou a elle hum escudeiro , que vinha gravemente chorando , e disselle : Peço-vos , Senhor , assi Deos proveja sempre com prosperidade vossas cousas , que me queiraes ajudar com vossa pessoa , porque me mataraõ meu Senhor , e não tenho ajuda com que o leve a hum Mosteiro , que d'aqui está perto. Drongel , ainda que mais andava pera delle haverem dó , que elle te-lo de alguem : com tudo commoveo-se a fazer o que lhe pedia , tanto por obrar virtude , como por conhecer na falla , que era Ungaro. E certo , ambos tinhaõ assaz razaõ pera se conhecer , mas Drongel com as muitas lagrimas , e má vida ,

que nos dias passados, com tanta paixão sofrera, andava taõ rouco, e desfeito de seu bom parecer, que nunca foi do escudeiro conhecido, nem elle menos o conheceo, por naõ ter antes d'elle muita noticia, e disse-lhe, que de mui boa vontade o ajudaria, se nelle ajuda pera algum bem havia. E indo assi ambos, perguntou-lhe o Conde a causa, porque o mataraõ, e se era natural de Ungria, assi como elle, segundo em sua linguagem mostrava. Senhor, respondeo elle, Arminer, que assi havia nome este por quem perguntaes, era natural de Buda, a principal Cidade de Ungria, e porisso lhe chamavaõ Arminer de Buda: e haverá bem quarenta dias, que he della partido por hum desastre, que aconreceo ao conde Drongel seu Tio, Irmaõ do Marquez Orlete seu Pay, e passando por hum Mosteiro, que fóra da Cidade está, onde Arminer tinha huma tia por Abbadessa, soube della, que o Conde, e sua mulher chegaraõ alli alta noite casi em lagrimas desfeitos, e pedindo-lhe duas bestas, que os levassem, se despediraõ della sem saber a determinação de suas vontades pera que parte hiaõ: assi,

Senhor, que por este recado, e pelos sinais, que lhe ella deu, soube que eraõ nesta terra passados. E vindo agora por huma floresta, que cá diante está, achou tres Cavalleiros, que lhe pediraõ huma peça de suas armas em sinal de vencimento; ou dissesse a causa, porque taõ apressado hia, mas elle com a paixãõ, que levava, naõ curando desta demanda, seguio seu caminho. Elles vendo, que dava mui pouco por suas palavras, vierãõno alli tomar onde hora jaz, e feriraõno taõ cruamente, que o leixaraõ quasi morto; tégora, que em meus braços de todo pereceo. Todas estas cousas eraõ pera Drongel espedaçarem-lhe a alma, e o mais que podia, por se encobrir, encobrias: mas como a dor vencia a dissimulaçaõ, ajudava ao escudeiro com muitas lagrimas, dando-lhe a entender, que de compaixãõ de sua orfandade o fazia, e com soluços de muita dor, começou a dizer: Rogovos, bom escudeiro, que me digaes, porque causa se partio o Conde Drongel de Ungria, que certo eu tenho disso muito pesar, por ser pessoa, que conhecia em tempo mais contente do que agora estou, quan-

do nessa vossa terra andey. Senhor (disse o escudeiro, que Narbote se chamava) a razaõ, porque se o Conde partio da Corte, eu vola darei mui mal; porque o dia da sua partida foi a nossa taõ de subito, que não tive tempo pera o saber: porém diziaõ, que era por acharem morto em sua casa o Principe Clarimundo, que sua mulher criava, pelo que se faziaõ grandes prantos em toda a Corte, de maneira, que eu folgo ser fóra della por não ver, nem ouvir magoas de tanta dor, se me esta desaventura não acontecera. Quando Drongel ouviu nomear o Principe, e as cousas que por sua morte faziaõ, não pode tanto soster o sentimento desta paixãõ, que não cahisse do palafrem amortecido. Narbote, vendo aquelle subito desastre, saltou em terra, e começou a bullir com elle pelo levantar, mas tudo era em vaõ, porque Drongel estava taõ trespassado, que bem se podera julgar por morto. Quando se Narbote assi vio com elle, começou a dizer: Oh desaventurado de mi! ainda me isto fallecia pera minha mofina, estar em condiçaõ de se dizer, que matei este homem com desejo de lhe roubar o

seu. Oh piadoso Senhor! tu que a todos com remedio provês, a mi, tua creatura, não desampares, dando-me algum, como me disto salve, pois outras testemunhas não tenho, senão minha innocencia, e tua sabedoria. Isto dizia este coitado com muito temor, porque vinha pelo caminho hum Cavalleiro acompanhado de dous escudeiros, e quando o vio estar naquelle pranto, perguntou-lhe como morrera aquelle homem, que diante de si tinha. Senhor, não sei, respondeo elle, porque vindo ambos praticando na morte de hum Cavalleiro, que eu servia; que lá diante jaz morto, subitamente cahio deste palafrem, a meu parecer, segundo o ainda sinto quente, deve ser alguma dor. Chegaiio vos-outros, disse o Cavalleiro, aquella Fonte, e lançai-lhe d'agoa pelo rostro; por ventura despertará. Quando o Conde sentio agoa, abrio os olhos, e vendo hum Cavalleiro armado diante, com o desacordo cuidou, que era o que lhe a Condessa levarra, e remeteo a elle, mas tornando logo em si, conheceo o que por elle passara, e disse: Senhor perdoaime, porque muitas vezes me toma esta dor, e sempre

quando acordo livre della, he com algum desatino. Despedido o Cavalleiro delle, depois que algum sentido, e força teve, tornou com Narbote a seu caminho: E chegando ao lugar onde Arminer morto estava, alli podéra qualquer pessoa conhecer quanta razaõ, e parentesco antrelles havia, porque vendo o Conde diante de si aquelle sobrinho, que tanto amava, por sua causa posto em tal estado, não podia soster a avondança de suas lagrimas, que tantos dias havia, que o não leixavaõ, sempre renovando novas dores. E com esta paixãõ, despois que o enterraraõ no Mosteiro, que Narbote dizia, querendo-se delle despedir, perguntou-lhe o Conde, que determinava fazer de si, pois perdera seu senhor. Tornarme á minha terra, respondeo elle, e praza a Deos, que antes de chegar a ella me aconteça cousa por onde acompanhe na morte a este, que sempre na vida servi. E porque meu caminho he desviado do vosso, vede o que de mim mandaes, e praza a Nosso Senhor, que sempre vos dê a necessaria ajuda em vossas cousas, como a déstes ás minhas. E despedido o Con-

de delle, tornou a renovar suas lagrimas, dizendo mil magoas, e aqueixando-se da morte, porque o leixava tal vida lograr. E com estas cousas, que eraõ o manjar em que se mantinha, chegou á Cidade de Escardona, onde embarcou em huma Náo, que pera a Ilha de Candia com mercadorias partia: e aos dous dias com muita tormenta aportaraõ em huma Ilha, onde estiveraõ esperando a prosperidade do tempo: como o Conde naõ desejava outra cousa, sahio fóra da Náo, e foise andar pela terra, e pareceo-lhe mui conveniente pera sua vida: porque era toda povoada de muitas alimarias, ainda que nos grandes edificios, e pinturas de obra Mosaica, mostrava já em outro tempo ser mui populosa: e tambem em alguns letreiros, que em Grego achava; diziaõ como nella reinara Liberio, e que fora já mui rica, e abastada. E antre estes edificios achou huma pequena Ermida com algumas Imagens de Santos, as quaes, ainda que eraõ de pedra, tinha-as já taõ gastadas a antiguidade, que as feiçoens, e cores senaõ determinavaõ bem: mas com tudo, folgou com aquella casa de oraçaõ pera seu

recolhimento, e os dias que vivesse, fazer alli penitencia de seus peccados. E ainda que de muitas alimarias todos aquellos edificios eraõ povoados, quiz Deos guardar sempre este virtuoso Drongel: porque pessoa, que lhe tanto serviço tinha feito contra os inimigos de sua Santa Fé naõ era razaõ que assi percesse: e posto que tantos trabalhos soffreo, sendo innocente da causa porque os sentia; permitio, que passasse pela ordem de todas as outras cousas: que he naõ estarem sempre em hum ser, sem sentir os desvios taõ contrarios, que este mundo a todos dá. E certo, que este he hum sinal por onde se mostra quam vãs saõ todas as suas cousas, mas como a falsidade dellas vem cuberta com a deleitaçaõ, que no principio consigo trazem, naõ sabemos conhecer o mal, que nos ordenaõ, senaõ depois que o temos sentido. Pois este virtuoso Drongel conhecendo alguma parte desta cilada, que o mundo nesta presente vida nos tem secreta, segundo suas cousas lho mostravaõ; desviou de si todas as lembranças, que alguma paixãõ lhe podiaõ dar: Porque o sentido occupado nas cousas do mundo mal

se póde lembrar das que ao serviço de Deos tocaõ.

C A P I T U L O V I I .

Como a noite, que se o Conde partio, sonhava a Rainha Briaina hum sonho, e dos grandes prantos que se fizeraõ, depois que se soube a morte do Principe Clarimundo.

Conta a historia, que a noite, que se o Conde, e a Condessa por tamanho desastre de sua casa partiraõ, jazendo a Rainha Briaina em seu leito, no maior repouso de seu descansado sono; sonhava, que vinha a ella huma loba com hum filho atravessado na boca, e com muitos afagos assi como se a conhecera soltava - lho no regaço: e desi tomava o Principe, que ella nos braços tinha, e partia com elle na boca, sem ter ninguem, que lho podesse tomar. E estando mui triste, e descontente com esta perda, vinha hum homem de dois corpos mui grande, e temeroso, e lançava - lho nos braços banhado em sangue das muitas chagas, com que vinha taõ de-

mudado, que o não podia conhecer, té que huma daquellas chagas lhe dizia, que conhecesse seu filho, que aquelle era o seu amado Clarimundo, e que désse graças a Deos, que lho mandava pera seu descanso: e tambem que o guardasse melhor, do que o fizera em sua meninice, porque ainda huma Onça lho havia de roubar, da qual elle maior dano receberia: por isso, que tivesse mui bom aviso em o desviar dos lugares onde ella andasse, e que se o assi não fizesse, sua vida seria duvidosa. Quando a Rainha pela manhã acordou, espantada com a novidade deste sonho, mandou logo saber novas de Clarimundo, e dando-lhe recado de como estava morto, ficou tão trespasada, desfallecendo-lhe todos os espiritos, que não se poude mais mover do estrado em que estava: tanto lhe cortou esta dor a alma. E correndo logo esta desaventurada nova mui prestes por todo o Paço foi-se a ElRei. O qual com muita pressa, quando chegou a Rainha, vendo-a por todas as partes fria, e que com nenhuma agoas, nem remedios a esperavaõ: começou de a chamar por muitas vezes, fallando-lhe palavras amorosas

com aquella vontade, e paixão de pessoa, que lhe tanto queria. Quando ella ouviu a sua voz, conhecendo ser elle, ainda que assi estava abriu algum tanto os olhos, suspirando mui gravemente como se a alma se lhe arrancasse. Certo, Senhora, disse ElRei, não me pareceo, que tão pouco sufrimento houvesse em vós, pois fazeis cousas fóra do limite de toda a razaõ : não pondo diante de vós, que, graças a Nosso Senhor, ainda temos idade pera nos elle dar outro, e outros de que se nesta vida sirva, pois lhe aprouve levar este pera a outra, que he mais segura. E pois disso he servido, pera que mostraes pesar com as obras, que sua vontade ordena, sofrei Senhora esta dor com paciencia, porque em outra maneira anojarmeheis em grande extremo, e cuidarei, que me não tendes verdadeiro amor se o contrario fizerdes : nem creais, que sentira pouco a perda, que perdemos, pois tanta parte nella tinha como vós : mas lembrando-me estas cousas, me esquece o grave sentimento, que por tal desastre podera ter. Com estas, e outras palavras abrandou algum tanto a Rainha,

e passada a maior parte do impeto deste pranto, que todos faziaõ, mandou El-Rey chamar essas mulheres, que a Condessa em sua casa tinha, e perguntou-lhe se sentiraõ aquillo como fora, e que se fizera do Conde, e de sua mulher. Senhor, disseraõ ellas, estando nós outras dormindo, á meia noite ouvimos a Condessa mui gravemente chorar, chamando-se mal aventurada, pois viera a tal estado, que visse morto diante de si o lume de seus olhos, e esperança de seu bem. E querendo huma de nós saber o que era, naõ ousamos, por ouvir dizer ao Conde: Senhora callaivos, naõ sejamos sentidos, que será maior danno vosso: e depois destas palavras, nunca os mais sentimos. Certamente, disse entaõ ElRei ao Marquez Orlete, e a outros Senhores, que em seu sentimento o acompanhavaõ: Muito mais sinto isto por naõ saber como foi, do que o sentira, sendo da verdade certificado, porque eu creio ser mais por meus peccados, que por pouco cuidado, e aviso da Condessa, segundo a diligencia, e resguardo com que criava o Principe, e sómente esta magoa he a que me dá maior dor.

Que perder hum filho, quando se Deos disso serve, por grande mercê o devem os homens estimar, mas não saber como; isto se sente com maior paixãõ. E depois que com estas, e com outras cousas esteve gastando parte daquelle tristeza, retrahido em huma camera; foise o Marquez pera sua casa, e mandou trazer a Fainama, e suas irmãas: a qual vinha não dissimulada, como se nada tivera feito, a quem o Marquez fez muita honra, tanto por criar seu sobrinho, como por ser filha de quem era. E estando ella assi com o Principe nos braços, mais pensativa no que havia de fazer, que triste pelo que tinha feito; como todas as cousas andavaõ em revolta, chamou a Maquinar hum primo seu, que estava em casa do Marquez, e disse-lhe: Primo, vós bem vedes como este pranto traz tudo baralhado: e dizervos, que procureis por liberdade, pareceme escusado, pois tendes sabido, que he cousa, que as pessoas neste mundo mais estimaõ. E porque não sei quando outro tal tempo teremos, peçovos que esta noite trabalheis por haver á mão alguma Fusta, e nos passemos ao primeiro lugar de meu

pai. E se vos parecer que não tereis para isso remedio, vedes aqui estas joyas, que foraõ as primeiras peças, que me deu meu esposo : que tudo bem valerá mil pesos d'ouro, e dai-as a algum marinheiro, que nos ponha em porto seguro, e seja logo esta noite : porque sempre nestas cousas a dilaçaõ he dannosa, e a diligencia traz proveito. Muito folgo, respondeo Maquinar, de vos ver taõ conforme ao que eu andava fantesiando : e porque vendo-me fallar com vosco daremos alguma suspeita, não he mais necessario, senaõ estardes de maneira prestes, que quando eu vier, e tempo for, partamos sem outro impedimento. Com este concerto se partio Maquinar della, levando as joyas : e tanto que foi noite, tornou mui contente, dizendo, que partissem logo, porque já tinha tudo aparelhado. E como todos andavaõ mais cheios de paixãõ, que de suspeita contra ellas, tiveraõ maneira pera sahirem da Cidade mui seguramente, levando sempre Fainama o Principe nos braços, porque lhe tinha tanto amor, que esperava de o criar, assi como o fizera a seu filho, se vivo fora. E tanto andaraõ des-

de o principio da noite, que chegaraõ á Floresta Combatida, e chamava-se assi, porque na fralda della bate o mar; e tambem quando ElRei naõ estava naquella parte, faziaõ os Turcos d'alli algumas presas: por esta causa lhe puseraõ tal nome. E chegando todos a huma Fonte, que no meio della estava, disse Maquinar: Senhora, porque naõ sei se saõ já vindos dous marinheiros, a quem dei as vossas joyas, que nesta parte me haviaõ d'esperar; naõ vos partaes d'aqui, té que eu venha. E despedido dellas, mais ao que tinha determinado, que a fazer o que dizia; aconteceo, que estando todas tres assentadas esperando pelo leal de seu primo, passava pelo caminho huma Dóna acompanhada de huma sobrinha sua, e tres escudeiros, os quaes ouvindo o tom da agua, que de huma penha mui alta na Fonte cahia, com a necessidade de sede, atiraraõ a ella, que á borda do caminho estava. Fainama, e suas irmãas, tanto que ouviraõ o estrupido dos cavallo, crendo que era alguem, que em sua busca vinha, meteraõ-se pela maior espessura do bosque: e com esta turvaçaõ, esqueceo-lhe o Prin-

cipe á borda da Fonte. Hum daquelles escudeiros, que a Dona comsigo trazia, descendo-se a dar de beber a sua Senhora, topou no menino, em maneira que o fez chorar, e quando o sentio debaixo dos pés disse : Santa MARIA, que cousa he esta ! porém, com todo o espanto, tomando o menino nos braços, vio ao luar, que mui claro era, huma creatura taõ ferosa, que ficou mais espantado. Grinoesa, que assi havia nome sua Senhora, ouvindo as cousas, que dizia, perguntou o que era. Senhora, respondeo elle, vós julgai se isto he cousa divina, ou humana, que eu mal saberei determinar a verdade. Quando Grinoesa o vio em seus braços, contemplando a sua fermosura, quanto ao luar se podia ver, disse : O' piadoso Senhor ! que nunca deseparaste a quem alguma hora a ti se encomendou : e pois me deserte por tal acontecimento, o que quatorze annos ha, que tenho desejado, e com tantas lagrimas pedido, e agora, que mais desviada disso estava, tendo meu marido morto, houve este filho da tua mão enviado pera consolação de minha alma, e ser herdeiro dessa pobreza, que

a fortuna me leixou ; bemaventurada te
deves , terra , chamar ; pois em ti tanto
bem recebeste : e vós , meus olhos , já
vos não podeis agravar ; pois tendes
diante o que vos tão caro custou. Estas ,
e outras cousas dizia Grionesa com
tanto prazer , antremetido com lagrimas
d'alegria , que os seus estavaõ espantados
de ver nella tal novidade ; porque se-
gundo os nojos , em que sempre vivia ,
não cuidavaõ , que podéra vir cousa ,
que tão léda a fizera. Milina sua sobri-
nha se chegou entãõ a ella , e tomou-lhe
o menino dos braços , dizendo : Senho-
ra , pois Deos pera isto ordenou , que
em vossa companhia viesse , d'aqui me
offereço por ama desta sua creatura : e
entãõ começou a dar de mamar ao meni-
no : e como do caminho estava sequioso ,
e cansado , tanto que sentio os peitos de
Milina , tomou-os de mui boa vontade ,
e com esta mansidaõ , e facilidade , acres-
centou mais amor ao que lhe de subito
tiveraõ. Por tanto , muito aproveita hu-
ma meiguice , e mansidaõ ; pois por ella
se alcança aquillo , que a soberba , e as-
pereza perde.

CAPITULO VIII.

De quem esta Dóna Grionesa era , e da causa , porque por esta parte vinha.

Porque a historia ha de fazer grande menção desta Dóna Grionesa , vos veremos dar conta de suas cousas. No tempo que ElRei Claudio casou com sua mulher Lucena , havia hum Duque em Italia chamado Manel , e morta a Duquesa sua mulher , de que lhe ficou hum filho , que se chamava Minarte Danforja , casou outra vez , da qual mulher houve outro filho , que havia nome Filenor. E como esta paixão de irmão maior , principalmente ácerca dos morgados , não se póde perder , e nisto tambem se antremetia a differença das mãis , e o desejo de herdar o Ducado , começou Filenor a ter má vontade a Minarte , desdanhando todalas suas cousas : e pera ganhar a vontade a seu pai , favorecido da mãe , que tambem o ajudava , fazia-lhe mil enganós , e lisonjarias , nem o pensamento em al trazia occupado. E não

contente com isto, pelo mais confirmar no amor, e em odio contra seu irmaõ, dizia-lhe, como Minarte andava dizendo mil males delle, desejando-lhe a morte, por naõ ver cousas taõ erradas como em seu Senhorio fazia: e que bem mostrava naquillo ser mais pera a terra, que pera governar Senhorio: mas que elle prometia, tanto que morresse, desfazer o que naquella idade tinha feito, pois naõ era de homem de bom juizo. Estas cousas, e outras de tal qualidade, dizia Filenor a seu pai, no qual, ainda que a virtude muita parte tinha, inclinando os ouvidos hum dia, e outro, ás palavras de sua mulher, e de seu filho, criou tanto odio em si contra o outro, que o veio a mostrar por obra, fazendo-lhe mil disfavores, e dando toda a honra (que a elle, por ser herdeiro, era devida) a seu irmaõ Filenor: e outros muitos desprezos, com que o escandalizava. Minarte, vendo-se taõ mal tratado, e sua mãi, que lhe tamanho bem queria, morta, foi-se a casa de hum seu tio, irmaõ della, em quanto naõ tinha idade pera tomar armas: mas despois que foi armado Cavalleiro, começou de as seguir, e

andando por muitas partes, deraõ-lhe novas como seu pai era fallecido, e vindo pera herdar o Ducado de Ferrara, que por direito lhe pertencia; foi aconselhado per hum seu amo, que deixasse por entaõ aquella empresa, porque seu pai, ao tempo que falleceo, ajuntara todos principaes de suas terras, e fez-lhe jurar, que nunca obedecessem a elle, que era inui máo, e sempre lhe fora desobediente: mas que tivessem a Filenor por verdadeiro Senhor, e que elle era tal pessoa, que de contino lhes faria muitas mercês. Quando Minarte ouviu estas cousas, disse: Certo, amo, eu sempre conheci em meu pai (que melhor gloria haja, do que me deixou de patrimonio) má vontade: e nas obras que pode, mo deu tantas vezes a mostrar, té que com ellas me lançou fora de sua casa; a razão, porque o fez naõ sei: Porém ainda que me leixasse deserdado, e pobre, eu espero em Deos d'alcançar, com estas que trago ás costas, tal herança, por onde seja taõ honrado, como o fora com o que me elle podéra leixar. Partido este virtuoso Minarte da vista de seu amo, que lhe muito queria, levou hum cola-

ço seu, que se chamava Narbin; o qual lhe foi sempre em todas suas necessidades, e pobrezas mui fiel amigo, e servidor, porque como o via em alguma mingoa de dinheiro, escrevia logo a Madelfo seu pai, sem Minarte disso ser sabedor: de maneira, que com estas, e outras cousas, foi sempre ajudado, té que sua ventura o trouxe ao Marquezado de Modona, que confinava com o seu Ducado: e sabendo o Marquez quem elle era, e o direito, que tinha naquelle Senhorio, além do que por suas manhas, e bondade merecia; deu-lhe a esta Grionesa por mulher, que era sua filha, herdeira do seu, naquelle tempo donzella muito gentil mulher. E havendo já alguns annos, que Minarte estava com ella feito Marquez, mui amado, e temido de todos os seus vassallos; como as obras, e maldade, que cada hum faz, o não leixaõ descansar, assi, Filenor, vendo seu irmão mui poderoso, lembrando-lhe o que tinha feito contra elle, com receio de perder o que não era seu, quiz, antes que mais fosse, atalhar por esta maldade ao que se podia seguir. Sabendo que Minarte hia a montar a huma

terra sua, que disso era mui avondosa, saltou com elle, e com ajuda de vinte Cavalleiros, que pera esta maldade tinha escolhido, matou seu irmaõ, dizendo, que o fizera por saber, que andava elle pera lhe fazer outro tanto : e naõ contente com sua morte, começou d'entrar pela terra, apoderando-se della. Esta Dóna Grionesa, vendo-se viuva, e sem remedio de cobrar o seu, recolheu de sua fazenda o que pode, e foi-se a huma Ilha sua chamada Avondosa, e alli estava continuadamente, té ao tempo que achou o Principe, que vinha de hum Mosteiro de Monjas, que junto da Cidade de Ulina estava, onde tinha hũa tia sua por Abbadessa, a qual ouvindo-lhe contar suas desaventuras, e como estava só, e desempurada, sem pessoa com que se consolasse, deu-lhe esta sobrinha, que se chamava Milina, pera que a acompanhasse, por ser mui honrada Dóna, e tambem estava viuva de pouco, e do marido lhe ficaraõ dous filhos gemeos : a hum, que era macho, puseraõ nome Carfel, e a femea se chamava Filena : e ainda que Milina chamava a Grionesa tia, naõ no era, por ser o parentesco, que

com a Abbadessa tinha, da parte de seu pai, que não era nada a Grionesa, e quervos o historiador dar por extenso conta dellas, por ser inui necessario ao proseguimento da historia. As quaes tornando a seu caminho, tanto que chegaram ao porto de Pola, passaraõ logo em huma Fusta á Ilha Avondosa, onde com muita alegria foi Grionesa dos seus recebida, assi como os vassallos fazem quando dos Senhores saõ bem tratados.

CAPITULO IX.

Da traiçaõ, que Maquinar ordenou a suas primas, e como por elle se soube onde ellas estavaõ, e do mais, que se nisto fez.

MAquinar ainda que levou suas primas ao lugar onde ouvistes, dizendo, que tinha já tudo prestes, todas estas cousas eraõ falsas, porque elle nem achára Fusta, nem menos tinha dado as peças, que de Fainama recebera, antes cuidou esta maldade: que descobrindo ao Marquez Orlete, como suas primas queriaõ fugir, por esta via tinha sua li-

berdade mais segura, e que já desta feita lhe ficariaõ as joyas, que não eraõ de pequeno valor. E com esta determinação tornou-se á Cidade, e batendo á porta da camera onde o Marquez jazia, mandou que entrasse, parecendo-lhe, que trazia alguma nova do Conde Drongel seu irmaõ, e como foi dentro, perguntou-lhe a causa de sua vinda a taes horas. Senhor, respondeo Maquinar, não posso eu vir em tal tempo, senaõ com cousa de grande importancia, e de muito teu serviço, por tanto has-me de prometer, como quem hes, de me dares alforria, que he cousa que eu mais desejo, e a ti pouco custa: e tem por certo, que além disto ser de muito teu proveito, he de grande deshonor, se nisso não proveres: e não me concedendo esta mercê, que te peço, debalde trabalharás, se de mim por outra via o quizeres saber, porque assi como tive estamago pera te isto pedir taõ soltamente, assi o terei pera sofrer quantos tormentos me por isso quizeres dar: e a fóra o proveito, que d'aqui alcançarás, eu te prometo de te ser sempre verdadeiro servidor, e amigo, onde quer que me a-

char. E a isto não me obriga outra cousa, senão conhecer de ti quem es, e quanta mercê me sempre fizeste, não usando o que os Senhores com os servos da minha qualidade usão, mas tratando-me como Cavalleiro, que eu sou, filho de quem tu sabes, ainda que minha lei he tão contraria á tua. Maquinar, disse o Marquez, eu te prometo essa liberdade, que com tanta efficacia pedes, isto tanto pelo que mereces, e me tens servido, como pelo proveito, que dizes, que d'ahi posso ter: porisso seguramente dize ao que vens, que minha palavra te faz disso certo. Pois me tu dás essa, respondeo Maquinar, em penhor de tua verdade, has de saber, que esta noite estando eu no pateo destas casas me chamou Fainama, e disse, que pelo parentesco, que tinhamos, se descobria a mim, e me rogava, que a quizesse pôr em salvo com suas irmãas: e com estas palavras, juntamente se sahirão comigo, sem eu ter remedio de te dar esta nova: e quando me vi com ellas assi embaraçado, levei-as á Fonte da Floresta Combatida, e abi as leixo, dizendo, que vinha aparelhar huma Fusta pera nós par-

tirmos : e porque saibas ser verdade o que digo, manda por ellas, que ahi as acharaõ com teu sobrinho nos braços. Quando o Marquez acabou de ouvir todas estas cousas, lembrando-lhe quanto mal se seguia levando Fainama seu sobrinho, ficou muito mais morto, do que com as outras paixoens estava : e disse logo a Maquinar, que era mui contente de fazer tudo que lhe prometera : e como achasse suas primas, elle lhe daria hum assinado, com que livremente podesse fazer de si o que lhe mais contentasse, e que entre tanto fosse ao lugar onde as leixara, com alguma gente, que lhe pera isso daria, e lhas trouxesse. Partido o leal de Maquinar com muitos criados do Marquez em busca dellas, chegaraõ á Fonte em rompendo o Sol, e olhando a huma, e a outra parte, viraõ hum Leaõ mui grande, e temeroso, que estava bebendo nella, e tinha toda a agua ensanguentada, isto porque aquella manhãa se cevava em hum Lobo. Os criados do Marquez, vendo-o taõ encarnigado, começaraõ a remeter contra elle, crendo que Fainama, ou alguma de suas irmãas era morta ; mas o pri-

meiro, que se atreueo, fello o Leão em tantas partes, que nunca outro ousou de se nisso antremeter: e tanto que isto fez, recolheo-se pela maior espessura do bosque. Os do Marquez começaraõ logo de buscar Fainama pelos mais asperos lugares de toda a Floresta, té que tendo já nisto gastado a maior parte do dia, acharaõ a ella, e a suas irmãas metidas entre humas altas penhas, e sem lhes mais perguntar cousa alguma, tomandolas nas ancas, trouxeraõ-nas ao Marquez, sem nunca Maquinar neste tempo parecer diante dellas. Fainama, quando se vio ante o Marquez, crendo verdadeiramente, que já todas suas cousas eraõ descubertas, sem lhe fazerem alguma pergunta, disse: Bem sei, Senhor, que minhas desculpas não me pôdem tirar a culpa, que tenho; porém se alguma piedade, e virtude no mundo ha, peço-vos pelas cousas, que mais quereis, que pera pena do que mereço, se ajunte toda em compaixaõ de minha desventura, pois o que fiz foi mais caso de desdita, que de propria maldade; e por quanto as testemunhas de minha innocencia se não pôdem tomar, leixo tudo nas mãos

de Deos, e vossas, em cujo poder a salvação de minha vida está : porém por saberdes a verdade de como passou, ouvime hum pouco atento. Entaõ começou a contar tudo o que atraz ouvistes, e que com medo da Condessa fizera aquella troca, mais que por outra alguma maldade, e com a turvação lhe esquecera o Principe á borda da Fonte : por tanto, que fossem a ella, que ahi o achariaõ. Quando o Marquez ouviu estas cousas, ficou taõ alvoroçado, crendo que o Principe se poderia achar, que se foi logo a ElRei dando-lhe conta do que tinha sabido : e fez isto de subito, naõ sabendo como os seus acharaõ o Leaõ ; porque d'aqui tomára logo a presumpção, que depois foi tida por verdadeira, e por ventura o naõ dissera a ElRei, ao menos por lhe naõ renovar suas dores : mas como d'antes, com o alvoroço de Fainama, naõ foi avisado, deu-lhe disso conta, o qual mandou logo a gran pressa muita gente de cavallo, e de pé, por todas as partes da Floresta, dizendo, que com muita diligencia buscassem ao Principe, e que ao primeiro, que o achasse, faria grande mercê. Mas

todo este trabalho foi em vão, pois o Principe pera taõ longe d'aquella terra, nos braços de sua ama Milina, caminhava. E tanto andou esta gente por toda a montanha, que desconfiados de o acharem, vierão com esta taõ má nova a ElRei, dizendo, que huns criados do Marquez, quando foraõ por Fainama, acharão hum Leão todo ensanguentado, que lhes parecia ser das carnes de Clarimundo. Pois ouvindo ElRei, e a Rainha estas taõ tristes novas, bern se pôde d'aqui tirar, em quanta maior quantidade sentiriaõ tamanha dor, pois tal differença havia da sospeita de huma morte, a outra. Fainama, vendo que ella fora a causa de tanto mal, e descubria o que naõ era sabido, tomou de si mesma vingança, e naõ sómente se matou, mas ainda com suas palavras commoveo a suas irmãs a fazerem outro tanto. Maquinar considerando a grande traiçaõ, que a seu proprio sangue fizera, e quam pouco lhe aproveitara, pois o Marquez lhe naõ queria dar o assinado, dizendo, que lhe mentira, segundo Fainama contava; seguio-as tambem na morte, ainda que naõ foi no genero della, porque el-

le matou-se com huma espada, que pela parte direita do coração meteo, e ellas tomaraõ muita quantidade de peçonha. Desta maneira deraõ estes fim a suas vidas, donde se póde crer, que a mesma haverã aquelles, que taes obras fazem: porque em hum tempo, ou em outro, não póde alguma pessoa escapar da Divinal Justiça, que dá a cada hum o merecimento de sua vida; e ainda que nesta presente o não vejamos, com mal, pera maior sua dor, na outra lhe está aparelhado. Por tanto, creiaõ com certeza, que ainda que os máos sejaõ aqui em algumas cousas prevalecidos, por força haõ de ser castigados; porque lei justa he pagar com bem a quem o sempre obrou, e com mal a quem o merece.

CAPITULO X.

Da criação do Principe Clarimundo, que depois se chamou Belifonte, e como se partio com Grionesa em huma Não pera se ir armar Cavalleiro ao Reino de Cecilia, e do que lhe neste caminho succedeo.

Belifonte (que assi havia já nome Clarimundo, por causa da Fonte, onde o Grionesa achára, e da beldade de sua fermosura) estava naquella Ilha Avondosa, que com o Reino de Cecilia confina, e crecia assi em virtude, e cortesia como em esforço, e disposiçãõ. E depois de Grionesa mandar trazer de Grecia hum grande Philosopho pera o ensinar em todas as artes, que a tal pessoa convinhaõ, e elle ser já nisso mui perfeito; gastava o tempo em ler as cousas dos Cavalleiros passados, e folgava de ouvir as que os presentes faziaõ, louvando muito este exercicio. E enfadando-se ás vezes nisto, hia a montar, por ser acto de guerra, onde matava muitos pórcos, veados, e outras alimarias fé-

ras, em que levava tanto gosto, que o mais do tempo de sua mocidade, em quanto não recebeu Ordem de Cavallaria, neste desenfadamento gastou. E muitas vezes Grionesa, vendo que se aventurava em cousas tão perigosas, lhe defendia as montarias com receio de lhe acaecer algum desastre: porém elle com huma falla amorosa chegava-se a ella, dizendo: Senhora, não sei porque não consentis, que use d'aquillo, em que maior gosto levo, pois não tenho em que vos possa servir. E estas palavras somente tinhaõ tanta força, que logo abrandavaõ a Grionesa, e tomando-o em seus braços, com lagrimas de prazer, dizia: Filho da minha alma, não ha ahi cousa, em que vós sintaes algum contentamento, que vo-lo eu negue, se em meu poder for. Porém vendo-vos tão ousado em cometer cousas perigosas, me fazem medrosa: por tanto, vos queria desviar disso, e não por outro algum respeito. Bem conhecido está, Senhora, respondeo elle, que todas as cousas, por fortes que sejaõ, são ao homem sujeitas: e por este senhorio, que sobrellas temos, e nos Deos deu, não póde ahi haver al-

guma de tanta brabeza, que os homens não vençaõ, e tragaõ ao jugo de sua vontade. Quando Grionesa ouvia estas cousas a seu amado filho, ficava taõ satisfeita, e perdida por elle, que se pôde crer com razaõ estimar mais a sua vida, que a de seus filhos proprios, se os tivera. E a este tempo andavaõ já com elle Carfel, e Filena, filhos de Milina sua ama, porque como foraõ de idade de quatro annos, mandou logo Grionesa por elles, pera o acompanharem: e desta criaçaõ lhe tiveraõ tanto amor, que continuadamente o serviraõ. E como já a este tempo o esforço, e grandes pensamentos de Belifonte não consentissem mais andar empregando suas forças nas bestas féras, era taõ afadigado com seu desejo; que não sabia o remedio, que nisso podesse ter: porque dizello a Grionesa não ousava, sabendo quanto sentiria apartallo de si: pois as outras cousas que representava na fantasia, menos apercebimento nellas achava. E com isto andava taõ agastado, que o entendeu Grionesa, e disse-lhe hum dia: Eu vos vejo, filho, andar taõ triste, e descontente, que me tendes posta em grande pensamento, não

sabendo a causa de vosso cuidado. Senhora, respondeo elle, a paixã que eu tenho, e me faz taõ triste, toda procede do desejo d'alcançar huma cousa, e se ma quiserdes outorgar, grande mercê receberia, e descansareis este coraçã, que porisso he descontente. Alguma cousa ha em meu poder, disse Grionesa, que vós naõ tenhaes? O que eu, Senhora, naõ tenho, respondeo elle, he licença vossa pera ser Cavalleiro, pois a idade, e força a isso me obrigaõ. Se eu essa idade, disse ella, vira em vós, naõ tinha razaõ de negar o que pedís, mas vendo o contrario, naõ posso conceder taõ injusta petiçaõ: porisso meu amado filho, desviai de vós esse pensamento, porque quando me parecer necessario, eu serei aquella, que com isso mais folgarei, mas agora crede, que mui ardua cousa me sera dar-vos tal licença. Senhora, respondeo elle, bem creio, que o amor que me tendes, vos faz negardes-me o que peço, e naõ verdes em mim pouca disposiçaõ pera isso: porque ainda que a idade naõ autorize o corpo, o esforço, que em mim sinto, suppre a mingoa dos annos. Por tanto, se me alguma mercê neste

mundo haveis de fazer , seja esta , porque a paixãõ que terei , naõ ma concedendo , causarã em mim maior danno , do que sentireis apartar-me de vós : que lembrando-me ser vivo quem por tamanha traicãõ matou meu pai , e eu ser em idade pera lhe demandar sua morte , me causa este desejo ; e por naõ me ter o mundo em má conta , he bem , que use do que devo , e naõ do que me vós aconselhais. Vendo Grionesa , que com tanta vontade Belifonte queria cometer aquelle trabalho , e que pera alcançar esta licençã della , lhe trazia á memoria a morte de seu marido , de que lhe muitas vezes tinha dado conta , quando por seu pai lhe perguntava , crendo , que Minarte o era ; com muitas lagrimas de grande amor lhe concedeo o que pedia , lançando-lhe muitas vezes a bençãõ , se com ella alguma cousa lhe podia aproveitar : e sem mais dilaçãõ mandou logo fazer á Ilha de Cecilia humas mui ricas , e fortes armas , porque esta Dóna , ainda que de todo o seu fosse deserdada , naõ era taõ pobre , que as suas riquezas naõ possessem a hum grande Senhor abastar , assi que por este respeito gastou sempre com

elle muita quantidade dellas em ricas peças, e atavios que lhe mandava. E concertadas todas as cousas, que eraõ necessarias, embarcaraõ em huma Náo mui bem apercebida, e começaraõ navegar contra o Reino de Cecilia, por ser mais perto, e nella reinar entaõ Carimano, que era mui bom Cavalleiro, e de sua mãõ desejava Belifonte receber aquella dignidade. Mas foi bem contrario de seu pensamento o que lhe aconteceu, porque os ventos se trocaraõ taõ subitamente, e com tanta tempestade, que nem os marinheiros a isso davaõ remedio, nem a tormenta esperança de salvaçaõ: mas antes com maior braveza se acendia. E como era junto daquelles perigos Scila, e Caribdes, havia antrelles taõ grande temor, que já em outra cousa naõ trabalhavaõ, senaõ em pedir a Deos perdaõ de seus peccados. Grionesa com muitas lagrimas tomava a Belifonte consigo, e dizia: O' filho gerado na alma de minha alma, quanta conta darei a Deos da vossa morte, pois fui causa della, outorgando o que me pediste: porque se eu naõ fora a isso taõ diligente, naõ vos vira ante meus olhos assi perder. Estas, e

outras cousas dizia Grionesa com tantas lagrimas, que leixavaõ todos de haver dó de si, pelo haver della. Mas Belifonte, como já aquelle seu esforçado coração começasse a sentir os trabalhos da honrosa vida, com muitas palavras a confortava, e assi a todos os outros: porém com tudo isto, a Não não leixava de correr com o impeto dos ventos em tanta quantidade, que aportáraõ humma noite junto com terra. E tanto que amanheceo, tomando o piloto conhecimento della, disse ser aquelle o Porto de Fresor, que he no Reino de França. Com aquella nova ficaraõ todos mui descansados, por assi escaparem de tanto perigo, mas muito mais contente foi Narbin colago de Minarte, que naquelle tempo servia a Grionesa. E a causa deste contentamento era, porque seu pai Madelfo vivia naquella Cidade de Fresor, o qual viera fugindo do Marquezado de Modona, no tempo que Filenor matou a Minarte seu irmão, e naquella Cidade era já mui conhecido, e estimado entre os principaes. Grionesa, quando soube em quaõ seguro lugar aportaraõ, mandou logo com muita dili-

gencia tirar todas as encavalgadas, que levava pera entrarem na Cidade de Fressor, té que o tempo dêsse lugar á sua navegaçãõ. E entrando todos pelas portas da Cidade, foraõ-se ás casas de Madelfo, que os recebeu com muito prazer, chorando lagrimas saudosas com Grionesa, correndo pela memoria cousas passadas. E passadas muitas de prazer, por recrear do nojo, e trabalho do mar, soube Madelfo de Grionesa, como por fazer Cavalleiro aquelle donzel, que comsigo trazia, tinha passado tanta tormenta. Senhora, disse Madelfo, se vós naõ tendes muita inclinaçãõ a ElRei Carimano, mais que a outro Cavalleiro de sua sorte, ainda vos eu darei outro remedio melhor, e com que Belifonte neste tal acto receba mais honra : digo isto, porque nesta Cidade haverá tres mezes, que está ElRei Claudio, e he pessoa qual vós, Senhora, sabeis ; pois por todo o mundo he o seu nome manifesto pela grandeza de suas obras : e além destas cousas, tem tal condiçãõ, que sabendo de vós o que buscaes, folgará de vos honrar : porisso vede, Senhora, se vos contenta o que digo, e ponha-se logo em obra,

porque elle houvera de partir hoje; dizem que o leixou pera a manhã. Parece-me que será bem, que esta noite vele Belifonte as suas armas aqui em Nossa Senhora da Vida Eterna, e a manhã, quando sahir a ouvir Missa, eu me ajuntarei com algumas pessoas principaes, e apresentar-voshemos diante delle, e alli por vossos rogos, que valerão mais que os nossos, eu tenho por certo, que alcançará este fermoso donzel o que tanto deseja, e creio que será nelle bem empregado, segundo sua disposição mostra; ainda que os annos de sua idade a isso não sejaõ conformes. Porém, quanto ao que meu filho me tem dito delle, a mim me parece que não há necessidade delles lhe autorizarem o corpo, pois seu esforço, e ardidez os vence. Certamente, honrado Madelfo, disse Grionesa, não poderá cousa, por grande que fora, dar-me tanto contentamento, como essa nova, e conselho: e eu o recebo de vós com aquelle amor, que de huma pessoa muito minha amiga tomara: porque certo no que vós tendes mostrado, e feito nos tempos passados, e neste, eu vos posso ter nesta conta: e leixada esta von-

tade resguardada pera a obra, quando de mim vos cumprir; digo, que será muy bem fazer-se logo o que dizeis, mas primeiro quero saber de meu filho, se deste concerto he contente. E entãõ o chamou Grionesa, e lhe propoz quanto ácerca do seu desejo tinha ordenado, por isso que visse se em alguma maneira era satisfeito. O qual foi muito mais contente do que ella estava, pois das mãos del-Rei Claudio, mais que de outro Principe daquelle tempo, desejava ser Cavalleiro, ouvindo a grandeza de suas façanhas: mas como estava desviado donde Grionesa vivia, nunca ousou de lhe declarar esta vontade, e vendo-se com ella satisfeito, estava taõ ledo, e contente, que nenhuma outra cousa o fizera em tanto extremo, e mandou logo levar suas armas á Capella de Nossa Senhora, pera o outro dia receber o que desejava, sabendo que pera a perfeiçãõ de sua honra, esta dignidade era necessaria, sem a qual todalas outras cousas naõ tem seu verdadeiro lustro.

CAPITULO XI.

De hum sonho, que ElRei Claudio de França sonhou, e como por sua causa armou a Belifonte Cavalleiro, e do mais, que se nisso passou.

A noite, que Grionesa aportou em Fresor, estando Claudio no maior repouso de seu descansado sonno, apresentou-se-lhe diante hum homem de muita idade, vestido de humas roupas Reais, e de corpo taõ pequeno, como hum anão, e ainda que o naõ autorizava, a gravidade de seu rosto pedia grande acatamento: e chegando-se á sua cabeceira, disse: Claudio, Rei da poderosa França, acorda, e ouve o que digo, e faze o que te mandar, e se o contrario obrares, sabe que todas tuas cousas te seraõ adversas, e contrarias. Tua partida naõ será a manhãa, como tinhas determinado, porque nesta Cidade entrará aquelle verdadeiro defensor de teus membros, e que a tua Corôa no cume de maior alteza exalçará: vem a receber de tua maõ Ordem, que no seu tempo será mui bema-

venturada , e delle favorecida : faze-lhe grande honra ; porque eu te certifico , que d'ambalas partes descende de Christianissimos Reis. E no tempo que o corpo de quem elle tomou parte do seu , em sua casa for tornado , livre das mãos da besta de dous corpos , suas cousas te seraõ manifestas , e chamarte-has ditoso por seres autor delle. Quando ElRei accordou , cuidando nesta visaõ , e revolviendo sobrisso muitas cousas na fantasia , no fim dellas , teve tudo por vaidade , e porisso naõ lhe deu muito credito. E ainda naõ estava de todo trespassado em outro sonno , quando a propria figura lhe tornou apparecer , queixando-se muito delle , por naõ dar credito ao que lhe dizia. E depois que lhe disse muitas palavras , partio-se de sua cabeceira com o rosto mui carregado , mostrando grande sanha por sua incredulidade. ElRei ao outro dia pela manhã levantou-se mui agastado , e deu disso conta a Corvim seu Camareiro , que era hum homem de mui grande conselho : e dizendo , que sua vontade era esperar aquelle dia , por ver em que parava tal sonho ; Senhor , respondeo Corvim , assi me parece bem :

porque cousa, que com tanta efficacia duas vezes foi dita, não creio que será sem misterio. Porém nunca ElRei todo aquelle dia vio cousa em que se convertesse o que sonhara. E ao outro dia, entrando na Capella, pera ouvir Missa, com proposito de se partir, tanto que jantasse, foi retirado por Grionesa, a qual estava acompanhada de Madelfo, e d'outros grandes Senhores, que elle pera isso ajuntou. ElRei quando vio taõ estranha gente, e Belifonte, que áquella hora estava com hum encendimento, que lhe ao rosto veio, mui gentil-homem, deteve-se hum pouco, por saber o que demandavaõ. Grionesa se chegou entaõ, por lhe beijar as mãos, mas ElRei, vendo que era Dóna de grande estado, não lhas quiz dar, antes lhe mostrou muito gasalhado, perguntando - lhe o que demandava. E logo pelo que a noite passada tinha visto, lhe pareceo que aquella aventura era parte do que lhe amoestaraõ: e vendo que a Dóna lhe queria fallar, inclinou os ouvidos com muito tento, a qual tomando a Belifonte pela maõ, começou assi: Ainda, mui alto Rei, que as mulheres pera todas as cousas sejaõ fra-

cas, pera pedir mercês, e ajuda dos Reis, e Principes taõ magnificos, como Vossa Alteza he, saõ assás poderosas : isto porque com ellas, mais que com os homens, se deve de usar de piedade, e franqueza : e por este fermoso donzel conhecer este privilegio, que nós-outras temos, quiz que fosse eu sua intèressora pera alcançar de Vossa Alteza esta mercê, que he ser armado Cavalleiro por vossas Reaes mãos, as quaes elle, e eu beijaremos, por lhe ser concedida taõ grande honra. Quando ElRei acabou de ouvir o que ella disse, affirmou em seu pensamento ser aquillo, o que sonhara, e lhe tanta paixão tinha dado : e tomou pela mão a Belifonte com hum amor, que se começava antre elles acender, naõ sabendo donde se causava : porque quanto mais nelle punha os olhos, tanto se mais inflamava em o amar. E como isto sentio, pareceo-lhe misterio, que sómente a Deos pertencia o segredo delle : e pelo ouvir fallar disse a Grionesa : Dóna honrada, todos aquelles que recebem alguma Ordem, naõ lhe póde ser concedida, sem primeiro por sua boca confessarem, que disso saõ contentes : por tanto, se este

vosso donzel quer entrar nesta, que dizeis, he necessario que o saiba delle, e primeiro lhe manifeste os perigos, que nella ha, que saõ, negar sua propria vontade por fazer as alheias, que he a mais forte cousa, que se póde dizer, e em que cumpre ter muito tento, porque desfallecendo algum ponto, quebrar-se ha o fio de toda sua honra, em maneira, que valeria mais a quem isto tal acontece, continuadamente morrer, que por elle tal cousa passar. E porque vós, fermoso donzel, nos dias que viverdes, em tanto trabalho vos haveis de ver; o meu conselho era, leixarvos criar, pera em mais idade conseguirdes vosso desejo, pois ainda agora os annos negaõ o que pedis. Posto que ElRei isto dizia, já tinha determinado de o armar Cavalleiro, tanto pelo que lhe fora amoestado, como por ver em sua disposiçaõ, ser habil pera isso: Mas por ouvir o que dizia, e usar das ceremonias, que em taes casos se costumaõ, lhe quiz primeiro propor aquellas palavras. Belifonte lhe respondeo entaõ mui mansamente, dizendo: Sabido está, Senhor, que assi como a Ordem de Cavallaria he mais

excellente , que todalas outras cousas ; assi nella se contém móres perigos : mas considerando eu , que os poderei de mim desviar , e seguir o que me as armas obrigaõ , em quanto as forças me ajudarem a soster estes membros , pedi á Marqueza minha madre , que esta mercê de vós alcançasse , pois eu pera isso naõ tinha valia. Tem-me posto em tanto cuidado vossas cousas , respondeo ElRei , que naõ posso negar o que pedis , pois d'ahi espero alcançar grande honra , se todalas que me disseraõ forem taõ verdadeiras como esta que agora vejo. Entaõ começou publicamente a contar quanto de noite passara com a visaõ , e como lhe dissera , que aquelle fermoso donzel descendia d'ambalas partes de Christianissimos Reis. Mui espantados ficaraõ todos aquelles Senhores , que com ElRei estavaõ , ouvindo taõ maravilhosas cousas , como dizia ; mas muito mais o ficou Belifonte quando disse , que descendia de Christianissimos Reis. E passado o rumor , que todos fizeraõ com a novidade do que tinhaõ ouvido , disse ElRei , que pois elle aquillo tanto desejava , e em suas forças se atrevia , que era

necessario velar aquella noite as armas. Senhor, respondeo Grionesa, já tudo está prestes, porque esta noite as velou, com a esperança que tinha de lhe Vossa Alteza fazer esta mercê. Pois que assi he, disse ElRei, ouçamos Missa, e dahi faremos o que Deos ordena deste bemaventurado donzel. Com este prazer entraraõ todos pera a Missa, na qual Grionesa com muitas lagrimas rogava a Deos, que amparasse aquella donzel, que por tamanha aventura achára: pois em tempo de taõ tenra idade o guardara, naquella, que pera mais seu serviço era, fosse seu defensor em tantos perigos, como havia de passar. Belifonte tambem por sua parte dava muitas graças a Deos, pois o chegára a idade d'alcançar aquella Ordem, em que esperava de o servir, e rogava-lhe, que o encaminhasse sempre nas cousas, onde fazendo-lhe serviço, honra podesse alcançar. E em toda a Missa nunca desviou da memoria o que ouvira a ElRei de sua geraçaõ, porque elle sabia bem, que Minarte, a quem elle tinha por pai, descendia dos Duques de Ferrara, e Grionesa era filha do Marquez de Modona, e todos seus antecessores

destas duas casas procediaõ : assi que estava mui pensativo, sem saber dar áquellas palavras verdadeiro entendimento. E acabada a Missa, foi este bemaventurado Principe, de Principes armado Cavalleiro, com tanto contentamento de todos que se alli acharaõ, como se cada hum fora seu proprio pai. Porque certo isto se pôde crer com verdade, que tinha tanta força o seu parecer, que atrahia todos coraçõens a o bem amar, como se delles fora senhor. E acabando de o armar Cavalleiro com tanta honra, como filho de quem era, pedio-lhe ElRei, que sempre visitasse sua casa, porque elle receberia muito prazer, das taes pessoas ser visitado. Se eu, Senhor, cuidasse, disse Belifonte, que alguma hora havia de viver sem servir a Vossa Alteza; ou ao menos esta vontade estar a isso aparelhada; eu tomaria logo de mim a vingança, que por tamanho erro merecia: mas eu me tenho por satisfeito, pois sinto em mim o contrario. Muito lhe agradeceo ElRei aquelle desejo de o servir: e tirando huma espada mui rica, que cingida trazia, disse a Belifonte, que tomasse delle aquella peça em sinal

de amor, e que lhe jurava por sua verdade, que era das boas que vira, e por este respeito folgava de lha dar. Grandemente estimou Belifonte aquelle dom, e foi pera lhe beijar porisso as mãos, mas ElRei lhe lançou os braços ao pescoço com muito amor, dizendo, que em outras cousas esperava elle mostrar o que lhe queria. E despedindo-se delle, e de Grionesa, que já a este tempo tinha sabido de Madelfo a pessoa que era, entrou em seu caminho, não podendo desviar da fantasia as cousas, que por causa de Belifonte passara. Porém foi algum tanto descansado, por se converter a sua visãõ em cousas de prazer, e virtuoso exercicio. Pois certo, que Belifonte não ficava com menos cuidado do que elle levava, com as palavras que lhe ouvira dizer: e tanto que se vio em huma camera, em que se elle, e Grionesa recolhiaõ, chegou-se a ella, pedindo-lhe muito por mercê, que lhe não quizesse encubrir huma verdade: e que dizendo-lha, ficaria o mais contente homem do mundo, e fazendo o contrario, o contrario seria em quanto vivesse. Estranha cousa seria pera mim, amado filho, a que vos

eu negar, e se for alguma, que de mim possais saber, eu vos prometo, e por vossa vida o juro, de vos não encubrir ácerca disso o menor fio da verdade. O que me poz neste cuidado, disse Belifonte, foraõ as palavras que ouvistes a ElRei ácerca da minha linhagem, dizendo, que d'ambas partes descendia de Christianissimos Reis: e não saber o como isto he, me faz mui triste, e fará em quanto me não tirardes deste cuidado. E porque creio, que vós, Senhora, sabeis mui bem a verdade, peço-vos por mercê, e pelo amor, que me tendes, que se não esconda a mim alguma cousa, porque sabendo o contrario, sentiloei em grande extremo. Isto dizia Belifonte, parecendo-lhe que por ventura o haveria Grionesa d'outra pessoa, e não de Minarte seu marido, a quem elle tinha por pai: ainda que quando considerava em sua bondade, desfazia todo máo pensamento. Muito pesou a Grionesa com esta pergunta, porque não quizera que elle a outrem por mãe tivesse, senão a ella: porém, considerando, que tinha já Belifonte alguma presunção disso, e que por ventura o saberia de sua ama Milina,

naõ lhe quiz negar a verdade. E entaõ lhe contou a maneira de como o achara, e em quaõ pequena idade, e desde aquelle tempo té o presente ella o tinha criado com aquelle amor, que sempre nella conhecera: por tanto lhe rogava, que ainda que sua mãi natural naõ fosse, a tivesse naquella estima, pois nas obras o parecera. Certo, Senhora, disse Belifonte, naõ me podereis fazer cousa, que eu mais estimara, nem que me tanto contentamento dera, como tirar-me desta duvida, que desejava saber: e crede, que agora conheço, que vos devo mais do que todo este tempo cuidei, porque téqui todalas cousas, que por mim fizestes recebia-as como de mãi, que a isso era obrigada; mas agora que sei esta verdade, as estimo em maior gráo, e naõ sómente de mãi, mas de minha Senhora, a quem eu nunca, por muito que sirva, e trabalhe, acabarei de pagar a menor parte do que lhe devo: porisso naõ presumaes, Senhora, de mim, que hei de ser ingrato a quem tanto devo, e se o eu em algum tempo posso ser (o que eu naõ creio) peço a Deos, que me naõ chegue a vida de tal estado. Passadas es-

tas cousas antre Grionesa, e Belifonte, com tanto amor, como avondança de lagrimas, vieraõ-se pera Madelfo, que sempre os dias que alli estiveraõ, lhe fez muita honra, e gasalho: e depois que o tempo a isso lhe deu lugar, disse Belifonte á Marqueza, como seu desejo era fazer o que na vontade trazia determinado muito havia: por tanto que tornasse a embarcar, e se fosse á sua Ilha Avondosa, porque elle queria ir ao Ducado de Ferrara ver-se com Filenor, e demandar-lhe a morte de seu pai Minarte, e sobrisso fazer o que Deos por bem tivesse, e porque pera aquelle caminho tinha necessidade de Narbim, lhe pedia, que o mandasse com elle, por ser do Duque mui conhecido. Nunca Deos queira, disse Grionesa, que vós, filho, façaes este caminho sem eu levar parte do trabalho delle, e pois Deos commove vossa virtuosa vontade a vos nisso, primeiro que em outra cousa, quererdes empregar: eu tenho por fé, que elle ajudará a vós, e descansará a mim no meu, que já agora lhe podeis chamar vosso. Por tanto, naõ he necessario fazermos este apartamento, mas tornemo-nos a

embarcar, porque pera ir a Vilante, ou ao Marquezado de Modona, mais perto será por mar, que por terra. Pois, Senhora, disse sois servida, respondeo elle, eu sou muito mais contente. Concertado este caminho, e as cousas, que pera elle erãõ necessarias, entraraõ em a sua Náo; e com a prosperidade do tempo aportaraõ em Lespecia, onde souberaõ, que o Duque estava na Cidade de Solenga, que era a principal do Marquezado, e tanto andaraõ por terra, que chegaraõ a hum Castello, que duas legoas da Cidade estava, em que vivia Oroneses, que em vida de Minarte fora seu Maiordomo. O qual com muitas lagrimas de prazer recebeo a Grionesa: e tambem com a lembrança do tempo passado em que elle por aquella terra taõ estimado fora. E quando soube della, que trazia aquelle Cavalleiro pera se combater com Filenor sobre a morte de Minarte seu Senhor, disse, que lhe naõ parecia bom conselho pôr causa de tanto peso em pessoa de tal idade, e taõ pouco experimentado nas armas, sabendo ella quaõ bom Cavalleiro Filenor era: e que isto naõ lho dizia por se desviar de

a servir em tudo o que ella mandasse : mas por lhe parecer justa causa deixar tal empreza pera tempo, que melhor apercebida viesse. A estas palavras chegou Belifonte, e quando as entendeu, disse: Pera os máos, Oroneses, e que mal obraõ, não he necessario mais que a razão contra elles, porque esta he a que dá vencimento não sómente aos fracos, mas aos fortes, que as forças sem ella pouco aproveitã a ninguem : e porque a Marqueza minha madre, e senhora, tem muita, eu espero em Deos, de lhe dar vingança de quem a em tal estado pôs : porisso não he necessario de vós mais, que chegardes a dizer de sua parte a Filenor, como ella traz hum Cavalleiro pera lhe demandar a morte de seu marido, que elle por tamanha traiçaõ matou : por tanto, que lhe segure o campo de todos os seus, e que ella será á manhã com elle, e se o Cavalleiro, que traz for vencido, que ficará descansado de lhe outrem demandar o que elle taõ injustamente possui. Ainda que o mal nunca parece, em quanto o causador não recebe a pena delle.

CAPITULO XII.

Do recado, que Oroneses trouxe, e como se Belifonte combaten com Filenor; e do que lhe nesta batalha succedeo.

Com este recado se partio Oroneses, levando huma carta de licença, que lhe a Marqueza deu: e como o caminho era pequeno, chegou a horas de vespora onde Filenor estava: e apresentando-lhe diante de todos a carta, que trazia; disse Filenor, que desse a Embaixada com que taõ contente vinha. Se eu, Senhor, venho contente, respondeo Oroneses, creio que naõ o sereis vós, pois Grionesa he nesta terra, e traz consigo hum Cavalleiro, que vos vem demandar a morte de seu marido, e vosso irmão, que tanto sem causa matastes, e amanhã será com vosco, se o campo lhe segurardes de todos vossos. Pois Grioneza, respondeo elle, foi taõ mal aconselhada, e esse Cavalleiro taõ enganado em tal aceitar; dizei-lhe, que dos meus podem vir seguramente, mas da minha

peessoa creio que veraõ o contrario do que esperaõ : e vós tambem por agora o sois : mas como a batalha houver fim , pagareis com a vida o atrevimento , que tivestes em me desafiar , vivendo em minha terra , e Senhorio : e d'aqui faço a vós , Orjaque meu Veador , mercê do Castello , que este tem , pois por sua dou-dice o quiz perder. Eu espero em Deos , disse Oroneses , que assi como elle sabe quanta razaõ tenho de aceitar esta empreza , me fará livre dessa morte , e a Orjaque de governar o que me deu Minarte meu Senhor : e porque mui cedo estas cousas haveráõ fim , faço o de mais fallar com vosco. E com isto , despedido de Filenor , chegou ao Castello , e deu o recado , que trazia a Belifonte , contando-lhe o que com Filenor passára , do que Belifonte ficou mui contente , porque com maior razaõ (ainda que a sua era assaz) tivesse causa pera se com elle combater. E ao outro dia , tanto que ouviraõ Missa , entraraõ no caminho da Cidade , e a horas de Terça chegaraõ ao lugar , onde o Duque costumava dar campo : o qual tanto que soube , que Grioneza com o seu Cavalleiro era vin-

da, armou-se de humas armas negras, e grifos pardos, antremetidos huns por outros, e sahio encima de hum cavallo alazaõ mui fermoso, acompanhado de todos os seus servidores: e como era grande de corpo, prometia grandes forças a quem o via: e certo que assaz tinha, mas sua maldade abatia todas as graças, de que dotado era. Quando todo o povo o vio assi armado, sabendo a causa, porque se queria combater, começaram a rogar a Deos em suas vontades, que ajudasse ao Cavalleiro de Grioneza sua Senhora. E não era sem razão fazer a mais desta gente isto, porque Filenor era tam aspero, e cruel, que convertia a vontade de todos em odio contra elle, e muitos estavaõ alli, que elle tinha morto pai, e irmãos, marido, e outros parentes: porque quando matou seu irmão, por alguns não consentirem no que queria, vingou-se depois nelles: e por esta causa todos desejavaõ de o ver destruido. E chegando elle diante de Grioneza, disse em voz mui alta: O' com quanta razão te podes, Grioneza, chamar malaventurada, pois de vinte annos a esta parte nunca achaste quem por ti accei-

tasse esta batalha, e agora medraste esse coitado, que por tanto engano a este lugar trazes, não sabendo em cujas mãos se vem meter: E porque vós, Cavalleiro, vos não chameis depois ao engano, havei vosso conselho, e tornaivos a outra parte mais segura. Bem enganado, disse Belifonte, seria eu, se cuidasse, que essas palavras eraõ outra cousa, senão temor do que tendes feito a Deos, e a vosso irmão, que doervos de mim, não sois tanto meu amigo, que o façaes; e pois em lugar estamos, que não são necessarias palavras, usemos das obras, que estas são o toque da verdade, e razão, que eu por companheiras trago. E entãõ apartando-se a seus lugares, remeterãõ hum contra o outro, com tanto desejo de se vingar, que os primeiros encontros foraõ lanças, sinal da vontade, que se ambos tinhaõ, porque assi desapareceraõ de suas mãos feitas em raxas, como se nunca as trouxeraõ. E ainda que Filenor tinha usado mais aquelle exercicio, não achou vagaroso a Belifonte, porque antes que de sua espada arrancasse, tinha já recebido hum golpe da sua mão taõ pesado, por cima do elmo,

que o fez debruçar sobre o arçãõ dianteiro, e se as armas naõ foraõ taõ fortes, aquelle dera fim á sua batalha, mas a bondade dellas o salvou por entãõ. E certo, quem vira naquelle tempo Belifonte, naõ julgara sua idade ser pouco conveniente pera as armas, mas muito mais apta, que todalas d'aquelle tempo: porque andava taõ ligeiro no ferir, que Filenor naõ sabia de que golpe se resguardasse: e ainda que á primeira o tinha em pouco, começou de o estimar em muito. E vendo em quanto perigo sua vida estava, se a batalha muito durasse, e segundo o sangue lhe corria de huma mui grande ferida, que no hombro direito trazia; remeteo a elle com esforçado animo, e deu-lhe hum golpe no brocal do escudo, que naõ lhe valendo sua fortaleza cortou grande parte delle, e chegou á carne, onde fez huma ferida, e como ainda aquellas carnes eraõ tenras, e naõ usadas a receber tanto mal, sentiraõ gravemente a dor da ferida, que mui grande era: mas o esforçado coração de Belifonte acudia logo á parte onde necessario era, em maneira que sustinha os duros golpes de Filenor, e es-

forçava os membros de Belifonte a lhe dar o retorno. E o galardaõ, que lhe no fim desta batalha deu, foi cortarlhe o braço taõ cerceo, como se desarmado estivera, e naõ parando alli a espada ferio o cavallo de maneira, que começou a lançar tantas pernadas, té que naõ se podendo Filenor nelle soste, cahio em terra, e por mais sua desventura ficoulhe o pé em hum dos estribos, e com a força, que o cavallo levava desfez-lhe o corpo em mil partes. Quando Belifonte vio o fim de sua batalha taõ victoriosa, foi-se mui alegre pera a Marqueza sua madre, que estava dando graças a Deos por lhe cumprir seus desejos, e bemdizendo a criação que fizera nelle, pois assi lhe dava o galardaõ della. Porém a este tempo começaraõ de se alvoroçar alguns dos mais chegados ao Duque, principalmente Orjaque, querendo vir contra Belifonte: mas como vos já contamos, era taõ malquisto pela maior parte, que se ajuntaraõ mais de setenta Cavalleiros, e foraõ-se onde Grioneza, e Belifonte estava, dizendo: Senhora, todos somos vossos, pera vos defender de quem contra vós alguma cousa cometer: por tan-

to não temaes perigo, que primeiro será em nossas pessoas experimentado, que á vossa chegue, ainda que quem tão bom amparo consigo traz, não terá necessidade de nossa ajuda. Muito lhe agradeceo Grioneza aquelles offercimentos, dizendo, que pois Deos lhe começava a restituir o seu, que ella lhe galardouaria aquella vontade com boas obras. Quando Orjaque, e outros criados de Filenor, viraõ quam mal se ordenava o que elles determinavaõ, deixaraõ-se estar quedos. Belifonte por causa daquelle reboliço não quiz que se Grioneza d'alli movesse, té que os principaes lhe beijaraõ a mão por Senhora, dando-lhe homenajem dos lugares que tinhaõ. E a este tempo já o povo da Cidade sahia em tanta quantidade, que cubria o campo: e todos juntamente a huma voz davaõ graças a Deos, que os livrara da sujeição de Filenor: e com este prazer levaraõ a Grioneza, e Belifonte aos Paços, em que ella muitas vezes folgára, nos quaes entrou com muitas lagrimas, lembrando-lhe o tempo passado: mas o que a consolava era aquelle verdadeiro descanso de seus nojos, Belifonte: porque este foi causa de os

ella pouco sentir, de maneira que elle lhe deu fim, e o tempo, que a todas as cousas o dá.

CAPITULO XIII.

Como se Belifonte despedio de Grioneza, e do que lhe neste caminho aconteceu com huma donzella, e por sua causa se combateo com tres Cavalleiros.

Dous mezes esteve Belifonte com Grioneza, pela leixar de todo pacifica em seu Senhorio : porque além d'alcançar o Marquezado, todos os grandes Senhores das terras do Duque, sabendo como as cousas passaraõ, vieraõ-lhe beijar a maõ por Senhora : e assi de cada lugar huma pessoa, em nome do povo, veio fazer outro tanto, conhecendo ser ella verdadeira successora daquelle Senhorio : sómente Orjaque Veador de Filenor naõ lhe quiz fazer este acatamento, dizendo, que nunca Deos tal quizesse, que elle negasse a criaçaõ, que Filenor nelle fizera. E vendo Belifonte, que este só inimigo ficava a Grioneza, lançou-o fóra da terra, tomando-lhe os Castellos,

que tinha. E por estas obras, que Orjaque recebeo de Belifonte, se vingou depois bem d'elle, como adiante vereis. E tanto por estes impedimentos, como por ella mandar á Ilha Avondosa, trazer de lá sua fazenda, se deteve Belifonte com ella algum tempo. E como todas estas cousas houveraõ fim, apartou-a hum dia, dizendo, que lhe desse licença, pois já não tinha em que a podesse alli servir: as quaes palavras foraõ pera Grioneza de muita dor, e com grande sentimento se apartou deste seu amado filho, e Milina sua ama, que não menos amor lhe tinha. Filena, vendo este apartamento, e que seu irmão Carfel acompanhava a Belifonte, e ella ficava orfãa das duas cousas, que mais amava, começou de pedir com muitas lagrimas á Marqueza, fizesse com Belifonte que a levasse comsigo pera o servir, e andar em companhia de seu irmão, porque sem a vista d'ambos não saberia viver. Quando Belifonte vio que sua colaça lhe tinha tanto amor, que se offerencia aos trabalhos, que elle havia de passar, disse que lhe prazia, pois ella com isso folgava. Desta maneira foraõ estes dois

irmãos com elle, os quaes o tiraraõ de muitas paixoens, perigos, e cuidados, como adiante ouvireis: nem elle certo passou poucos por causa d'ambos. E seguindo seu caminho, com determinação de fazer algumas cousas no Reino de França, em serviço delRei Claudio, assi como lhe prometera; quiz sua ventura fazer-lhe logo a vontade, porque aos seis dias de sua partida vio hir por hum valle acima a gram pressa hum donzella com hum escudeiro que a acompanhava, e parecendo-lhe, que seria com alguma necessidade, começou tomar o passo mais apressado, té que chegou a ella, e depois de a salvar mui cortezmente disse: Vejo-vos, Senhora, hir taõ apressada, sem levardes caminho, que desejo saber a causa porque o fazeis, e se vos naõ pesasse, eu certo folgaria. Se tanta virtude, respondeo ella, houver em vossas obras, como as palavras mostraõ, eu vo lo direi logo, com tal condiçaõ, que hum dom, que vos pedir, por vós seja outorgado. Como quer que as cousas, respondeo Belifonte, se naõ devem outorgar sem primeiro saber a qualidade dellas, eu vos dou minha palavra de fazer o que me

mandardes, sendo cousa que com razaõ possa obrar. Eu haverá quinze dias, disse a donzella, que parti de Genova com mandado da Rainha de França minha Senhora, pera a Rainha Briaina sua filha, e hoje á entrada de huma floresta, que cá detraz fica, achei dous Cavalleiros, que Deos confunda, pois lhe taõ pouco serviço fazem, e como me viraõ, lançaõ maõ de mim, dizendo, que taõ boa presa naõ era razaõ que assi passasse, sem primeiro gozar de seu gentil parecer; eu vendo-me assi atribulada, e que me naõ valia reprehellos desta maldade, fingi que era mui contente em aceitar seu amor, e elles crendo que era verdade, vieraõ a haver razões, sobre quem primeiro alcançaria de mim este dom, e estando pera sobre isso se combaterem, chegou outro, na virtude tal como elles, o qual sabendo a causa de sua contenda disse: Naõ me parece que vos combateis sesudamente, porque pera tirar o perigo d'ambos, tendes hum seguro remedio, que he, ir diante dessa donzella, e perguntai-lhe, de qual de vós se mais contenta, e entaõ quem melhor dita tiver, esse a leve. Vendo elles que dizia

bem, vieraõ-se a mim com aquella demanda, eu respondi, que fossem elles a huma Fonte, que leixava atraz no caminho por onde vinha, que seria dalli meia legoa, e aquelle que primeiro trouxesse huma rosa de hum rosal que alli estava, esse alcançaria meu amor. Quando elles ouviraõ o que lhe eu mandava, confiando cada hum na bondade do seu cavallo, foraõ mui contentes, e sem mais detença, partiraõ á redea solta. Eu como me vi desapressada delles, parecendo-me que ficava mais segura com o outro, disse-lhe : Senhor, isto que fiz, foi por me ver fóra das mãos daquelles mãos que me queriaõ roubar minha honra : e pois agora fico amparada de vós, peço-vos pelo que deveis á verdade, que prometestes, me queiraes acompanhar té ser posta em lugar seguro. Senhora, respondeo elle, ainda que me isso naõ pedireis, já o tinha em minha vontade determinado : por tanto vamos vosso caminho, que eu prometo de vos naõ leixar em quanto de mim tiverdes necessidade. Porém todas estas palavras eraõ mais envoltas em maldade, que em zelo virtuoso, porque tanto que nos alongamos dal-

li gram pedaço, fazia-me este outra tal força. Disse eu então quando vi que me não podia delle salvar: Muito mais contente, Senhor, serei de vos outorgar meu amor, que a outro Cavalleiro, isto por me mais contentardes em vossa cortesia, e parecer, que todos os que tenho visto: mas em quanto não estamos seguros, não será bem descansar té o passo de hum rio que cá diante está, e então vos fica assaz de tempo como da outra parte formos. Seja, Senhora, como vós mandardes, disse elle, porque em todas as cousas vos quero ser obediente. E chegando nós a este Rio, que eu dizia, mandou elle logo ao barqueiro que da outra parte me passasse, porque a barca era tão pequena, que com difficuldade cabiaõ nella duas bestas: e querendo elle entrar com o seu cavallo, pera passarmos ambos, e deshi tornarem pelos escudeiros, disse eu: Não metais, Senhor, esse cavallo, porque este meu palafrem não tem conhecimento delle, e não consentirá irem ambos, mas entre Lober este meu escudeiro, e depois passareis com o vosso. Assi seja, Senhora, respondeo elle. Porém eu tanto que me desta parte

do Rio vi, dei rijamente da vara ao palafrem; e porque em quanto tornassem por elle, me perdesse de vista, e não podesse topar comigo, desviei-me do caminho pera esta parte, onde me vós Senhor achaes, e pois me Deos trouxe a mãos mais verdadeiras, e a vontade zelosa de melhor obrar, peço-vos, que seja por vós acompanhada té hum Castello de huma minha avó, que cá diante está: este he dom que me tendes prometido, e bem podeis cumprir. Muito louvou Belifonte o aviso taõ subtil, que esta donzella pera salvar sua honra tivera, e disse-lhe, que era mui contente de a acompanhar té onde ella mandasse: E que lhe pesava muito, por cousas da Rainha Lucena receberem agravo d'alguem, que prouvesse a Deos que o chegasse a tempo em que a podesse servir, por satisfazer alguma de quantas mercês delRei tinha recebido. E querendo Belifonte tornar ao caminho, disse ella, que fossem dormir a huma Hermida, que na maior altura daquelle monte estava, por não serem já horas de mais caminhar, onde foraõ mui bem agasalhados do Hermitaõ, que nella estava.

Os dous companheiros, que a graõ pressa hiaõ colher as rosas, tornando com os cavallos cansados onde a donzella ficara, parecendo-lhes que a tinhaõ certa, acharaõ bem pouco recado della. Certamente, disse entaõ hum delles, nós somos merecedores de tal engano, pois confiamos de quem com boas palavras nos fez confiar de si: mas pois cahimos neste erro, mór será leixar-lhe lograr o que nós perdemos: Por tanto vamos em seu alcance, que naõ póde ser mui alongada de nós. E com este concerto entraraõ no caminho, crendo que ao passar do Rio fariaõ alli detença: E quando chegaraõ a elle mui apressados, acharaõ o outro áquem d'agoa (e daqui ficou este exemplo) vendo-o estar sem a donzella brádando pelo barqueiro que o passasse, perguntaraõ lhe que fizera della. Ainda que passe nisso o que vós quizerdes, respondeo elle, naõ leixarei de vos contar a verdade, e entaõ lhe disse tudo como passara. Ora crede, responderaõ elles, que foi a mais enganosa mulher, que vimos, porque ouvindo-a, cuidaveis tela alcançada, e de si na obra mostra o que vedes, mas por mais que faça, naõ

se nos ha de ir, ainda que nisso gaste-
mos alguns dias, que segundo ella con-
tou, pera longe vai. Pois tambem, dis-
se o que ficára áquem do Rio, eu quero
ver o fim que dais a essa vossa demanda,
que já agora lhe posso chamar minha.
Com esta determinação passaraõ todos da
outra parte, e sendo já grande pedaço da
noite passada, chegaraõ ao valle, onde
Belifonte achou a donzella, e como era
gracioso, quiseraõ repousar alli por tra-
zerem os cavallos mui cansados do tra-
balho. Belifonte ao outro dia, depois
que se despedio do Hermitaõ, tornou ao
caminho, e decendo pelo valle abaixo,
como a donzella, que Targeta se chama-
va, com temor hia sempre olhando a hu-
ma, e outra parte, vio os tres engana-
dos, que começavaõ a caminhar, e tan-
to que os conheceo nas armas, disse a
Belifonte que se tornassem á Hermida,
té que elles passassem. Senhora, respon-
deo elle, grande abatimento seria lei-
xar nosso caminho com temor d'algum
perigo, quanto mais, que eu creio ha-
vello bem pequeno entre estes, que taes
obras usaõ: por tanto naõ vos agasteis,
que por ventura ajuntarmonos com elles

será pera lhe dar o galardão do que vos merecem. Os Cavalleiros tanto que os viraõ decer pela costa abaixo, conhece- raõ logo a Targeta no palafrem branco, que trazia, e começaram mui alegres de esperar por ella, parecendo-lhes, que da- quella vez lhes não escaparia. Targeta como julgava Belifonte por de poucas forças, por causa de sua idade, que el- la na Hermida vira, não lhe parecia, que poderiaõ as suas bastar para o menor Cavalleiro daquelles: e com esta descon- fiança hia dizendo mal á sua ventura, e outras cousas, sem as palavras de Filena a poderem consolar, nem dar confiança, que esperasse sua salvaçaõ. Belifonte, tan- to que chegou a elles, salvou-os mui cor- tezmente. Bem pouco, respondeo hum delles, vos aproveitaõ essas cortesias, pois com tudo haveis de perder essa don- zella, que tanto trabalho nos tem dado. Demais, se vós senhores sois, disse Be- lifonte, quem me ella contou, que lhe tinhaõ dado muita paixãõ com vossas des- cortesias: Se vos ella já enganou, res- pondeo elle, quero-vos eu desenganar, que ella nem estoutra, que trazeis, vos faraõ mais companhia: por tanto podeis

viver seguro de volas outrem tomar , pois nisso queremos entender. Parece-me, respondeo Belifonte , que mais quer isso ser força , que razaõ , porem se vos tanto obriga o amor dellas, quero ver qual primeiro toma a sua. Disse entaõ o que ficou áquem do Rio : Tomai vós-outros as donzellas, e eu verei este sandeo, que assi falla ousado, pera quanto he, e pôs as pernas ao cavallo contra Belifonte ; mas o recado, que nelle achou , o fez ir a terra , e foi taõ grande a quéda , que nunca se mais pode levantar. Belifonte tanto que vio jazer este maltratado , foi-se logo mui prestes aos dous, que vinhaõ juntamente a elle , e o primeiro , que com esta ardidez chegou , foi acompanhar o outro que pela terra se andava revolvendo O que ficava , como era mais esforçado , que seus companheiros , ferio hum pouco a Belifonte , e perdendo ambos as lanças , com as espadas começaraõ a fazer taes cousas , rompendo as armas, e carnes, que a donzella Targeta se espantava da bondade de Belifonte , porque o Cavalleiro o feria taõ asperamente , que o menor golpe era pera derribar huma torre , mas

elle dava mui pouco por sua fortaleza , trabalhando tanto por alcançar a victoria , té que não se podendo o Cavalleiro sostener na sella , cahio aos pés do cavallo , pedindo a vida a Belifonte. Certo , respondeo elle , eu vo la darei , pois isto basta pera o que fizestes , com tal condiçãõ , que jureis de nunca a Dóna , nem a donzella , fazer cousa , em que sintão agravo , antes serviço , e amparo , e mais de cumprirdes meu mandado. Senhor , respondeo elle , eu vos juro , e prometo de fazer quanto me mandardes , com tal que me deis a vida. O que vos eu mando , disse Belifonte , he , que vades antes de vinte dias á Rainha Lucena , e lhe digaes como hum Cavalleiro , que ha muito a deseja servir , lhe beija as mãos , e vos manda diante de sua Real pessoa , pera lhe contardes o que a esta sua donzella fizestes. E entãõ disse contra Targeta , que estava espantada de sua bondade : Senhora , estes dous me parece , que mais estaõ pera morrer , que pera contar suas maldades : eu quizera que fossem em companhia de estoutro , mas pois assi he , seu mal lhe abaste. Senhor , respondeo ella , os seus cavallos quero eu

mandar por este a huma minha prima , que lá está , pera que saiba minhas aventuras , e quam bem saio com ellas : e tambem com trabalho delles hirem a pé , ficaraõ ouro , e fio , na pena com essoutro. Muito rio Belifonte com a vingança , que Targeta queria tomar delles : e mandou logo a Orgasto , que assi havia nome aquelle Cavalleiro , que entregasse os dous cavallos a quem ella mandava. E tornando a seu caminho com Targeta , vieraõ dormir aquella noite a casa de hum homem velho , que lhe fez muita honra , por amor de hum seu filho , que tambem seguia as aventuras. E ao outro dia despedindo-se delle , chegaraõ sem algum impedimento a casa de Artenda , avó de Targeta , que era huma Dóna de grande idade , e mui virtuosa , segundo o amor com que os recebeo , e logo o que havia nella em raõ pouco tempo se mostrou : Porque difficil cousa he encubrir-se a virtude , e o mal , por muito tempo.

C A P I T U L O X I V .

Como seguindo Belifonte seu caminho, depois que se despedio de Targeta, no passo da Ponte Brigosa se combateo com Asquilante, e do mais que lhe nesta batalha aconteeo com hum fermoso donzel.

Ao outro dia despedido Belifonte de Targeta, e Artenda sua avó, entrou no caminho com grande pensamento, lembrando-lhe o que soubera de Grioneza, e assi quaõ pouco conhecimento tinha de sua geraçaõ. E com este cuidado hia tam pensativo, que todalas cousas lhe esqueciaõ, nem a vontade o inclinava a desejar outro bem, senaõ ter conhecimento della. E caminhando assi graõ parte do dia, chegou a hum Rio, que por huma Ponte se passava, e olhando contra huns Alemos altos, que da outra parte estavaõ, vio huma tenda armada, e muita gente vestida de libré, que pelo campo se andava desenfadando: e indo já no meio da Ponte, sahio d'an-tre aquella gente hum Cavalleiro bem

posto, e veio-se a elle, dizendo : Cavalleiro, antes que passeis, ouvi o que digo, e d'aqui fazei o que vos melhor parecer; o Senhor daquella tenda, que esta Ponte guarda, vos manda dizer, que convem destas duas fazerdes huma : tornar por onde viestes, ou vos combater comigo, e se vos vencer, leixareis o escudo pregado, com o vosso nome escrito, pera ser entregue a quem lhe este passo manda guardar, e esta vossa donzella hirá fazer obediencia onde a tal pessoa está : e se fordes taõ ditoso, que me vençaes, combatervos-eis com elle : e porque ainda agora estais em tempo pera escolherdes á vossa vontade, vede se vos será bom tornardes a rapiar a carreira, e eu assi volo aconselho. Não creio, respondeo Belifonte, que sois tanto meu amigo que deva tomar de vós esse conselho, porisso ainda que o não faça não mo tendeis a mal : de minhas armas, e escudo tenho tanta necessidade, que ainda agora por essa via as não darei a ninguém, salvo se as não puder defender : peza-me muito quererdes usar comigo de pouca cortezia, impedindo-me meu caminho; mas com tudo convêm que o fa-

ça : e deu mui rijo das esporas ao cavallo pera passar. Parece, disse o Cavalleiro da Ponte, que todavia vos quereis pôr em perigo. Belifonte começou algum tanto mais a assanhar-se, e disse : Mal me faria Deos, se em outros, de que maior honra ganhasse, eu não esperasse de me ver, que o de vossas mãos, e segundo o mal, que usaes comigo, creio que serei livre delle. O Cavalleiro da Ponte remetteo entã a elle, e ferio-o taõ forçosamente, que o ferro da lança chegou á carne. Belifonte empregou melhor a sua, porque não sómente rompeo as armas do Cavalleiro, que fortes eraõ, mas ainda lhe fez huma grande ferida, de maneira, que não se podendo soste com a dor, cahio em terra. Belifonte se apartou entã a huma parte, e estando-se concertando na sella, vio sahir da tenda o outro, com que se elle mais desejava combater, o qual vinha emcima de hum cavallo alazaõ mui fermoso, e trazia humas armas de roxo apertado, picadas com lagrimas de prata, e hum escudo do mesmo roxo; e no meio huma alma em chamas de fogo : e vinha taõ oposto, que Belifonte folgou de o ver, mas não

que perdesse a sanha, que delle tinha, por tão mal obrar naquella passagem com os caminhanes. O Cavalleiro da tenda, tanto que chegou a elle disse: Convém, Cavalleiro, pois provastes justa com meu companheiro, que tambem o façaes comigo: ainda que não quizera, que em tal tempo fora, por não dizerdes, que vos tomo já cansado: porém eu creio, segundo vós fermosamente o tendes feito, que não tereis muita força perdida, mas pois folgastes de aceitar este partido, não faço muito erro contra vós. São tão máos vossos partidos, respondeo Belifonte, que me haveria por peor aventurado, se nelles concedesse, e de vós tenho mais razão de me aggravar, que de vosso companheiro, pois sois causa de se tanta descortesia aqui fazer, e pesame porque não posso escusar a batalha das espadas, porque se lança tivera, mais contentamento nisso levará. Por saberdes, disse o da tenda, quanto melhor uso com os Cavalleiros andantes, do que me julgaes, tomai esta minha, e eu mandarei por outra. Belifonte lho teve em mercê, mas não lha quiz aceitar, té que lhe trouxeraõ outra da tenda. E entãõ

moveraõ hum contra o outro ao maior correr dos cavallos, e como o Cavalleiro da tenda era mui esforçado, quebrou em Belifonte sua lança, mas naõ que o podesse mover da sella, o qual encontro Belifonte sentio gravemente, como aquelle, que ainda naõ topara Cavalleiro de tanta bondade, mas o seu encontro naõ foi de menos força, porque o lançou pelas ancas do cavallo: e como o Cavalleiro da tenda se vio em terra, levando as redeas na maõ, tornou-se a pôr na sella taõ solto, que virando Belifonte sobre elle, achou que o estava já esperando com a espada na maõ cuberto mui bem de seu escudo, do que ficou espantado, mui contente delle, vendo a desenvoltura, com que aquillo fizera, e pesou-lhe de virem a batalha das espadas, mas naõ na podendo escusar, com mui esforçado animo arrancou da sua, e começaraõ de se ferir com tanta crueza, que a gente da tenda se espantava, como taõ pesados golpes suas carnes podiaõ soffrer. O Cavalleiro da tenda, porque estimava muito a Belifonte, apressava a batalha por se sentir mui fraco de huma ferida, que pela cabeça trazia, e remeteo a el-

le, cuidando de o arrancar da sella, mas por mais que nisso trabalhou, nunca o pôde mover. Belifonte quando o vio taõ junto de si, travou-lhe pelo brocal do escudo, e pôs as pernas ao cavallo, mas achou as correas taõ fortes, e seu contrario de tanta força, que foraõ juntamente ambos a terra, taõ pegados hum no outro, que andaraõ assi grande pedaço, té que se apartaraõ. E desdahi tornando á sua batalha, começaraõ a romper suas carnes, estimandõ mais a victoria, que a saude dellas. Porém o Cavalleiro da tenda, por causa do sangue, que lhe da ferida sahia, andava taõ fraco, que naõ se podendo soste nas pernas, cahio aos pés de Belifonte: e vendo elle que por fallecimento de forças, mais que por outra alguma covardia, estava vencido; começou de lhe tirar o elmo, por ver se era morto. E estando com esta paixã de quem a naõ tinha d'elle quando o feria; começaraõ a descer da tenda dez, ou doze escudeiros, e antre todos hum donzel ricamente ataviado, o qual chegando onde Belifonte sobre o Cavalleiro estava, disse: Senhor Cavalleiro, huma mercê queria de vós,

que he a vida desse que a vossos pés está : e ainda que o eu não mereço, vossa cortesia me obriga a ousarvolo pedir. Certo, fermoso donzel, respondeo elle, com morte de tal Cavalleiro a todos devia pesar, por quanta bondade nelle ha ; mas muito mais me pesa, por se empregar onde tão pouca honra, com estorvo dos caminhantes, ganha ; pois pera maiores obras he conveniente. Senhor, respondeo o donzel, todas as cousas se fazem pera algum fim : e bem creio, que sabendo vós porque o este Cavalleiro faz, que o disculpareis da culpa, que lhe daes, porque quem não teve esta cortesia com o seu sangue, por satisfazer ao amor, menos o deve ter com os Estrangeiros, principalmente com aquelles que lhe tanta honra deraõ, se os vencera. Ainda que Belifonte estas palavras ouvio, não nas entendeo, porém teve o donzel por tão avisado, como fermoso : e assi mandou a hum dos escudeiros, que com elle vinhaõ, que lavasse os olhos ao Cavalleiro, porque mais estava cego, e fraco com sangue, que lhe sahia, que por as feridas serem mortaes ; pois não tinha outra de maior perigo, que huma da cabe-

ça, a qual tanto que foi apertada, cobrando o Cavalleiro suas forças, levantou os olhos, dizendo: O' fortuna, pera que me favoreceste sempre em minhas cousas, pois agora no fim dellas, em que algum descanso esperava ter, me tinhas esta magoa guardada. Os escudeiros o tomaraõ entaõ, e levaraõ-no á tenda donde sahira: Belifonte, porque desejava saber quem elle era, deteve-se hum pouco com o donzel, perguntando-lhe, o porque guardava aquelle passo. Senhor, respondeo o donzel, elle ha nome Asquilante, he primo del-Rei Adriano, e ha muito tempo, que anda nesta terra, onde tem feito muitas batalhas, e visto o fim dellas com grande honra sua: e continuando a Corte del-Rei de França, ante algumas damas, que em casa da Rainha andaõ, he a filha do Duque de Saboia, que he huma das mais fermosas mulheres deste Reino: e assi como o amor vence todas as cousas, venceu o coração deste Asquilante, pera que a amasse, e naõ sómente, a elle, mas a Priamor Principe de Normandia, e ella vende-se igualmente d'ambos servida, e que cada hum por sua pessoa,

e linhagem valia muito; disse, que aquelle, que em armas por ella mais fizesse, esse aceitaria por marido, com tal, que ambos se não combatessem hum com outro, mas que fossem guardar algum passo, e alli estivessem tres mezes cada hum com seu companheiro, que os ajudasse nos primeiros encontros, e que com todos Cavalleiros, que por alli passassem, se haviaõ de combater, e aos vencidos, em sinal de seu vencimento, lhes tomassem o escudo, e no brocal delle o fizessem assinar, chamando-se vencido do vencido de Cademia (porq̃ assi ha ella nome) e se trouxesse alguma donzella consigo, lhe tomassem juramento, que se fosse apresentar diante della, por ver se lhe tinha vantaje em sua fermosura. E sendo caso, que algum delles neste tempo fosse vencido, não se podesse mais combater. Assi, Senhor, que esta he a causa, porque Asquilante ha dous mezes, e meio, que está aqui, onde ganhou aquella multidaõ de escudos, que vedes: e porque saibais quanta lealdade lhe tem; eu cheguei aqui ontem, que sou seu sobrinho, e vou pera a Corte del-Rei Claudio com tres Cavalleiros, que me acompanhaõ, e de-

pois de saber que tinhamos este parentesco, aquelle Cavalleiro que vencestes se combateo por seu mandado com os meus, do qual foraõ vencidos, sem elle pera isso ser necessario, e huma donzella, que acertou de vir em minha companhia, tambem manda que passe pela mesma lei: por tanto, Senhor, me parece, que o naõ deveis culpar, pois o amor o desculpa. Certamente, disse Belifonte, pesa-me por ter passado com elle algumas palavras, que naõ foraõ com tanto acatamento, como a pessoa de taõ alta linhagem convinhaõ: e pois isto por mim passou, pelo pouco conhecimento que delle tinha, peço-vos, fermoso donzel, que lhe peçais perdaõ de minha parte, e digais, que se algum nojo de mim recebeo, eu lhe prometo de o satisfazer no que me elle mandar, porque cousas del-Rei Adriano, eu seria os dias que vivesse descontente se de mim recebessem algum aggravo, quanto mais huma tal pessoa, como Asquilante. Senhor, respondeo o donzel, eu me vou á tenda com esse recado, peço-vos, que esperéis pela resposta, e naõ hajais isto por descortesia. Com estas palavras se despedio

delle, e d'ahi a hum pouco tornou dizendo : Senhor Cavalleiro, Asquilante vos pede muito por mercê, que repouseis esta noite em sua tenda, e que sómente fazendo isto por seu amor, ficará satisfeito do danno que de vós tem recebido. Vendo Belifonte, que com tanta vontade o queria agasalhar, foi-se com o donzel, e chegando á tenda, onde Asquilante no leito jazia, levantou-se, o melhor que pôde, sobre a cama dizendo : Senhor Cavalleiro, antes que vos peça perdaõ do que me vós culpaes, vos contarei o porque mantenho este costume, e entaõ julgai a verdade, e se vos toca alguma parte da dôr, que me atormenta, eu creio que concedeis no que faço, pois obrando o contrario, naõ alcançaria a quem meus olhos desejiõ ver, donde todas minhas forças dependem. Entaõ começou a contar com muito sentimento o que já ouvistes, e porque soubesse quanto o atormentava o amor, lhe disse, que aquelle donzel era seu sobrinho, filho del-Rei Adriano de Ungria, e que passando pera casa de seu avô a se armar Cavalleiro, sabendo tudo isto, mandara aquelle, que primeiro venceo, que se

combatesse com tres Cavalleiros, que o acompanhavaõ : isto sómente por estar á obediencia de quem o em tal estado pôs. Por tanto, Senhor, tenhaõ estas cousas tanta força, que me julgueis por mais verdadeiro amator, que mal ensinado Cavalleiro, e peço-vos, que esta noite folgueis aqui por ser o povoado mui longe, e o tempo curto pera nelle pousar. Belifonte, depois que aceitou o que lhe offerencia, tirou o elmo, porque entaõ, ainda que estava assentado, sempre o teve posto : e Asquilante cuidava que o fazia por naõ ser conhecido : e quando o vio taõ moço, que em seu parecer seria da idade de Dom Dinarte seu sobrinho, ficou muito mais triste, considerando ser delle vencido, e começou fortemente a suspirar. Belifonte, ainda que naõ sentia os cuidados de amor, sentio a paixã de Asquilante, parecendo-lhe, que os seus suspiros eraõ com lembranças de Cademia, porém juntamente com ella outro mal atormentava seu coração, que era ver-se vencido de taõ pequena idade, havendo grande tempo que seguia as armas, e por sua causa perdia a gloria de sua fama, e Cademia, que elle mais es-

timava, e com este cuidado não podia sostener a avonança dos suspiros, que lhe abafava a alma, e por algum tanto a descansar, leixava-os sahir. Belifonte, com paixão d'elle começou de lhe dizer: Senhor Asquilante, não me parece, que vos deveis deleitar tanto nas lembranças de Cademia, nem sentir o que tendes por ella passado, porque causará em vós maior mal do que perdeis no tempo, que não acabastes, e segundo eu vejo na multidão daquelles escudos, bem creio, que por muito que dois Cavalleiros em todo hum anno fação, não alcançaraõ o que vós com tanta honra neste pequeno espaço ganhastes, nem me parece, que Priamor em todo o seu chegará á terça parte, segundo a fama de vossas cousas tem vantajem nas suas: por isso peço-vos, que não trateis mal vossa vida com cuidados, que tanto atormentaõ, porque Deos vos dará o que desejais, como vos deu tanta parte em todas as cousas, e eu vos prometo, que tudo o que em mim for (se minha valia alguma cousa aproveitar) faça com tanta vontade, como eu espero. A este tempo chegou hum escudeiro de Asquilante, e disse, que tu-

do estava prestes, se quizessem cear. E desarmado Belifonte, depois que se cobrio com hum roupaõ de escarlate forrado de Martas, que Grioneza pera os taes tempos lhe déra; assentou-se junto do donzel, que Dom Dinarte se chamava. E estando assi todos, começou de se acender hum amor antrelles, sem sabermos quanta razão tinhaõ pera se amar. Dom Dinarte dizia em seu pensamento: O' quem fosse taõ ditoso, que podesse andar na companhia deste taõ bemaventurado Cavalleiro, vendo as cousas que com tanto esforço faz, pera usar das taes quando se nellas visse. Belifonte tambem estava contemplando na sua fermosura, e gentil disposiçaõ, que juntamente com o aviso tinha, segundo em suas palavras conheceo. E dizia, que se o Deos chegasse a idade perfeita, seriaõ nelle bem empregadas as armas: crendo, que de tal pai como elle tinha, naõ se podia menos fruto esperar: Desta maneira estavaõ estes dois irmãos antre aquelle tio, taõ fóra de suspeita da razão, que tinhaõ pera se mais perfeitamente amar: mas o pensamento de Asquilante era bem desviado do seu, lembrando-lhe seus males,

e como em taõ pequeno tempo em maior quantidade foraõ acrescentados. E sentindo Belifonte estas cousas havia-se por mal aventurado vir a parte onde tanta paixão dêsse. E levantados da mesa, Belifonte, e Dom Dinarte sahirã-se fóra da tenda por ver os escudos, que nos Alamos estavaõ, antre os quaes havia muitos, e bem lavrados, com fermosas, e frescas divisas. E estando assi, chegou a elles huma donzella mui apressada, e disse: Fermosos donzeis, acharia aqui algum Cavalleiro, que me salvasse a vida d'outro, que a mãos de hum diabo está perecendo. Belifonte, vendo, que delle tinha necessidade, armou-se mui á pressa, e disse á donzella, que o encaminhasse. Senhor Cavalleiro, respondeo ella, pois que o sois, naõ me parece vossa idade pera taes perigos, por tanto levai com vosco alguns, que vos ajudem, e se o assi naõ fazeis, eu me vejo mais descontente do que agora estou, pois serei causa da vossa morte. Quando lhe Belifonte ouvio tanto encarecer este caso, cresceo-lhe mais o desejo de se ver naquelle perigo, e deu das esporas ao cavallo, dizendo-lhe, que o encaminhas-

se, porque mais valia o favor divino, que o ajuntamento de muitos Cavalleiros.

CAPITULO XV.

Do que aconteceu a Belifonte neste caminho.

Carfel, como vio partir Belifonte, disse a Filena, que ficasse na tenda de Asquilante, porque não podiaõ muito tardar. E dando da vara ao palafrem, começou de o seguir, que já desaparecia, té que o alcançou em huma assomada: e no mais baixo do Valle andavaõ dois Cavalleiros combatendo-se mui bravamente, ainda que com difficuldade se podiaõ ver, por ser já mais horas de repousar, e dormir, que em tal perigo entrar. A donzella disse entaõ a Belifonte: Vedes senhor aquelle Cavalleiro, que anda da parte contra nós, pois a elle quero eu livre das mãos daquelle diabo, que o maltratado traz. Belifonte, como lhe isto ouviu, começou de correr pela cósta abaixo, e chegou onde se os dois combatiaõ, a tempo que o Cavalleiro da

donzella andava mui maltratado, com as armas, e carnes por muitas partes desfeitas, e o outro era hum Gigante de mui descompassada grandeza. E certo, se o Cavalleiro, que se com elle combatia naõ fora taõ esforçado, por ventura aos primeiros dois golpes do Gigante fencera, mas como era neste exercicio mui usado, combatia-se animosamente. Belifonte se chegou a elles, dizendo: Senhores, eu vos vejo andar taõ maltratados, que folgaria de saber a causa de vossa contenda, porque se por outra via se poder remediar, será bem que se faça, e naõ com tanta crueza, e estrago de vossas carnes. Muito mais cruas te parecerão minhas mãos, disse o Gigante, pois me estorvaste de tomar vingança deste, do que te agora parecem, estando livre dellas. Naõ te póde a ti o diabo dar, respondeo Belifonte, tanto poder, por maior servidor que sejas seu, que ellas obrem em meu danno, pois tenho melhor valedor do que te elle será. E nesta detença de palavras, que ambos fizeraõ, esfriou-se tanto o outro Cavalleiro, que cahio amortecido com desfallecimento do sangue, que se lhe fora. Quando Be-

lifonte o vio jazer , apertou a lança na reste , e encontrou o Gigante com tanta força , que lhe quebrou as silhas do cavallo : e por se soste levou as redeas na mão , com que o fez tanto empinar , que cahio sobre elle. Belifonte depois que concertou o elmo do grande encontro , que lhe o Gigante deu , com huma lança nova que tomou , saltou do cavallo em terra , e antes que se o Gigante movesse , deu-lhe dois golpes taõ apressados , que o fez ajoelhar. O Gigante se levantou logo o melhor que pôde , e começou de o ferir taõ aspero , que a carne o sentia gravemente. E andando assi com tanta crueza tratando hum a outro , alcançou Belifonte a mão do Gigante em descuberto , e foi de tanta força , que lha cerceou. Quando se elle vio aleijado , lançou o escudo fóra , e passou a espada á outra mão que taõ desenvolta tinha como a direita , e remeteo a Belifonte com huma braveza bestial , crendo que com aquelle golpe o fenderia , segundo a sua espada cortava , mas Belifonte conhecendo que vinha perdido , desviou-se d'elle , e com a força , que o Gigante trazia , deu comsigo de bruços em hum ajunta-

mento de pedras, de que ficou taõ atormentado, que senaõ pôde quasi mover, e antes que mais entrasse em acordo, saltou Belifonte sobre elle; e juntamente com o elmo, que mui grande, e pesado era, lhe cortou a cabeça, e olhando pelo outro Cavalleiro, que o tinha a donzella nos braços, o qual com o desfallecimento do sangue, parecia de todo trespassado, Belifonte o tomou entaõ por hum braço, dizendo: Cavalleiro, naõ temais perigo, que prazendo a Nosso Senhor, elle vos guardará com tal ajuda qual a tendes nesta donzella, que tanto vossa vida estima: por isso esforçai, naõ desfalleçaõ agora aquellas forças, que bem pouco ha taes obras fizeraõ. Estando neste trabalho com elle, chegou D. Dinarte com seus escudeiros á maior pressa do mundo, que vinha ver o que lhe nesta aventura succedia. E vendo diante de si morto hum corpo de tamanha grandeza, por mãos de Belifonte, dizia-lhe mil louvores, chamando-lhe bemaventurado Cavalleiro, e outras cousas, em que mostrava o amor que lhe tinha. Belifonte pelo desviar destas palavras, pedio-lhe, que mandasse levar aquelle

Cavalleiro á tenda de seu tio, porque estava mui fraco, e seria gram mal, á min-goia de alguma cousa, perder-se tal pessoa. O donzel como não tinha o coração menos piadoso que elle, mandou logo aos seus escudeiros, que o levassem. E seguindo todos o caminho da tenda de Asquilante, a horas que a luz da Lua tirava parte da escuridade da noite; começou a donzella a contar a Belifonte, como aquelle Cavalleiro se chamava Comantino Hiroso, e que era de casa do Emperador de Constantinopla: e vindo com ella pera lhe dar vingança de hum Cavalleiro, que lhe matara seu pai, topou aquelle Gigante no caminho, e porque não quiz obedecer a huma arvore, com que o Gigante dizia que andava d'amores, se combateo com elle, té que o pôs em tal estado. Com estas, e outras palavras foraõ gastando o caminho té chegarem á tenda, onde Asquilante os recebeu com muito prazer, ainda que naquelle tempo pouco entrava em seu coração: porém forçou a vontade, mostrando alvoroço alegre pela victoria de Belifonte, e tambem por causa de Comantino Hiroso, que era grande seu

amigo, e tinhaõ ambos muito tempo seguido as aventuras, e hum com ajuda do outro feito taes obras, que por muitas partes eraõ conhecidos. E chamava-se Hiroso, porque ao tempo que com alguma causa estava agastado, era taõ impaciente, que naõ leixava de fazer, ou dizer qual quer cousa a que a ira o levava. Asquilante vendo-o taõ mortalmente ferido, mandou a Bretulo seu escudeiro, que o curasse com tanto resguardo, como a sua propria vida, pois sabia a razaõ, que ambos tinhaõ de se perfeitamente amar. E curado elle, e deshi Belifonte de huma ferida, que no hombro esquerdo na batalha do Gigante houvera, repousaraõ aquella noite do trabalho do dia. Porém o sonno dava o descanso a Asquilante que tem aquelles, a que o cuidado lho faz perder.

CAPITULO XVI.

Da batalha, que Belifonte com Priamor houve, e do recebimento, que El-Rei Claudio a Dom Dinarte seu neto fez.

Vai proseguindo a nossa historia, que huma tarde graciosa, andando ElRei Claudio pelo campo, vio sair da floresta, que junto da Cidade de Molesta estava, hum Cavalleiro taõ fraco, e cansado, que escassamente se podia na sella soste'r, e de traz delle vinha o seu escudeiro com dous cavalios a destro atados hum no outro. O Cavalleiro, quando soube que alli andava ElRei, foi-lhe beijar as mãos com muito acatamento dizendo: Senhor eu venho com recado de hum Cavalleiro pera a Rainha, e se o Vossa Alteza quer saber, seja diante della, porque assi me foi mandado. ElRei com desejo de o ouvir, tornou-se á Cidade, e foi-se ao aposentamento da Rainha. O Cavalleiro, tanto que se vio diante della, começou de lhe pedir perdaõ por hum desserviço, que lhe tinha feito, di-

zendo, que nos coraçoens Reaes de muito maior louvor era a piedade, que a rigorosa justiça, ainda que assaz pena sentira em penitencia do que tinha feito, porém que se não acabava senão publicando diante de sua Real pessoa o erro, que contra suas cousas cometera. E então começou a contar o que passara com Targeta, e a batalha, que elle, e seus companheiros com Belifonte houverão, e que de sua parte se vinha apresentar diante de sua Magestade, e assi todas as outras cousas, que lhe mandára fazer, como atraz ouvistes. Mui espantado ficou ElRei, e a Rainha, não sabendo quem seria aquelle Cavalleiro, que taes cousas por seu serviço obrava, e depois que sobre isso estiverão fallando, despedio a Rainha a Orgasto, dando-lhe por pena o conhecimento que de sua maldade tinha. E leixando a elles, tornemos a Belifonte, que esteve seis dias com Asquilante por não estar pera o caminho disposto, mas depois que a chaga lhe deu pera isso lugar, despedio-se d'elle, e de Dom Dinarte com muito amor, e tornou a seguir sua via. E continuando suas jornadas, indo mui pensativo nas cousas de

sua vida, e de quam pouco conhecimen-
to de seus parentes tinha, achou hum
Cavalleiro sem lança, e escudo, que vi-
nhá gravemente gemendo emcima de hum
cavallo murzelo. Belifonte se chegou a
elle, e disse: Parece-me, Senhor, que
ides hum pouco maltratado, e vede se
vos he necessario alguma cousa, porque
certo eu o farei de mui boa vontade. O
Cavalleiro lhe respondeo, dizendo: Se
vós fordes mais adiante, eu creio, que
sentireis em vossas carnes minha dor, por
tanto hi muito embora, que a mezinha
de que tenho necessidade não na espero
achar em vós, pois maiores forças que
as vossas, me são necessarias para tomar
vingança. Por ventura, disse Belifonte,
vola dera eu, tendo vós causa, que eu
com isso forças achara, mas pois dellas
desconfiaes, idevos embora, e veremos
se lá adiante acharei mais graça da que
comvosco levae. E despedindo-se delle,
seguiu seu caminho, e antes de meia le-
goa á entrada de hum valle, que tinha
o passo mui estreito por causa de duas
serras mui altas, que o fechavaõ, vio es-
tar dous Cavalleiros lançados á sombra
de huns freixos, e pelo que lhe Asqui-

lante tinha dito conheceo, que era Priamor, e seu primo, e com tudo não deixou de caminhar seu passo cheio esperando que o cometessem. Elles, tanto que o viraõ, levantou-se o primo de Priamor, e pondo-se a cavallo veio a elle dizendo: Convém Cavalleiro, que antes de passardes o valle passeis pela obediencia do Senhor que o guarda, fazendo o que vos elle mandar, e se isto não quizerdes por vossa vontade, será por força d'outrem. Em caso donde força entrar, respondeo Belifonte, nunca Deos queira que eu consinta, por isso quem me tolher meu caminho espere que o não heide sofrer: e começou a andar por diante. O primo de Priamor abaixou entãõ sua lança, parecendo-lhe que d'aquelle encontro ficaria satisfeito, mas não foi de tanto danno, que maior não recebeo, porque o lançou Belifonte por cima das ancas do cavallo taõ levemente, que commoveo a se levantar Priamor, e com grande ira cavalgando em seu cavallo tomou huma lança pelo vingar, mas d'outra maneira lhe succedeo, porque Belifonte lhe tinha melhor vontade, que a seu primo, sabendo que nisso em alguma maneira satisfazia ao

nojo de Asquilante. E com este desejo correo contra elle, que vinha á redea solta. E como os cavallos hiaõ de grande força, e os Cavalleiros naõ na tinha pouca, deraõ-se taõ fortes encontros, que as lanças se fizeraõ em raxas. Porém o ferro da de Belifonte com hum pequeno do troço ficou metido no corpo de Priamor, e segundo o maltratou, senaõ fora de tanto esforço com aquelle só encontro se despedira Belifonte, mas Priamor com tudo isso naõ leixou, nem perdeu hum ponto do que em tal caso havia de fazer: porque com muito animo arrancou de sua espada, começando a ferir apressadamente por onde podia alcançar a Belifonte. E elle vendo que tinha anojado a Asquilante, e que o remedio de sua tristeza estava nesta batalha, naõ queria poupar seu inimigo, antes trabalhava em seu danno, e com esta vontade, que lhe trazia, deu-lhe hum golpe de tanta força, que naõ se podendo Priamor soste na sella, abraçou-se com o pescoco do cavallo. E tornando-se a concertar, travou-lhe Belifonte taõ rijo pelo braço, que deu com elle em terra de maneira, que ficou quasi tolhido sem se

poder levantar. E estando em pressa de o fazer, saltou Belifonte sobre elle, e arrancou-lhe o elmo, dizendo: Cavalleiro, convém que vos outorgueis por vencido, pois vossas forças vos não podem defender. Muitos dias ha, respondeo elle, que o sou de quem me a isto fez chegar. Porém bem vejo, que em vossas mãos está a minha vida, ou morte: e qual quizerdes me dai, porque tanto contentamento espero já agora de ter com huma, como com outra. Belifonte, quando lhe ouviu estas palavras, houve piedade delle, e disse: Prometei-me de fazer huma cousa, que não he deshonra vossa, e eu vos darei a vida, que será bem empregada em vós, porque bom Cavalleiro sois. Já não posso fazer alguma, disse Priamor, que me tão caro seja, como ver-me em tal estado (bem mal agradecido de quem me nelle pôs). Porém tal pôde ser, que antes aceitarei a morte, que nella conceder. Belifonte lhe perguntou entãõ a causa, porque alli estava, assi como se a não soubera. E depois que lha Priamor contou, disse-lhe Belifonte: O que eu quero, e vos peço, he, que tomando todos os escudos,

que tendes ganhado, vades á Corte del-Rei de França, e me espereis nella té eu ser presente, que será com ajuda de Deos mui cedo. Naõ creais, disse Priamor, que he essa promessa pera mim de pouca dor: porém eu o farei, pois minha ventura quiz, que nunca minha vontade faça. Belifonte lhe tornou a responder com palavras de muita cortesia, e d'hi partindo-se delle foi seu caminho. Ao qual nós agora deixando, tornemos a Dom Dinar-te, que despedido de Asquilante seu tio, e de Comantino Hiroso, que ainda ficava maltratado, tanto andou por suas jornadas, que aos quinze dias chegou á Cidade de Molesta, onde seu avô Claudio estava, que o recebeo mui amorosamente, como aquelle, que lhe muito queria, por ser o primeiro fruto, que de sua Briaina vio. E sabendo a causa de sua vinda, beijava-o muitas vezes nas faces, dizendo: Bem te pareces áquelle grandissimo animo de teu pai, pois já o coração te commove a taõ grande trabalho, como he o das armas: E outras palavras de naõ menos amor. E assi com elle sobraçado, se foi á Rainha, que ficou fóra de seu sentido parecendo-lhe, que ti-

nha diante sua filha Briaina (taõ conformes eraõ nas feçoens a mãi, e o filho.) E estando neste prazer com seu neto, entrou pela camera a donzella Targeta, a qual depois que deu o recado, que da Rainha Briaina trazia contou tudo o que lhe acontecera com os tres Cavalleiros : e o que a livrara havia nome Belifonte, e isto soubera de huma donzella sua colaça, e que era taõ moço, e gentilhomem como esforçado, e cortez, segundo suas obras mostravaõ. ElRei disse entaõ á Rainha, como aquelle era o donzel, que lhe tinha dito que armara Cavalleiro, por causa do qual tantas cousas passara, e por amor de seu neto tornou-as outra vez a contar. Isso, Senhor, respondeo ella, bem maravilhoso he : porém se o Vossa Alteza vira no que o eu vi, em maior conta o tivera : e entaõ contou tudo o que com Asquilante passou, e depois com o Gigante Armante, Senhor do Castello Enganoso. Certamente, disse ElRei, grandes cousas lhe tem Deos promettido, e já me parece, que esses principios saõ bons sinaes pera a esperanza, que delle temos : de Asquilante me espanto seguir o que Cademia di-

zia zombando, porém aos homens namorados a causa que os vence os desculpa. Elle será aqui mui cedo, disse Dom Dinarte, porque assi ficou concertado entre elle, e Belifonte. Eu folgaria, respondeo ElRei, de o ver nesta terra pela mingoa que nos faz, e tambem por ser fóra de tamanho perigo como esse, em que está, não sabendo as bondades dos Cavalleiros andantes arriscarse a perder a vida por cousa de tão pouca sustancia. Senhor, disse Dom Dinarte, não se perde ella onde se honra ganha, e eu creio que Vossa Alteza haverá por bem empregado o tempo, que alli gastou vendo o que nelle tem ganhado. Fazeis bem de o desculpar, respondeo ElRei, pela parte que vos toca. Nestas, e n'outras cousas de muito folgar esteve ElRei, e a Rainha com seu neto, prometendo-lhe como do caminho descansasse, o que desejava. E despedindo-se ElRei da Rainha, ficou Dom Dinarte com ella, e com seus tios Belisanda, e Fendibal, que eraõ mais moços que a Rainha Briaina, e este Fendibal seria da idade de Dom Dinarte. E porque a Rainha sua madre o não consentia, leixava de ser feito Ca-

valleiro, tendo nisso trabalhado com seu pai. Porém vendo que Dom Dinarte vinha a isso, teve esperança, que lho não negaria, com que andava tão contente, que logo se enxergava o prazer, que no coração tinha. Porque tão difficil he possello encobrir, como o cuidado, que muito atormenta.

C A P I T U L O XVII.

Como partido Belifonte de Priamor foi huma noite dormir em huns edificios, e do que lhe aconteeo com dous Cavalheiros, que tambem ahi pousaraõ.

De pois que Belifonte se partio de Priamor, tornou a seu caminho com determinação de não ir á Corte del-Rei Claudio tão cedo, como tinha prometido a Asquilante, senão depois que fizesse algum serviço a ElRei, por onde lhe pagasse parte de quanta honra, e mercê delle tinha recebido. E sua ventura, como em todas cousas lhe era mais favoravel do que elle desejava, trouxe-o a lugar onde fizesse o que ouvireis, porque aos seis dias, que se de Priamor par-

tio, levava o cavallo taõ cansado, e assi os palafrens de Carfel, e Filena, que lhe conveio repousar aquella noite em huns edificios antigos, que á borda do caminho estavaõ. E em quanto Carfel meteo os cavallos em outras casas, que apartadas d'aquellas estavaõ, depois que ceou encostou-se Belifonte sobre aquella verde erva. E estando já traspassado do sono, e Carfel, e Filena fallando mui passo, sentiraõ entrar dous Cavalleiros em outro repartimento dos edificios, e depois que tambem cearaõ disse hum delles a hum seu escudeiro : Vem cá Bretil, como ceares torna a cavalgar, e vai-te diante á Cidade, e se ElRei sair á caça venhos buscar na fralda da Floresta d'arvore Real, que junto della está, e naõ venhas senaõ com recado certo donde vai, e a gente que leva, e dê todas as cousas que delle souberes resguarda mui bem na memoria pera nos dar conta dellas. E acabando estas palavras, disse contra o outro Cavalleiro. Parece-me, Senhor, que se nos agora naõ vingarmos delle, que nunca o faremos : Porém huma mercê me haveis de fazer, que me leixeis dar o primeiro encontro, e eu vos pro-

meto de ser o derradeiro, e entretanto defendei-me o campo d'alguem, se lhe acudir. Todas estas cousas Carfel, e sua irmãa ouviaõ, e por naõ saber o que se d'alli ordenava, leixaraõ-se dormir, parecendo-lhe, que tambem as ouvira Belifonte. Os Cavalleiros, como quem naõ dormia cuidando na treição, que tinhaõ feita; antes que amanhecesse começaraõ a caminhar. Belifonte depois que foraõ horas tambem fez outro tanto, e tendo já huma legua andada por onde os outros vieraõ, disse Carfel: Dormieis, Senhor, quando os dous Cavalleiros entraraõ onde nós esta noite pousamos? Como, respondeo elle, algum chegou ahi? Mas pousaraõ, disse Carfel. Entaõ lhe contou quanto fizeraõ, e disseraõ. Quando Belifonte ouvio taes novas começou a bradar com Carfel, dizendo, porque o naõ chamavaõ. Certo, respondeo elle, sempre minha irmãa, e eu cuidámos que estaveis esperto, e por isso nos callamos. Eu tenho disso a culpa, disse elle, pois naõ aproveito mais que pera dormir, porém eu pagarei a pena, que por isso mereço em naõ descansar té me com elles ver. E tornando a virar as redeas por

onde vio a trilha dos Cavalleiros, tres dias andou sem os poder alcançar, perguntando por elles a quem quer que achava, e com o trabalho, que dava ao cavallo naõ no podia levar hum passo adiante : de que Belifonte hia taõ agastado, que naõ se sabia remediar, e se lhe entaõ puseraõ o senhorio do mundo diante, ou hum cavallo, tudo leixara por se ver em outro melhor que o seu. E indo assi dando-lhe mil esporadas, chegou a elle hum Cavalleiro, e quando vio que o tratava mal, disse em tom de zombaria : Parece-me, gentil Senhor, que ereis bom pera tecelam, pois tam bem daes aos calcanhares : e essa donzella tambem cuido, que mais he emprestada, do que póde ser de vós defendida, aldemenos em quanto fordes nesse coitado, que mais estimara essa verde erva que vossa conversação. Belifonte como hia apaixonado encendeo-se contra elle por fallar taõ descortez, e disse : Certo, ainda que foreis melhor ensinado naõ despontáreis com isso a lança, mas porque saibaes quam bom official sou do officio, que dizeis, e se a donzella vai mal guardada, farei comvosco hum partido, que se me der-

ribardes do primeiro encontro, deste, que tão fraco vedes, me vá a pé, e a donzella fique por vossa, e se vós desse folgado cairdes, que seja meu: e faço este partido pela necessidade que tenho, e eu vos prometo, se o ganhar, outro tão bom como elle em qualquer tempo, que mo pedirdes. Por peça tão ruim, respondeo elle, como he huma das que no partido pondes, não no accito, mas pela donzella, que me parece bem, e sei que será do primeiro que topardes, quero que vá desta vez comigo. Belifonte, ainda que o cavallo estava tão fraco, que escassamente se podia mover, pos-lhe as pernas tão de supito, que o fez sair mui rijo, e com o grande nojo, que do Cavalleiro tinha, encontrou-o nos peitos de tanta força, que lhe falseou as armas, e deu com elle pelas ancas do cavallo em terra, e como hia com o pescoço pera baixo, ficou tão quebrantado, que nunca se mais pôde mover: Em maneira que Belifonte creio, que ficava morto, do que lhe pesou: porém de tudo era merecedor, e por isso não leixou de lhe tomar o cavallo, que era fouveiro mui fermoso, e leixando-lhe o seu cansado, dis-

se a Carfel : Porque me não podereis aturar tu, e tua irmãa, vindevos á Cidade de Molesta, e se souberdes que entro nella, entrai vós-outros. E acabando estas palavras tomou hum trote apressado por alcançar os dous Cavalleiros, que já a este tempo tinhaõ sabido do escudeiro que mandaraõ, como ElRei era a monte, e que não levava mais que doze monteiros, e alguns fidalgos vestidos em saios de montaria, e com as armas que pera os taes tempos lhe eraõ necessarias. Belifonte com o cuidado que levava, e com danno do cavallo chegou sobre hum cabeço, que descubria a Cidade de Molesta : e quando se taõ perto vio, porque não sabia onde a floresta d'arvore Real era, começou a olhar em torno, e vendo por antre as arvores hum campanario de huma Hermida, que perto d'alli estava, correo contra ella : e chegando á porta achou hum Hermiraõ, que estava rezando por huns grossos bugalhos, e depois que fez oração na Hermida, perguntou-lhe como se chamava aquella floresta : d'arvore Real respondeo elle, e se por ventura his fallar a ElRei Claudio, creio que nella o achareis andar a mon-

te, porque menos haverá de meia hora, que chegaraõ aqui dous homens a beber d'agoa, e me disseraõ, que andava alli. Belifonte com estas taõ boas novas tomando a bençaõ do Hermitaõ, despedio-se delle, e da maior altura de hum outeiro vio que do outro que estava defronte se leixavaõ os dous Cavalleiros contra o valle correr, como que tinhaõ visto a ElRei. E isto era assi, porque andava com hum porco desviado de todos, sómente com tres monteiros, e com desejo de o ferir andava taõ occupado, que nunca vio os dous Cavalleiros, senaõ quando sobrelle começaraõ a dizer: Ah falso Rei! aqui perderás a vida, pois a tiraste a quem com mais razãõ de vera viver. ElRei quando os ouviu, virou o rosto, dizendo: Certo, com mais verdade vos posso eu esse nome chamar, pois por traiçaõ me tomais, e com estas palavras começou de terciar a lança de monte pera se defender em quanto podesse. Os monteiros vendo seu Rei, e Senhor, daquella maneira, e seus inimigos taõ ferozes contra elle, determinaraõ perder as vidas por ampara: a sua, e puseraõ-se diante pera receber os

encontros : porém os Cavalleiros fizeraõ pouca conta delles , porque derribaraõ logo dous, e tornando-se sobre ElRei aquella que tinha dito ao outro, que lhe desse o primeiro encontro , deu-lhe hum com tanta força , e vontade, que cuidou ser o derradeiro , como elle prometera : mas Deos d'outra maneira o tinha ordenado , que foi o encontro em soslaio , e rompeo sómente os vestidos té chegar á carne, sem fazer mais que hum sinal córado por onde o ferro passara , e com a força do tal encontro cahio ElRei em terra. Quando Belifonte, que a este tempo chegava, o vio jazer , crendo que era ferido, encontrou, com a força que pela ladeira trazia , ao primeiro, que diante achou , de maneira , que lhe atravessou a lança pelos peitos , e sem mais fallar ficou assim espetado. E naõ parando neste , virou sobre o outro , arrancando d'aquella boa espada , que lhe ElRei déra : e começou de o ferir, como aquelle, que em taes tempos queria mostrar pera quanto era. O Cavalleiro sentindo, que os golpes de Belifonte eraõ taõ apressados , que de hum a outro naõ havia tempo , e nelles estava o fim de seus

dias, segundo eraõ mortaes, encontrou com os peitos do seu cavallo ao de Belifonte, que já taõ cansado vinha como o outro, de maneira, q̃ deu com elle em terra. Belifonte ainda que levou huma perna debaixo, levantou-se como se nada sentira, e antes que isto fizesse, ferio-o taõ rijo o Cavalleiro, que tinha já as armas por muitas partes desfeitas, mas naõ tardou muito o retorno, que lhe disse deu; porque vindo elle pera o atropelar, desviou-se Belifonte, e cortou-lhe as pernas do cavallo cerceas, e como hia correndo com força, lançou por cima das orelhas a seu senhor taõ longe, que cuidou Belifonte, que se naõ levantasse mais, mas o esforço, e ardidez, que tinha, o fez mui prestes erguer. Belifonte, quando assi o vio, começou de o ferir mui á pressa por o acabar, porém o Cavalleiro se igualou tanto com elle, que o naõ podia á sua vontade ferir, e Belifonte com furia lhe travou pelo brocal do escudo, taõ rijo, que o fez dar de fucinhos; e cahio de maneira sobre a sua propria espada, que elle mesmo se meteo nella. E vendo Belifonte, que era morto mais por desastre, que a suas mãos;

de vergonha do pouco que tinha feito , foi buscar o seu cavallo com intençãõ de se partir, parecendo-lhe ainda aquelle serviço pequeno pera se dar a conhecer com ElRei. E andando nesta pressa foi-se ElRei a elle, e tomou-o pelo braço , dizendo : Por minha fé , de quanto serviço me vós fizestes quero eu pagarvoolo com esta força de vos naõ leixar , té saber a quem tanto devo. Belifonte, ainda que nisto recebeo discontentamento ; por naõ ser mal ensinado, e mais contra quem elle tanto estimava , tirou o elmo, e disse : Quem vos este serviço fez he Belifonte feitura de vossas mãos Reaes , que nunca , por mais que viva satisfará a menor mercê , que de vós tem recebido. Quando ElRei o conheceo , lançou-lhe os braços no pescoço , dizendo : Certamente eu me acho ditoso em tal perigo , pois por elle vos alcancei nesta terra : e se vos conhecera ao tempo que chegastes , naõ estimara meus inimigos , segundo o defensor tinha em vós. E estando em estas razoens , chegaram os fidalgos , que andavaõ a monte , os quaes tinhaõ sabido por hum dos monteiros , que foi dar nova do perigo em que El-

Rei estava : e não sómente se soube no monte, mas correo á Cidade, e fez tão grande revolta, que quasi toda se despejou, vindo cada hum com as armas, que mais prestes achava. Fendibal, e D. Dinarte a este tempo andavaõ ambos apartados, a quem melhor monteiro seria, e dando-lhe esta nova, vieraõ atravessando por hum bosque abaixo, e chegaram a matakavallo, a tempo, que já ElRei caminhava pera a Cidade, e Belifonte com elle : e como do trabalho hia afrontado, parecia tão gentilhomem, que todos se espantavaõ assi da sua mocidade, como da fermosura. Dom Dinarte quando chegou a elle, com grande alvoroço começou a dizer : Senhor, não posso deixar de ser mui contente, pois me Deos mostrou o que desejava, que era verem nesta terra cousas vossas, por serem testemunhas do que eu digo. E entã chamou seu primo Fendibal (porque assi se chamavaõ por causa das idades) e apresentou-lho, o qual lhe fez muita cortesia, offerecendo-lhe a vontade, e forças pera quantos dias tivesse, como aquelle que lhe tinha já muita devoçaõ. Belifonte lhe fallou tambem com muito acata-

nimento, sabendo quem era; e assi a Dom Dinarte, a quem não tinha pequena afecção, como já ouviste, e pondo-se entre elles julgavao-no por da sua idade, ainda que as armas lhe tinhao feito algumas nodoas, que o faziao mais córado. Desta maneira chegarao á Cidade acompanhados quasi de todo o povo, que a huma voz louvava Belifonte, e a quem o gerara, pois era amparo de tantos. A Rainha, e sua filha Belisanda, com todas as Damas sabendo como vinhao, sahirao-no a receber a huma grãa salla. El-Rei tomou entao pelo braço a Belifonte, dizendo contra a Rainha: Senhora, fizei muita honra a quem a merece, e vos tanto serviço faz. Belifonte se abaixou a ella com muita humildade pera lhe beijar as mãos, mas a Rainha o não consentio, antes o levantou, dizendo: Certamente, dias ha, que vos El-Rei meu Senhor nesta terra desejava, e agora vejo quanta razaõ pera isso tinha, ainda que já em outras cousas o tenho sentido: porém nesta d'agora o vejo mais claramente em pessoa em que tanto se aventurava a minha vida. A estas palayras chegou Belisanda, e como Belifonte ainda não

tinha visto taõ excellentes Princesas, ficou atonito da sua fermosura, mas naõ que a vontade o inclinasse a mais, que a hum amor honesto de irmãa : isto, porque Deos naõ consentia, que onde tal parentesco era se antremettesse outra af-feiçaõ, e mais, porque ainda lhe estava guardado onde havia d'aposentar sua liberdade, que taõ livre dos accidentes enamorados estava : porẽm depois que sua vista o entregou em outro poder, sentio todos os males, que amor ordena. Desta maneira, por tornar ao seu recebimento, foi Belifonte agasalhado em casa de seu avô, bem fóra desta presunçaõ, e aposentaraõ-no com Fendibal; onde foi taõ servido, como contente, vendo-se antre dous Principes, que o tanto amavaõ. E ao outro dia, estando pera ir á Missa, entrou a donzella Targeta, que Belifonte dos Cavalleiros livrara, e foi-o abraçar, dizendo : Ainda, Senhor, que alguns dias em terras estranhas fostes meu defensor, nesta, que he minha, o posso ser vossa : porque se lá havia aventuras de esforçados Cavalleiros, aqui as achareis de mui forçosas Damas, que mais pôdem com seus pareceres, que el-

les com todas as armas ; por tanto quero eu nesse caso valervos , que segundo já ouvi a Cademia filha do Duque de Saboia, creio, que não passareis diante della mui seguro. Muito folgava Dom Dinarte , e Fendibal com estas graças de Targeta. Belifonte lhe respondeo entãõ, que lhe pedia , pois se offerecia por sua defensora , que o fosse : porque em terras estranhas , estranhas cousas se achaõ.

C A P I T U L O XVIII.

Como Belifonte esteve alguns dias na Corte del-Rei Claudio, e por sua causa casou Cademia com Asquilante, e como Dom Dinarte, e Fendibal forãõ armados Cavalleiros.

Passadas estas cousas de tanto prazer antre estes Senhores , levaraõ a Belifonte , depois que jantaraõ , a casa da Rainha a ver as Damas , que eraõ mui gentis mulheres : antre as quaes havia filhas de Duques, Condes, e outros grandes Senhores do Reino de França ; a que melhor parecia depois de Belisanda era Cademia sobrinha del-Rei : e além de sua

fermosura, era taõ graciosa, e despejada, que acrescentava em seu parecer (porque esta graça he a que atrae os coraçõens dos homens, mais que huma seca perfeiçãõ de feiçoens.) E entrando estes taõ verdadeiros amigos onde a Rainha estava com todas as Damas, receberamos com muito amor: e depois que se asentaraõ, estando em pratica d'algumas cousas, disse Fendibal, que estava antre Belisanda, e Cademia: Senhor Belifonte, cá tendes huma demanda contra vós ordenada, porisso a desculpa vinde-a dar á Senhora Cademia. Belifonte como a ouviu nomear, entendeu porque o dizia, e chegou-se onde ella estava, dizendo: Ainda, Senhora, que a obediencia, que vos devo, naõ fizesse, como cheguei; o pequeno tempo, que pera isso tive, me salva d'alguma culpa, se ma quizerdes dar: digo isto, porque vossas cousas me tem taõ maltratado, que naõ posso negar ser vencido dellas, e eu por esse me nomeio (isto era porque, como ouvistes, todos vencidos de Asquilante, e Priamor, se chamavaõ vencidos do vencido de Cademia.) Saber eu o contrario, respondeo ella, me fazia, que o contrario

sentisse, mas agora que vejo o que não cria, queixarme-hei de mim, se me disse quizer queixar. E isto dizia, porque nunca cuidou, que Belifonte era tão gentilhomem, nem de tal conversação. Senhora, respondeo elle, se eu algum erro fiz, a satisfação seja o que vós ordenardes, porém hum só remedio acho á minha desculpa, que he o Senhor Fendibal, que me fará esta mercê, pois sou vosso, e seu. Assi tivesse elle, disse Dom Dinarte, alcançado huma cousa; como eu creio que vós tendes da Senhora Cade-mia cobrado esse perdaõ, segundo ella cá diz. Desta maneira estiveraõ estes Senhores praticando, té que ElRei chegou, e os levou comsigo a folgar ao campo. E andando todos por elle, viraõ vir dous Cavalleiros, e escudeiros com huma donzella, que os acompanhava. Belifonte, tanto que foraõ mais perto, conheceo Carfel seu escudeiro, que com sua irmãa vinha, e dos outros não pode conhecer algum, porque as armas eraõ todas negras, e o escudo da mesma côr, sem outro algum sinal: mas no cavallo de hum delles, que era alazaõ, lhe pareceo ser Asquilante, ainda que nas ar-

mas o desconhecia. E na verdade elle era, e trazia as armas daquella côr em sinal de tristeza pelo que tinha passado, e chegando diante del-Rei tirou o elmo, e foi-lhe beijar as mãos: ElRei quando o conheceo fez-lhe muito gasalhado, e ao outro Cavalleiro, que era Blandonir de Torbim seu sobrinho, e disse: Como quer que esta vinda seja, eu folgo tanto com ella, que não podia cousa vir, que me maior prazer dêsse, e creio, que muitos somos nesta ventade. Asquilante, como em alguma maneira entendeo que ElRei sabia parte de suas cousas, tornou-se hum pouco córado, e disse: Ainda, Senhor, que as obras não fossem presentes, onde quer que eu alguma fazia, todas se attribuiaõ a Vossa Alteza, como de quem tanta mercê tenho recebido. A estas palavras chegou Belifonte, e fallou-lhe com muita cortesia, e amor: e elle tambem não com menos o recebeu, ainda que estava suspenso não sabendo a causa de sua vinda taõ cedo áquella terra. ElRei quando os vio assi estar, disse contra Asquilante: Não tendes pouca razão pera amar esse Cavalleiro, pois de tanto trabalho vos tirou, e todos lhe so-

mos por isso em grande obrigação, porque se elle não fora, eu creio, que vossa vinda se dilatara mais alguns dias. Com estas cousas, e outras de tanto prazer chegaraõ á Cidade, e por amor de Belifonte, e de Dom Dinarte, foi Asquilante com elles aposentado: e não era sem causa fazerem-lhe tanta honra, porque além de o merecer por suas obras, era primo segundo del-Rei Adriano. E havendo já dois dias que alli estava chegou Priamor, que tambem vinha cumprir o que com Belifonte ficara. E como soube que era presente, e as cousas, que elle, e Asquilante passaraõ, foi-se á pousada de Fendibal, onde o achou. O qual o recebeu mui cortezmente, como quem elle era, e depois que o fez assentar junto de si, mostrando-lhe muito gasalhado, e amor, disse Priamor perante todos, que já era vindo alli por cumprir seu mandado, por tanto que visse o que del-le ordenava. Asquilante, e os outros, ainda que os não entendiaõ, logo lhes pareceo o que era. Belifonte respondeo entãõ ás palavras de Priamor, dizendo: Senhor, vós vindes do caminho cansado, e eu não estou em tempo pera responder,

será bem vades repousar, e deshi eu vos direi o que quero, que he servirdes-vos de mim, como de hum vosso amigo, e naõ inimigo, como vós por ventura cuidareis, e o mais fique pera mais de vagar. Partido Priamor delles, pedio Belifonte a Fendibal, que fossem a casa da Rainha por fallar hum pouco com Cademia, sobre aquelle caso. E entrando na sua camera, acharaõ a Belisanda, e Cademia com outras Damas, e a Rainha estava recolheita em hum Oratorio. Fendibal, e Dom Dinarte se assentaraõ entaõ com Belisanda, e Belifonte com Cademia. E vendo o tempo pera isso disposto, disse-lhe: ant'ontem, Senhora, chegou aqui Asquilante, e hoje Priamor, que por vosso mandado guardavaõ dous passos, onde vos tem feito tanto serviço, que o signal delle, que comsigo trazem, he verdadeira testemunha do que digo. O que passei com Asquilante, me aconteceu com Priamor quasi em hum tempo, eu lhe pedi, que ambos viessem a esta Corte com todolos escudos, que tinhaõ ganhado, por determinardes delles o que vos melhor parecer, pois por vosso mandado eraõ alli póstos. E pois, Senhora, ha-

veis de julgar o que vos cada hum té entaõ mereceo, peço-vos por mercê, que o olheis mui verdadeiramente, naõ lhe negando vossa palavra, e seu direito, e se minha valia alguma cousa ante vós val, se oferece pera servir qualquer mercê justa, que fizerdes. A causa, porque lhe Belifonte fallou taõ cerradamente sem lhe dar a entender, que tinha mais amor a Asquilante, que a Priamor, era por saber que por merecimento tinha della aquillo alcançado, se lho outra cousa naõ tirasse. Cademia lhe respondeo entaõ, dizendo: Como quer, Senhor, que sempre me paguei mais das cousas vencedoras que vencidas, com tudo farei o que me pedis, mais por fazer vossa vontade, que a minha: porque certo se houvera de obedecer ao que ella deseja, e em meu poder fora, bem desviado estava de meu pensamento antreimeter-me nesse cuidado, mas já vos digo, que tudo farei por vós serdes a causa, que a isso me demove. E depois de meu juizo determinar o que neste caso devo fazer, será asselado com vosso conselho, porque tenho sabido, que me ha de desenganar do que melhor me vier. Belifonte lhe beijou as mãos

por aquella vontade : e querendo-lhe responder sahio a Rainha donde estava : e depois que com ella estiveraõ hum pouco praticando, tornaraõ-se todos a seu aposentamento. E apartando Belifonte a Asquilante a huma parte, disse que lhe parecia bem mandar os escudos, que trouxera, a Cademia, porque já tinha com ella sobre isso passado algumas cousas, do que Asquilante ficou mui contente, parecendo-lhe, que onde Belifonte andava, toda virtude, e descanso seu se havia de ordenar, e beijou-lhe as mãos por isso mil vezes. E acabando Belifonte de fallar com elle, foi-se á pousada de Priamor, e disse-lhe outro tanto. Cademia quando lhe apresentaraõ todos os escudos, vendo a vantaje, que Asquilante naquella honra tinha, inclinou mais a vontade a elle, que a Priamor : e deu logo disso conta a Belifonte, pedindo-lhe conselho. E como elle naõ desejava mais, teve-lhe muito em mercê aquella, que a Asquilante fazia. E porque era necessario dar disso conta a ElRei, disse-lho Belifonte por consentimento della. ElRei lhe respondeo : Pois minha sobrinha, Belifonte, disso he contente, erro seria ne-

garvo-lo eu : por tanto faça-se, com tal, que em quanto o Duque for vivo não se vá Cademia de casa da Rainha por causa de minha filha, que não tem mais bem. Feito este casamento da maneira, que ElRei queria, leixando as cousas que nelle passaraõ, assi do contentamento de Asquilante, como das honras, que lhe foraõ feitas, foi-se Priamor a Belifonte, e pedio-lhe por mercê, que acabasse com elle, mandando-lhe o que havia de fazer, pois esta só causa o detinha alli. Senhor, disse Belifonte, vós bem sabeis, que todos trabalhamos neste mundo por ganhar honra, e segurar a vida, e porque na batalha que ambos houvemos, a minha esteve duvidosa, trabalhei na sua salvaçaõ, e quiz Deos que passei com Asquilante o que me aconteceu com vosco, quasi em hum tempo, por tanto não me ponhaes culpa senaõ alcançastes a Cademia, pois ambos juntamente a leixastes neste caso de servir. E pois Deos assi quiz, peço-vos, que o não sintaes em tanto extremo, que por ventura será pera mais contentamento vosso, porque ás vezes aquillo, que os homens muito desejaõ, depois que o alcançaõ se

converte em tamanho descontentamento seu, que com razaõ se póde isto tal, chamar destruiçaõ desejada. E pois isto assi he, peço-vos, que o nojo presente fique em me mandardes alguma cousa de vosso serviço, porque eu vos prometo como leal amigo, e servidor, trabalhar tanto nisso, té que as forças me desfalleçaõ. Priamor, ainda que sentia em gram maneira perder Cademia pelo que lhe queria, vendo-se já disso desesperado, naõ quiz perder a Belifonte, sabendo quanto de todos por sua bondade era estimado, e disse-lhe: Posto que por vossa causa, Senhor, perdesse todo meu bem, naõ quero que me tenhaes por de taõ pouco conhecimento que naõ saiba quanta virtude, e cortesia comigo usastes: e sómente por isso naõ me acharei em parte, que todalas cousas naõ leixe por vos servir esta mercê. E ainda que a minha pessoa, segundo a vossa, naõ seja de tanto merecimento, peço-vos que aceiteis de mim esta voñtade, porque com mais desengano o digo do que se póde de mim esperar. Grandemente estimou Belifonte as palavras deste taõ excellente Principe, e depois, como adiante ouvireis, lhe pa-

gou quasi na moeda, que perdeu. E acabados todos estes concertos, vendo Belifonte, que eraõ á sua vontade, disse hum dia a Dom Dinarte, e a Fendibal, que sua partida seria ao outro dia pela manhã, por tanto, que lhe mandassem alguma cousa, em que os servisse. Fendibal, como em seu pensamento trazia isto determinado, disse-lhe: Ainda, Senhor Belifonte, que vos não tenha feito serviço por onde me atreva a pedir-vos esta mercê, confiando na vontade, que tenho pera o fazer quando as forças maderem, quero-vos descobrir meu desejo. Bem vedes, que meu Primo Dom Dinarte he vindo nesta terra pera o ElRei meu Senhor armar Cavalleiro; e por eu ser da sua idade, ter-me-hia por mal afortunado ficar neste tempo sem o ser; por tanto peço-vos por mercê, que peçaes a ElRei meu Senhor, que juntamente com elle me arme Cavalleiro: porque muito mais fará por hum pequena palavra vossa, que por todos meus rogos; parecendo-lhe serem appetites da mocidade. Belifonte, como de outro tal desejo já fora afadigado, disse, que elle o pediria a ElRei, se sua pessoa pera

isso alguma cousa aproveitasse. E despedido d'elle, depois que sobre isso passou algumas palavras com ElRei, recusando por causa da sua pequena idade, e da Rainha, que já lhe negara por algumas vezes este desejo, com tudo veio a conceder no que lhe pedia. A qual nova quando Belifonte levou a Fendibal, foi pera elle de tanto prazer, que lhe pareciaõ todas as outras cousas tristes em comparação d'aquella. E velando as armas na Capella, foraõ armados Cavalleiros, Dom Dinarte por maõ de seu avô, e Fendibal por Belifonte; porque assi o quiz ElRei. E passadas todas as cousas, que nestes actos se fizeraõ, porque Belifonte não esperava por mais, despedio-se de todos. Na qual partida sobreveio a saudade, cousa que peor se sófre, do que fere.

CAPITULO XIX.

Em que conta o descontentamento, que ElRei Adriano, e a Rainha Briaina tinhaõ pela perda de seu filho Clarimundo, e do que lhe a elle aconteceo, depois que se partio da Corte delRei Claudio.

Muito tempo viveo ElRei Adriano, e a Rainha Briaina com grande nojo pela perda do Principe Clarimundo: porẽm passados dois annos houveraõ Dom Dinarte, e duas filhas; a primeira chamaraõ Querimonia, e a outra Filateria; que bem pareceraõ em suas virtudes, e fermosura, filhas de taõ nobre, e excellente Princeza, como Briaina era. E estes filhos descansaraõ algum tanto sua vida, mas naõ que perdessem da memoria o Principe Clarimundo, porque esta dôr nunca os leixou té que a perderaõ com sua vista. E sendo já Dom Dinarte de desasete annos, com suas importunaçoens o mandou a ElRei Claudio pera que o armasse Cavalleiro, ao tempo que Belifonte o achou na tenda de

Asquilante, como pouco lia ouvistes. A Rainha como era virtuosa, e das cousas de Deos amadora, continuadamente rezava, encomendando seus filhos a Deos, assi Clarimundo que em seu pensamento tinha por morto, como a Dom Dinarte, que começava a entrar em tantos perigos. E com este cuidado muitas vezes sahia com suas filhas a hum Mosteiro de Dónas, que fóra da Cidade de Segura seis leguas estava; e por se chamar esta casa Santa MARIA dos Tristes, tinha-lhe tanta devoção, que nunca della sahia, tendo sempre nella esperança de seus nojos se converterem em algum descanso, a qual esperança a não enganou, assi como ouvireis: ainda que no principio deste prazer sua vida foi mui duvidosa. E leixando a ella, contaremos o que seu filho Belifonte fez. O qual seguindo o Reino de Ungria por ver o lugar onde o Grioneza achara; havendo já muitos dias, que do Reino de França sahira, vio ir diante de si dois escudeiros em seus palafrens como homens caminhantes: e por saber novas, apressou-se a mais andar. Elles onde se dois caminhos estremavaõ detiveraõ-se hum pouco té que Belifonte chegou, e

como estavaõ prontos, nunca o sentiraõ que os estava escutando, porque hum delles dizia ao outro: hivos d'ahi naõ creio mais isso, do que crerei ajuntar-se o Ceo com a terra. A estas palavras os salvou Belifonte, e elles quando o viraõ disse hum: Taõ occupados estavamos em nossa porfia, que a boa fé, Senhor, nunca vos sentimos. Por ventura, disse Belifonte, he sobre esse Padraõ? Isto dizia, porque estavaõ ambos juntos de hum Padraõ de marmore, que seria d'altura de cinco covados, e decima delle estava huma tavao mui negra com humas letras brancas, que diziaõ: Esperai, que logo venho. Senhor, respondeo hum delles, quasi sobre isso he, porque diz este meu companheiro, que vio hoje humma cousa, que lhe deu muito pesar por ser natural deste Reino de Ungria. Peçovos, disse Belifonte, que me conteis a causa desse pesar, porque eu o terei muito maior se o naõ souber. Disse entaõ o que d'alli era natural: Eu, Senhor, sou filho de hum homem, que cá trás vive em huma Quinta: e estando hoje pela manhãa sellando este palafrem, vi dez, ou doze homens de pé armados de ala-

bardas, cosseletes, e celladas, levarem diante de si seis Cavalleiros com as mãos atadas á maneira de captivos: E passando estes, vinhaõ dois Gigantes, que seriaõ da altura deste marmor, e hum delles tinha dois corpos, a cousa mais monstruosa, que os homiens viraõ: porque da cintura pera cima se apartavaõ estes dois corpos. E disto se espantava meu companheiro, dizendo, que seriaõ dois Gigantes, e que hum levaria nas ancas do cavallo ao outro. Mas eu, Senhor, ainda que estava como esmorecido com a vista delles, naõ tinha o juizo taõ bruto, que naõ julgasse bem a verdade: porque hum dos corpos levava as cóstas viradas pera o outro, e ambos nasciaõ da cintura, e naõ havia mais que humas pernas: e tambem o traseiro era femea, e o dianteiro naõ, porque no parecer o mostravaõ, e assi nas armas havia differença. E o outro, que naõ era taõ monstruoso, levava humas armas de pardo mui graciosas, e grifos d'ouro por todas ellas, e no escudo tinha pintado hum Leaõ pelejando com hum Serpe. E o porque eu tudo isto mui bem notei, foi por estar detrás de hum vallado da Quin-

ta de meu pai, que antre mim, e elles se metia : e fizeraõ alli detença, porque os palafrens em que a Rainha Briaina, e suas filhas hiaõ, que elles captivas levavaõ, naõ queraõ andar. Assi, Senhor, que por isso estou mui anojado, e será mui grande danno pera este Reino perder huma taõ nobre Rainha como Briaina he, e praza a Nosso Senhor, que lhe dê algum remedio, porque d'outra maneira, segundo aquelles diabos saõ, naõ creio, que será em poder dos homens tirar-lhas das mãos. E nisto dizia verdade, segundo o lugar onde haviaõ de ser metidas. E porque faz ao caso, contarvos-hemos donde procedem estes Gigantes. ✠ No tempo que ElRei Adriano tomou pösse do Reino por fallecimento de seu pai, vivia hum Gigante, chamado Orcabo, no Castello da Penha Fragosa, e por causa da sua fortaleza, e delle, que era mui bom Cavalleiro, fazia grandes males por toda a terra, té que ElRei houve com elle batalha, e o matou por sua maõ : e deshi mandou alguma gente ao Castello, onde estava Calarma sua mulher : mas nunca o poderaõ entrar, té que ella se deu a partido que a lei-

xassem ir com sua fazenda, e filhos seguramente: e outorgando-lhe isto, que pedia, foi-se com cinco filhos, e duas filhas ás Ilhas da maldiçaõ, onde o Gigante Brifatar seu cunhado estava: E quando a vio taõ desbaratada, deu-lhe huma daquellas Ilhas. E como esta Giganta era rica, e grande encantadora, fez nella cousas, que foraõ causa de muito mal em quanto duráraõ assi, como a historia relata. E o lugar onde fez sua habitaçaõ foi sobre huma rocha de pedra viva, taõ alta, que parecia tocar nas nuvens, e meteo-a em feiçaõ de Castello, com os muros da mesma pedra, e torres de grande fostaleza: Em maneira, que parecia mais obra dos diabos, que de engenho de homens; taõ difficuloso era aquelle edificio ao juizo de quem o via: E emcima desta penha ficou hum espaço de terreiro, que seria hum grande tiro de bésta, e no meio dellesahia hum grosso torno de agoa em que bem podiaõ moer dois moinhos, ainda que a repartissem, e aqui fez ella huma torre oitavada de fermoso, e forte parecer, com tantas casas por dentro, que bem se poderia nellas aposentar hum

grande Principe. E este torno de agoa lhe sahia pelo pé, e lá dentro se repartia de maneira, que vinha por bocas de muitas alimarias de metal, que nos oitavos da torre estavaõ, e desta agoa se mantinha toda aquella cerca, e mohia hum moinho, e se regava hum pomar, porque por tantas partes era repartida. E as casas dos servidores desta Giganta eraõ as torres da cerca, e a entrada della era pela boca de huma mina, que ao pé da penha estava taõ alta, que bem podia entrar por ella hum homem a cavallo, subindo sempre em caracol, té que sahia no terreiro do Castello por baixo de huma torre, onde pousava o porteiro delle. E fóra outras cousas de grandes encantamentos, que nesta Ilha fez; a mais principal era hum Lago, as agoas do qual pareciaõ de sangue, e toda a pessoa que á bórda chegava contra vontade da Giganta, convertia-se logo em peixe: e deste pescado, quando o ahi havia, se mantinhaõ os seus. E tambem fez huma grandissima cova, que entrava pela terra dez braças, na qual metia os captivos, que lhe vinhaõ ter á maõ, e á entrada desta cova era tanto o fumo, e

taõ espantoso, e forte o cheiro d'elle, que ninguem ousava chegar a ella, e se alguem o podia soffrer, sahiaõ logo tres Furias com tanta braveza, que lhe naõ escapava cousa por grande, nem pequena que fosse: e por esta causa se chamava esta cova das Furias infernaes, donde a Ilha tomou o nome. Pois esta Giganta vendo-se já prosperada, e melhor fortalecida que no outro Castello da Penha Fragosa, com coragem da morte do marido lançou maldigaõ a todos os filhos, senaõ fossem contra ElRei Adriano, e suas cousas: porque ella em quanto visse assi o havia de fazer, e a todos os Christãos por sua causa. E com estas amoestaçoens criou sempre seus filhos, té que estes dois, que vos contámos que levavaõ a Rainha, foraõ em idade de tomar as armas: e ao primeiro que tinha os dois corpos, á femea pôs nome Panta, e o macho Fasul, e juntamente se chamava Pantafasul, e por ser mui cruel contra os Christãos, queria-lhe a mãi grande bem, e o outro, que em sua companhia vinha, se chamava Learco. E depois que os armou Cavalleiros andaraõ algum tempo pelo mar roubando, e

despojando quanto achavaõ, e algumas vezes sahiaõ em terra a fazer muito mal, sem ElRei Adriano ser poderoso pera os destruir por causa da fortaleza da Ilha. E havendo já dois annos, que assi andavaõ, tendo com isso a mãi mui satisfeita, souberaõ como a Rainha Briaina vinha muitas vezes a Santa MARIA dos Tristes, como vos ora contámos, e vieraõ-na alli esperar. E porque Deos sobre este grande nojo, em que a Rainha estava desconfiada de remedio, lhe havia de mostrar mór prazer, que quantos tinha; consentio que fosse tomada com morte de seus Cavalleiros, a fóra outros, que pela defender a isso se offereceraõ. E tornando á pratica, que Belifonte com o escudeiro sobre ella tinha, perguntou-lhe o que faziaõ quando levavaõ a Rainha. Eu vo-lo direi, respondeo elle. O Gigante de dois corpos feria mui asperamente os criados, porque naõ tangiaõ os palafrens da Rainha, e suas filhas. O outro, que naõ era taõ monstruoso, chegava-se a Querimonia filha maior da Rainha, dizendo, que se naõ agastasse, porque elle a faria senhora de todas as suas cousas, pois que já o era delle. Este parecia al-

gum tanto mais arrazoado, e manso, que o outro. Certamente, disse Belifonte, grandes cousas me contastes, e que mui gram pesar a todos daraõ se algum remedio naõ tem : E ácerca do marmor, por ventura sabeis a causa, porque se estas letras nelle puseraõ? Naõ sei, Senhor, mais, disse o escudeiro, senaõ que haverá quatro, ou cinco annos, que estas letras aqui appareceraõ : dizem que acontecem neste passo grandes aventuras aos Cavalleiros andantes : o mais quem o quizer saber espere, porque antes de pouco tempo eu lhe prometo que veja sinal do que digo. Belifonte, depois que esteve hum pouco revolvendo algumas cousas na fantasia, que lhe sobrevieraõ com a novidade das que lhe contaraõ, perguntou ao escudeiro pelo caminho que os Gigantes levavaõ. Por detraz daquellas arvores altas, respondeu elle, mas eu naõ sei onde as elles levaõ, porque neste direito naõ ha povoado, salvo se as ham de embarcar em alguma Fusta, porque d'aqui a huma jornada he costa de mar. Belifonte se despedio logo com este recado delles, com determinação de naquella aventura empregar suas forças, e

deshi se lhe Deos dêsse tanta victoria ,
que a acabasse, tornar ao Padraõ saber a
causa daquellas letras. E se naõ fora es-
ta taõ triste nova , que lhe deraõ , naõ
se partira d'alli , mas considerando que
pera isso havia tempo, e pera buscar os
Gigantes lhe desfallecia ; quiz primeiro
fazer este caminho, e tambem por Briai-
na ser filha delRei de França , a quem
elle tanto devia , e assim por amor de
Dom Dinarte , que sentiria muito por
tamanho desastre perder sua mãi , e ir-
mãas. E lembrando-lhe todas estas cou-
sas juntamente com o seu desejo , que
nunca se cansava de pôr a propria vida
por salvar as alieas : afadigava-se a mais
andar , porque sem trabalho mal se al-
cança aquillo , que por elle se ha de ga-
nhar.

CAPITULO XX.

Como se Belifonte combateo com Learco, e Pantafasul seu irmaõ, salvando a Rainha Briaina, e suas filhas; e depois foi conhecido por seu filho.

Com este cuidado, tanto andou Belifonte o que lhe ficava do dia, e parte da noite, que entrando em hum valle de mui espesso arvoredado, ouviu desviado do caminho rinchar hum cavallo, e atinando a aquella parte por ver se acharia alguem, que lhe dêsse recado do que buscava, vio jazer dois Cavalleiros lançados a dormir, e chegando-se a hum delles, tocou-lhe assi a cavallo como estava, com o conto da lança nos peitos. Quando o Cavalleiro acordou, e o vio sobre si, levantou-se mui prestes, e deu de pé a seu companheiro. Belifonte, vendo que se vinhaõ juntamente a elle sem causa alguma, disse: Naõ sei, Senhores, porque vos levantaes contra mim naõ sabendo quem sou, porque se fora pessoa que vos danno quizera fazer, muito mais seguros vos tinha dormindo,

que esportos : eu não vos acordei pera mais, que pera saber de vós huma cousa ; se vos disto aqueixardes seja como quizerdes. Quando elles viraõ, que era pessoa segura, meteraõ as espadas em suas bainhas, dizendo o que primeiro acordara : Certo, Cavalleiro, eu cuidei ser verdade o que estava sonhando, porque antes de anoitecer vindo este Cavalleiro, e eu nosso caminho, vimos dois Gigantes a cousa mais monstruosa que se pôde crer, e porisso desviamo-nos pera esta parte, e lançando-me a dormir com o sentido nelles, sonhava agora, que me combatia com o mais monstruoso, e quando me tocaste com o conto da lança cuidei que era o encontro que me dava, e por isso me levantei como vistes. Senhor, respondeo Belifonte, não vos queria mais perguntar que por esses Gigantes. Por ventura, disse elle, sois vós de sua companhia ? Nunca Deos queira, respondeo Belifonte, que eu de taes bestas companheiro, nem servidor seja, mas com tudo queria-me ver com elles : e pois me daes taes novas, Deos vos cumpra vosso desejo, que eu não quero aqui repousar. Disse entãõ hum dos compa-

nheiros ao outro, tanto que se Belifonte partio : Vós entendestes o que aquelle Cavalleiro disse? Naõ, respondeo elle. Pois eu creio, que he taõ sandeo, que vai buscar sua morte, porque dizer que se queria ver com os Gigantes, eu naõ sei a que outra cousa o possa attribuir. Assaz doudice he, respondeo seu companheiro, querer aventurar a vida, onde he duvidosa; e se elle vai a isso, eu vos prometo que como os vir terá mór desejo de se pôr em cobro, do que leva de vontade pera os buscar. Mas muito mais sabedor he elle que isso, porque as palavras, que disse foraõ féros com medo de nós, parecendo-lhe que a ousadia, que nellas mostrava o fariaõ seguro do perigo de nossas mãos. Belifonte, com as novas que delles soube, apressava-se a mais andar, porque a vantaje que lhe os Gigantes levavaõ de dia, cobrasse elle de noite. E começando já o Sol a romper, vio o mar de huma assomada, que seria d'alli meia legua, e quando se taõ perto achou sem os encontrar no caminho, começou de se agastar, cuidando, que os errara : porém com tudo, foi mais por diante, e chegando á praia,

vio duas Fustas, huma em que os Gigantes estavaõ recolheiros com a Rainha, e suas filhas, e na outra os captivos entre os cavallo. Porém tinhaõ ainda por meter o palafrem da Rainha, e o cavallo de Pantafasul, o qual vendo chegar Belifonte, disse aos criados: Acabai vós outros, e predeei aquelle desaventurado, que assi veio cahir no laço. Nunca Deos queira, disse Belifonte quando lhe isto ouvio, que eu em prisão de tal alimaria, e monstro da natureza, seja posto, porque se eu isso cuidara não viera de tão longe a te buscar: e este cavallo, que trago morto, te dará verdadeiro signal disso, e pois tu foste causa de o em tal estado pôr, desta vez tomarei este teu, e se te disto queixares, sahe fóra a mo demandar. E com estas palavras foi contra os criados que o metião na Fusta, e ao primeiro que lho defendeo deu-lhe tal contoada nas queixadas, que lhe quebrou huma dellas, e os outros, querendo fazer outro tanto houveraõ a mesma pena: e desembaraçado delles chegou-se ao cavallo de Pantafasul, que mui grande era, e saltou do seu nelle tão solto, que os Cavalleiros presos ficaraõ espan-

rados da sua desenvoltura. E esta força lhe fez Belifonte, porque o seu vinha tão cansado, que se não podia bolir, e mais pelo commover a sahir fóra da Fusta. Quando Pantafasul vio o que elle fizera, fallaraõ ambolos corpos huma mesma cousa, escumando de grandissima braveza : Oh malaventurado de ti Pantafasul, pois cousa tão captiva, tão triste, e coitada, teve ousadia pera te offender com tanto desprezo ! e o que mais sinto he, que não bastará pera nelle satisfazer minha sanha. Irmaõ, disse Learco, não vos levanteis, que eu volo espedaçarei antre estas mãos. Não no quero morto, respondeo Pantafasul, que a morte lhe será gloria pera a pena que em vida ha de soffier. Learco mandou entaõ lançar o seu cavallo fóra da Fusta, e saltou em cima delle, tomando huma lança, que dois homens tinhaõ assaz trabalho em lha dar. Belifonte em quanto elle cavalgava, concertou-se na sella de Pantafasul, que mui descompassada era, e deshi pôs os olhos no Ceo, dizendo : Oh piedoso Senhor, aqui sinto eu tua ajuda, pois me tão necessaria he, e vendo que Learco sahia já fóra d'agoa, remeteo a

elle com o esforço, que nos taes casos sempre mostrava. O Gigante com desatino, e aqodamento de o ferir, errou o primeiro encontro, nem menos fez o segundo: porque Belifonte o ferio taõ duramente nos peitos, que passou o arnés, e rompeo-lhe o coração em duas partes, com que cahio do cavallo abaixo. Quando a Rainha, e todos os seus viraõ, que de hum só encontro huma cousa taõ espantosa cahira morta, começaram em seus coraçãoens a dar muitas graças a Deos, porque publicamente naõ no ousavaõ fazer com temor de Pantafasul, e diziaõ, que aquelle Cavalleiro era Anjo das suas mãos enviado pera os salvar. Pantafasul, como em sua feitura era monstro, e besta, assi na condiçaõ, e coragem o parecia. E remeteo Fasul, que era o dianteiro corpo, a huma espada taõ larga como hum palmo, que deixando-a cahir da maõ, sómente o peso cortaria pelo meio hum touro, e Panta tomou huma bisarma, e escudos do compasso do corpo, e depois que ambos se armaraõ de furia, e armas, saltou n'agoa, e vindo bestialmente com grande corrida pera Belifonte, que na praia es-

tava, foraõ-se-lhe os pés por causa dos seixos de que toda a praia era, e deu taõ grande quèda de focinhos, que Belifonte teve tempo de o atropellar com o cavallo, e tanto que isto fez, saltando delle, primeiro que se o Gigante erguesse, deu a Panta, que estava emcima de Fasul, hum golpe pela cabeça, que lhe levou huma orelha com parte da queixada por estar sem elmo, e Fasul o melhor que pôde se levantou logo por vingar a irmãa, cuidando que daquelle golpe o faria, mas Belifonte lhe furtou o corpo, fazendo-lho perder: e com a força que o Gigante trazia deu nos seixos em maneira, que cortou alguns delles, e huma parte saltou na perna de Belifonte que o fez estorcer com dôr, sem poder ferir a Fasul como desejava. E a este tempo os Cavalleiros que presos estavaõ, com o favor, que tinhaõ em Belifonte vendo suas obras, soltaraõ-se todos: e remetendo aos peens, que prontos na batalha estavaõ, tomaraõ-lhe as alabardas, e com grande grita começaraõ a dar nelles: alguns por salvar a vida lançaõ-se ao mar, mas o peso das armas os levou ao fundo; em maneira que junta-

mente com os outros, que a ferro morreraõ, deraõ fim a suas más obras, e vidas. Quando Belifonte vio que os Cavalleiros eraõ soltos, e a destruiçaõ, que nos peuens faziaõ, apressou-se a ferir o Gigante, porque primeiro que elles acabassem, dêsse fim á sua empreza, e por se melhor ajudar naõ sabia da praia, onde o Gigante por causa dos seixos, e peso do corpo, muitas vezes resbalava, e entretanto feria-o Belifonte á sua vontade. E andando assi dando, e recebendo mui duros, e mortaes golpes, começou a haver discordia antre os dois corpos: porque Panta com a dôr da ferida, que lhe Belifonte dera, andava taõ raivosa, que trabalhava com Fasul, que a leixasse virar contra Belifonte, pera o ferir com a sua bisarma. Fasul tambem naõ se podia vingar dos mortaes golpes, que Belifonte dava, e com esta coragem impedia o corpo da irmãa, que naõ se virasse: e esta contenda, que ambos tinham, era mui proveitosa a Belifonte, porque entretanto vingava-se do tempo, e delies. E tanto trabalhou Panta com o corpo de seu irmaõ, que se virou contra Belifonte: e como a natural condi-

ção das mulheres he serem mui aceleradas na vingança, assi esta não temia os duros golpes de Belifonte, por se vingar nelle com a bisarma que trazia. Porém não tardou muito, que aquella coragem, e braveza foi amansada, porque lhe deu Belifonte hum golpe tão grande porcima da cabeça, que lha fendeo té os dentes, e na dureza delles quebrou a espada sem lhe ficar mais que a empunhadura. E com este golpe que lhe tirou a vida, cahio logo Panta dependurada do corpo de seu irmão tão estendida, que lhe dava com a cabeça nas barrigas das pernas, em maneira, que o não leixava andar tão desenvolvido como d'antes. Belifonte quando se vio sem espada, e que o Gigante o feria mortalmente remeteo á bisarma de Panta, e tomando-a com ambas mãos, deu a Fasul tamanho golpe pelo braço direito, que não se podendo soste com dôr, e trabalho da irmã, que nas costas trazia, cahio no meio da praia dando tão grandes hurros, como se alli foraõ juntos dez Elefantes, porque além da voz ser mui espantosa, deteve-se nas concavidades, que o mar na costa fazia, em maneira, que andou o

tom della hum gram pedaço por toda aquella praia. Belifonte saltou logo sobre elle, e juntamente com o elmo lhe cortou a cabeça, que era taõ grande, e pesada, que dois homens teriaõ trabalho em a levantar. E acabando esta perigosa batalha assentou-se em huma pedra, que no meio da praia jazia, porque estava taõ quebrantado, e desfallecido do sangue, que senaõ podia soste nas pernas, e quanto se mais esfriava, tanto menos força sentia. Os Cavalleiros, que se soltaraõ, a este tempo estavaõ tirando a Rainha da Fusta, e suas filhas com todas as mulheres, que trazia, e como se cada huma via fóra corria logo pera onde Belifonte estava. E a primeira que a elle chegou foi a Rainha, dizendo: Oh bem-aventurado Cavalleiro, das mãos de Deos enviado pera minha salvaçaõ, que cousa posso fazer, ou dizer igual a vosso merecimento? Oh quam ditosa se achará a mãi que tal filho pario, pois deo neste mundo hum soccorro aos tristes, e aos desamparados seguro amparo! Senhora, respondeo elle, todas as cousas que se fazem por vosso serviço, devem-se attribuir a quanta virtude de Vossa Alteza

descende, e não ás forças de quem as faz : porque esta tem tanto poder, que aos estrangeiros dá amor, e ousadia para se a todos os perigos offerecerem ; quanto mais áquelles que vos tanto devem, como eu, pelas honras, e mercês que delRei Claudio, e de Dom Dinarte tenho recebido. A Rainha lhe pediu entãõ mui afincadamente, que tirasse o elmo por ver se o conhecia, pois em seu pai, e Dom Dinarte lhe fallava. E quando o vio menino, e de tal parecer ficou fóra de si, e todos os Cavalleiros, que com ella estavaõ, vendo as cousas que tinha vencido. E com esta vista veio-lhe hum amor maternal trazendo á memoria seus filhos, principalmente este, que tinha diante, e tanto amava : e começou a suspirar com muitas lagrimas dizendo : Filho da minha alma, como estava esta triste de vossa mãi taõ desempurada, e sem esperança de vos ver á sua vontade, se este Cavalleiro, que Deos creou pera minha salvaçaõ, não fora ! Estas, e outras palavras dizia a Rainha taõ piedosamente, que a todos fazia chorar. Belifonte pela desviar daquella paixãõ, disse : Senhora, veja Vossa Alteza o que

manda, pois a isso sou vindo diante de vós : e pois já de mim não tem necessidade permita beijar-lhe as mãos, e dar-me licença, porque me he necessario chegar a outra parte. (Isto dizia pelo Padraõ da Memoria lembrada, que assi havia nome onde as letras estavaõ.) O que vos eu quero, respondeo a Rainha, he estardes á obediencia do que vos em minha casa fizerem, té que essas feridas, que por meu respeito houvestes, vos dem lugar pera fazerdes o que dizeis. E porque dilatando a cura dellas causaria grande mal, será bem que nos partamos. Belifonte lhe disse entãõ, que de tudo o que Sua Alteza ordenasse receberia mercê. Com este concerto, depois que Lucena, que a este tempo chegou, apertou as feridas de Belifonte com alguns pannos, que pera os taes tempos consigo trazia, cavalgando em seus palafrens, e outros a pé começaraõ a caminhar. Querimonia, e Filateria todo este caminho sempre foraõ fallando na fermosura, e esforço de Belifonte. E não teriaõ andado cinco legoas quando toparaõ a ElRei Adriano, e a dois Cavalleiros, que o poderaõ aturar : porque hum criado da

Rainha, que escapou na sua tomada, lhe foi dar nova : e porque o tempo, e caso a mais não dava lugar, assi como cada hum estava, e tinha o cavallo, assi aturava a ElRei, de maneira que aqui ficavaõ quatro, e alli seis, hunos cansados, e outros mancos por cajoens, e desastres, que lhe na tal pressa aconteciaõ. Quando ElRei chegou a ella, e a vio mais livre do que lhe tinhaõ dito, ficou mui lédo, e muito mais sabendo tudo o que passára. E depois que com Belifonte se deteve em muitas palavras de louvor, e offerecimentos, começaraõ a apressar o caminho por aquella noite irem dormir a hum Castello, que d'alli estava perto, onde ElRei com todos os seus foi muito bem agasalhado. E ao outro dia partiraõ pera a Cidade de Buda, que já era chêa das cousas de Belifonte, e por respeito de o ver, afóra a gente, que em socorro da Rainha viera, era tanta que cobria os campos. Com este alvoroço entrou Belifonte antre aquelles que o geraõ, sem suspeita alguma disso, louvando todo o povo a huma voz igualmente a sua fermosura, com o grande esforço. E muito mais o louvaraõ depois que vi-

naõ os corpos dos Gigantes, porque El-Rei mandou por elles, pera que vissem todos huma cousa taõ espantosa. A Rainha, ainda que lhe El-Rei quisera dar outro aposentamento, naõ no consentio, dizendo, que pois ella fora causa das feridas de Belifonte, queria estar sempre á cura dellas: e porisso foi aposentado em hum repartimento das suas casas, e alli o curava huma donzella, que era grande mestra. E havendo já alguns dias que isto fazia, vio Belifonte, que lhe punhaõ tambem mezinha na chaga que sobre o coração trazia com que nascera, e disse-lhe, que naõ curasse della, porque do dia de seu nascimento té aquelle tempo sempre a tivera, e que muito mais se assanhava com mezinha, que sem ella. Acrina, que assi havia nome esta donzella, perguntando-lhe a Rainha pela cura de Belifonte, contou-lhe quanto lhe elle dissera ácerca da sua chaga. Quando lhe a Rainha isto ouvio, quasi fóra de sentido com lembrança de seu filho, foi-se a Belifonte, e começou de lhe perguntar a causa daquella chaga, e cujo filho era, mais por descançar a fantasia, que parecendo-lhe ser aquelle; ainda que o amor,

que se logo nella acendeo, a naõ leixava muito descansar. Senhora, respondeo elle, a mim me criou a Marqueza de Modona : E quando me ElRei vosso padre armou Cavalleiro, por humas palavras que lhe ouvi ácerca de huma visaõ, que lhe apparecera, soube de Grioneza, que me achara em idade de tres mezes em estes vossos Reinos, junto de huma Fonte, donde me ficou o nome que tenho, Quando Briaina conheceo que aquelle era seu verdadeiro filho, por quem tantas lagrimas tinha derramado, foi tamanho o sobresalto, que o coração de prazer sentio, que esmoreceo sobre o leito onde elle estava lançado, dizendo : Filho, filho, sem mais outra cousa. As filhas, que com ella vieraõ, vendo a mãi esmorecida, e o irmão diante de si, naõ sabião a qual acudissem : e começaraõ a chamar algumas donzellas, que lhe trouxessem das agoas : mas pouco aproveitaraõ, porque a Rainha estava taõ abraçada com seu filho, que a naõ podiaõ desapegar d'elle, nem tornar em seu acordo. E como se a nova soube, chegou ElRei, e tomou-o nos braços, té que ella acordou, dizendo : Filho da minha alma,

filho d'alma de minha vida, que tanto a descansaste, não te apartes destes braços, pois este he o maior descanso, que 'depois que te perdi sentiraõ Belifonte se chegou entaõ a ElRei, assi como melhor pôde, e beijoulhe a maõ, e deshi á Rainha, que se não fartava de o beijar nas faces cheas das lagrimas d'ambos. E deixando este prazer delRei, e della, que se não sente senaõ de quem outra tal perda cobra, vieraõ suas irmãas a o abraçar com aquelle amor, e acatamento, que os verdadeiros irmãos tem (porque logo naquelle instante se acendeo nelles.) E deshi correndo a nova por toda a Cidade vieraõ os principaes a lhe beijar a mão por seu Principe, e Senhor: antre os quaes veio o Marquez Orlete, que mais razaõ tinha de se alegrar, que ninguem: e ainda que o prazer era grande, tambem veio envolto com muita paixãõ, trazendo á memoria as cousas passadas, e a perda de seu irmaõ, que lhe tornava a renovar esta dôr, de que alguma parte tinha esquecido. Pois Belifonte sabendo que de tal Principe era filho, ficou taõ contente, que este prazer lhe curou logo as feridas. Porém a do co-

ração não teve tão cedo cura : porque primeiro passou grande tempo sem alcançar o verdadeiro remedio de sua saúde, como a historia conta. E com todo este prazer, não no leixava descansar a lembrança das palavras que no Padraõ estavaõ escritas : e depois que teve conhecimento dos Cavalleiros da Corte de seu pai, perguntava-lhe por ellas, mas nunca lho souberaõ dizer. E quanto menos nova achava, tanto maior desejo tinha de o saber, e se não fora por causa da Rainha sua madre, a quem elle tão obediente era, logo se partira, mas soffreo este desejo em quanto lhe faziaõ as festas, que pelas cousas perdidas de tanto preço, quando se cobraõ, costumaõ fazer.

CAPITULO XXI.

Como partido Dom Dinarte, e Fendibal da Corte del Rei Claudio, fizeraõ tornar humas ricas armas a huma donzella, e do mais, que nella souberaõ, e passaraõ.

Depois que se Belifonte partio da Corte del Rei Claudio, os dois noveis Cavalleiros, que nella ficavaõ, desejando imitar suas obras, despediraõ-se del Rei, e da Rainha, que mui gravemente sentio a partida de Fendibal, e de seu neto Dom Dinarte, porém conformando-se com a razaõ, e naõ com o desejo, converteo aquella paixãõ em muito contentamento, lembrando-lhe quanta mais honra ganhavaõ nos perigos, que na segurança de os ter diante dos olhos. E havendo já alguns dias que estes dois Cavalleiros caminhavaõ contra Ungria, por naquelle Reino haver grandes aventuras, e por todas aquellas partes de Grecia; viraõ á entrada de huma floresta dois Cavalleiros, e outro a pé, que despia humas armas, e vestia outras

mui ricas : e antre elles estava huma donzella chorando pelas armas, que eraõ suas. Dom Dinarte se adiantou entaõ de Fendibal, e chegando-se á donzella, começou mais rijo a queixar-se, dizendo : Senhor, valei-me, que me roubaõ estes Cavalleiros, ou mais verdadeiramente salteadores de caminho, porque me tomaraõ aquellas armas que foraõ feitas pera outra pessoa de mór merecimento, e prouvera a Deos que se achara elle aqui, porque eu ficara bem satisfeita com a vingança que me delles déra. D. Dinarte disse entaõ a Fendibal : Fazei, Senhor, despir aquelle Cavalleiro as armas, e eu verei se me querem dar essoutros a espada, e o escudo, que tem. E com estas palavras chegou-se a elles, que o vinhaõ buscar, e disse : Certo, senhores, bem mal empregada he a valentia naquelles que a naõ tem, nem se fez ella pera os fracos, e donzellas caminhan-tes, mas pera os Cavalleiros, que taõ carregados d'armas estaõ, como vós; e ainda com todas essas naõ me parece que sois contentes, pois tomaes as que esta donzella leva a quem lle mandaõ : peço-vos que lhas torneis, e olhai quan-

ta razaõ pera isso tendes, sendo donzella, que ha de ser por vós amparada, e naõ offendida. Oh Santa MARIA! disse hum delles, que grande orador se perde em vós, e eu creio que por isso ganhareis melhor vossa vida, e a tinheis mais segura, que debaixo dessas armas, que ás costas trazeis. Eu naõ sei, disse Dom Dinarte, porque officio melhor ganhára minha vida, mas sei, que usaes bem pouca virtude no que fazeis, e por isso convém que trabalhe com esta minha espada por vos tirar dessas mãos avaras essoutra, que naõ quereis dar. E com estas palavras remeteo a elle taõ furioso, que no encontro, que lhe deu, o mostrou bem claro, porque o lançou taõ longe por cima das ancas do cavallo com o arçaõ traseiro apõs elle, que parecia verdadeiramente voar por respeito dos braços, que levava estendidos, e foi taõ grande a quéda, que nunca se mais moveo. E estando Dom Dinarte concertando o elmo, que se lhe torceo do encontro que recebera, vio, que se chegava o outro ao seu escudeiro tomando-lhe a lança das mãos pera vir a elle: e antes que se disto desembaraçasse, remeteo a

elle com o pedaço da lança, que lhe na mão ficara, e deu-lhe duas, ou tres pancadas taõ grandes, que lhe fez pôr a cabeça sobre o pescoço do cavallo, e assi travou mui rijo por elle de maneira, que deu com elle em terra, e atropellou-o taõ asperamente, que ficou no estado de seu companheiro. E acabando isto olhou por Fendibal, e vio, que tinha já despedido as armas ao outro, e a vida de volta com ellas, e entaõ tomou a espada, e escudo das mãos dos escudeiros, e entregou tudo á donzella com as outras armas: porém antes que as hum escudeiro da donzella liasse oulharão todas as peças, que lhes pareceraõ a mais fermosa cousa que tinhaõ visto. E certo que assi era, porque o mestre dellas tinha tanta sciencia, que outras cousas de maior admiração obrava: a côr dellas era de hum rosado claro com muitas llhas de verde mui fino, e arvores de prata, e o fruito d'ouro, tudo tam bem assentado, que naõ parecia obra humana, e o escudo era luzente como cristal, com nove llhas no meio da sorte das outras, e antre estas estava huma cuberta de nuvens mui espessas de maneira, que se

naõ podia bem enxergar, e tudo era taõ compassado, e perfeito, que Dom Dinarte, e Fendibal se espantavaõ da sua ordem, e concerto: deshi olharaõ a espada que naõ era menos lustrosa, que as outras peças, porque pondo o ferro diante dos olhos, por elle se via qualquer cousa, que da outra parte estava. Os cabos, e maçaõ eraõ de diamante, e o punho de fino rubí, que lhe dava mui grande lustre, e a bainha roxa de huma espinha de peixe, que os Indios vendem por muito preço, porque se toma com grande trabalho naquellas partes, e por ponteira tinha huma çafira. Dom Dinarte vendo a perfeiçaõ dellas logo julgou, que o Cavalleiro, cujas eraõ, naõ seria de pequena bondade, segundo o presente mostrava, e com desejo de o saber disse á donzella: Senhora, huma cousa foigariamos de saber este Cavalleiro, e eu, que he, cujas saõ estas ricas armas, e quem as manda. Erro seria, respondeo ella, negar-vos huma cousa taõ pequena: porém será com tal condiçaõ, que me digaes vosso nome, e o d'essoutro Cavalleiro, porque saiba cujas saõ, a quem deve esta boa obra que lhe fizestes, e

d'outra maneira eu certo não no direi. Dom Dinarte, ainda que sentio o partido, com desejo de saber o que queria consentio nelle, e disse: A este Cavalleiro chamaõ Fendibal, e a mim Dom Dinarte. Pois que assi compristes vossa palavra, respondeo ella, quero cumprir a minha. Estas armas vão pera hum Cavalleiro, que se chama Belifonte, quem lhas manda sabervolo-hei mal dizer, porém eu vos contarei como lhe são enviadas. Estando a Marqueza de Modona sua madre assentada em seu estrado, entrou pela porta huma donzella estrangeira com dois escudeiros, que a acompanhavaõ, e desatando hum lio, em que estas armas vinhaõ, disse: Ditosa Grioneza, reparo da vida de quem a dá, e tira a muitos, o Gram Fanimor Senhor das pousadas do Sol, chamadas as Ilhas bemaventuradas, te envia muito saudar como aquella a quem elle muito ama: e diz que por quanto o seu sangue por tua morte deste Marquezado será senhor, quer que sejas medianeira antre elle, e Belifonte teu amado filho, em lhe mandares estas armas da sua parte, as quaes verá com os olhos descansados, porque terá alcança-

do o preço, que todo este tempo atormentou seu coração, e estará no meio deste prazer quando lhe forem apresentadas; e porque entendas esta divisa do escudo, te quero dizer alguma cousa della. As Ilhas que nelle vem pintadas significação o Senhorio que Fanimor tem sobre outras tantas, e a que está no meio cuberta de nuvens, alli faz elle sua habitação, e depois que Belifonte entrar nella, no tempo que de si não será senhor, não se verá mais, e estará assi encuberta té que o filho da mansa ovelha, e bravo Leão estenda suas ás, e o bramido de sua fortaleza seja ouvido por toda a terra: e por quanto agora não he mais necessario, Deos fique em tua guarda. Grioneza com esta novidade ficou de maneira confusa, que se partio a donzella sem lhe dar resposta: e quando vio cousas de tanta riqueza, e admiração; pelas não mandar a seu filho desacompanhadas, manda-lhe esta ópa pera vestir sobre ellas. Então amostrou-a a Dom Dinarte, a qual era de serim branco raso com muitas flores d'ouro, e verde brosladas, e aberta por cinco aberturas, pera que as armas parecessem, com alguns

botoens de perolas, e por dentro era forrada de setim avelutado verdegai, agolpeadas as mangas com os mesmos botoens, que não leixavaõ abrir muito o golpe : tudo em tanta perfeiçãõ acabado, que Dom Dinarte, e Fendibal não sabiaõ a que peça mais louvassem. E depois que agradeceraõ á donzella isto, que por amor delles fez, perguntou-lhe Dom Dinarte o que esperava fazer de si, ou em que parte acharia Belifonte. Creio que no Reino de Ungria, respondeo ella, porque a donzella que trouxe as armas disse, que lá o achariaõ mais contente do que se partio de minha Senhora Grioneza : e por este respeito me vou á Corte delRei Adriano, por ventura o acharei nella. Nós contra essa parte caminhamos, disse Dom Dinarte, se quizerdes ir em nossa companhia, senaõ seja como mandardes. Não desejo eu mais bem, respondeo ella, que achar pessoa taõ segura, como em vós tenho : por tanto, aceito o que me offereceis, bem livre de passar outra tal affronta, como a de que me tirastes. Com este concerto começaraõ a seguir seu caminho, gastando Dom Dinarte a maior parte delle nas

cousas de Belifonte, dizendo a Fendibal : Certo, Senhor, eu tenho a Belifonte pelo mais excellente Cavalleiro de quantos seguem as armas, e assi como todas as obras, que faz, são de grande admiração, e assi suas cousas trazem consigo huma novidade espantosa. E bem se póde daqui esperar as que ElRei vosso padre ouvio serem mui certas. Desta maneira hiaõ praticando estes dois Cavalleiros em Belifonte, naõ sabendo a razã, que todos tinham. E sendo já horas, que a noite apparecia, foraõ pousar a hum Castello de huma Dóna, que lhe fez muito galanhado : e quando veio a dormir, cuidando ella, que a donzella era amiga d'algum delles, perguntou-lhe se queria a cama apartada. Si, respondeo Olipena, porque eu naõ tenho mais conhecimento delles, que este. Entaõ lhe contou quanto ambos por ella fizeraõ. A Dóna, que Calerusa havia nome, começou a suspirar dizendo : Oh Br linda minha filha, todos achaõ amparo, e ajuda, senaõ tu por meus peccados ! Quando Olipena a vio chorar taõ piedosamente, perguntou-lhe a causa de suas lagrimas, porque se por armas se podia remediar, em

casa tinha quem o faria. Oh minha amada filha, respondeo ella, como ousarei pedir a quem nunca fiz serviço, que lho mereça? Senhora, disse Olipena, estes Cavalleiros não fazem suas cousas por preço, senão por obrar aquillo, em que se elles mais deleitaõ, que he castigar os máos, e favorecer os bons: por tanto, seguramente lhe podeis contar vossa necessidade, que eu vos prometo terdes nelles o soccorro, e ajuda, que eu achei: ou se vos disse pejardes, dizei-mo, que eu lho pedirei de vossa parte. A Dóna com muitas lagrimas começou a contar suas paixoens, dizendo: Vós sabereis, que por morte de meu marido me ficou este menino, que em meu regaço está, e huma filha de idade de treze annos, que Deos ornou de tanta fermosura, que lhe faz o mal que agora tem: porque junto deste Castello está outro, onde vive hum Cavalleiro, que tinha hum filho homem mancebo de mui boas manhas, o qual se namorou de minha filha: e no tempo, que elle começou estes tristes amores, andava tambem namorado della outro Cavalleiro, Senhor de hum Castello d'aqui huma jornada, e

porque suas manhas, e má condicão a não mereciaõ, não lha quiz dar por mulher, e vendo a vontade della, e a minha, que o muito desejava, a casei com este mancebo, que Fidelfo se chamava. O outro, que Caribordo ha nome, quando vio que minha filha, e eu o desprezavamos, havendo muito tempo, que a servia, lá teve maneira como matou por traição a Fidelfo, e deshi saltou neste Castello, e forçosamente tomou minha filha, a qual ha dous annos que tem consigo: e todalas noites do mundo lança com ella o corpo morto de Fidelfo, que elle tein mirrado, dizendo, que se farte delle na morte, pois tanto lhe quiz na vida: e pois vive com esta morte em tal pena, peço-vos amiga, e senhora, que rogueis da minha parte a esses Cavalleiros, que ma tirem daquelle inferno, pois tanto serviço a Deos nisso farão. Senhora, respondeo Olipena, eu lhe vou logo fallar, e confio em Deos, que vossa tristeza será convertida em descansado prazer. E com esta embaixada foi-se á camera onde aquelles dous Cavalleiros estavam, e deu-lhes conta de tudo o que ora ouvistes: e como elles não andavaõ

buscando outra cousa, aceitou Dom Dinarte esta empreza, com que a Dóna foi mui alegre. E no outro dia tomando-lhe elle hum seu escudeiro, que o encaminhasse ao Castello, onde Caribordo estava, partio-se com sua companhia, e não teriaõ duas legoas andadas, quando acharaõ hum escudeiro, que vinha a gran pressa contra elles chorando, como se perdera alguma cousa, que lhe muito tocasse: e tanto que chegou a elles, disse: Senhores, passou por aqui hum Cavalleiro com hum donzella chorando? Não, responderaõ elles. Oh Santa MARIA! disse o escudeiro: quanto melhor seria deixar as armas aquelles que mal usaõ dellas, que fazer-lhes perder com suas más obras a gloria, que ellas tem. Porque? Respondeo Dom Dinarte. Eu volo dizer, disse elle. Haverá tres horas, que trazia hum minha irmãa de hum Castello pera outro, e encontrámos no caminho hum Cavalleiro, que não sómente ma tomou por força, mas ainda me quizera matar pelo disso reprimir: E o que mais sinto, he não poder achar hum meu primo, que he já Cavalleiro, porque se o topara, não fora este avante com sua força.

Fendibal disse entã a Dom Dinarte : Senhor, eu quero ir com este escudeiro, vós tanto que acabardes, tornai-vos a casa de Caletusa, porque eu ahi acudirei, se me bem for : e se me muito tardar, partivos pera a Corte, ou fazei o que vos a ventura, e a vontade guiar. Com este concerto se despedio Fendibal de Dom Dinarte, e deu a andar trás o escudeiro, bem fóra do que lhe estava ordenado, mas com desejo, e zelo de virtude, meteu-se em tal perigo, assi como a muitos acontece, que cobraõ mal por obrar bem.

C A P I T U L O XXII.

Do que Dom Dinarte passou no Castello de Caribordo, e do mais, que depois fez.

Dom Dinarte, depois que se apartou de Fendibal, tanto andou todo aquelle dia com a donzella Olipena, que a horas de Sol posto chegou ao Castello de Caribordo, e achou a porta fechada por defóra, e sómente tinha hum postigo, que se fechava por dentro. E quan-

do isto vio taõ a recado, disse contra o escudeiro de Caletusa : Parece-me, que naõ está aqui ninguem : segundo tudo vejo callado. Senhor, respondeo elle, dentro está Caribordo : mas com temor do mal que tem feito, manda-se fortalecer. E porque cá detrás tem huma porta falsa por onde se serve, vamos lá, e fique aqui esta donzella com o vosso escudeiro, por mais dissimular. Dom Dinarte começou entaõ de o seguir por derredor do muro, té chegarem a huma Torre mui forte, que sobre a porta falsa estava, com algumas frestas ferradas de ferro mui grosso. E estando assi vendo a sua fortaleza, chegou a gran pressa Calimpo seu escudeiro, e disse : Acudi, Senhor, que meteraõ pela outra porta a donzella, e as armas que trazia. D. Dinarte virou logo mui prestes, e veio á redea solta, parecendo-lhe que a poderia salvar. Porém quando chegou, por mais que nisso fez, achou já tudo fechado, como d'antes estava; e o escudeiro, que com a donzella vinha, chorando á porta : de que Dom Dinarte houve mui grande pesar, e de si mesmo manencoria : mas sofria tudo com aquella paci-

encia, que sempre nos taes casos teve, lembrando-lhe, que todalas cousas da honra, e fama por muitos trabalhos do corpo, e paixoens da alma, neste mundo se alcançaõ. E estando com este cuidado pensativo no que faria, chegou encima das amêas hum Cavalleiro mui grande, e temeroso em seu parecer, e perguntou-lhe que fazia alli? Eu volo direi, respondeo Dom Dinarte. Chegando agora aqui com huma donzella, que vinha em minha guarda, naõ sei quem sahio de lá, que a levou em quanto fui a outra parte. Assi se faz, respondeo o Cavalleiro, a quem guarda mal as cousas, que lhe saõ encomendadas. Verdade he, disse Dom Dinarte: porém o que taes obras faz deve ser ladraõ, pois anda espreitando os homens pera lhe roubar o seu, em tempo que lho naõ possaõ defender, como a mim agora fizeraõ. Naõ sei de roubar, respondeo o das amêas, porém eu tenho cá dentro essa donzella, e as armas, que trazia: e desta vez creio que de tudo sómente haveis as cordas com que as armas vinhaõ liadas, pera que vos enforqueis desta amêa, se vos muito agastardes. E dizendo isto, mandou a

hum seu escudeiro que as trouxesse, e a-
rasse a ponta acima : entã virou-se pera
Dom Dinarte, dizendo : Porque me pa-
receis pessoa honrada, e que vem dar
direito ás Dónas viuvras (segundo nesse
escudeiro de Caletusa entendo) se esta
for delgada, e vos naõ podér sostér com
o pezo das armas, eu vos mandarei dar
outra mais grossa. Por ventura, disse D.
Dinarte, sois vós Caribordo? Naõ estou
taõ de vagar, respondeo elle, que vos
queira dar conta disso : e com estas pala-
vras tirou-se das amêas. Dom Dinarte
quando o vio taõ desarrazoado, ficou
muito mais triste do que antes estava,
por ser já quasi noite, no qual tempo
podia a donzella receber algum pezar :
e parecendo-lhe este bom remedio, lan-
çou maõ da corda que estava atada nas
amêas, por ver se o sosteria com o pe-
zo das armas. E estando neste trabalho
chegou hum primo de Caribordo, que
era mui bom Cavalleiro, e quando o vio
daquella maneira, disse : A' Dom escala-
dor de Castellos, aqui feneceraõ vossas
manhas. Dom Dinarte olhou pera trás,
e por naõ ter tempo pera mais, desviou
o corpo, e em passando o Cavalleiro cer-

ceou-lhe as pernas do cavallo. E ainda que desta cahida o primo de Caribordo ficou hum pouco atordoado, como era bom Cavalleiro, levantou-se mui prestes, e abraçando o seu escudo, remeteo a Dom Dinarte, e começaraõ ambos huma mui aspera batalha, porque certo de taes Cavalleiros não se podia menos esperar. Porém D. Dinarte lhe fazia sentir quanta ventaje sobre elle tinha, de maneira, que alcançou delle victoria com sua morte: e tanto que isto fez, mandou a Calimpo, que enforcasse aquelle corpo na corda que estava dependurada, e deshi apartou-se pera detrás de hum Valle, defronte da porta do Castello, com determinação do que ouvireis. E passando assi toda aquella noite, tanto que amanheceo chegou Caribordo emcima das arêas, e quando vio o corpo de seu primo enforcado, cuidando que era D. Dinarte, disse contra hum criado seu, que estava com elle: Que te parece? Aqui verás quam temido sou, que sómente de minhas palavras cobrou aquelle desaventurado tamanho medo, que não achou parte onde se mais alongasse de mim, que o inferno: e porque a sua donzella

isto veja, trazema cá. Quando Olipena vio o corpo enforcado, foi tamanha a paixã que disto sentio, naõ olhando a differença das armas, que começou gravemente a chorar, dizendo palavras injurias a Caribordo, porque lhe mandasse fazer outro tanto: mas elle a consolava dizendo: Naõ choreis, Senhora, conheci quam ditosa sois em sahir fóra da conversaçã daquelle desesperado: e agora darvos-ei por amigo a hum meu primo, que vos guardará, e servirá melhor do que este fez. Entaõ mandou a dous homens, que abrissem o postigo, e desarmassem aquelle corpo, porque lhe pareciaõ as armas bem. Dom Dinarte ouvia todas estas cousas, como aquelle que isso estava esperando: e tanto que vio o postigo aberto, saltou taõ prestes a elle, que naõ tiveraõ os escudeiros tempo pera o cerrar. E entrando dentro, subio onde Caribordo estava, porém elle se guardou bem desta primeira furia de D. Dinarte acolhendo-se a huma torre mui forte. E depois que se armou, vendo andar Dom Dinarte matando, e ferindo a quantos no Castello se queriaõ defender, desceo abaixo a hum pateo, dizendo:

Guardai-vos, villanagem, que se não sabe defender de tão pequena cousa, como antre elles anda. Quando Dom Dinarte o ouvio, soltou os outros, e veio contra elle, como hum Leão, e disse: Espera, que agora saberás o mais certo lugar onde estou, do que tu dizias, e com estas palavras lhe deu dous golpes tão apressados, que o fez ajoelhar. Porém não foi isto sem levar o retorno, porque Caribordo era mui bom Cavalleiro depois que se via na peleja, e ás vezes se enganavaõ com elle nas palavras quando vinhaõ a effeito das armas: e além de ter este segredo, que era bem perigoso a quem no principio fazia delle pouca conta; tinha muita força nos braços, e por esta causa se chamava Caribordo da força medrosa. E com a confiança della, parecendo-lhe, que andava Dom Dinarte quebrantado dos seus, remeteo a elle para o espedaçar antre os braços: mas d'outra maneira lhe aconteceu, porque Dom Dinarte lhe deu primeiro hum golpe de tanta força pelo braço direito, que lhe cahio logo com a espada em terra, e sobre isto pôs-lhe as mãos nos peitos: de maneira que deu com elle em hum poço

que no meio do pateo estava, onde acabou suas obras juntamente com a vida. Olipena, como vio o fim da batalha, conhecendo ser aquelle Dom Dinarte, veio-se a elle, e levou-o nos braços, dizendo: Oh Senhor, quanto chorei vossa morte fingida, e desejei a minha, crendo que por algum engano foreis alli posto! Dom Dinarte, parecendo-lhe que a tinha anojada, começou de lhe pedir perdão do mal que fizera em a deixar só, e outras muitas cousas, com que este Cavalleiro sabia ganhar vontades, e d'ahi perguntou-lhe onde Brilinda estava. Eu creio que naquella torre, respondeo ella, por tanto vamos lá, se mandardes. Dom Dinarte a tomou pela mão, dizendo: Vamos, Senhora, porque d'aqui avante, em quanto em minha guarda andardes, não vos hei de deixar em poder de ninguem: principalmente em terra tão enganosa como esta he. Com taes palavras chegarão á porta da torre, e entrando dentro acharão a Brilinda vestida em pannos mui vís, e rotos, e o corpo de seu marido Fidelfo na cama, quasi hum da côr do outro. Quando Dom Dinarte a vio d'aquella maneira, de pieda-

de, e vergonha virou o rosto, e sahindo-se pera fóra, mandou a hum escudeiro, que fosse por algumas roupas, e em quanto a Olipena vestia, chamou a quatro criados de Caribordo, que ainda ficaraõ em disposiçaõ, e disse-lhes : Vós-outros perdestes a vosso Senhor por suas soberbas; se quizerdes ser bons, e leais, a Senhora Brilinda vos dará melhor galardão do que vos elle deu. Por tanto se isso folgardes de aceitar, dizei-mo, e eu lhe fallarei da vossa parte: e em quanto não fazeis nada, carregai essas azemelas das melhores cousas que achardes, pera que se levem ao Castello de Caletusa. E tanto que lhe isto disse, tornou-se onde Olipena estava com Brilinda, já com mais parecer: tanta differença fez nella aquelle subito contentamento. E depois que passaraõ antre si muitas palavras de cortezia, e amor, pedio-lhe Dom Dinarte que houvesse por seus aquelles quatro escudeiros, que a desejavaõ servir. Senhor, respondeo ella, eu o farei, porque não me podeis mandar cousa, que eu negue, quanto mais esta que he mui justa, por esses escudeiros serem pessoas que mo merecem, doendo-se sempre das crueldades,

que seu Senhor em mim fez. E pois lhe já mandastes carregar as azemelas do que lhe melhor parecer, peço-vos que nos partamos pera onde está minha mãe : por que sómente ver as paredes deste Castello me dá paixão ; e cuido ser ainda vivo aquelle atormentador de minhas carnes. Dom Dinarte, vendo a sua vontade, mandou fazer tudo tão prestes, que partiraõ logo d'alli : e com o alvoroço, que Brilinda levava de ver sua mãe, apressou tanto aquelle caminho, que chegaraõ ao Castello de Caletusa a horas, que ainda estava erguida. E quando lhe foraõ dizer, que estava á porta Dom Dinarte com sua filha, veio com muito prazer, e levou-a nos braços, dizendo aquellas palavras que nos taes tempos as amorosas mãis a suas filhas dizem. E depois que ambas estiveraõ hum pouco abraçadas, fez Caletusa recolher todas aquellas cousas pelos seus servidores : e ella por sua mão ministrava o necessario a Dom Dinarte, sem querer que outrem o fizesse : (tanto era o amor que lhe tinha.) E passada aquella noite com muito alvoroço de todos, ao outro dia disse Olipena a Dom Dinarte : Vós Senhor

já tendes sabido de mim minha vontade, que he ir-me á Corte delRei vosso pai em busca de Belifonte : e se me quiz deter estes dias passados com vosco, foi por ver o fim que daveis a esta aventura de que eu fui medianeira. E pois, graças a Deos, tudo está como esperavamos, eu me quero partir sem vós, por levar as alviças destas cousas, e tambem por que indo em vossa companhia sempre no caminho haveis d'achar impedimentos que vos detenhaõ, e a mim por amor de vós : por tanto, será bem, que espereis por Fendibal, assi como tendes concertado, ou que o vades buscar : que jágora seria culpa minha deter-me com este recado, que levo. Senhora, respondeu Dom Dinarte, seja como mandardes : e pois vos quereis logo partir, eu tambem o quero fazer; e irei em busca de Fendibal, que me parece que tarda : e dá-me na vontade que hade passar alguma cousa de grande risco. Com este concerto se foraõ ambos pera Caletusa, e Brilinda. E depois que se despediraõ dellas, cavalgaraõ, e assi a cavallo foi Dom Dinarte com Olipena té o lugar onde acharaõ o escudeiro com que Fendibal fora,

e alli se apartaraõ hum do outro. Aos quaes nós ora leixaremos, por contar o que aconteceu a Fendibal, que hia com o escudeiro, taõ vendido, como muitas vezes o saõ alguns homens de rostos enganosos, que dissimulaõ más vontades.

C A P I T U L O XXIII.

Do que Fendibal passou com o escudeiro, que o levava : E da perigosa batalha em que o meteu.

Fendibal tanto andou com elle gran parte do dia, que a horas de vespora vio vir contra si quatro Cavalleiros mui bem armados de fortes, e lustrosas armas. Senhor, disse o escudeiro, aquelle que traz o cavallo murzelo he o Cavalleiro, que me levou minha irmã, e parece-me, que a leixa em alguma parte, pois que a não vejo em sua companhia : por tanto peço-vos, que me vingueis esta injuria, e lhe peçais conta della. Fendibal, tanto que chegou aos Cavalleiros, disse contra o do cavallo murzelo : Senhor, este escudeiro me disse, que lhe tomareis sua irmã, peço-vos que

ha torneis. Esperai, respondeo elle, que agora vingarei minha vontade, e remeteu a elle sua lança baixa. Fendibal quando o vio taõ de subito remeter a elle, sem lhe esperar razaõ; poz-lhe o ferro mui rijo, de maneira que o lançou pelas ancas do cavallo com o arçaõ trazeiro diante delle, e desta quèda ficou quasi sem folego (tanto o embaçou a força da lança:) mas naõ o ferio por causa da fortaleza das armas. Os outros, quando aquillo viraõ, remeteraõ de rondaõ a elle, cuidando de se vingar, e ainda que os encontros foraõ grandes, sosteve-se Fendibal mui bem na sella, de maneira, que todos quebraraõ suas lanças como em huma torre. Elle depois que tambem quebrou a sua no segundo, arrancando da sua espada, meteu-se no meio delles dando a todos que fazer, ainda que era á sua custa, porque tinha já recebido duas feridas na coixa esquerda, donde lhe sahia muito sangue. E vendo-se em grande extremo afadigado mais de hum que de todos os outros, apertou o punho da espada, e estribando-se sobre os pés, deu-lhe hum golpe de tanta força, que ficou desapressado delle. Os dous carregaraõ lo-

go pelo vingar, e com esta furia, mataraõ-lhe o cavallo, de que Fendibal hou-
ve grande sanha, porém levantou-se o
melhor que pôde, e ao primeiro, que a
elle chegou, matou-lhe tambem o seu. O
outro, que elle do primeiro encontro der-
ribara, depois que se andou hum pouco
revolvendo pela terra, tornou-se a juntar
com seus companheiros. E certo se a es-
te tempo Deos naõ ajudara a Fendibal
com a vinda de dous Cavalleiros: que o
conheciaõ nas armas, por ventura naõ fi-
cara d'aquella batalha mui satisfeito: mas
com ajuda destes dous Cavalleiros, que
naquelle instante chegaraõ, retornou so-
bre si, de maneira que lhe fugio o que
estava a cavallo, e os dois dando-se por
vencidos pediraõ-lhe as vidas. Eu naõ vo-
las posso dar, disse Fendibal, senaõ pro-
metendo-me trazerdes aqui a donzella,
que tomastes áquelle escudeiro, e resti-
tuindo-lhe sua honra, se lha roubastes.
Oh desaventurado de mim, respondeu o
que elle primeiro derribara, como darei
eu o que naõ tenho! e porque saibais a
verdade, peço-vos, Senhor, que me per-
doeis o que vos mereço por este caso, e
eu vos contarei tudo como passou. Eu

vos perdoou, disse Fendibal, o que a mim toca, com tanto que deis conta da donzella. Senhor, disse elle, este Cavalleiro, e eu, somos irmãos, e aquelle que jaz morto, e o outro que fugio saõ nossos primos : e hontem á tarde chegamos a hum Castello de meu pai dizendo, que logo tomassemos as armas pera huma cousa que muito cumpria á sua honra : e depois pelo caminho nos vieram contando como se combateram com vosso, e com outro vosso companheiro, té que receberam muito nojo, e por tanto tinham mandado em vossa busca enganosamente hum seu escudeiro, té que vos metesse em nossas mãos, assi como fez. E pois todo este mal se converteo em nós, peço-vos por mercê, que não nos façais mais mal do que temos recebido, nem me peçais donzella, porque esta he a verdade, e se vos outra cousa parece, olhai pelo escudeiro, o qual, tanto que nos vio vencidos, fugio á redea solta com temor do que fez. Não quero mór vingança, disse Fendibal, que confessardes o que fizestes : e d'aqui avante emendai vossa vida, que por ventura achareis algum, que se vos

em tal estado puser haverá pouca piedade della. E pois me matastes o meu cavallo, por naõ ir a pé levarei o vosso, e de vós mais naõ quero. A estas palavras se chegou a elle hum dos Cavalleiros que o ajudara, e tirando o elmo levou-o nos braços dizendo : Senhor Fendibal, agora me acho ditoso, pois cheguei a tempo que visse vossas cousas, que tanto desejava ver. Quando Fendibal conheceo que era Asquilante, e o outro Blandonir de Torbin seu sobrinho, disse : Nem eu, Senhor Asquilante, o fui pouco com vossa ajuda : e certo, que ella me foi taõ proveitosa como a mesma vida, pois ma tirou do perigo em que estava. Naõ he necessario, respondeo Asquilante, estarmos nessas differenças, sendo certo que vosso esforço he tal, que a outras cousas de mór pezo dará taõ victorioso fim : e porque estais mal ferido, será bem que vos cure Bretulo meu escudeiro. Seja como mandardes, disse elle, porém primeiro quero despedir aquelles Cavalleiros, e mandar tomar aquelle cavallo murzelo, porque perdi o meu. Feito isto, como Fendibal queria, e elle curado das feridas,

que na perna tinha, repousaraõ naquelle Valle, por ser quasi noite quando acabaraõ. E depois que entraraõ na practica, começou Fendibal a dar conta a Asquilante da causa porque se apartara de Dom Dinarte, e assi das armas, que a donzella levava pera Belifonte. Sabeis vós outras novas delle? disse Asquilante. Naõ, respondeo Fendibal. Pois eu creio que as darei melhores, e com que mais prazer tereis. Haverá obra de hum mez, que á Corte delRei vosso padre chegou huma donzella da Rainha Briaina, que lhe deu novas como Belifonte era aquelle filho Clarimundo, que tinha perdido; e a maneira que teve de o conhecer mandando primeiro ao monstruoso Pantafasul, e a seu irmaõ Learco, e outras muitas cousas. Certo, respondeo Fendibal, eu naõ sinto nova, que me taõ facilmente poderá curar estas feridas como esta fez, em maneira, que, graças a Deos, estou pera entrar em outro qualquer perigo: e creio que meu primo Dom Dinarte naõ será menos lédo quando o souber. E porque ficámos concertados de nos ajuntar em casa da Dóna que vos contei; partamos logo com este luar, que

certo com tal nova todo trabalho se sentirá menos. Desta maneira entraraõ todos tres em seu caminho, e a horas de meio dia chegaraõ a casa de Caletusa, que os recebeo com muito prazer, e galalhado, sabendo a razaõ, que com D. Dinarte tinhaõ. E quando lhe contou, que era já partido, e o que fizera por livrar sua filha, ficaraõ muito mais contentes com taes novas. Porque ellas saõ as que fazem lédos, e tristes a quem as boas, e más tocaõ.

C A P I T U L O XXIV.

Como passeando El Rei Adriano pelo campo da Cidade de Buda com Belifonte seu filho, chegou a elles huma donzella, e do que com ella passaraõ.

Andando hum dia Belifonte com El-Rei Adriano seu pai pelo campo da Cidade de Buda, viraõ vir huma donzella estranha bem ataviada, e hum escudeiro em hum rocim, que trazia diante de si dous lios. Esta era Olipena, a qual vendo tanta gente andar pelo campo, perguntou a hum escudeiro se lhe dariaõ

alli novas de hum Cavalleiro , que buscava : E a estas palavras chegou Belifonte com ElRei, por saber o que demandava. Olipena alçou entã os olhos por fallar a ElRei : e quando conheceo a Belifonte lançou-se do palafrem abaixo, e pegou em hum dos estribos , dizendo : Dou muitas graças a Deos que me leixou achar o que com tanto trabalho tenho buscado. Belifonte conhecendo que era Olipena que com muito amor o ajudara a criar, lançou-lhe os braços no pescoço, agradecendo-lhe o trabalho, que pelo buscar levava : e deshi mandou-lhe que tornasse a cavalgar, porque na Cidade lhe daria o recado de sua madre Grioneza. E posta Olipena em seu palafrem , depois que beijou as mãos a ElRei, tomou-a Belifonte pela mão, e foi-lhe perguntando por sua madre, e outras muitas novas. Senhor, respondeo ella , grandes são as que trago, e mais de vagar volas contarei. Desta maneira entraraõ por meio da Cidade , que ainda não cansava de festejar por causa de Belifonte , do que Olipena se espantava , não sabendo o porque se faziaõ. ElRei, depois que entrou na camera da Rainha ,

assentando-se com ella, e Belifonte pegado nas suas fraldas, mandou a Olipena, que dêsse o recado que trazia. Certo, respondeo ella, eu contarei as cousas, que me são mandadas com muita turvação, vendo a vós bemaventurado Cavalleiro posto em meio de hum taõ poderoso Rei, e excellente Princesa, passando com elle cousas como de pai a filho: por tanto ainda que em mim seja sentida esta turvação, naõ se atribua a outra causa. ElRei, como já tinha sabido quem ella era, vendo-a suspensa, disse: Se as cousas, virtuosa donzella, que vedes passar antre mim, e este Cavalleiro, são de pai a filho; he muita verdade, porque d'antre mim, e da Rainha he gerado: porisso naõ vos espanteis ser estimado de nós com tanto amor. E crede, que naõ menos o tenho a Grioneza vossa Senhora pela criação que nelle fez. Quando Olipena ouviu estas novas, disse: Quanta turvação, muito Alto Rei, antes de minha embaixada tinha, tanta se converteo em prazer, e contentamento: e pois me taõ léda fizestes com tal nova, quero dar as que trago a este bemaventurado Cavalleiro. E com estas palavras desen-

volveo os lios que trazia , e contou como aquellas armas trouxera huma donzella estranha , e as palavras que disse a sua Senhora quando lhas entregara , e como tambem dissera que o acharia naquella parte , a tempo que veria aquellas armas com olhos descansados , por estar antre o prazer que tinha atormentado seu coração : o qual , Senhor , me parece que he assi , vendo-vos neste lugar. Mui espantado ficou ElRei , e toda aquella gente da perfeição das armas , e muito mais das palavras com que foraõ entregues , sem saber quem seria aquelle sabio Fanimor , que taes ditados tinha , chamando-se Senhor das pousadas do Sol : nem houve alli alguem , que alguma daquellas cousas podesse entender. E passando muitas sobre deste caso , disse Querimonia , e Filateria a seu irmão Belifonte , que de tudo o que viaõ lhes não era necessario mais que a donzella por hospeda , pois tanto o tinha servido. Belifonte lhes teve em mercê aquelle gasalhado que lhe queriaõ fazer , e outorgou-lha dizendo , que fizesse conta ser ella a terceira em parentesco , porque nas cousas , e serviço , que lhe tinha feito ,

o parecera sempre. Olipena, depois que algum pouco repousou, sabendo a razão que Dom Dinarte com estes Senhores tinha, disse a ElRei: Pois, Senhor, que comecei a dar novas, quero dar outras, que não são de menos prazer. Então contou o que passara com Dom Dinarte, e quanto em armas lhe vira fazer. Do que ElRei, e a Rainha ficaraõ mui lédos, e muito mais Belifonte seu irmaõ. E com estas cousas acrescentava outro amor ao que lhe d'antes tinha: e sempre se amaraõ taõ perfeitamente depois que ambos tiveraõ mais conversação, que bem se póde dizer estar a vida d'ambos na de cada hum. Grande bem pera exemplo d'alguns, que negaõ ás vezes o amor de seu sangue, por cobiça, e inveja de pequenas cousas.

CAPITULO XXV.

Como partido Belifonte da Corte de seu pai, se combateo com hum Cavalleiro, que agora se chama Amor, e mais adiante se saberá seu nome, e do fim que esta batalha d'ambos teve.

Olipena, depois que repousou alguns dias do trabalho de seu caminho, pediu licença a Belifonte pera se partir com tal nova a sua Senhora. ElRei, e a Rainha quando isto souberaõ de Belifonte, mandaraõ-na chamar, e depois que lhe deraõ algumas cousas, que a sua Senhora levasse, agalardoaraõ-na mui bem do trabalho, que levava naquelle caminho, e assi ao escudeiro, com que ambos ficaraõ mui contentes: e por irem mais acompanhados mandou ElRei com elles dous escudeiros providos das cousas necessarias pera taõ longa jornada. E havendo já alguns dias, que Olipena era partida, como se Belifonte mais deleitava nas armas, que em ceremonias de Principes, e na sua descansada vida, determinou partir-se, porque a lembran-

ça das letras que no Padram lera, o não leixavaõ descançar : e muitas vezes fizera esta jornada, mas por mostrar a El-Rei, e a todos os seus o contentamento, que tinha de ser conhecido delles, leixou de o pôr em obra. E vendo que já era tempo, e tinha boas peças pera entrar em qualquer aventura, pediu licença a El-Rei : o qual, ainda que em alguma maneira sentia esta partida de seu filho; considerando que as cousas da honra se ganhavaõ com tal vida como elle exercitava, disse, que era mui contente, porém primeiro lhe propôs estas palavras : Filho, bem terás sabido, e em tua memoria representado quanta mercê te Deos fez em te salvar dos perigos, que em taõ pequena idade passaste, pelo qual lhe dou muitas graças : e pois todo este tempo tuas obras eraõ de Cavalleiro andante, que sua linhagem não conhecia; agora sabendo quem es, he necessario com maior cuidado procurar de fazer taes obras, que sejaõ pera cotejar com o sangue Real donde procedes, não estimando a vida pela honra, nem o proveito pela fama, assi como teus avós fizeraõ. Por isso, meu amado filho, traze

estas cousas ante teus olhos, porque ellas te faraõ fazer taes, que os olhos de todo mundo se esmerem em as olhar: e eu creio, que esta minha idade cansada viverá descansada se tu naõ descahires do que téqui fizeste. **E** com estas palavras vieraõ-lhe aquellas lagrimas de pai, que tal filho tinha: de maneira, que causaraõ a Belifonte lançar outras tantas. **E** passadas estas, e outras cousas, que lhe Belifonte disse pelo consolar; foraõ-se á Rainha, que muito mais sentio este despedimento, principalmente com lembrança do sonho, que vos contámos atrás, onde a chaga lhe disse, que guardasse bem aquelle filho, porque huma Onça lho havia de roubar, da qual elle maior danno receberia que da Loba, que em sua meninice o levara; e por esta causa trabalhava muito a Rainha que se naõ partisse, parecendo-lhe, que havia isto de ser como todas as outras cousas do sonho foraõ, porém conformando-se com Deos, e com a vontade delRei, deo a isso lugar, mais por lhe obedecer, que por outro algum respeito. **E** despedido Belifonte d'ambos, e de suas irmãas com outras tantas lagrimas, entrou no caminho, que mais per-

to do Padraõ era, com tanto alvoroço de chegar a elle, que lhe não lembrava outra cousa. E havendo tres dias, que caminhava armado naquellas frescas armas, entrou em hum Valle mui gracioso, cuberto de muitas rosas, e flores, e algumas arvores, que o principio do verraõ com mil invençoens de galantaria tinha mui bem revestidas, e porque a calma entrava, quiz repousar nelle té que a fria viesse. E chegando a hum cano de agoa, que da maior altura da serra em huma Fonte cahia, ouvio de trás hum Cavalleiro, que bradava contra elle, dizendo, que não bebesse daquella agoa, porque lhe pesaria se o fizesse: pois era daquelles, que com paixoens, trabalhos, e suspiros d'alma a ganhavaõ. Belifonte como vinha sequioso, vendo a pouca ração, que o Cavalleiro pedia, não leixou de beber: e depois que isto fez, olhando por elle, vio sahir de huma tenda, que antre humas arvores estava, quatro Cavalleiros armados de humas armas amarellas, quarteadas de negro á maneira de lisonjas, e escudos da mesma côr, sem outro algum sinal: e os cavallos eraõ murzêlos zainos, e as lanças que diziaõ

com elles. E diante de todos vinhaõ tres donzellas, huma vestida de encarnado com chagas d'ouro brosladas por todo o brial : e a outra vestia humas roupas mui compridas, e carregadas de luto : e a outra companheira destas trazia huma roupa Franceza de Setim avelutado verde, taõ gastado, e velho, que senaõ podiaõ determinar os labores : e quam ligeiros os palafrens das outras duas irmãas eraõ, taõ vagaroso era o desta, pela muita fraqueza, que consigo trazia. E vindo assi esta gente com tal ordem contra Belifonte, sahio d'antrella hum Cavalleiro armado de humas armas de nova cõr ao parecer de Belifonte, com muitos olhos por ellas banhados em lagrimas, e coraçoens, que ardiaõ em vivas chamas de fogo. A donzella, que vestia o brial de encarnado, lhe trazia a lança com que feria mui cruamente : E a outra das roupas negras lhe trazia o elmo, e a do verde o escudo em que recebia todos os encontros, e golpes. Quando Belifonte vio o seu concerto, e idade, que seria de quinze té dezoito annos, ficou mui espantado, porém logo lhe pareceo pessoa de alto sangue, e chegan-

do-se pera elle, salvou o mui cortezmente. O Cavalleiro á primeira mostrou-lhe bom rosto, e deshi tornou mui furioso dizendo : Ousado Cavalleiro, eu te mandei dizer por hum destes meus servidores, que não bebesses daquella Fonte, e tu desprezando meu mandado, e não temendo minha ira, fizeste o contrario : por tanto, convem que passes pela lei dos que me são desobedientes. Belifonte, quando vio que as palavras, e seu parecer não concertavaõ, perguntou-lhe que lei era aquella. Eu ta direi, respondeo elle, ves tu aquella tenda de sino amarello, e quantos ferros de prisaõ estaõ pintados á parte? Vejo, respondeo Belifonte. Pois tantos mando eu lançar a quem me he desobediente, como tu foste, e depois são metidos em huma prisaõ, qual he a côr da tenda, e por te mais manifestar minhas obras, olha os labores, que a tenda mais tem, e verás como são maravilhosos. Belifonte olhou entaõ, e vio grande quantidade de homens, e mulheres, que se matavaõ com suas mãos, por mil generos de mortes, tudo taõ miseravel, e piadoso, que Belifonte ficou espantado não sabendo a causa de taes cru-

eldades. E estando nisso pronto, disse-lhe o Cavalleiro : Parece-me, segundo te vejo confuso, que já te arrependes do que fizeste; mas pouco te aproveita pera tua salvaçaõ, pois es merecedor de muita pena : por tanto, date á prisãõ, e naõ queiras mais dilatar cousa alguma, senaõ será pera maior teu mal. Bel fonte houve menencoria de lhe ouvir estas palavras, e disse : Certo, Cavalleiro, em vós ha mais fermosura, e bom concerto, que cortesia, nem criança, pois assi fallaes aos homens, que vos taõ pouco erraõ, e á verdade se vossas obras saõ taes como dizeis, mais me parece vosso officio de cruel justicoso, que de piadoso Cavalleiro; pois aos caminhanes que tanta necessidade tem d'agoa, que a todos he geral, vós com vossa cobiça quereis-lhe usurpar esta franqueza, que lhe Deos deo. E por me parecer contraria á razaõ, peço-vos que naõ useis desta manha, e senaõ, cumpre que volo defenda se poder, pois pera isto tomei estas armas. Bem parece, respondeo o Cavalleiro da tenda, que de mim tens pouco conhecimento, pois taõ ousado fallas : porém agora pagarás o erro, que con-

tra mim fizeste não sabendo a realidade de minha pessoa, que se a bem entenderas, julgáras quanto poder sobre ti, e sobre todos humanos tenho, sem algum escapar de minha jurisdição. Pondes-me em tantas duvidas, disse Belifonte, que não sei que diga vendo por huma parte vosso estado, e parecer, e por outra as obras, e palavras tão desviadas do que elles prometem; e por tirar este escrupulo, e duvida, folgaria de saber vosso nome, e parte de vossas cousas por onde fosse certo, que com razão tendes tanto poder. Praze-me, respondeo elle: Eu sou filho do gentil parecer, e da gostosa deleitação, minha folgança he cevar-me em corações apaixonados té que os faça buscar remedio de outra vida, onde de meu poder sejaõ fóra, e d'aqui se causa veres aquellas figuras pintadas: e porque com estas cousas virás em verdadeiro conhecimento de quem sou, te não quero mais dizer. Por tanto, obedece ao que te mando, que he entrares naquella prizaõ. Belifonte quanto lhe mais ouvia, tanto menos entendia suas cousas, como aquelle que era innocente delias. E porque o anojou com palavras so-

berbas, disse-lhe que nunca Deos quizesse, que em poder de taõ cruel homem elle fosse, antes esperava de lhe fazer perder aquella manha, e começou de se concertar na sella. O Cavalleiro da tenda quando o vio d'aquella maneira, pediu as armas ás donzellas, e pondo-se a huma parte, e Belifonte a outra, vieraõ, por se vingar, ao maior correr dos cavallos, e foraõ os encontros de tanta força, que lhe parecia a Belifonte derribar huma torre se diante a achara: mas o Cavalleiro era taõ forte, que daquella vez naõ recebeu algum danno, antes o fez em Belifonte mui grande, porque naõ lhe valendo as fortes armas, que trazia, foi-lhe tocar com a agudeza do ferro de sua lança no proprio lugar onde tinha a chaga, em maneira, que ficou taõ atormentado, que naõ se podendo soster na sella, cahio do cavallo sem mais responder. O Cavalleiro tanto que isto fez, tornou-se com sua companhia pera a tenda donde sahira. Carfel, e Filena vendo tal novidade em seu Senhor, acudiraõ logo mui prestes, e começaraõ de o desarmar por ver se tinha alguma ferida, mas naõ lhe acharaõ outra, senaõ a com que nasceo:

do que se mais turvaraõ ; porque nem bo-
lia pé nem maõ, nem cousa, que desse
sinal de vida, té que d'ahi a hum gran-
de pedaço começaraõ os olhos a correr
em fio sem nunca os abrir, e os suspiros
sahiaõ com tanto impeto, que lhe tolhiaõ
o folego. Filena quando vio que todo o
mal procedia do coração, começou a bus-
car algumas ervas, que o confortassem ;
como aquella que era mui excellente mes-
tra, porque o tinha aprendido da don-
zella Acrina, que o curara : porém to-
dos estes remedios de Filena eraõ pouco
necessarios, pois com outra mezinha se
havia de curar aquella secreta chaga. E
estando ella, e seu irmaõ nesta fadiga, e
trabalho, chegou huma donzella bem a-
taviada, e disse : Tirai-vos d'ahi vós-
outros, porque eu trago a esse Cavallei-
ro melhor remedio do que podeis dar. E
chegando-se a elle, tirou huma tavao
pintada da manga do brial, e disse : Es-
forçado Cavalleiro nas obras de vossa
gloria, abri os olhos, e vereis a causa de
vosso mal, e descanso de vosso bem. E
com estas palavras metendo-lhe a tavao
na maõ desapareceo subitamente. Beli-
fonte acudio logo, e abrindo os olhos,

vio hum vulto de mulher em o meio da tavao, tão ferosa, que não podia a natureza mais obrar, ainda que todas conjunções pera isso estiverão mui dispostas. A qual tinha sobre a cabeça hum coroa de flores diversas antremetidas com pedraria, que a faziaõ mais lustrosa. E ainda que tudo isto não fora tão excellente, não tinha o seu natural parecer necessidade de bons atavios, antes ella defazia com sua fermosura, e graça, toda a que elles tinhaõ. E sómente dos ombros pera cima se mostrava naquella pequena tavao, que o mais ficava no proprio original. E na quadra debaixo estavaõ humas letras em Grego, que diziaõ : Nesta linguagem está quem por ti espera, e por sua causa começa a sentir seu mal : a sentença das quaes palavras ainda que Belifonte não entendeo, depois foi tempo que claramente vio o que ellas diziaõ : Porém ao presente vendo hum cousa tão perfeita, e fóra do que se podia presumir em parecer humano; pela obra que o encontro do Cavalleiro fizera, foi preso d'amores por aquelle vulto, de maneira, que cuidava estar alli toda sua bemaventurança, e que não po-

dia ver cousa que o mais lédo, e triste fizesse. E com estas differenças em que seu coração era metido ; começou a dizer : Oh Amor, Amor, quam bem te soubeste vingar de mim ! pois por tal aventura em que tanta desventura sinto, me roubaste minha liberdade de tuas cousas isenta. E certo, assaz de sinaes me deste de tua pessoa : mas como nunca conheci o de tua bandeira, não tive razão pera te obedecer : mas bem satisfeito ficas, querendo que ame a quem pouco responderá quando lhe pedir o descanso que me sua vista roubou. Oh desaventurado de ti Belifonte ! quam pouca esperança terás de tua vida sendo entregue a quem he surda, e escassa pera teu bem, e muito fermosa pera teu mal : por tanto não te são necessarias armas de esperança, como as que trazes, senão outras conformes á paixão que sentes. Desta maneira se estava Belifonte queixando do Amor, com os olhos prontos naquelle vulto, e causa, que lhe taes cousas fazia dizer. E como aos apaixonados d'amores se representaõ muitas cousas na fantasia, parecia-lhe a Belifonte, que aquella Senhora se mostrava contra elle sanhosa por se

chamar mal aventurado em ser seu : e pela não descontentar com tal desacaramento , tornou a dizer : Senhora , não sou eu malaventurado , mas o mais ditoso de todos nascidos , pois nasci pera me matardes , e vos ter por minha Senhora , com tanto contentamento meu , que só elle me fica por satisfação de quanto vos posso merecer , que será pouco pera o muito , que vós mereceis que eu por vossa causa sinta . Por tanto , não me julgueis a vontade pelo desconcerto das palavras ; mas pela fé de minha tenção , que no amor d'esse parecer he abrasada . Estas , e outras cousas dizia Belifonte com tanta affeição , e acatamento , que parecia verdadeiramente fallar com quem lhe tornava reposta : do que Carfel , e Filena eraõ espantados vendo-o posto em tal cuidado , como era amar huma tavoa pintada donde se não podia prometter esperança que o descançasse : e pera o desviarem deste pensamento , contaraõ-lhe como o Cavalleiro que o vencera , tanto que o vio em terra se metera na tenda , e que d'alli desapareceo com tudo : e neste meio tempo viera huma donzella , que lhe deu aquelle vulto , a qual logo

tambem desapareceo. E além destas cousas, começaraõ de lhe dizer outras conformes á necessidade que tinha : mas tudo aproveitava pouco pera apagar aquelle fogo, que dentro em sua alma ardia. Desta maneira estava o esforçado Belifonte vencido por hum só encontro, sem suas forças poderem a isso resistir. Pois que diremos a isto, senaõ que todas as cousas jazem debaixo da jurisdicaõ deste vencedor : e que quanto nos mais esforçamos contra elle, tanto se mais esmera em nos vencer, sem disso nos salvar estado, poderio, saber, nem riqueza. E pois em muitos passados, e presentes se vê a experiencia de suas forças, bem podemos amainar as vellas de nossa presumpçaõ naõ desdenhando suas obras, porque ninguem he taõ isento, que escape do mal dellas.

CAPITULO XXVI.

Como estando Belifonte no Valle de seu vencimento, chegou a elle huma donzella, que lhe deu huma carta, e humas armas, por causa das quaes mudou o nome, chamando-se o Cavalleiro das lagrimas tristes : e do mais que passou com huns Cavalleiros.

Não vos contamos aqui quem era este Cavalleiro, que venceu a Belifonte (ainda que tinha obras de Amor) porque em outra parte onde pagou o que agora fez, vos diremos largamente suas cousas. E tornando a Belifonte, que estava trespassado no amor da imagem que lhe apresentáraõ; chegou a elle huma donzella bem ataviada emcima de hum palafrem, e hum escudeiro em outro, que diante de si trazia hum lio, e depois que o salvaraõ tirou a donzella huma carta do seio chancelada com hum sello d'ouro, e antes que lha dêsse, disse estas palavras : Eu sou a vós enviada, Cavalleiro bemaventurado, com essas armas, que vereis dentro neste lio, quem volas manda a carta o diz : por tanto apar-

rai de vós todos os cuidados que vos tem posto no que agora tendes, porque ellas salvarão do perigo em que hade ser posta a esperança de vosso bem, e segredo de vossa alma. E acabando estas palavras deixou-lhe a carta nas mãos, e o lio das armas. Belifonte quizera-lhe responder, mas desapareceo tão subitamente, que não teve tempo pera isso, do que ficou mui agastado: e por algum tanto descansar com saber o que dizia a carta, abriu-a, as palavras da qual eraõ estas: Não menos generoso que esforçado Cavalleiro, Fanimor secretario de tua vida, e das cousas que de ti haõ de proceder por graça da divinal providencia, te faço saber, que estando nas Ilhas bemaventuradas me foi representada a cruel batalha, onde perdeste todo o contentamento, ainda que por despojo alcançaste quem te porá no cume de mais verdadeiro amor de quantos foraõ, nem d'aqui a muitos tempos seraõ postos. E porque isto seja huma esperança pera sustentar tua vida, que a muitos salvará da morte; te mando essas armas, com as quaes livrarás a quem te captivou: por tanto, toma o nome da divisa que levaõ, que será Ca-

valleiro das lagrimas tristes : e por esta causa te mandei pedir pela donzella, que não mudasses o nome de Belifonte té que visses cousa por onde o perdesse : e pois este he bem conforme ao tempo , e estado em que agora vives , folga de o fazer. Belifonte não contente com ler esta carta huma vez, tornou a lela muitas, pela melhor entender : mas quanto mais queria penetrar a sentença, tanto menos lhe dava verdadeiro entendimento : de maneira, que estava posto em confusão não sabendo onde acharia aquelle gram sabio Fanimor, que nas cousas de sua vida, e estado tanto sabia, pera lhe servir aquelles beneficios, e perguntar onde estava o remedio de seu mal. E com esta pouca certeza, pôs em sua vontade de o ir buscar tanto que acabasse a ventura do Padram. Porém de balde trabalhava com o desejo : porque ainda que se revolvera toda a redondeza do mundo, sem sua vontade não no poderaõ achar. E passadas estas cousas em seu pensamento, quiz mudar as armas por satisfazer a sua tristeza, e a quem lhas mandava, as quaes eraõ todas negras cubertas de lagrimas de prata, e o escudo ao contra-

rio, o campo de prata, e as lagrimas negras. E depois que se armou nestas armas, que o muito contentaraõ com sua divisa; mandou guardar as outras no mesmo lio, pera tempo de mais esperança, do que elle entaõ tinha de seu descanso. E pondo-se a cavallo entrou no caminho do Padram mais enlevado na dôr, que o atormentava, que na lembrança do que havia de fazer. E indo assi occupado nestas occupaçoens ociosas, tanto andou aquelle dia, que o tomou a noite á entrada de hum Soveral. E porque a Lua com a sombra do arvoredo fazia o caminho mui gracioso, folgou de caminhar, por ir mais contemplativo: e sendo já no meio do Soveral vio ir diante de si hum Cavalleiro cantando: e com a espessura das arvores, abatia-se a voz de maneira, que retumbava mui graciosamente, porque o Cavalleiro tinha disposiçaõ pera fazer tudo com ella: O qual era natural de Alemanha, filho do Duque Crismonte, chamava-se Panfiores o Trovador, e juntamente com esta manha cantava mui bem, e todos os vilhancetes, e cantigas, que fazia, logo os entoava, e sempre trazia dous escu-

deiros, que o ajudavaõ a cantar quando caminhava. O Cavalleiro das lagrimas neste tempo foi gastando algumas, mui enlevado na musica, que avivava sua paixãõ enamorada. E tanto que Panflores acabou, chegou-se a elle, e salvando-o mui cortezmente, disse: Certo, Senhor Cavalleiro, muito deveis a Deos em vos dar tal graça, e bem mostraes na letra dos vilhancetes quam sujeito sois ao amor. Panflores deu entãõ hum suspiro, dizendo: Malaventurado, Senhor, se deve chamar o Cavalleiro, que a este naõ render suas armas, pois tanta ventaje nos tem nellas: e ainda que suas cousas nos tratem mal, qualquer pequeno contentamento que nos dá, satisfaz todo seu danno. Bem ditoso he aquelle, respondeo o Cavalleiro das lagrimas, que vê a hora, em que esse contentamento recebe: porém quem nunca a vio, e desespera de a ver mais, malaventurado se deve chamar. Panflores lhe tornou a dizer outras palavras, mostrando-se mui vencido desta paixãõ, que algum tanto consolava ao Cavalleiro das lagrimas: porém era menos do que elle mostrava, por ser homem mudavel nos amores, to-

mando hoje huns, e logo os leixar se achava outros, que lhe bem pareciaõ : mas nunca deste cuidado era ocioso. E além de suas manhas serem de especial mancebo, era nas armas mui esforçado, e algumas vezes hia á Corte do Emperador Polinario de quem elle era muito estimado : mas naõ queria fazer assento em sua casa, té que depois por causa do Cavalleiro das lagrimas quiz ser escrito em huma camera que o Emperador tinha, onde estavaõ todos os Cavalleiros de sua casa dignos de memoria, tirados por natural : e segundo o que cada hum merecia, assi estava mais acerca do trono de sua Real pessoa. E a esta camera chamava o Emperador Flor do esforço, por nella estarem pintados os mais excellentes, e esforçados Cavalleiros de toda Grecia, e d'outras partes, se em sua Corte andavaõ. E tornando á pratica, que o Cavalleiro das lagrimas com Panflores passava, sem hum se dar a conhecer ao outro, nem descobrirem a causa de sua paixãõ; vieraõ dar com elles tres Cavalleiros, que traziaõ outro mal ferido gemendo em hum palafrem. O das lagrimas depois que os salvou, e Panflores tambem,

vendo que não respondiaõ, disse : Assi me valha Deos, que eu topei já muitos Cavalleiros, mas nunca achei algum, que tanto estimasse sua falla como vós, senhores, a estimaís, pois não respondeis quando vos salvaõ. A Cavalleiros, responderaõ elles, que travaõ com nosco razoens sem nossa vontade, damos-lhe o callar por resposta : e quando nos muito agastaõ, esta lança nos vinga delles : e senaõ quereis que tal emenda cruamente tome de vós, dai vossas armas, e cavallo áquelle meu escudeiro, que as ha mister pera o armar Cavalleiro, e irvos-eis em paz. Mais val, respondeo o Cavalleiro das lagrimas, a guerra perigosa, que a paz com deshonna, e antes a quero com vosco, que obedecer a vosso mandado. Pois assi quereis, disse o Cavalleiro, esperai. E com estas palavras apartou-se a huma parte desviado das arvores : o das lagrimas disse contra Panfiores : Senhor, se vos entretanto quizerdes ir, fazei-o, e vede o que de mim mandaes. Agora, respondeo elle, vos quero eu acompanhar, e não em tempo seguro. O Cavalleiro das lagrimas lho teve em mercê, e deshi veio-se ao das ra-

zoens, e deo-lhe hum encontro de tanta força, que o lançou pelas ancas do cavallo com a sella trás elle sem outra de tença. Panflores, ao tempo que elle isto fazia, chegou-se a hum dos outros, e disse: Senhores, nós estamos de vagar, quebremos cada hum sua lança em quanto se nossos companheiros combatem, ao menos farlhes-hemos companhia em lhes ajudar a soffrer o trabalho. Hum delles houve grande menencoria quando lhe ouviu estas palavras, e veio-se a elle dizendo: Bem: Dom covarde, taõ ousado sois vós que: Porém Panflores não lhe deixou acabar o mais, que queria dizer, com hum encontro taõ duro nos peitos, que lhe ficou a palavra imperfeita na boca, e deu com elle em terra. Mas isto não foi sem trabalho seu: porque o Cavalleiro era de muita força, e ferio-o com tanta, que lhe fez perder as estribeiras, porém tornou-se a concertar. E vendo que se erguia seu contrario, saltou em terra, e começou de o ferir mui asperamente, como quem naquelle exercicio era bem desenvolvido, e esperto. A este tempo o outro Cavalleiro, que ficava, veio-se contra o das lagrimas, que já ti-

inha vencido seu companheiro, dizendo :
naõ me escaparas sem tomar de ti vin-
gança, pois de tanto mal foste causa. E
estas palavras eraõ cheias de muita con-
fiança, porque em toda aquella terra naõ
havia Cavalleiro que na sella se lhe po-
desse soste : mas como em seu contrario
havia muita differença dos outros, sa-
bio-lhe o pensamento desviado do que es-
perava, porque o das lagrimas vendo
sua soberba presumpção remeteo a elle com
maior sanha, e deraõ-se ambos taõ for-
tes encontros, que as lanças foraõ voan-
do em rachas. Porém com tudo a do Ca-
valleiro das lagrimas obrou mais que a
do outro, fazendo-lhe huma grande fe-
rida nos peitos, onde o ferro ficou pre-
gado com parte da haste. E vindo ás es-
padas, começaraõ sua batalha com tanta
praveza, que o Cavalleiro que no pala-
trem hia mal ferido, se espantava do das
lagrimas, sabendo as forças de seu ini-
migo, como quem as experimentara. Fi-
cena tambem lembrando-lhe o que passa-
ra o dia atrás onde lhe suas forças pou-
co aproveitaraõ, dizia a seu irmão : Que
e parece, Carfel, quam desviada aquel-
a ardidez anda d'antontem ao meio dia ?

certo, eu não sei que diga, vendo trans-tornadas suas cousas de humas em outras. O Cavalleiro das lagrimas em quanto elles passavaõ estas razoens, feria rijamente em seu inimigo, e cada vez se mais esmerava nisso: porém o Cavalleiro se defendia com muito tento, como aquelle que em tal exercicio tinha gastado grande tempo: de maneira, que andava o das lagrimas mui descontente por não acabar com elle, e começou a meudar os golpes taõ apressados, que o fez desatinar, e não trazia o tento em mais que defender-se. E com o sangue, que lhe das feridas sahia, e trabalho de andar a huma, e a outra parte, estava já taõ cansado, que se não podia virar na sella. O Cavalleiro das lagrimas conhecendo esta fraqueza, travou-lhe mui rijo pelo escudo, e elle apegou-se tanto ao seu braço, que juntamente foraõ ambos a terra. E caindo o Cavalleiro debaixo, ficou-lhe a espada de maneira, que se foi ferir o das lagrimas em huma perna, porém não leixou de lhe tirar o elmo da cabeça, dizendo: Outorga-te por vencido, senão aqui fenecerás com tuas soberbas. Sulfanar, que assi havia nome este

Cavalleiro, vendo o extremo em que estava, começou de se outorgar por vencido, pedindo-lhe que o não matasse. A estas palavras chegou Panflores, dizendo : Senhor, não no mateis sem primeiro ouvir este Cavalleiro, que elles preso levaõ. O das lagrimas se chegou entãõ ao Cavalleiro, e perguntou-lhe quem era. Senhor, respondeo elle, eu sou hum Cavalleiro, que por minha desventura, e fraqueza vim ter nas mãos deste, que me leva a hum Castello de sua tia pera me cortar a cabeça : a razãõ porque, he grande : se disse fordes servido, ainda que minha disposiçãõ não está mui disposta, contarvos-hei as forças della. Muito folgaremos, respondeo o das lagrimas, este Cavalleiro, e eu, se o vós não tomardes por grande trabalho. O meu nome, disse elle, he Cantim de Lorbem, sou natural de Constantinopla, sobrinho do Emperador Polinario, e haverá trinta dias, que á sua Corte chegou huma Dóna cuberta de luto, pedindo-lhe que lhe dêsse hum Cavalleiro pera se combater com outro, que lhe tinha huma filha forçosamente, e sobre isso lhe matara hum filho. O Emperador como não tinha

em sua Corte quem com tanta razão houvesse de mandar, mandou-me vir logo com ella, e chegamos a hum Castello d'aqui duas jornadas, no qual estava Leganger hum Gigante, homem mancebo, que era o que tomara sua filha. E vindo elle, e eu a campo, com a razão que tinha quiz Deos que o venci, e dei em signal de vingança a sua cabeça á Dóna, que me levava (porque este foi o premio da batalha, levar o vencedor a cabeça do vencido) e depois que isto fiz, entreguei-lhe a filha, que estava dentro no Castello com a mãe do Gigante: a qual vendo que lhe matara seu filho, com magoa desta dôr mandou logo secretamente a hum Gigante seu irmão, que saltasse no caminho commigo, e lhe dêsse vingança da morte de seu filho. E aconteceu, que leixando já a Dóna, e sua filha em hum Castello, encontrei no caminho dous Cavalleiros de casa do Emperador, e indo assi todos, saltou com nosco Brobafor tio de Leganger com obra de vinte Cavalleiros, e conhecendo-me pelos sinaes, que lhe sua irmã mandara, começou com todolos seus de ferir em nós de maneira, que fomos venci-

dos, e presos. E entã mandou esse seu sobrinho que ora vencestes, e a essou-tros dous Cavalleiros, que me troux- sem a sua irnãa pera tomar em mim vingança á sua vontade: e os outros meus companheiros, segundo me estes hiaõ contando, haõde ser postos na mais aspe- ra prisaõ do mundo com muitos que elle lá tem. Assi, Senhor, que esta he a causa porque me levavaõ preso, e creio que nunca cuidei de me achar taõ esfor- çado pera vos contar estas cousas, segun- do vou maltratado, e ferido. Senhor Cantim de Lorbem, disse o Cavalleiro das lagrimas, pesa-me de naõ saber vos- sas cousas antes que me combatera com este Cavalleiro: porque considerando a razaõ que tinha pera quebrantar sua so- berba, mais cedo vos dera delle vingança: porẽm pois já Nosso Senhor volo tem posto a vossos pés, vede o que mandaes fazer delle, que em vossa vontade está a sua morte, ou vida. Senhor, res- pondeo Cantim de Lorbem, o que vós delle ordenardes recebo eu em grande mercê. A mim me parece, disse o das lagrimas, que será bem manda-lo da vos- sa parte ao Enperador pera lhe contar

tudo o que com vosco passou. Folgo, respondeo Cantim de Lorbem, de ser essa vossa vontade, porque não tinha outra cousa na minha. O Cavalleiro das lagrimas se chegou entã a Sulfanar, e disse: Cavalleiro, qual destas cousas quereis, a vida, ou fazer meu mandado? Senhor, respondeo Sulfanar, não pôde ser taõ crua cousa a que me mandardes, que o mais não seja a morte: por tanto vede o que quereis, que eu vos prometo de o cumprir. O que quero de vós, disse elle, he irdes á Corte do Emperador Polinario, e contai-lhe quanto passastes com seu sobrinho, e dizei-lhe da minha parte, que sou o Cavalleiro das lagrimas, que beijo as Reaes mãos de Sua Alteza: e ainda que lhe meu nome agora mais não seja manifesto, eu espero de lhe fazer taes serviços, com que me aceite por servidor. Dado este recado a Sulfanar, que jurou de o assi cumprir, foi-se o das lagrimas pera Panflores, e quando o vio estar abraçado com Cantim de Lorbem folgou muito de lhe ver tal amizade, crendo que não seria de menos linhagem do que Cantim de Lorbem era: e chegando a elles, disse: Eu vos vejo,

Senhores, taõ amigos, que me parece grande sinal pera hum fazer a vontade do outro : e porque naõ sei a d'ambos, ácerca do que determinaõ, e me he necessario seguir meu caminho, vede primeiro se mandaes algum serviço de mim. Senhor, respondeo Panflores, o que este Cavalleiro, e eu fallamos he sobre a cura de suas feridas, que lhe daõ muita dôr. E deshi com vossa ajuda, se vos quizerdes nisso empregar por serviço do Emperador, irmos salvar aquelles dous Cavalleiros de sua casa : porque, segundo me conta Cantim de Lorbem, he necessario mais que hum, nem dous Cavalleiros, por causa do lugar onde estaõ : porém eu confio tanto em vossa bondade, e esforço, que logo com alguma fraca ajuda minha faremos serviço a Deos, e salvaremos a elles. A cousas do Emperador, disse o Cavalleiro das lagrimas, erro seria naõ leixar totalas outras pelo servir : e ainda que huma aventura, em que ando dias ha, bastava pera me naõ entremeter em outra cousa : com tudo façamos o que mandardes, que eu a isso me offereço. E ácerca da cura de Cantim de Lorbem, esta donzella,

que commigo trago creio que o fará perfeitamente. E nisto dizia elle verdade, porque em quanto esteve na Corte de seu pai aprendeo Filena da donzella Acrina, assi como vos já contamos : e a experiencia, e pratica de cada dia lhe deu tanta teorica, que ficou mui boa official, e sempre pera isso andava apercebida como quem naquelle mister se via muitas vezes envolta. E acabando de curar a Cantim de Lorbem a horas que o Sol começava a romper, seguirão o caminho, que os Cavalleiros de Grobafor traziaõ, té chegarem a hum Mosteiro, que Cantim de Lorbem sabia, com que muito folgaraõ por causa de se elle ficar alli curando. Os Frades quando o conhecerãõ, por amor do Emperador fizeraõ-lhe muito gasalhado, e a seus companheiros por causa d'elle, porque este bem he proprio do amor terde-lo áquelles que o tem a quem o vós tendes.

CAPITULO XXVII.

Como partido Dom Dinarte de casa de Caletusa, seguiu seu caminho, e das aventuras que nelle passou antes de chegar á Corte de seu pai.

Seguindo D. Dinarte seu caminho depois que se apartou de Olipena, havendo já alguns dias que não achava a Fendibal, caminhou contra a Corte de seu pai, assi como tinha concertado. E ás oito jornadas jazendo huma noite desviado do caminho em hum gracioso Valle, ouviu grande estropido de cavallos, que passavaõ, e com desejo de saber o que era, levantou-se mui prestes, e começou a seguir a trilha delles hum pouco apressado : mas nunca em todo aquelle espaço da noite achou alguma cousa, té que a horas de meio dia á entrada de hum Valle vio estar seis Cavalleiros, e duas donzellas, todos a cavallo como que esperavaõ alguem. E chegando-se mais a elles conheceo huma das donzellas a Calimpo seu escudeiro, e foi-se com os braços abertos para elle, dizendo :

Calimpo, Calimpo, boa seja tua vinda, por ventura he este Cavalleiro teu Senhor? Calimpo, porque a naõ conhecia, esteve hum pouco suspenso té que ella tirou o babete com que trazia o rosto cuberto. E quando conheceo que era Arima donzella da Rainha Briaina, mostrando-lhe muito gasalhado, disse: Este he meu Senhor, por tanto esperai, que vedelo vem. Dom Dinarte sem fallar aos Cavalleiros por saber quem era a donzella que se conhecia com Calimpo, veio-se pera ella. Arima com muito prazer, primeiro que elle fallasse, começou a dizer: Tanto folgo, Senhor Dom Dinarte, de vos achar pelas novas que trago, como de vos ver em tal habito, lembrando-me que vos trouxe nos braços em outro mais brando pera vossas carnes. Dom Dinarte, depois que a salvou com muito amor, conhecendo quem ella era, perguntou-lhe que novas lhe trazia. Arima lhe contou entaõ as que levava da Rainha Briaina sua madre á Corte del-Rei de França (porque esta era a donzella, que Asquilante disse a Fendibal, que levava as novas de Belifonte.) Quando Dom Dinarte acabou de ouvir o que

lhe ella sobre este caso contou, com muito prazer deu graças a Deos, que o fizera irmão de tal Cavalleiro, e dizia que não era sem causa ter-lhe já d'antes muito amor, pois tanta razão havia antre elles, e outras cousas que o prazer faz dizer aos homens que tem muito amor, a causa, porque o sentem, como este Cavalleiro a seu irmão tinha, sem lhe lembrar que era herdeiro: cousa que os homens mui asperamente soffrem. Mas como no tempo que estes seguiaõ as armas, mais estimavaõ a gloria dellas, que as grandes heranças, he de crer ser isto assi. E tornando ao que Dom Dinarte mais passou com Arima, depois que lhe deu grandes agradecimentos por tal nova, perguntou-lhe o que fazia alli com aquella gente. Eu volo direi, respondeo ella: haverá quatro horas, que cheguei aqui, e achei aquelles quatro Cavalleiros que estão apartados, e detiveraõ-me que não passasse, dizendo que está lá diante hum Cavalleiro occupado, e que té não dar fim ao que faz não póde passar ninguem, e depois chegou aquelle Cavalleiro que tem as rosas no escudo, e detiveraõ-no tambem, e aquelloutro do cavallo rosillo,

que agora veio, e assi estamos esperando té que o Cavalleiro acabe: dizem que não póde muito tardar, porque huma Onça, porque elle esperava, já a tem consigo. Dom Dinarte pareceo-lhe descortezia contra os caminantes isto que lhe Arima contou, e disse: Quero ver estes guardadores se são tão soberbos, e descortezes, como o Senhor que os manda. E tomando a Arima fez que passava; hum dos Cavalleiros do Valle quando o vio assi passar, disse contra elle: Cavalleiro, já deveis saber que não podeis passar, e que estes também esperaõ por isso. Não me valha Deos, respondeo D. Dinarte, se vi cousa tão desarrazoada como reter os caminantes sem causa, e porque me parece mui mal, não leixarei de seguir meu caminho. Pera isso estamos aqui, responderaõ elles, pera sandeos, e atrevidos taes como vós, que os sesudos fazem o que estes dous té agora fizeraõ não sahindo do que lhes mandamos. Poderá ser, disse Dom Dinarte, que estejaõ elles mais de vagar do que eu estou, que se depressa foraõ já tiveraõ sete legoas andadas depois que debaixo de vossa obediencia estaõ. E com estas pala-

vas pôs as pernas ao cavallo pera passar, porém hum daquelles que o Valle guardava se lhe pôs diante. D. Dinarte vendo a sua soberba desviou-se delle, e do primeiro encontro lançou-o fóra, porque foi tão grande, que o derrubou pelas ancas do cavallo, e por se soster tirou tanto pelas redeas que causou cahir sobre elle: e como Dom Dinarte despachou este, fez outro tanto ao segundo. Os dous que ficavaõ, quando viraõ seus companheiros tão maltratados remeteraõ juntamente a D. Dinarte, e quebraraõ as lanças nelle sem o mover da sella, ainda que o ferro de huma lhe tocou na carne, onde fez algum danno. Porém caro lhe custou, porque D. Dinarte com lembrança do irmão que tinha, meteo-se antre elles tão bravo, que os não leixava entrar em talho. Os dous, que esperavaõ tempo pera passar, quando viraõ as façanhas de Dom Dinarte, já com vergonha mais que com vontade quizerã-no ajudar, mas sua ajuda era escusada, porque Dom Dinarte trazia tão sujeitos a seus contrarios, que os não leixava cobrar alento. E hum delles confiando em suas forças remeteo a elle por se travar a braços,

porém d'outra maneira lhe aconteceu, porque vendo Dom Dinarte sua tenção, tomou-lhe a cabeça debaixo do braço esquerdo, e apertou tanto, tirando sempre por elle, que o arrancou da sella, e deshi pôs as pernas ao cavallo, e na maior força do correr soltou-o, com que nunca se mais moveo. Os dous Cavalleiros que andavaõ com o outro, tanto o cansaraõ té que lhe fizeraõ perder a vida. Dom Dinarte naõ curando delles, chamou a Arima, e começou a andar pelo Valle adiante. E sendo no meio d'elle, vio vir huma donzella em camisa fugindo de huma Onça, que trás ella corria, e foi tamanha a piedade, que della houve, segundo era fermosa, que remeteo mui prestes á Onça cuidando de a levar na ponta da lança, mas aproveitou-lhe pouco, porque com sua ligeireza deu hum salto por cima, de maneira, que naõ recebeo danno. Dom Dinarte parecendo-lhe que melhor se aproveitaria da espada, leixou cahir a lança, e vindo á Onça pelo ar, deu-lhe hum revez, que ficou a cabeça a huma parte, e as pernas a outra, e tanto que isto fez, disse a Calimpo que dêsse áquella donzella huma

capa franceza que diante de si trazia perra se cobrir entretanto. A estas palavras chegou hum Cavalleiro mui grande, e membrudo, que vinha correndo por ver o que a Onça tinha feito na donzella, e quando a vio livre, e a Onça em duas partes, disse contra Dom Dinarte: Ousado Cavalleiro, quem te mandou cá passar a me fazer tamanho nojo? Sois vós por ventura, disse Dom Dinarte, o que manda guardar este Valle? Eu sou aquelle a quem tu offendeste em não obedecer ao que te meus Cavalleiros disseraõ: dos quaes manhosamente te salvarias, e não por outra via. Não sei disso nada, respondeo Dom Dinarte, porém huns quatro, que me tolhiaõ a passagem, creio que o não faraõ mais a outrem por estarem hum pouco mal aviados. A donzella, quando vio o Cavalleiro do Valle taõ feroz, com temor começou a chorar, dizendo a Dom Dinarte, que lhe valesse contra elle, que a queria matar. As quaes palavras acrescentaraõ nova sanha ao Cavalleiro, e com furia de se vingar remetteu a Dom Dinarte, e este a elle, ambos com tanta sanha, que parecia haver antre elles mór causa. Porém d'aquella vez

naõ obraraõ mais, que fazer as lanças em mil partes, e arrancando das suas espadas, começaraõ huma fermosa batalha, rompendo as armas, e carnes taõ sem piedade, que a donzella, que vinha fugindo, estava espantada de ver sua crueza: porém contentava-se pela vantaje que D. Dinarte a seu contrario tinha, ainda que muitas vezes era tocado delle mortalmente, por ser mui especial Cavalleiro, e usado muito tempo naquelle exercicio. E estando assi travados na furia de seus bravos coraçoens, chegaraõ os outros dous que naõ ousavaõ passar, e vendo a desenvoltura de Dom Dinarte, ficaraõ espantados, segundo na outra batalha tinha trabalhado: mas muito mais se espantaraõ quando o viraõ estar sobre o Cavalleiro do Valle, que se lhe rendia pedindo-lhe a vida: (em tal extremo o tinha posto) e de vergonha delle, pela covardia que á entrada do Valle mostraraõ, leixaraõ-no ambos, e seguiraõ seu caminho. Dom Dinarte, que estava sobre seu contrario, vendo que lhe pedia a vida, naõ lha quiz outorgar té que a donzella lho mandasse. O Cavalleiro começou entaõ a bradar por ella, dizendo:

Crina, Crina, não me leixes matar, e ha piedade de mim, pois por tua causa sou posto em tal estado : e lembra-te quanto tenho feito, e perdido por teu amor. A donzella ainda que delle estava sanhosa, commoveo-se a piedade, que he natural das mulheres de limpo sangue, e esquecendo-lhe o perigo que d'antes passara, chegou-se a Dom Dinarte, e pedio-lhe que o não matasse. Elle depois que lhe deu a vida, apartou-se com a donzella dizendo : Senhora, eu folgarei muito saber a causa, porque vos este Cavalleiro tanto desama, pois nas unhas de huma tal alimaria punha esse gentil corpo, e parecer. Senhor, respondeo ella, eu volo contarei, e assi o porque lhe outorguei a vida querendo destruir a minha. Elle se chama Policarpo e he mui grande Senhor nesta terra, porque além de seu patrimonio, he assaz rico de dinheiro : e seguindo hum meu irmaõ as aventuras, acertou de haver com elle batalha onde morreo. E havendo graõ tempo que isto passara, andando eu hum dia á caça de Falcaõ, junto de hum Castello de minha mãi, que cá detrás fica, topou este Policarpo commigo, e namorou-se alli de

mim, em maneira que tem feito por meu amor muitas cousas, e trabalhado com minha mãe que me casasse com elle: mas ella tendo sempre diante a morte de meu irmão, disse, que nunca Deos quizesse que visse seu sangue em poder de quem lho tinha destruido, e outras cousas com que o deshonorava. Porém Policarpo com tudo não leixou té gora de me amar, e servir, e porque me sempre achou aspera nas repostas que lhe mandava, saltou esta noite com doze Cavalleiros no Castello de minha mãe, e tirou-me por força delle: (este era o estropido dos cavallos, que Dom Dinarte de noite ouvira.) E vendo que com todas estas cousas ainda não concedia em sua vontade, depois que me despio, mandou por aquella Onça com que caçava nesta floresta, e tomando-a pela trella começou a dizer contra mim: Eu, minha Senhora, sempre vos servi com tanto amor como Deos sabe, e esta alma sente, sem nunca me dardes contentamento de nisso vos mostrardes servida, agora pois sois tão crua, e desagradecida, que não quereis conceder em meu desejo, eu serei pera vós muito mais cruel, fartando minha vontade, e

aquella Onça sua fome em vossas carnes : e depois de vossa morte, ainda que a muito sinto, por ventura acharei o descanso que me vós negais. E com estas palavras envoltas em muitas lagrimas, soltou aquella Onça, indo eu já mui longe fugindo della, e creio que está açaimada porque me não matasse, e quiz-me Deos fazer tanta mercê, que vos achei pera minha salvação, e ainda que passei este perigo (o qual cuido que Policarpo ordenou pera que cobrasse medo, e fizesse sua vontade) sou commovida a piedade d'elle com lembrança das cousas que por mim fez, e considerando que em alguma maneira tinha razão de se mostrar cruel contra mim, pois sempre o fui contra elle. Mui espantado ficou Dom Dinarte com estas cousas, e muito mais da compaixão que a donzella de Policarpo tinha, e disse-lhe : Folgo, Senhora, de vos chegar Deos a tempo que conheceis quanto a este Cavalleiro sois obrigada, e segundo o que contaes, elle vos tem pouca culpa na morte de vosso irmão, pois foi por salvar sua vida, e por vontade d'ambos vieraõ á batalha, sem ahí haver outro engano, nem traição, e vós

com tudo galardaveis seus serviços com asperos desprezos. Donde se causou, que não olhando ao que vos queria, nem offender nisso a Deos, queria satisfazer com vossa morte sua sanha. E creio que tudo isto foi por virdes em conhecimento da verdade, como me parece que já agora conheceis. E se assi he, peço-vos muito por mercê que queirais recebero por marido, pois nisso fareis o que sois obrigada sendo tão rico, e abastado como dizeis, que na valentia das armas estas minhas assinadas de suas mãos são testemunho della. Por tanto, peço-vos que o façais, e eu creio que vossa mãe depois de feito sabendo a verdade, se haverá por ditosa ver-vos antes em seu poder, que espedaçada nas unhas de hum tal alimaria, porque outras mortes tão sentidas como a de vosso irmão, por tal ajuntamento se esqueceraõ, e se isto ás vezes não fosse, segundo o mundo anda vingativo, não houvera já quem nelle habitara. Porém este he hum virtuoso remedio derivado da verdadeira paz, e concordia pera os impetos da ira, filha do inimigo da verdade, serem desfeitos, e convertidos em nada. Senhor Cavallei-

ro, disse Crina, muito vos deve Policarpo, pois mais poder teve essa vossa graciosa falla, que seu continuado serviço, e por vós serdes o medianoiro que isto commette, eu sou mui contente de o tomar por marido. Com esta nova, depois que lho Dom Dinarte agradeceo, se chegou onde Policarpo mal ferido jazia, e contou-lhe o que tinha concertado. Quando Policarpo ouviu o que tanto desejava, disse: Cavalleiro, eu não sei que cousa possa fazer pera chegar ao menor quilate de tamanha mercê como me tendes feita: porque ainda que no corpo me fizestes muitas chagas, guarecestes outra, que eu n'alma tinha muito tempo ha, sem ter outro remedio senão o que me agora dais. E com este alvoroço levantou-se como se não estivera tão ferido, e indo pera lhe beijar as mãos a Dom Dinarte, cahio da outra parte não se podendo sostêr na perna direita. Crina, vendo o que lhe acontecera, e o contentamento que com tanto mal tinha, não pode sostêr as lagrimas com que banhou o rosto de amorosa compaixão, e tomando nos braços a Policarpo ajudou-o a sostêr. Oh alma de minha vida, disse elle, e de

meus trabalhos descansado galardão, que males, que dores, que pena podia eu por vós sentir que mais não sinta, e estime esta mercê, que me fazeis. E com estas palavras dizia outras de tanta piedade, que todos a tinhaõ delle, e depois que o poseraõ no palafrem de hum seu escudeiro, e a donzella nas ancas de Calimpo, começaraõ a caminhar pera hum Castello seu, que duas leguas d'alli estava, onde Dom Dinarte foi mui bem servido. E porque este casamento fosse feito presente Arneiva mãi de Crina, disse-lhe Dom Dinarte, que seria bem escrever-lhe o que tinha concertado, por tanto que viesse estar a seu desposorio. Arneiva quando lhe hum escudeiro de Policarpo deu a carta de sua filha, porque a tinha já por morta, veio logo mui prestes, e com as cousas que lhe Dom Dinarte disse esqueceo o nojo de seu filho, convertendo o odio de Policarpo em amor maternal. E feito este casamento, havendo já alguns dias que Dom Dinarte alli estava, pedio licença a Policarpo: o qual ficou mui triste, porque o quizerá deter mais tempo pera lhe mostrar o amor que lhe tinha, em melho-

res obras das que té entaõ delle recebe-
 ra. Porém naõ podendo al fazer, deu-lhe
 humas armas mui ricas de verde gracioso,
 e pombos de prata, que levavaõ no
 bico huma folha d'oliveira d'ouro, co-
 mo a que no diluvio trouxe sinal de ter-
 ra, e hum escudo desta sorte. E com es-
 tas armas deu-lhe tambem hum cavallo
 a name, e outras cousas que Dom Dinarte
 naõ quiz aceitar, por naõ serem do
 exercicio em que elle andava. E a causa,
 porque Policarpo tinha taõ boas peças,
 era por ser mui rico como vos já disse-
 mos: porém naõ era de alto sangue, mas
 depois por causa de Dom Dinarte foi
 estimado antre muitos Reis, e Principes.
 Crina tan bem quiz agalardoar Arima d'al-
 gum trabalho, que por ella passara, e
 deu-lhe huns vestidos mui ricas de sua
 pessoa. Com estas peças se partio Dom
 Dinarte caminho da Corte de seu pai, as-
 si como tinha concertado com Fendibal,
 que se isso naõ fora, fóra estava de o
 fazer por causa do que trazia na vonta-
 de, que era naõ se dar a conhecer com
 seu irmaõ, senaõ depois que suas obras
 fossem taes, que sem vergonha ousasse
 de lhe chamar este nome. E se o bem

desejou, melhor lhe aconteceo, porque andando por suas jornadas, chegou á Corte de seu pai, onde achou Fendibal, e Asquilante, e Bladonir, sem Belifonte, por ser já partido. E ainda que o desejava ver, não lhe pesou pela razão que ora dissemos. ElRei quando os vio todos juntos folgou em gram maneira, porque além da razão que ahi havia, as obras, e manhas de cada hum acrescentavaõ no amor: porque ellas geram outro afóra aquelle, que os pais aos filhos, e parentes por lei de natureza tem.

C A P I T U L O XXVIII.

Como partido o Cavalleiro das lagrimas, e Panflores da Abbadia, onde leixaraõ Cantim de Lorbem, foraõ ao Castello da Ferosa Torre, e do que nelle passaraõ.

De pois que o Cavalleiro das lagrimas, e Panflores puseraõ Cantim de Lorbem na Abbadia dos Frades, despediraõ-se delle pera ir onde os dous Cavalleiros de casa do Emperador estavaõ. E caminhando hum pouco apressados,

antes que algum danno recebessem, a horas de sol posto viraõ na maior altura de hum monte estar hum Castello mui forte, e antre outras torres a mais principal era de pedra branca, e preta, asentada a maneira de enxedrez: e por estes sinaes conheceraõ ser aquelle o Castello da Fermosa Torre, que era de Brobafor tio de Leganger. E chegando junto dos muros viraõ andar por fóra delles huma Dóna bem ataviada, e duas donzellas mui fermosas, que se desenfadavaõ pelo campo, e depois que as salvaraõ, disse o das lagrimas contra a Dóna: Darnos-haõ aqui novas de quem está neste Castello? Cavalleiro, respondeo ella, agora naõ achareis nelle senaõ gente de serviço: mas algumas vezes he bem acompanhado d'esforçados Cavalleiros, assi como seu Senhor, que se chama Brobafor da Fermosa Torre, por causa dessa que vedes estar. Muito folgaria, disse elie, de ver esse Brobafor. Nós estamos esperando, respondeo ella, que venha agora, e creio que naõ póde muito tardar: e de meu conselho se vós naõ vindes por cousa de sua honra, ou proveito, hivos muito embora, porque on-

tem lhe chegaraõ novas como dous Cavalleiros saltaraõ de noite com hum seu sobrinho , e lhe tomaraõ hum prezo , matando-lhe dous Cavalleiros que consigo levava; e sobre tudo mandaraõ-no ir á Corte de Polinario. E isto deu tanta paixã a Brobafor meu irmaõ , que tem jurado de naõ dar vida a Cavalleiro que lhe ás mãos vier ter , e como chegar creio que matará huns poucos que cá dentro tem prezos. E porque vos naõ espanteis desta Dóna sendo irmãa de Brobafor fallar tanto em seu danno ; vos quer o Autor dar conta , porque o fazia. O pai de Brobafor teve tambem outro filho , que ElRei Adriano matou na Corte do Emperador de Alemanha sendo Cavalleiro andante : e a fóra estes dous filhos teve duas filhas , Urmanaca mãi de Leganger , e a esta Dóna , que Tardonça havia nome : a qual naõ era filha de Giganta , como as outras , mas de humadonzella com quem seu pai depois da morte da mulher casou , de que Tardonça tomou todas as virtudes , e por isso queria mal a todas as cousas , e obras de Gigantes , porquẽ elles eraõ cruezis , e ella piedosa , elles blasfemadores de Deos ,

e ella muito temerosa , e amiga de suas cousas : assi que tinha esta contrariedade , e como d'aqui nasceo desamor sempre o teve aos irmãos. E antes que se a mãe finasse casou-a com hum Cavalleiro que huns Gigantes por competimentos mata-raõ , do qual lhe ficaraõ aquellas duas filhas , que com ella andavaõ. E por naõ ter por morte de seu marido onde se agasalhar , veio-se pera Brobafor , que era viuvo , e grandemente rico , onde estava mui servida. O Cavalleiro das lagrimas , depois que fallou hum pouco com ella vendo-a taõ mansa , e bem ensinada , disse : Nós temos , Senhora , sabido este Cavalleiro , e eu , que Brobafor tem alguns Cavalleiros prezos pera os matar , segundo vós tambem dissestes : vimos-lhe pedir que naõ queira fazer tantas cruizas , e os solte : e quando se disto despedir , será necessario trabalharmos com estas armas , porque o faça mal a seu grado. E certo se naõ olharmos serdes sua irmã , a quem elle dará muita culpa se achar algum desconcerto feito neste Castello , nós soltaremos quantos prezos lá estaõ : mas pois elle he fóra de ternos-hemos neste campo té que venha.

Muito lhe agradeceo Tardonça aquella cortezia, e porque o Gigante a não achasse fóra recolheo-se ao Castello, e mandou fechar mui bem as portas. Os dous Cavalleiros em quanto elle não vinha apearaõ-se naquelle campo, e esperaraõ o espaço que do dia ficava, e toda a noite, sem nunca mais verem pessoa de dentro. E ao outro dia pela manhã, estando já mui agastados com a tardança do Gigante, viraõ sahir do Castello hum Cavalleiro, e dous homens de serviço com duas azemelas que hiaõ pera a serra. O das lagrimas cavalgou logo mui prestes, e chegando-se a elle perguntou-lhe quando viria o Gigante. Estais bem aviado, respondeo elle, jaz o outro em seu leito no mór repouso do mundo, e perguntais quando virá. Santa MARIA! disse o das lagrimas, não era elle fóra? Si, respondeo o Cavalleiro. Pois quando veio? Vós ereis bom, disse o Cavalleiro, pera inqueredor, pois inqueris os homens que tem pouca vontade de vos responder. Não me valha Deos, disse o das lagrimas, se vi cousa taõ descortez: o que vos custa pouco, dizello com má graça: e pois não que-

reis por bem , será por vosso mal. E com estas palavras remeteo a elle , e do primeiro encontro o lançou em terra , e foi logo sobre elle , dizendo : Vós , Cavalleiro descortez , pois assi quizestes cumpre que manco , ou torto , vades dizer a Brobafor como estaõ aqui dous Cavalleiros que lhe querem fallar. O Cavalleiro com o temor , que tinha , o melhor que pode tornou-se ao Castello , e contou todo o seu mal a Brobafor : o qual ficou taõ furioso , que os seus tremiaõ ante elle , e mandou logo a dous os mais esforçados , que lhe trouxessem as cabeças d'aqueiles Cavalleiros , e que olhassem o que faziaõ , porque elle havia de ver a batalha , e se visse , que mostravaõ ponto de covardia com seu danno a pagariaõ quando ao Castello tornassem. Armados estes dous companheiros vieraõ onde o das lagrimas , e Panflores estavaõ , que dos primeiros encontros os lançaraõ fóra das sellas , porque dos taes naõ faziaõ mais conta. Brobafor , que na torre estava , quando os vio em terra , e que senaõ moviaõ , quizera destruir todos os outros criados , dizendo , que maldito fosse o paõ que lhes dava , pois naõ e-

raõ pera prender duas ovelhas, e que elle lhes prometia de os castigar mui bem, ou fossem viver com taõ fracos, e covardes como elles. E com esta brava furia pedio rijamente suas armas, que eraõ todas d'azero mui claro: e no escudo em campo verde trazia pintado hum Cavalleiro que espedaçava antre as mãos hum Serpente mui grande, e disto se prezava elle muito, porque sendo de vinte annos matou outra tal na Ilha Soberba, onde elle tinha muita fazenda de gados, cavallos, e tres Castelllos bem fortes. Mas por respeito daquella torre, e de obrar mais á sua vontade as cruezas que fazia, veio-se da Ilha, que era apartada da conversaçãõ dos homens. E depois que foi armado destas fortes armas, cavalgou em hum cavallo mui grande, e poderoso, dos que se criavaõ na sua Ilha: e quando foi ao sahir da porta do Castello vinha taõ grande, que se debruçou todo sobre o pescoço do cavallo. Panflores ainda que era mui especial Cavalleiro, e tinha visto muitos Gigantes, e vencido alguns, duvidou a batalha, mas naõ que refusasse de se combater, porque ainda que no fim esperava

de o dar á sua vida, com tudo se offerecia ao que viesse. O Gigante quando o vio estar fallando com o Cavalleiro das lagrimas, disse : Sei que vos tendes já arrependido do que fizestes, pois tarde vos acordastes com este conselho : porém se quizerdes que de vós haja alguma compaixão vinde-vos meter em minhas mãos, pelas não sentirdes mais asperas em vossas carnes. Donde veio, disse o das lagrimas, a huma alimaria destruidor dos filhos de Christo ter compaixão de ninguem, pois taõ grande sua inimiga he? Faze o que te quero rogar, e senão verás quanto mais me aproveita quem sigo, que a ti esse corpo. Que cousa me podes já agora rogar, respondeo Brabafor, que eu faça? Fois ante minha potencia fallas taõ solto, não cures de mais sandices, porque quanto mais disseres maior danno será teu. O Cavalleiro das lagrimas como já estava apercebido remetteo a elle, com tanto esforço, quanto nos taes tempos mostrava : porém o Gigante o encontrou taõ duramente que lhe pisou dentro os ossos, mas não rompeo as armas por serem feitas por mão daquelle gram sabio Fanimor : e em pago

deste encontro chegou-lhe o das lagrimas á carne, onde ficou o ferro com hum pedaço d'aste, de que o Gigante se sentio muito : e com esta dôr arrancou mui rai-voso de hum largo terçado saindo-lhe a escuma da boca pela vista do elmo, misturada com gotas de sangue, que os olhos de braveza lançavaõ. O Cavalleiro das lagrimas naõ perdendo hum ponto do que lhe cumpria, como era despachado nos taes casos, arrancou da sua rica espada, e começou de o ferir asperamente, do que se Panflores espantava, e dizia, que nelle estava encerrado o esforço, que em todos os outros Cavalleiros andara repartido, pois cousas que por lei de natureza senaõ podiaõ vencer, com tanto esforço commettia. O Gigante depois que andou hum pedaço trabalhando onde gastou parte de suas forças, vendo-se quebrantado apartou-se a huma parte, e disse : Cavalleiro, tu es aquelle, que des o principio que tomei armas, mais se me sosteve em campo, e porque conheço de ti esta bondade, pesarmehia morreres por tua necedade, naõ querendo fazer o que te mando. Por tanto vai-te aconselhar com teu companheiro, e

verás como te digo bem : e nelle vejo eu o dó , que ha de tua mocidade. O conselho , respondeo o das lagrimas , que me elle dará ha de ser que te tire essa vida , na qual tu taes obras fizeste : por isso não queiraes passar tempo em razões que tão pouco tem. O Gigante com estas palavras cresceo-lhe mais a coragem , e começou a blasfemar de Deos , pois dava ousadia a huma cousa tão pequena pera que tal dissesse. Espera , disse o das lagrimas , e verás como essa tua lingua paga o que diz : e apertando o punho da espada , deu-lhe hum golpe por cima do elmo com tanta força , que quanto alcançou da parte esquerda tudo foi a terra com a orelha : e não parando alli a furia da espada , cortou grande parte do hombro , em maneira , que lhe enfraqueceo o braço não podendo soste o escudo , e com a outra mão querendo-se desenvolver delle , travou-lhe o Cavalleiro das lagrimas tão riço por lho arrancar , e elle pelo soste , que foraõ ambos a terra embaralhados , mas levantaraõ-se logo mui prestes. E como o Gigante já andava com o braço esquerdo menos , amparava-se mal aos golpes que lhe seu inimi-

go dava : e não se podendo soste-
pernas, com trabalho de se desviar a
humã parte, e a outra, quasi desespera-
do remeteo a elle cuidando que aquelle
golpe satisfaria sua braveza, mas achou-
se em vão, porque o Cavalleiro das la-
grimas desviou o corpo, e passando, poz-
lhe as mãos tão riço, que deu com elle
de fucinhos, e foi logo pera lhe cortar
a cabeça : porém d'outra maneira lhe a-
conteceo primeiro, porque sete Caval-
leiros do Gigante vendo seu Senhor em
tal perigo, remeterão a elle por lhe va-
ler : mas Panflores se lhe pôs diante, e
ao primeiro que chegou deu com elle em
terra, e ao segundo, sem quebrar a lan-
ça. E entretanto, depois que o das la-
grimas cortou a cabeça de Brobasor, te-
ve tempo de tomar seu cavallo, e ajun-
tando-se com Panflores meterão-se com
os outros cinco, de maneira, que em
pequeno espaço foraõ todos acompanhar
a alma de seu Senhor : sómente dous que
pediraõ as vidas foraõ livres da morte,
mas não do perigo della : em tal estado
ficaraõ. E acabada esta duvidosa batalha
foi-se o Cavalleiro das lagrimas, e Pan-
flores ao Castello onde Tardonça estava

mui triste pela morte de seu irmão : E vendo dentro no Castello quem o matára , começou com muitas lagrimas a dizer , que houvessem piedade della , e da orfandade daquellas filhas, e não na quizessem deshonrar : que ainda que seu irmão fosse cruel , ella sentia suas obras : por tanto que fossem contentes com o que tinhaõ feito. Dóna honrada, disse o das lagrimas, a virtude, e bondade sempre tem seu galardão aparelhado, e porque vós logo em vossa falla mostrastes parte da que em vós ha , grande erro seria fazervos cousa que vos descontente : por tanto, não vos agasteis, que não queremos mais deste Castello, que os presos que nelle estaõ. Senhor, vedes aqui as chaves, disse ella , pera isso , e tudo o que mais mandardes ; com tanto que a honra de minhas filhas, e minha sejaõ seguras , e naquella torre os achareis. O Cavalleiro das lagrimas mandou entaõ a Carfel , que as tomasse : E chegando á torre ouviraõ grandes gemidos, e suspiros, como quem tal prisaõ tinha. E quando os que dentro estavaõ sentiraõ abrir as portas , pareceo-lhes que traziaõ algum preso, ou que os queriaõ matar :

do que foraõ mui contentes, por ser fóra de tal pena como alli padeciaõ. Panfiores, e o das lagrimas ouvindo aquellas miserias naõ podéraõ soste as suas de piedade : e porque a casa era muito escura mandou a Dóna levar hum cadea, com que viraõ mais de quinze pessoas, antre Cavalleiros, e donzellas, de que houveraõ grande compaixaõ pelo estado em que estavaõ. E tomando o das lagrimas as chaves, abrio hum cadeado que estava em hum cadea corrente, e fez sahír a todos della, sómente tres donzellas, que por causa da humidade da prisãõ tinhaõ as vestiduras podres por muitas partes, e apareciaõ-lhe as carnes, de que o Cavalleiro das lagrimas houve vergonha, e mandou logo pedir a Filena algumas roupas suas com que em tanto se cobrissem. E antre estas donzellas estavaõ outras, e hum Dóna, que trazia hum menino no cólo, mui fermosa creatura, o qual nasceo dentro d'aquelle carcere : porque ao tempo que alli meteraõ sua mãi vinha prenhe, e por sua mãõ o bautizou com hum pucaro d'agoa da que lhe davaõ a beber, e pôs-lhe nome Tenebror, por causa do lugar, e es-

curidade onde nasceo, que depois foi mui excellente Cavalleiro, como esta Chronica na segunda parte conta. E tornando a sua mãi, e a todos os Cavalleiros presos, tanto que sahiraõ daquella escura prisãõ, levouos o Cavalleiro das lagrimas a huma grande salla onde Tardonça, e suas filhas estavaõ, e alli lhe propôs estas palavras: Eu creio, Senhores, que assi como sois muitos, assi o seraõ as aventuras que vos a esse lugar trouxeraõ: e porque naõ sei o que cada hum determina, folgaria de o saber se vos naõ pesasse: porque tenho pôsto huma cousa em minha vontade, e queria muito que fosse conforme á vossa. D'antre aquelles Cavalleiros se levantou hum de muita idade, que se chamava Dom Ridaiei, e disse contra o Cavalleiro das lagrimas: Porque eu nesta companhia, mui esforçado Cavalleiro, sou de mais idade, assi quero ser de mór ousadia pera dizer minha vontade, e a destes Senhores, que segundo o que nelles tenho conhecido, faraõ o que a vossa ordenar, porque todos se offerecem a isso. E ácerca do que toca a estas donzellas; como todas saõ desta Dóna honrada, e sempre estiveraõ

debaixo de sua obediencia, assi creio que estaraõ agora : por isso ella responderá por si, e por ellas. Quando a Dóna vio que a falla hia endereçada a ella, respondeo : Que erro seria naõ obedecer a tudo o que elle mandasse, sendo cousa que com razãõ podesse fazer. O que eu queria, disse o das lagrimas, se nisto naõ sentirdes trabalho, he que assi os de casa do Emperador como todos os outros fosseis apresentarvos a elle de parte do Cavalleiro das lagrimas, que muito deseja de o servir. Senhor (responderaõ todos a huma voz) nós recebemos nisso tanta mercê, que naõ tendes que agradecer fazer algum este caminho. Panflores, e o Cavalleiro das lagrimas todo este tempo estiveraõ com os elmos postos por se naõ darem a conhecer em quanto isto naõ acabassem. E como ordenaraõ esta partida tirou Panflores o elmo, e foi abraçar tres Cavalleiros de casa do Emperador grandes seus amigos : Hum delles era Dom Ridalei homem mui estimado, e de grande authoridade em suas cousas, assi pela idade, como por ser da criaçaõ do Emperador, com quem elle muito folgava : porque afóra a bondade de sua pessoa,

era em cousas de folgar mui gracioso, e foi alli preso á falsa fé, por engano de huma donzella parenta de Brobafor. Os outros, hum havia nome Iscar de Castim, e o outro Libel Danfinar, que eraõ ambos grandes amigos, e por huma manha que tinhaõ, chamavaõ-lhe Hereges de amor (assi como a diante ouvireis) e elles eraõ os que foraõ presos com Cantim de Lorbem. E vendo todos a Panflores com o rosto descuberto, porque o tinhaõ por perdido, lançaraõ-lhe os braços no pescoço com muito prazer de o verem em tal companhia. A Dóna tambem, como aquella que tinha mais razaõ com elle, levou-o nos braços, dizendo: Panflores, meu amado sobrinho, porque naõ conheceis a esta tia, que vos tanto ama? Quando Panflores vio, que era a Duqueza Brinalta, pôs-se de joelhos diante della dizendo: Senhora, perdoaime que té agora naõ vos conheci vendo-vos fóra de vosso estado, e natureza: e isto me fazia crer naõ serdes aquella minha amada tia, e Senhora Brinalta, a quem eu muito devo, e amo. Entaõ lhe perguntou qual fora a ventura que alli a trouxera. Bem sabeis, filho, respondeo ella, como o

Duque vosso tio anda na Corte do Emperador, e eu o mais do tempo : Haverá quatro mezes que estando na minha Villa de Castro, mandou-me a Emperatriz huma carta, em que me fazia saber que a Infanta Clarinda minha Senhora, que eu a estes peitos criei, estava muito doente. E ouvindo eu cousa que me tanto n'alma tocava, mandei logo aperceber huma Náo, e metime nella com alguma gente de minha guarda, e vindo assi com prospero tempo pera nossa viagem, e naõ pera a salvaçaõ da vida; encontramos huma Náo, e duas Fustas em que vinha Brobafor da sua Ilha soberba. E como soube quem eu era, começou de combater a minha Náo : e por causa de sua fortaleza, e d'alguns Cavalleiros que consigo trazia, matou a maior parte de minha Guarda, e trouxe-me a este Castello com estas minhas sobrinhas, e aquelles dous escudeiros; onde haverá tres mezes que estou com tanta dôr, e miseria, quanta huma pessoa de meu estado podia sentir vendo-se nesta prisaõ : e como vinha prenhe, quiz Deos que em tal tempo fosse este menino nascido : praza a elle pela sua misericordia, que lhe

seja mais favoravel na vida do que o foi em seu nascimento. E pois ora faz ao caso saberdes o mais desta Dóna, e o parentesco que com Panflores tinha, dar-vos-hemos disso conta. Ella, e Riana mãe de Panflores eraõ irmãas, e ambas andaraõ em casa do Emperador. Riana por ser mais velha erdou o Principado de Sentidana : e Brinalta casou com o Duque de Mondelim, que he hum gram Senhorio nos fins de Italia : e quando a Emperatriz Ariola pario a Infanta Clarinda, deu-lhe por ama esta Brinalta, que o mais do tempo estava com ella : e quando algum tempo hia folgar ao seu Ducado, ficava com Clarinda huma filha sua, que a servia de Camareira por nome Aldiriva. O Cavalleiro das lagrimas, depois que soube quem ella era, tirou o elmo, e pedio-lhe perdaõ por lhe naõ fallar com aquelle acatamento, que a taõ alta pessoa era devido : fazendo-lhe sobre isso mil offerecimentos, assi por sua causa, como por amor de Panflores a quem elle muito queria. E estes offerecimentos lhe sahiraõ depois em proveito : porque d'aqui lhe teve esta Brinalta tanta affeição, que sempre a mostrou nas partes

que elle desejava , e não sómente ella , mas todos aquelles Cavalleiros, que estavam espantados, vendo a tenra idade, e fermosura tão pouco conveniente pera soffrer os trabalhos, e duros golpes, que elle soffria. E a quem esta fermosura, e parecer mais tocou foi a huma das sobrinhas de Brinalta, que se chamava Arfila, porque daquella hora lhe teve tanto amor, que a fez pôr em hum extremo, que houvera de ser causa da morte d'ambos, assi como adiante vereis. E todas estas cousas, a sua graça, manhas, e obras acompanhadas de perfeitas virtudes commoveriaõ a ella, e a outras fazerem móres extremos : porque tinhaõ tanta força, que attrahiaõ os coraçoens de todos a o amar, como se delles fosse senhor. Pois do seu esforço, e desenvoltura nas armas, pelo grande discurso das obras que nesta primeira parte, e na segunda vereis, se poderá julgar quanto menos o louvamos do que elle merece. E não he sem causa ser isto assi : porque as obras grandes podem-se sentir, e não louvar como merecem.

CAPITULO XXIX.

Do que passou o Cavalleiro das lagrimas com Tardonça : e como por seu conselho se foi ella com Brinalta caminho da Corte do Emperador, e do recebimento que lhe fizeraõ.

Tardonça considerando estar posta sua honra, e vida na vontade do Cavalleiro das lagrimas, naõ sabia com que o contentasse : donde se causou fazer-lhe muito gasalhado, e serviço, e a toda aquella companhia por amor delle, parecendo-lhe que estas diligencias amorosas o enganariaõ de maneira, com que ella naõ pagasse os males de seu irmaõ. Mas isto era escusado, pois por mal, nem bem que a este Cavalleiro fosse feito, leixava de usar o proprio de sua condiçaõ, que era agalardoar os bons, e punir os maõs quando se naõ emendavaõ. E por isso, aproveitou mais a Tardonça a fama de sua virtuosa vida, que aquellas meiguices presentes. E quem disso deu conta ao Cavalleiro das lagrimas, foi Brinalta, e aquelles Cavalleiros, que

tinhaõ recebido della obras de mui virtuosa mulher, quando Brobator naõ era presente: e por estas cousas, e pela experiencia que elle vio quando lhe fallou no campo, fazia-lhe muita honra: e porque todos aquelles presos estavaõ ainda com as roupas, que no carcere tinhaõ, chamou-a o Cavalleiro das lagrimas, e fez-lhe este razoamento: Honrada, e virtuosa Tardonça, bem sabeis que todos estes Senhores, e Senhoras entraraõ aqui melhor ataviados do que agora estaõ: e quem os pôs no estado que vedes foi vosso irmaõ, que Deos perdoe; do qual elles mal poderaõ haver o seu: e pois isto assi he, e que em vossa maõ ficou o poder, e mando deste Castello, e de todas as cousas, que nelle saõ; parece justa cousa mandardes tornar a cada hum o que trouxe consigo, e se for já gastado, que lhe seja restituído outro tanto: aos Cavalleiros armas, e cavallo; e a esta Dóna, e donzellas vestidos, e palafrens, que he a cousa de que mór necessidade agora tem: e o mais que trouxeraõ, elles o digaõ. Mui esforçado, e virtuoso Cavalleiro, respondeo Tardonça, naõ creais que sou taõ ingrata, que naõ co-

nheça quanta virtude, e piedade commigo té agora usastes, não fazendo cousa em que eu sinta aggravo. E posto que a morte de meu irmaõ me dêsse muita dôr, da qual vós fostes causa, olhando quanto com suas obras offendia a Deos, algum pouco fico livre della : e tambem por não sentir outras, que me elle fazia, vendo que o reprehendia de suas cruezas. Assi, Senhor, que não tenho de que me queixar de vós, pois a tantos males atalhastes com vossa bondade, e esforço : e se algum queixume tiver, será por não me aceitardes a vontade desenganada que vos tenho : por tanto descansai deste cuidado, que eu o tenho taõ bom, como vós, e estes senhores vereis. E ácerca do meu caso, além das outras mercês que de vós recebi, esta estimarei em maior preço, que he serdes meu amparo, e defensor; pois não tenho parente, nem pessoa, que de mim se queira doer, e ficando só neste Castello pôdem-mo tomar, e além de o perder, perderei a honra, tocando em mim, ou em minhas filhas. E pois por vossa causa fico a todos estes desastres sujeita, peço-vos que provejaes em minhas cousas como o farieis

nas de huma mulher taõ desamparada como eu sou. A mim me parece, respondeo o Cavalleiro das lagrimas, mui proveitosa cousa pera vosso amparo irdes com a Senhora Brinalta á Corte do Emperador a lhe fazer omenaje de vassalla, pedindo-lhe que em quanto se vossas cousas ordenaõ d'outra maneira, mande pôr cobro neste Castello, e na Ilha Soberba: e ácerca do que a mim me toca, eu vos prometo fazer tudo o que podér por ficardes descansada. Mui bem pareceo a Tardonça, e a todos, este remedio pera em tal tempo. E determinado como, e quando haviaõ de partir, fallou Panflores com o Cavalleiro das lagrimas, dizendo, que elle sentia muito apartar-se de sua companhia, mas que naõ podia al fazer, por causa de acompanhar a sua tia Brinalta naquella jornada, e tambem, porque lhe tinha dito Dom Ridalei, que alguns Cavalleiros seus amigos andavaõ em sua busca, cuidando que era morto, pelo muito tempo, que naõ ouviraõ novas delle. Porém se pera alguma cousa de seu serviço fosse necessario, elle leixaria tudo por satisfazer a sua vontade, e que pera ser mais contente com sua amizade,

lhe teria em mercê dizer-lhe seu verdadeiro nome. Senhor Panflores, disse o das lagrimas, em cousas taõ justas como he irdes com a Senhora vossa tia, grande erro será aconselhar-vos eu al : por tanto fazei-o, que muita razaõ tendes pera isso : e certo eu o fizera tambem se me naõ cumprira primeiro chegar a outra parte : E assi isto, como encubrir-vos meu nome, e quem sou, vos terei em mercê serme de vós, e della relevado, porque o tempo naõ me dá agora mais que : Cavalleiro das lagrimas. Porém eu espero antes de pouco, terdes-me por mais conhecido amigo, do que cuidais de mim. Panflores, vendo que se queria encubrir, ainda que sentio muito naõ saber seu nome, com tudo, ficou contente pelas cousas que disse. E passadas entre elles outras muitas, mandaraõ concertar o necessario pera sua partida, e ao outro dia, ficando em guarda do Castello tres escudeiros de Tardonça, cavallaraõ todos : os Cavalleiros armados de mui frescas armas, que lhe Tardonça deu, das que Brobafor tinha tomadas : e Brinalta, e as donzellas em seus palafrens bem ataviadas : sómente Tardonça

por causa de seu irmão hia com suas filhas cuberta de luto. E partindo todos desta maneira, foi o Cavalleiro das lagrimas com elles huma jornada, e alli se despedio leixando grande saudade, principalmente a Arfila, que mais sentio este apartamento. E tanto andou esta companhia, que aos quinze dias chegaram a Constantinopla, e foraõ-se juntamente apresentar ao Emperador, que naquelle tempo estava com a Emperatriz. Os quaes vendo entrar Panflores, e a Dom Rida lei com toda a outra companhia, ficaraõ mui espantados, naõ sabendo a causa de taõ estranha ventura. Panflores, depois que lhe beijou as mãos, começou a contar largamente tudo o que passou com o Cavalleiro das lagrimas: deshi tomando a Tardonça pelo manto apresentou-a ao Emperador dando-lhe conta de suas cousas, e da causa, porque alli era vinda: e como o Cavalleiro das lagrimas recebia grande mercê em toda a que lhe Sua Alteza fizesse. Certamente, disse o Emperador, vós tendes passado por grandes aventuras, e com taõ boa companhia, que naõ sei quem lhe pesara de se achar nellas: e a vontade que temos de galar-

doar a esse Cavalleiro pelos serviços que nos faz, com o desejo que tenho de o ver nesta casa, lhe pago tamanha divida: e as outras obras elle as sentirá quando lhe cumprirem, e assi por sua causa, como por amor della, em todas as cousas desta Dóna honrada Nós proveremos de maneira, que fique descansada. Brinalta, em quanto o Emperador passava estas cousas com Panfiores, como neste cuidado trazia o pensamento, quando vio estar com a Emperatriz Lindarifa, e naõ Clarinda sua Senhora, ficou mui triste: Porém a Emperatriz a consolou dizendo, que se naõ agastasse, que estava na Ilha da Graciosa vida com a Rainha virgem sua tia, por lho mandarem assi os Mestres pera melhor convalecer de sua doença: e ainostroulhe huma carta, que o dia d'antes Clarinda por sua maõ escrevera dando-lhe conta de sua disposiçaõ. Brinalta com muito prazer tomou entaõ a carta, dizendo: Oh minha verdadeira Senhora, luz, e espelho destes olhos, quam poucos dias ha que tinhaõ perdido a esperança de vos mais ver, se Deos pela sua misericordia naõ trouxera aquelle bemaventurado Cavalleiro, que me sal-

vou das mãos de meus inimigos! e certo, a maior magoa, que naquelle tempo levava passando desta vida, fora por deixar de ver essa graça, e parecer, que ante meus olhos trago. Muito folgava a Emperatriz de ouvir estas palavras amorosas, que Brinalta dizia, e não pode tanto soster as lagrimas, que com ellas a não acompanhasse. Lindarifa, como quem estava fóra deste cuidado, entretanto estava brincando com o menino Tenebror filho de Brinalta. O Emperador por outra parte tambem estava occupado em saber mui por extenso as cousas do Cavalleiro das lagrimas, e disse a Panflores, como havia seis dias que dalli era partido Sulfanar, que lhe contara a batalha que com elle houvera na salvação de Cantim de Lorbem: Mas de huma cousa sou muito espantado, não saberdes quem he: porém a meu juizo eu diria ser elle Belifonte, que poucos dias ha foi conhecido del-Rei Adriano, que era Clarimundo seu filho, que elle perdera: porque se contaõ deste Belifonte grandes cousas, e de quem se muito diz, não se póde pouco esperar.

CAPITULO XXX.

Como partido o Cavalleiro das lagrimas de Panflores, e sua companhia, chegou ao Padram da memoria lembrada : e do que passou com hum Cavalleiro que ahi estava lançado.

E leixando o desejo, que o Emperador tinha, e toda sua Corte de verem ao Cavalleiro das lagrimas, tornemos a elle, que caminhava bem fóra deste cuidado, e mui vencido da imagem que consigo trazia, a que elle chamava : Segredo da minha alma : e este nome ficou depois no proprio original donde ella fora tirada, assi como muitas vezes vereis. E porque havia dias, que por causa de Panflores não tivera tempo de fazer com ella suas contemplaçoens, tomou aquelle retabolo na mão, e começou a dizer com muito sentimento : Bem sei, minha Senhora, que mereço muita pena por estar tanto tempo sem vos fazer esta devida obediencia : porém a que eu sinto por vos não ver, póde ser grande desconto della : e isto sómente, com

os sinaes que em mim vedes, bastaõ pera se julgar meu mal, que da menor perfeiçãõ desse parecer procede; quanto mais tantas, e que tanto desesperaõ meu desejo, ainda que elle he o que me mata, e vós me daes a vida. A este tempo lhe pareceo ao Cavalleiro das lagrimas, que aquella Senhora mostrava o rosto algum tanto amoroso, dando a entender que sentia suas cousas; e com este contentamento estava taõ transportado, que naõ ouvia Carfel que lhe fallava, dizendo, que olhasse a dous Cavalleiros, que vinhaõ contra elle, té que com muito trabalho tornou em seu acordo, e quando chegaraõ a elle, salvaraõ-no mui cortezmente, e depois que isto fizeraõ, disse hum delles: Por ventura, Cavalleiro, vindes da Corte do Emperador Polinario? Naõ, respondeo elle, porém poucos dias ha, que della ouvi novas. Saber-nos-heis dizer, se está ahi hum Cavalleiro chamado Panflores? Eu haverá cinco dias, disse o das lagrimas, que me parti de sua companhia, e vai pera a Corte do Emperador com a Duqueza Brinalta sua tia. Santa MARIA! disseraõ elles: viva he a Duqueza? Viva: por-

que elle a livrou com ajuda d'outro Cavalleiro da prisaõ de Brobafor da Fermosa Torre, e naõ sómente a ella, mas a suas sobrinhas, e Cavalleiros de casa do Emperador, que tambem alli estavaõ presos: e porque lá sabereis melhor como tudo isto passou, vos naõ digo mais, senaõ que Panflores vai com tanta honra, quanta elle sempre ganhou. Certamente, disseraõ elles, nós folgamos muito com taes novas, e praza a Deos que sempre as acheis de tanto contentamento quanto essas pera nós saõ. E quem estes Cavalleiros eraõ, hum delles se chamava Dom Lianjo, que era sobrinho do Emperador, e primo de Panflores: E o outro Orlamonte o esquecido, ambos além de parentes de Panflores, grandes seus amigos, e andavaõ em busca delle pela razaõ que já ouvistes. O Cavalleiro das lagrimas, depois que esteve hum pouco com elles, tornou a seu caminho, e aos dous dias chegou ao Padram da memoria lembrada, onde estava hum Cavalleiro apeado, como que esperava alguma coisa, e tanto que vio o das lagrimas que vinha contra si, ergueo-se em pé, e tornou-o a salvar como elle fez. O Caval-

leiro das lagrimas, depois que passou estas palavras de cortezia, perguntou-lhe se sabia a causa, porque se aquellas letras alli puseraõ. Isto estou eu esperando, disse o Cavalleiro, que venha alguem que mo diga. Eu creio, respondeo o das lagrimas, que vos terei companhia. Como! disse o do Padram: Cavalleiro, sois vós pera cometer tal aventura? Se me eu a isso naõ atrevesse, naõ trabalhara tanto pelo saber. Primeiro hei de saber (disse o Cavalleiro do Padram) pera quanto vós sois, por ventura algum de nós ficará hoje livre deste cuidado: e dizendo estas palavras, pedio o cavallo ao seu escudeiro, e enlaçando o elmo, saltou mui prestes em cima. O Cavalleiro das lagrimas quando vio, que taõ sem causa queria justar, houve algum tanto manencoria, e tomando sua lança correo contra elle. O do Padram, como aquelle que era mui bom Cavalleiro, ferio-o mui rijo, de maneira que lhe rompeo parte das tristes armas, mas naõ que entrasse na cirne, e em galardaõ deste encontro foi lançado fóra da sella, e com a força que levava, foi dar no Padram taõ grande pancada, que ficou emba-

gado. O Cavalleiro das lagrimas, cuidando que era morto, apeou-se depressa, e tirou-lhe o elmo por receber algum ar. Quando o Cavalleiro sentio o rosto descoberto com muita fraqueza abriu os olhos. A' Senhor Cavalleiro, disse o das lagrimas, quem he taõ prezado nas armas naõ cumpre mostrar fraqueza em tempo que seu inimigo está sobre elle. O' Senhor, respondeo o Cavalleiro, peçovos que me perdoeis, porque eu confesso, serdes naõ sómente pera cometer esta aventura, mas outras de maior perigo: e este conhecimento, e o mal que sinto, satisfaça ao que mereço: e ainda que mais mereça, vossa virtude vença minha descortezia. Vendo o Cavalleiro das lagrimas, que era taõ arrazoado, e bem fallante, disse: Se algum danno, Cavalleiro, de mim recebestes, vós fostes a causa: que eu mais quizera mantervos companhia nesta aventura, que na justa, que me demandastes: e ainda que eu naõ fora pera isso, naõ perdiis vosso esforço. E pois fostes soffrego do que taõ incerto tinhamos, soffrei vosso mal em paciencia: porém se quizerdes que esta minha donzella vos dê algum remedio, ella o fará,

por ventura vos abrandará essa dôr do encontro, pois não tendes outra ferida. O Cavalleiro lho teve em mercê, dizendo que não, mas que se queria ir a hum Castello de huma sua tia, que era d'alli mui perto, onde se acharia o necessario pera seu mal. E despedindo-se delle com grandes offerecimentos, foi-se caminho do Castello, que elle dizia: e tempo foi, que este Cavalleiro fez algumas boas obras por causa da cortezia que o Cavalleiro das lagrimas usou com elle. E estas obras, que por seu amor fez, lhe deraõ a morte como adiante vereis. O Cavalleiro das lagrimas, tanto que se elle partio, mandou tirar o freio ao cavallo, e encostou-se na erva, que ao pé do Padram estava, esperando que viesse alguém pera lhe dar novas delle: e porque ao tempo que se via só entãõ estava mais occupado em dizer seu mal a quem o não sentia; começou, com mais lagrimas, das que em suas armas trazia, a dizer mil vaidades vãs, respondendo como se lhe fallassem, e fallando como se lhe respondessem, sem a isto Carfel, nem Filena darem remedio. E alguma hora que Filena o queria desviar daquelle cui-

âdo, mostrava-se mui iroso contra ella, dizendo, que pouco estimava sua vida querendo-lhe tirar d'alma outra, que o fazia contente, com favor da qual todas as cousas obrava, e seus membros sustinha: por isso que se guardasse de o mais reprehender, e senaõ que soubesse certo, que a mandaria a casa da Rainha sua madre, porque elle naõ havia mister em sua companhia quem o reprehendesse nas cousas do segredo de sua alma. Carfel, e Filena quando o viaõ taõ aspero, eraõ avisados, e sabiaõ dar as redeas ao amor, porque ardua cousa he romper o impeto de suas forças.

CAPITULO XXXI.

Como estando o Cavalleiro das lagrimas no Padram da memoria lembrada, vio dous Cavalleiros combater-se: e do que passou com huma donzella, indo em busca delles.

Desta maneira passou o Cavalleiro das lagrimas todo aquelle dia lançado ao pé do Padram: e sendo já mui alta noite, sem nunca neste espaço tomar al-

gum de repouso, vio hum Cavalleiro armado de humas armas brancas encima de hum cavallo pombo, que se chegou a outro, dizendo. Esperai-me que logo venho : e com estas palavras alongou-se hum pedaço d'elle, e no cabo da carreira tomou huma lança como que a recebia d'alguem. O que ficava, em quanto elle isto fez, armou-se de humas armas negras, e cavalgou em hum cavallo murzelo, os olhos do qual eraõ taõ ardentés, que davaõ claridade pera se todas estas cousas verem, e tanto que seu contrario tomou a lança, encontraraõ-se mui asperamente, e desse primeiro encontro foi a batalha partida sem mais parecerem; porque o Cavalleiro negro tanto que lhe o outro tocou com o ferro da lança, foi logo abrazado em chamas de fogo, e feito em nada, e seu contrario tornou-se por onde viera. O Cavalleiro das lagrimas neste pequeno tempo que isto passou, armou-se mui depressa, e posto a cavallo quando chegou naõ vendo alguma cousa de quantas vira, ficou mui triste, e descontente de si mesmo dando a culpa á sua má diligencia em naõ chegar mais cedo. E porque ouvio dizer ao

Cavalleiro das armas brancas as palavras que no marmor estavaõ escriptas, começou de o seguir pelo caminho que lhe vira tomar, mas todo este trabalho era escusado, porque o tinha d'alli bem longe, e em parte onde elle não podia entrar. E andando com este cuidado dous dias por huma parte, e outra, sem levar certo caminho, encontrou com huma donzella cuberta de luto, encima de hum palafrem com as guarniçoens destas côres: e depois que a salvou mui cortezmente perguntou-lhe a causa de sua tristeza. E vós, Senhor Cavalleiro, respondeo ella, porque trazeis essas armas cheias de tantas lagrimas? Não vos perguntava isto, disse elle, com máo zelo, senão porque se em mim fosse poder-vos fazer mais contente, fallo-hia de mui boa vontade. Senhor Cavalleiro, respondeo ella, sou já taõ enfadada de contar minhas magoas a huns, e outros, sem achar alguem que se offereça a me vingar esta, que por isso vos respondi asperamente: porém se me vós prometerdes como leal Cavalleiro, de me vingar minha injuria, eu vo la direi de mui boa mente, e d'outra maneira não-no posso

fazer, porque o tenho assi promettido. Eu vou taõ occupado, disse elle, em huma aventura, que por isso me naõ antre-meto em outras, a qual he saber de humas letras que estaõ em hum Padram d'aqui duas jornadas: e tanto que isto souber, e outra cousa que nelle vi, por ventura farei o que me mandardes, sendo cousa que com razaõ possa aceitar. Ai Padram, Padram! disse a donzella, tu es causa de eu assi andar: e pois vós Cavalleiro naõ desejaes mais, eu vos desencançarei mui prestes, se me vós prometterdes o que vós peço. O das lagrimas ficou taõ lédo com esta nova, que lhe prometeo fazer por ella tudo o que a razaõ, e direito pedisse. Senhor Cavalleiro, respondeo ella, o meu dó he taõ justo, que haveis de folgar tomando qualquer trabalho por elle, e o seu principio he este: Na Ilha das Graças vive huma Dóna viuva por nome Lipina, que pario a mim, e a outra minha irmãa mais moça, com quem Deos communicou mais sua graça, que commigo, dotando-a de tanta fermosura, que foi causa de quanto mal agora tem: porque junto desta Ilha está outra chamada do Alto Pinaclo,

onde vive hum Gigante por nome Bracalar; o qual queria bem a minha irmã, e não sómente elle, mas dous primos seus que eraõ ambos irmãos, e mancebos de mui bom parecer: porque não tinhaõ aquella disformidade, que os Gigantes tem. E como nestes casos sempre as mulheres tomaõ mais affeição a hum servidor, que ao outro; assi minha irmã começou a favorecer ao menor irmão. O outro quando sentio, que elle andava d'amores com ella, e que era muito favorecido, de maneira, que andavaõ pera casar; com magoa desta dôr, chamou hum dia o irmão, e trouxe-o á falsa fé ao Padram da Memoria esquecida (porque assi se chamava áquelle tempo aquesse por quem me perguntais.) E como vio, que a sua maldade podia obrar, disse ao irmão: esperarai, que logo venho, e d'ahi a hum pouco tornou desconhecido, mui bem armado, e começou de o ferir mortalmente: porém caro lhe custou esta empreza, porque o irmão era mui bom Cavalleiro, e ainda que estava com poucas armas, como quem não esperava tanto mal, com tudo vendeo-lhe a vida pela sua propria, de maneira, que ambos foraõ logo alli en-

terrados pelos seus escudeiros. Bracalar seu primo, quando soube parte destas cousas, porque desejava casar com minha irmã, mostrando que tinha acção de se vingar della, pois fora causa da morte de seus primos, saltou na Ilha de minha mãe, e trouxe-a pera a sua, onde agora a tem dando-lhe má vida por desprezar suas cousas. E porque minha mãe esperava alcançar alguma consolação por esta manha, mandou pôr no Padram da Memoria esquecida aquella tavoa negra, com as letras que nella estão, porque os Cavalleiros andantes cobizosos de cousas novas, vendo-as folgassem de saber a causa, porque alli foraõ postas, e sabendo-a emendariaõ a força de Bracalar. Porém nunca té agora se algum quiz pôr nesta differença com elle. E porque he já conhecida esta aventura por estas partes, chama-se o Padram da Memoria lembrada, que d'antes por haver muito tempo chamava-se, da Memoria esquecida. E depois que estes dous irmãos alli jazem enterrados, dizem, que de noite se veim combater, não sei se he verdade, nem Deos me mostre tal cousa. Já vos acabei de contar o que desejaveis, e o que desejo fazerdes por mim, por tanto bem vos po-

deis chamar meu devedor : que cousa justa he tirar minha irmãa do poder de Bracalar, ou fazer com elle, que a tome por mulher, por não ficar com algum escandalo em nossas honras ; ao menos com isto seremos descansadas. Certamente, disse o Cavalleiro das lagrimas, eu estou tão lédo de saber a causa daquellas letras, que todo o trabalho que me tem dado não me lembra se o passei : e pois dellas depende vossa dôr, e paixãõ, vamos aonde mandardes. Com este concerto se foi o Cavalleiro das lagrimas com ella, e tanto andaraõ por espaço de dous dias, que chegaraõ a Lisu, onde embarcaraõ em huma Fusta pera a Ilha do Alto Pinaçlo. E havendo tres dias que navegavaõ, mudou-se o tempo, de maneira, que lançou a Fusta no Archipelago de Grecia. O Cavalleiro, como nunca por aquellas partes andara, vendo tanta multidaõ de Ilhas, perguntou ao Mestre da Fusta se eraõ todas do Emperador de Grecia. Tempo foi, respondeo elle, que muitas lhe pagavaõ tributo, mas agora quasi todas saõ abatidas de Gigantes, e Cavalleiros, que se levantaraõ com favor d'alguns Reis com quem elle tem

guerra. E a mais principal de todas estas Ilhas, he huma chamada das Sette virtudes, ou a Perfeita, pela grande aventura, que nella ha: a qual nunca foi do Emperador, senaõ de huns Cavalleiros, que a senhoreaõ por hum caso mui longo de contar. Rogo-vos, Mestre, que procedais nessa historia, e me conteis mui por extenso o que della sabeis. O que eu, Senhor, tenho sabido, disse o Mestre, he isto: Grande tempo ha, que na Ilha Gerdenha reinou hum Rei, que teve quatro filhos: o primeiro herdou o Reino, e o outro casou com a Princeza de Cecilia, os outros dous mais moços em vida de seu pai estavaõ em Athenas aprendendo: e vendo-se orfãos, e pobres, meteu-se hum Frade, e o outro menor, que Violambo havia nome, aprendeo tanto das artes liberaes, e principalmente da sciencia da Magica, que se chamava taõ bemaventurado como seus irmãos. E porque de sua natural inclinaçaõ era dado ás armas, depois que aprendeo muita sciencia, começou de as seguir: no qual tempo alcançou grande fama por toda Grecia. E seguindo este exercicio, foi ter á Ilha do Liberal Cavalleiro, onde

venceo dous Gigantes, que a queriaõ tomar a Micenor, que entã a senhoreava. E em galardaõ deste beneficio, que delle recebeo, sabendo quem elle era, casou-o com huma sua filha. E morto Micenor, ficou Violambo por Senhor da Ilha, mui amado, e querido de todos seus. E havendo já muito tempo, que com Lindoneza era casado sem haver filho, nem filha, começou com grandes rogativas a pedir a Deos que lhos dêsse, e concedendo-lhe esta mercê, houve huma filha; a qual trazia nos peitos humas letras bem talhadas cõr de sangue, que diziaõ: Fé. E como Violambo era grande sabedor, interpretando o que estas letras significavaõ, achou que esta filha era perfeita nesta virtude da Fé. E em sua memoria mandou fazer huma imagem tirada de seu natural, e pola em huma casa pera isso ordenada, taõ grande, e forte, que sobre ella podiaõ levantar outras, e fechava-se com abobeda de mui finas pedras de cores, e no meio della estava hum Padram, que tinha huma charola mui sutilmente lavrada, onde pôs a imagem da filha. Acabada esta casa, na perfeiçaõ que elle quiz, fez nella taes encantamentos, que nin-

guem podia entrar dentro senaõ aquelle , ou aquella, que na tal virtude fosse perfeito, e sendo disso desfallecido naõ podia chegar sómente á porta. E depois que Violambo teve esta filha, houve outra que nos peitos trazia humas letras do proprio talho, e cõr das outras que diziaõ : Esperança. E vendo elle que as filhas procediaõ na ordem das virtudes, procedeo tambem na obra da casa, e mandou fazer outra sobre a primeira, onde assentou a imagem da segunda filha; a qual naõ podia ser vista, senaõ de pessoa que na tal virtude fosse perfeita. E assi como lhe estas nasceraõ houve outras cinco na ordem das virtudes, e a cada huma fez sua casa, nas quaes entraõ aquelles, que por merecimento de suas virtudes saõ dignos de as ver. E estando aparentado com estas filhas sem cuidado d'haver mais, deu-lhe Deos outra na qual juntamente se encerravaõ todas as virtudes, que as irmãas entre si tinhaõ repartidas, pois a sua fermosura era assaz conveniente pera tal pessoa; porque como a Deos ornou de tantas virtudes, assi lhe deu igual perfeiçaõ de parecer. E vendo Violambo quanto a todas as outras sobrepujava, e que nos peitos trazia

humas letras que diziaõ : Perfeita ; com maior saber mandou obrar a casa de sua imagem : a qual imagem elle fez por sua maõ com tanta graça, e ár, que vendo-a junto da filha naõ se determinava a verdadeira. E sendo já estas donzellas em idade perfeita mandou-as pedir o Gigante Orcandor pera as dar por mulheres a oito filhos que tinha. Mas como Violambo determinava de as casar com quem acabasse a aventura da imagem de qual dellas pedisse, naõ concedeo em sua embaixada. Com o qual desprezo causou armar logo Orcandor grande fróta pera o totalmente destruir : porque ainda que fosse Gigante, era Senhor das Ilhas do ouro, e de mui alta linhagem, casado com humma irmãa delRei Foribo : e por este respeito sentio muito negar-lhe Violambo suas filhas, quasi tomando isto em caso de injuria. E em quanto ordenava a fróta, começou a fortuna a usar de sua condiçaõ, que he turvar o contentamento que os homens com alguma pouquidade tem, e encertou este contentamento, e descanso que Violambo tinha nas cousas que mais amava, morrendo-lhe a filha Perfeita : e antes que a chaga desta magoa fosse guare-

cida, tornou-se a renovar com a morte de sua mulher Lindoneza, que falleceo de parto de hum menino: com que algum tanto Violambo se consolou, por ser o primeiro que houve. E estando nesta tristeza, como todas as cousas lhe eraõ manifestas, por sua grande sciencia soube, que Orcandor seria antes de tres dias sobre elle. E naõ podendo fugir ás cousas que Deos ordenava de sua vida, meteu-se em duas Náos com toda a familia de sua casa, e levou tanta riqueza, que naõ podia hum cobigoso mais desejar: mas he incerto onde aportou. Orcandor, quando o naõ achou, e soube da gente dos lugares, que na Ilha havia, como era fugido secretamente, pesou-lhe por naõ exercitar a sanha que contra elle trazia. E vendo a fertilidade da terra, e os grandes edificios que Violambo tinha feito, ficou taõ contente della, que esqueceo a sua propria, e fez alli seu assento em quanto viveo. E em memoria de como a ganhara, sabendo a virtude que as casas tinhaõ, deu licença que qualquer Cavalleiro se podesse seguramente provar nellas. E pera isto ser bem ordenado, mandou lançar aos filhos sete sortes: e aquella que cada hum tomas-

se, de tal aventura fosse mantenedor, e elle seria da Perfeita : porque quando algum Cavalleiro se viesse provar nellas havia de ser com este partido : justar primeiro com o mantenedor da casa em que quizesse entrar ; e não querendo justar, dêsse hum escudo em sinal de vencido, e se fossem duas, dous : e se mais, mais : sómente a casa Perfeita, que não entrava no conto das outras : porque nella havia outra differença ; que era por força justar com o mantenedor, e sobrisso contender das espadas, té que a victoria fosse conhecida. E a este tal Cavalleiro, que o vencesse, sendo caso que por sua bondade entrasse em todas as casas, e depois na Perfeita, entregarlhe-hia o senhorio daquella terra : porque assi era bem que a perdesse por armas, como a tinha ganhado. E em quanto este Orcandor viveo fez mui firmes justas, com muitos Cavalleiros, que alli foraõ com tal demanda. E estando pera morrer, mandou chamar todos os filhos, e tomou-lhes juramento, que em sua vida tal costume mantivessem, e assi o fizessem jurar a todos os seus successores : E não fazendo isto elle lhe lançava sua maldiçaõ té o quarto grão : porque a sua alma não que-

ria ir encarregada das cousas alheias. E pois Violambo era partido, cuja aquella Ilha era, e elles não na podiaõ possuir com direito, era bem que a entregassem áquelle que com virtude, e esforço a ganhasse. Morto este Gigante Orcandor, ficaraõ os filhos, que eraõ mui especiaes Cavalleiros, e comedidos em suas cousas: porque do pai tomaraõ o esforço, e valentia, e da mãi a mansidaõ, e benignidade: de maneira, que assi no corpo, como em todas as outras cousas, não eraõ Gigantes, e por esta causa eraõ taõ amados, e conhecidos, que grandes Senhores casaraõ com elles suas filhas. Depois por seu fallecimento veio o Senhorio desta Ilha de geração em geração té aquelles que agora a tem, os quaes, segundo dizem, saõ mui esforçados Cavalleiros, e não sómente senhoreaõ a ella, e a do ouro, que eraõ de Orcandor; mas outras, que seus avõs ganharaõ por força d'armas, em tempo do Emperador Bermano pai de Polinario. Muito móres cousas, senhor Cavalleiro, se contaõ desta Ilha, a verdade das quaes não se cré senaõ por experiencia. Certamente, disse o Cavalleiro das lagrimas, ellas saõ taõ maravilhosas, que não póde

ser mais : e porque esta Fusta, que vem contra nós por ventura virá de lá chegemos a ella a saber algumas novas. Porém d'outra maneira lhe aconteceu, porque na Fusta vinha Bracalar, o Senhor da Ilha do Alto Pinaclo, que elle hia buscar ; o qual tambem andava com tempo contrario lançado naquella parte, e como era bom Cavalleiro, tanto que vio a Fusta do das lagrimas mandou remar contra ella : e chegando mui perto, levantou-se em pé, dizendo, que se rendesse. Laquinda a donzella do luto, porque o conheceo, começou a dizer ao Cavalleiro das lagrimas : Ai Senhor ! este he Bracalar, por tanto agora tendes tempo de mostrar vosso esforço. Elle, como lhe isto sahia em popa pera fazer o que desejava, mandou ao Mestre da Fusta, que abalroasse com a outra. E travadas mui bem antes que viessem a mais, tomou a Laquinda pela mão ; e disse contra o Gigante : Bracalar, ainda que me não conheças, conhecerás esta donzella irmã de Ginebra, que tu com injuriosa força tens : por tanto convém que lhe faças emenda desta deshonra, e senão em lugar estás que o pódes pagar. Não cuidei,

disse Bracalar, que tanta paciencia me senhoreasse, que podesse ouvir cousas cheas de atrevimento contra mim, e pois já consenti tuas palavras, não quero que passe mais tempo sem te dar a pena, que por ellas mereces : (e dizendo isto alçou a espada pera o ferir.) O Cavalleiro das lagrimas estava já a este tempo pegado com elle, e recebeo o golpe no escudo, como quem sabia remediar a furia de seu inimigo, porque a sua carne a não sentisse. E como era mais solto que o Gigante, andava pela Fusta á sua vontade, ferindo nelle mortalmente, e o Gigante pelo acolher, e fartar sua braveza, queria tambem saltar de huma parte a outra : e isto lhe causava tropeçar muitas vezes nos bancos da Fusta, no qual tempo se vingava o Cavalleiro das lagrimas, com que Laquinda, e o Mestre da Fusta estavaõ taõ contentes, como espantados, olhando o corpo de hum, e d'outro, e a vantaje que o Cavalleiro das lagrimas tinha sobre Bracalar. E continuando ambos esta contenda sem cansar, nem descansar, desceo o das lagrimas com hum golpe de tanta força, que cortou as armas de seu inimigo, e parte do braço es-

querdo : e porque o vio hum pouco embaraçado, querendo mudar o escudo, travou-lhe primeiro taõ rijo por elle, que o lançou aos pés, e seu senhor juntamente. E desta queda ficou Bracalar mui quebrantado sem se poder mover por causa dos bancos da Fusta, que lho impediaõ, e trabalhando sobre isso arrancou-lhe o Cavalleiro das lagrimas o elmo, dizendo : Convém, Bracalar, que em tal estado percas a vida, e alma se te não arrependes de tuas más obras. O' não menos virtuoso que esforçado Cavalleiro, disse elle, peço-te que esta seja a pena de minha maldade, e não queiras mais exercitar tuas forças em hum Cavalleiro vencido, que assi confessa seus erros, porque além de nisso ganhares gloria, farás que minha alma não pereça fenecendo em tal estado. Por tanto dá-me vida, pera nella servir a quem tenho offendido, e se minha soberba vencer a razão, suppra nesta parte a tua virtude, e humanidade, e não creas que te peço a vida pera me livrar della, senão com fervor de penitencia de meus peccados; em punição dos quaes me deu Deos este galardão. A menor palavra dessas, disse o Cavalleiro das lagri-

mas, tem tanta força, Bracalar, que não sómente obrigaõ a te dar a vida, que mais nas mãos de teu arrendimento, que nas minhas estava ; mas ainda te offereço a minha, quando pera tuas cousas a houveres mister : com tanto, que tomes por mulher a Ginebra, pois com isto lhe pagarás a injuria, e danno que fizeste. De nenhuma cousa me peza tanto, respondeo Bracalar, como não ter mais que huma vida, porque se vinte tivera, todas estimára em pouco serem perdidas por teu serviço, pois tanta mercê me fazes juntamente : porém não creio, que essa bemaventurança posso ter, porque Ginebra não he contente disso, que se o fora, dias ha que o eu fizera. Laquinda, disse o Cavalleiro das lagrimas, me tem dito, que sua mãi Lipena ficará com isso satisfeita, e ella tambem, e pois ambas o saõ, Ginebra o será sabendo a vontade dellas. Por tanto, esforça, que já me ganhaste com tuas palavras por tamanho amigo, que isso será a menor cousa em que eu trabalhe por te descansar. Passadas estas palavras, que pera Bracalar, e Laquinda eraõ mui gostosas, mandou o Cavalleiro das lagrimas a Filena, que curasse delle com tanto

resguardo da vida, como a sua propria. E porque ella em taes casos mostrava sua sufficiencia, curou de maneira a Bracalar, que em breve tempo foi guarecido de todo. E feita esta primeira cura, e o Cavalleiro das lagrimas remediado d'algumas pisaduras, que tinha na carne; porque a Ilha Perfeita estava á vista delles, e o tempo era prospero pera isso, e contrario pera outra navegaçãõ, mandáraõ arribar sobre ella. E chegando ao porto acharaõ huma Fusta, que era de seis Cavalleiros, que estavaõ em terra provando-se nas aventuras. O das lagrimas, porque desejava ver a experiencia das cousas, que lho Mestre da sua Fusta contára, disse a Bracalar, e a Laquinda, que lhe parecia bom conselho sahirem em terra, té que o tempo dêsse lugar a tornarem á sua navegaçãõ, e entre tanto veriaõ as cousas que d'aquella Ilha contavaõ. Senhor, disse Bracalar, bem podeis fazer o que quizerdes sem pedir vontades alheas, quanto mais a minha, que naõ sahirá do que a vossa ordenar. O Cavalleiro das lagrimas mandou entaõ armar em terra hum tendilhaõ, que o seu Mestre consigo trazia, e em quanto Carfel, e os escudei-

ros de Bracalar isto faziaõ, esteve olhando hum Padram mui alto de pedra negra, encima do qual estava huma figura da mesma pedra, de homem de grande idade, e sobre a maõ esquerda tinha inclinada a cabeça mostrando muito sentimento, e na direita huma tavao quadrada de marmor mui alva, onde a historia do que aconteeo ao Senhor da Ilha, com letras negras estava escrita, e era de tal composiçaõ, que as podia ler quem quer que d'alli a huma legoa estivesse: e por este respeito muitos navegantes sabiaõ parte desta historia. E naõ sómente neste porto, mas em outros dous, que a Ilha tinha, estavaõ outros Padroens da mesma composiçaõ, e feitura. E estando o Cavalleiro das lagrimas lendo estas letras chegaraõ dous escudeiros, que traziaõ sobraçando hum Cavalleiro d'aquelles que na Ilha estavaõ provando as aventuras. O das lagrimas quando o vio taõ maltratado (por causa de hum encontro, que na justa recebeu) mandou a Filena, que o remediasse: a qual fez esta cura com tanta diligencia, estancando-lhe o sangue, que ficou o Cavalleiro em seu acordo. Porque onde elle desfallece, pouco esforço se acha.

CAPITULO XXXII.

Como o Cavalleiro das lagrimas justou com os mantenedores, e do que passou na casa Perfeita.

E acabado de curar este Cavalleiro, porque era já mui tarde, e do porto ao Castello das virtudes era bom pedaço, disse o Cavalleiro das lagrimas a Braccalar: Eu quero ir acima antes que venha a noute: se vos achardes bem, e eu não tornar á manhã por todo o dia, fazei o que vos bem parecer. Filena, e vossa cunhada fiquem com vosco, que eu não hei mister mais que Carfel. E leixando este recado, começou a subir pela cósta acima. E porque o caminho era hum pouco fragoso, não pode tanto andar, que o não tomasse primeiro a noute: e quando chegou ás portas do Castello achou-as fechadas, de que ficou mui triste. E vendo que o remedio era esperar a manhã, apeou-se desviado da porta, e alli passou toda aquella noute em mil pensamentos, que o não leixavaõ passar alguma hora descansada, té que sendo já dia claro vie-

raõ abrir as portas, e antes que entrasse, olhando encima do portal, vio huma imagem de hum Cavalleiro mui temeroso, que sostinha a redondeza do mundo sobre as costas, da maneira que pintaõ o grande Hercules, e pela Zona do meio daquella esphera, e redondeza, estavaõ humas letras em Grego, que diziaõ : Esta parte, e as outras duas contrarias a ella obedeceraõ áquelle que me ha de vencer. O Cavalleiro das lagrimas esteve mui prompto na sentença destas palavras, e o que entendeo foi, que aquelle que em saber, e fortaleza vencesse a Hercules, este venceria, e dominaria as outras partes do mundo naõ conhecidas, que saõ as duas frias, e a outra em extremo quente. E depois foi tempo em que o Cavalleiro das lagrimas entendeo claramente o que isto significava, e outras muitas cousas, que estavaõ na Ilha, as quaes ainda ninguem tinha visto, e onde se contaõ he na segunda parte. E tanto que isto leo, querendo entrar chegaraõ a elle oito escudeiros a cavallo ricamente ataviados, e cada hum trazia ao hombro huma maça de prata, como que serviaõ de porteiros. E o que em idade, e dignidade aos outros

precedia chegou-se a elle dizendo : Que ventura vos trouxe, Cavalleiro, a esta terra? se he com desejo de provar as maravilhosas cousas , que nella ha , convém primeiro saberdes a lei, que ácerca deste caso he posta , porque nós não servimos de mais, que de declarar estas cousas aos Cavalleiros, que aqui vem, e assi como as aventuras são oito, assi nos apresentamos a vós neste numero, da parte dos mantenedores, que as guardaõ : Entaõ começou a contar tudo o que era ordenado, como atrás ouvistes. E acabando sua falla , disse o Cavalleiro das lagrimas : Certamente eu não sou vindo a esta terra com outra demanda , senaõ com desejo de ver todas essas cousas : e pois dizeis, que primeiro me convém justar com os mantenedores, que as guardaõ, dizei-lhes que está aqui hum Cavalleiro , que a isso se offerece. Partidos os escudeiros tornaraõ d'ahi a pouco com recado, dizendo, que entrasse em boa hora, e levaraõ-no com muita cortezia , té que o poseraõ em huma praça grande, onde estavaõ todos os mantenedores, armados cada hum das armas, e divisa, que a sua aventura demandava, e hum dos Cavalleiros, que

na Fusta vieraõ, estava a este tempo combatendo-se com Esperandor, que guardava a casa da Esperança. E porque he necessario saberdes quem este Cavalleiro he, e assi seus companheiros, vos diremos seus nomes, porque todos eraõ de casa do Emperador Polinario: e sabendo as aventuras desta Ilha, como eraõ desejosos de perigos novos, ajuntaraõ-se estes seis, e vieraõ na Fusta, que no porto estava assi como ora ouvistes. Este, que se combatia, chamava-se Pantaleaõ o Desesperado, porque nunca começou cousa, que esperasse de acabar, e por causa de perder este sobrenome, quiz primeiro justar com o mantenedor, que guardava a casa da Virtude, de que elle menos tinha, mas mui facilmente foi vencido. O outro, que na Fusta mandou curar o Cavalleiro das lagrimas havia nome Firmalte o Casto, porque sempre o fora, e primeiro que fosse vencido de Justiano, que guardava a casa da Justiça venceu Prudenfimar, que era mantenedor da Prudencia. Outros tres, que já tambem eraõ vencidos, hum delles se chamava Orfino sem sangue, porque lhe naõ conheciaõ parente: outro havia nome Orlamonte Esque-

cido, o qual antes que fosse vencido derribou Justiano, e Caribom o mantenedor da Charidade; e no terceiro, que era Prudenfimar, desfalleceo. Outro se chamava Brofanel de Moncasto, que tambem venceo, antes que o derribassem, o mantenedor da Fortaleza. O derradeiro, que ainda estava por se combater, havia nome Florambel, e era sobrinho da Emperatriz Ariola, filho de Brisando Rei de Dacia, e da Rainha Apiana irmã delRei Adriano: o qual havia muito tempo, que andava em busca do Cavalleiro das lagrimas, e de Dom Dinarte, seus primos, por se dar a conhecer com elles. E nesta demanda fez muitas proezas, principalmente quando achava novas das cousas que elles faziaõ. E além deste Cavalleiro ser mui esforçado, era taõ gracioso, e manhoso em todas as cousas, que lhe chamavaõ Florambel o Manhoso: e por esta causa muitas donzellas se prezavaõ de o ter por servidor, ainda que sabiaõ quam mudavel elle era, naõ tendo muito tempo fé com alguma. Assi que com razaõ pôde ser estimado por hum dos principaes em tudo, como no proseguimento da historia em suas obras julgareis. O

qual, tanto que Pantaleaõ foi vencido, demandou justa a Fedalei mantenedor da Fé: e passados os primeiros encontros sem fazerem mais que as lanças em rachas, na segunda justa foi Fedalei lançado pelas ancas fóra. E vencido este, venceo a Esperandor, Caribom, Justiano, e Prudensimar, e porque estava já hum pouco quebrantado, apeou-se, dizendo, que queria entrar nas casas, que estes mantenedores guardavaõ, e depois justaria com os outros. E a causa, porque elle isto fez era por saber, que recebia novas forças todo aquelle, que em alguma dellas entrava, e se era ferido ficava sem sinal de ferida. Os mantenedores o levarãõ entãõ á Fortaleza Perfeita, e entrou mui levemente na casa da Fé, e da Esperança, e Charidade, e Justiça. O Cavalleiro das lagrimas, e todos os mantenedores, quando lhe viraõ levar a eito as aventuras, como levava, estavaõ espantados: porém quando quiz entrar na casa da Justiça, ficou taõ desfallecido de suas forças, que cahio no meio da porta sem dar acôrdo de si. E vendo todos que lhe naõ era prometida aquella aventura, tiraraõ-no d'alli, e por ser já mui tarde

naõ se fez aquelle dia outra cousa, com que o Cavalleiro das lagrimas ficou mui contente por ter mais tempo pera o que elle esperava. E sabendo já os mantenedores a causa de sua vinda, mandaraõ-no agasalhar com todos os outros vencidos em hum grande aposentamento, que tinhaõ feito pera os que alli viessem com tal demanda, onde eraõ mui servidos de todas as cousas: porque estes mantenedores mais estimavaõ esta grandeza, e louvor, que todas as riquezas do mundo: e ao tempo que o Cavalleiro, que alli era vencido estava pera se partir, tomavaõ-lhe juramento em sua verdade, que dissesse seu nome: e entaõ era escrito em huma tavoã de lataõ, que estava sobre a porta da casa Perfeita, onde se declarava em qual das aventuras desfallecera, e isto sómente era pera elles, como já dissemos, de tanto preço, que se achavaõ por mais honrados, que Imperadores, pois naõ havia Cavalleiro em todas aquellas partes, que elles naõ soubessem pera quanto era, e os mais delles tinhaõ escrito naquella tavoã. Bracalar, que no tendilhaõ ficara, pela cura que Filena fez, achou-se em tal disposiçaõ, que naõ sen-

tia já suas feridas. E vendo que o Cavalleiro das lagrimas não vinha ; com desejo de ver o que passava, e assi as cousas da Ilha, mandou ao Mestre da Fusta, que recolhesse o que tinhaõ em terra, e cavalgando em hum cavallo, que consigo trazia, e sua cunhada, e Filena em seus palefrens, começou a caminhar pela côsta acima, e com este alvorço ainda que hia bem fraco não sentio muito o trabalho do caminho, de maneira, que chegou ao principio da justa, que o Cavalleiro das lagrimas ao outro dia com todos mantenedores houve. E porque contar as cousas, que nesta justa fez, seria mais prolixidade, que gosto pera os ouvintes, vos não queremos deter em deu-lhe hum encontro, e outro deu-lhe outro : pois de hum taõ virtuoso, e esforçado Cavalleiro, como era o das lagrimas, não se póde menos esperar do que elle fez, que foi vencer todos mantenedores com tanta gloria, quanta em suas cousas sempre alcançou. Sómente vos contaremos, que acabando de vencer estes, sem querer entrar em alguma das casas demandou justa a Perfeitor, que guardava a casa Perfeita : porque neste Ca-

valleiro estava toda a sua honra, como aquella, que era escolheito antre todos os outros por mais excellente, e esforçado nas armas, e por esta vantaje lhe davaõ a mais principal casa. O qual, tanto que vio a determinação do Cavalleiro das lagrimas, armou-se de humas armas d'azeitonado partidas em escudos d'ouro, e em cada escudo hum Pavaõ, que enchia o campo com a fermosura de sua roda : e pondo-se encima de hum cavallo alazão, mui fermoso, veio ao terreiro, onde achou o Cavalleiro das lagrimas esperando por elle. E antes que entrassem na justa começaraõ quatro trombetas a tocar mui suavemente com hum tom brando, e fóra da aspereza, que as outras tem (porque esta vantaje, e honra se dava a Perfeitor :) os outros estavaõ postos em hum varanda pera ver a batalha : e ainda que ficaraõ mal da justa, com tudo vieraõ alli com suas mulheres, porque assi era ordenado antre elles, quando se Perfeitor combatesse. O Cavalleiro das lagrimas vendo o sinal, que as trombetas fizeraõ, ainda que naõ sabia aquelle costume, remeteu a Perfeitor, e encontraraõ-se ambos de tanta força, que junta-

raõ os cavallos, e ficaraõ com as mãos no ár estribados sobre as pernas, mas d'aquella justa naõ fizeraõ mais que as lanças em mil pedaços, de que o Cavalleiro das lagrimas ficou mui descontente, e pedio a Perfeitor que justassem outra vez. Perfeitor como naõ tinha menos presumpção que elle de bom justador, disse que lhe prazia, e tomando outras lanças com aqodamento d'empregar bem a sua, perdeu o encontro, porém o das lagrimas acertou melhor o seu, porque lhe meteo gram parte da lança por meio dos peitos, sem lhe aproveitarem as fortes armas que trazia. Quando se Perfeitor vio com o troço da lança nos peitos tomou a sua com sanha de quam mal a empregara, e lançou-a de si com tanta força, que no meio do ár a desfez em rachas. E ficando sem ella, arrancou de sua espada, e veio-se ao Cavalleiro das lagrimas, que o estava esperando, e começaraõ de se ferir mui asperamente, como aquelles que naõ queriaõ poupar hum a outro. E no meio desta contenda indo o Cavalleiro das lagrimas com hum golpe, carregou tanto Perfeitor sobre huma parte por se desviar delle, que se estorceo

o cavallo, e com o pezo do corpo cahio com seu senhor. O Cavalleiro das lagrimas se apeou logo mui prestes, e esteve quedo, té que Perfeitor desembarçou huma perna que tinha debaixo, e como o vio estar apercebido, tornaraõ á sua batalha mais asperamente, porque entañ podiaõ chegar hum ao outro á sua vontade, e a cavallo naõ no podiaõ fazer. Florambel, e seus companheiros vendo a desenvoltura, e ardidez do Cavalleiro das lagrimas, estavaõ espantados: porque quanto mais trabalhava, mais forças nelle viaõ (cousa que a poucos Cavalleiros acontece.) E o prazer que sentiaõ pela vantaje, que sobre Perfeitor tinha, naõ era menos que o de Bracalar, e Laquinda sua cunhada. O Cavalleiro das lagrimas a este tempo sentindo a fraqueza de Perfeitor, travou-lhe pelo brocal do escudo de tanta força, que o lançou a seus pés. Tres filhas de Perfeitor, que estavaõ na Varanda á sua batalha, vendo-o posto em tal estado vieraõ mui á pressa, e lançaõ-se sobre elle com muitas lagrimas, cuidando que era morto, mas os mantenedores desceraõ a ellas, e fizeraõ-nas apartar, dizendo, que a vida, que

honrosamente parecia não era necessario chorar sobre ella. E depois que as apartaraõ d'alli, e fizeraõ levar a Perfeitor, foraõ-se onde o Cavalleiro das lagrimas estava concertando o elmo; porque queria entrar na Perfeita Casa antes que se curasse: ao menos se o fizesse não daria trabalho a Filena de lhe curar as feridas, pois no fim de tal aventura havia de ficar guarecido de todo. E chegando os mantenedores a elle, começou Prudentifimar desta maneira: Quantas razoens, esforçado Cavalleiro, tem todos os que armas trazem de vos dar vantaje nellas, claro vemos a esperiencia disso: e os louvores que por isso, e por esta aventura mereceis, callarei, pois o meu juizo se turva, e a lingua não ousa tal commetter, sómente direi ao que somos apresentados diante de vossa pessoa, ornada daquellas, que em pago de vossas obras vos deraõ galardão de perpetua gloria. Setenta, e seis annos ha que esta Ilha chamada Perfeita foi senhoreada por Orcandor, donde todos descendemos, e nunca Cavalleiro que a ella viesse, ganhou a honra que vós com vosso esforço, e virtuoso coração ganhastes. E porque me

parece que já tendes sabido que no fim de vossas obras alcançaes o Senhorio della (assi como pelos porteiros vos foi dito;) não quero fazer mais relação disso, senão que vejaes o meio, que com nosco haveis de ter, conformando-vos com o merecimento de nossas pessoas, que sempre usárao daquela cortezia, e verdade que vós achastes, e porque nisso não sómente fazemos o proprio de nossa condição; mas o que temos prometido a nossos avós: d'aqui podeis mandar provêr nas cousas desta Ilha, que com muita razão podeis chamar vossa. Certo, disse o Cavalleiro das lagrimas, nenhuma cousa me faz tão contente, mui esforçados Cavalleiros, como achar em vós aquillo, que poucas vezes se acha naquelles que as cousas alheas por muito tempo possuem. E quanto he a me leixardes esta Ilha, pois della tenho o Senhorio ganhado, eu vos agradeço muito essa vontade, porém ainda agora posso mal dispôr nas cousas que dizeis, pois a principal aventura onde muitos Cavalleiros desfalleçerao ainda tenho por acabar: e porque antes de pouco tempo, se me Deos leixar, espero de vos responder neste caso mais

á minha vontade, quero entrar na Perfeita Casa, pois nella está juntamente o que as outras tem repartido. Vendo os mantenedores sua vontade, foraõ-lhe abrir a porta do cerco onde ella estava: E chegando o Cavalleiro das lagrimas ao portal, abriã-se as portas por si, e começãõ grande harmonia de vozes a cantar á sua entrada estas palavras á maneira de profecia. Bemaventurado te deves Cavalleiro chamar, pois a Divina Providencia te creou pera principio de Christianissimos, e Poderosos Reis, e mais te confirmou com gloria sem fim na entrada desta casa, onde receberás coroa ornada das virtudes que em si tem, e pera que isto estimes em mais, toma a causa dos males que té agora sentiste, e com maior contentamento ainda has de padecer. A estas palavras se abriãõ humas portas, que estavaõ no meio do Padram com muito terremoto, e foi a claridade taõ grande, que naõ vio o Cavalleiro das lagrimas o que ellas descubriraõ: mas depois que a vista cobrou mais forças em sua potencia, vio a imagem Perfeita taõ conforme á do vulto que elle na tavao trazia, que ficou abrasado em maior fo-

go (porque a via já mais perfeitamente.) E estando assi trespassado sem ter outra cousa viva senaõ o sentimento com que este alvoroço, e turvação sentia, cahio esmorecido aos pés della. Os mantenedores, e Florambel, e os outros, que á porta estavaõ quando ouviraõ as vozes ficaraõ todos elevados sem se lembrarem de si. E ouvindo depois o terremoto com que se as portas do Padram abriaraõ, e o Cavalleiro se detinha, naõ sabiaõ a que attribuissem esta doença; e a quem isto mais tocava era a Filena, e a Carfel, como aquelles que naõ tinhaõ mais bem que a vista de seu Senhor, e creiaõ verdadeiramente que todos os perigos do mundo andavaõ lá dentro contra elle. E certo que se naõ enganavaõ, pois em tamanho estava sua vida com a vista daquella imagem. O qual depois que hum pouco esteve diante della trespassado em seu amor, levantou os olhos, e começou a dizer: Oh imagem de minha esperança (duvidosa pera me descansar) quando será aquelle dia que acabe, ou comece a sentir outra novidade, outra gloria, ou mudança com a perfeição de vossa vista, que taõ viva fará minha fé,

quam morto me tem agora encubriendo-se pera me descansar, e naõ pera que escape de sentir males, paixoens, dôres, cuidados, e outros pesares, que nasceraõ, e ordenaes que tome por galardaõ. Muitas outras cousas esteve o Cavalleiro das lagrimas gastando, e dizendo com mais lagrimas das que as suas armas traziaõ: e olhando aos pés daquella imagem, vio huma tavao com humas letras d'ouro em Grego, que diziaõ: 'Todalas cousas que por minha causa sentires ellas te seraõ agalardoadas com o premio de minha propria pessoa: por tanto, descansa, que ainda agora mereces mais do que tens diante de ti. E porque naõ seguindo tuas aventuras seria causa de grande danno a todolos que de tua ajuda tem necessidade; toma esta minha imagem por companhia, por onde quer que fores, e com este panno seja cuberta, que he por tanta sabedoria tecido, que ninguem me pôde ver senaõ tu (ainda que quando me verdadeiramente conheceres, entaõ me perderás.) Mui espantado ficou o Cavalleiro das lagrimas com estas palavras, porém considerando bem nellas, chamava-se ditoso, pois havia de trazer consi-

go aquella imagem, que tal esperança lhe dava. E tomando-a nos braços com muito acatamento, vio vir pelo ar huma caixa da feição della taõ verde, e lustrosa como fina esmeralda, e apresentaraõ-lha com huma voz, que dizia: Ditoso Cavalleiro, este he o lugar onde has de pôr o segredo de tua alma, que tu por muitas vezes invocarás em tuas façanhas. O Cavalleiro das lagrimas, tanto que a voz acabou, meteo a imagem onde lhe mandavaõ, e fechou-a com huns fechos, que tinha d'ouro mui artificiosamente lavrados. E depois que andou olhando toda a quadra da casa, sem ver mais nella que huma claridade taõ viva, que lhe pareceo ser todas as cousas passadas mais sonho que verdadeiras, e isto era por ser já muito noute, e dentro na casa com a grande claridade parecia que andava o Sol. E estando confuso neste pensamento ouviu a Florambel, que dizia a Filena: Não convém a donzella, que a tal Senhor serve, desesperar das aventuras, pois he taõ ditoso que acabou esta. Ai Senhor, respondeo ella, que posso cuidar desta detença, pois as duas partes da noute saõ passadas sem saber como está? Quando o

Cavalleiro das lagrimas conheceo a falla de Filena, e vio que era verdade tudo o que passara, mas que se deteve muito, começou a dizer: Carfel, estás ahi? Senhor, respondeo elle, bem triste té agora, e todos estes Cavalleiros por vossa detença. Florambel se chegou então a elle, dizendo: Certo, bemaventurado Cavalleiro, naõ sómente vimos cá-fóra a esperiencia de vossa bondade nas cousas que obrou, mas ainda as vozes que ouvimos certificaraõ o mais que a nós era encuberto. Prudensimar tambem começou a dizer: Já agora, Senhor Cavalleiro, naõ vos podeis escusar do que por vossa grandeza engeitaveis, pois alcançastes tanto o que de tempo vos estava prometido. He este taõ pouco disposto, disse elle, pera vos responder, que me parece melhor irmos repousar, e deshi se fará o que vos bem parecer. Com estas palavras começaraõ de subir pela escada do aposentamento onde o Cavalleiro das lagrimas pousava, e inda que os mantenedores o quizerãõ levar a outras casas melhores, naõ quiz por aquella noute, e alli foi desarmado por Carfel, e Filena cuidando que estava ferido, mas naõ tra-

zia outra chaga senão a do coração com que nascera, a qual com a novidade da paixão estava mais assanhada, e porque Filena sabia já a sua qualidade não lhe pôs nada. O Cavalleiro das lagrimas, tanto que os mantenedores, e Florambel, e seus companheiros foraõ recolheitos cada hum em seu aposentamento, e Bracalar se acostou em huma camera que tinha apartada, como nisto trazia mais o sentido que em dormir, e repousar de tanto trabalho, chamou a Carfel, e pediu-lhe o retablo, porque queria cotejar o vulto delle com a imagem que trazia, e saber se alguma dellas tinha mais perfeição. Carfel começou hum pouco de se agastar, e vendo que não podia al fazer disse: Sinto tanto, Senhor, dar-vos má nova, que não sei como a diga. Dize o que quiseres, disse o Cavalleiro das lagrimas, que cousa certa he em mim ver, e ouvir muitas que me mataõ com me deixar vivo. Senhor, respondeo Carfel, ao tempo que entraste na casa Perfeita, tendo minha irmãa na manga do brial a ravoã do vulto, não sabe quem sahio de dentro, que lha tomou, e quando me isto disse, cuidando eu que serieis vós por

lá dentro estardes em vossas contemplaçoens, disse-lhe que se não agastasse dando-lhe esta consolação. Quando o Cavalleiro das lagrimas ouviu isto, parecendo-lhe misterio que não convinha a elle sabello em tal tempo, não fallou mais nisso a Carfel, porque as cousas que dão paixão quanto se mais nellas falla, tanto se mais accrescenta: e quem diz que desabafa está enganado, porque o gosto que nisso levamos não descansa, mas he tão proprio de nós, não poder callar o mal, nem encobrir o bem, como o arrependimento depois que o dizemos.

C A P I T U L O X X X I I I .

Do que o Cavalleiro das lagrimas passou com os mantenedores, e como se deu a conhecer, e do mais que fez.

Ao outro dia, tanto que todos aquellos Cavalleiros foraõ levantados, porque era já vinda alli muita gente de duas Villas, que havia na Ilha, fe-los o Cavalleiro das lagrimas ajuntar em huma

grande salla, e propôs-lhe estas palavras dirigidas aos mantenedores : A fama de vossas obras, esforçados Cavalleiros, e amigos, he a todos taõ notoria, que sem algum pejo vos podeis chamar netos daquelle esforçado Orcandor, que esta Ilha primeiro ganhou. E certo, na grandeza, e liberalidade que fez em a deixar a quem a ganhasse, bem mostrou o animo, e grandes pensamentos, que tinha, estimando mais a gloria desta obra, que o Senhorio da Ilha, que naõ podia levar consigo; e vós por naõ conseguirdes menos louvor, liberalmente me entregaes o Senhorio della. Porém o que mais lèdo me faria he aceitarde-la de mim como de hum vosso amigo, que de boa vontade vos dá huma cousa. E se isto naõ quizerdes, peço-vos que vivaes nella té que lhe eu busque outro remedio; e crede que me tereis mais ganhado pera tudo o que vos de mim cumprir : porque querendo eu agora tomar a governaçãõ della, seria pera mim cousa mui estranha, pois estas armas me saõ grande carga, quanto mais essa, que ha mister muita esperiencia, soffrimento, aviso, rigor, amor, e outras cousas que o governar pede, sem as quaes mal se

póde sostêr alguma, por pequena que seja, pois vai grande differença de governar vontades alheias, a fazer a vossa propria, e porque vós tendes a vida empregado neste tal exercicio, estimaria em grande amizade aceitardes o que vos offereço. Naõ está aqui Senhor, respondeo Prudentinar, homem de taõ pouco conhecimento, que naõ saiba quanta mercê lhe quereis fazer, mas considerando que muito mais val a verdade, que todas as riquezas, e abastadas possessoens, engeitamos o que nos offereceis, porque se o fizessimos offendiamos aos ossos de nossos avôs, e a fé que lhe temos em suas mãos dada. E esta he a causa, porque naõ aceitamos hum taõ honrado, e rico Senhorio, como he o desta vossa Ilha, e nossa patria. Porém por ser cousa, que com alguma mais razaõ se póde fazer, em quanto lhe buscaes outro remedio, nós ficaremos nella, servindo-vos em tudo o que mandardes com aquella fé, e amor, que a huma pessoa de tanto merecimento se deve ter: E assi como vos queremos fazer este serviço, nos fazei huma mercê, que he dizer-nos o vosso nome, porque saibamos de quem somos vencidos, e a quem te-

mos por Senhor. Ainda que té agora me nomeio por Cavalleiro das lagrimas, disse elle, o meu verdadeiro he Clarimundo : porém em quanto não alcançar huma cousa que desejo, não posso mudar este que agora tenho (isto era, porque trazia posto em sua vontade de não deixar o de Cavalleiro das lagrimas, senão depois que visse a causa principal que o matava.) Quando Florambel soube que aquelle era Clarimundo seu primo, foi-se a elle com os braços abertos, e deu-se-lhe a conhecer, e assi todos seus companheiros. Os mantenedores, que não menos alegres estavaõ, sabendo que pesso a tinhaõ ganhado por amigo, e Senhor, começaraõ novamente mostrar novo contentamento, porém era nada em comparação do que o Cavalleiro das lagrimas com seu primo tinha. E depois que passou com elle muitas palavras de prazer, perguntando-lhe pela Corte do Emperador, tornou a agasalhar aquelloutros Cavalleiros, mostrando quanto estimava tê-los alcançado por amigos; assi que não havia alli ninguem taõ isento de prazer, que o sentido tivesse occupado em outra cousa. E passadas todas estas naquelle dia;

em alguns que o Cavalleiro das lagrimas alli esteve, ordenou tudo o que cumpria á governaçã daquella sua Ilha, dando conta a todos os moradores como lhe cumpria ir com Bracalar ao que tinhaõ concertado: por tanto, que perdoassem naõ se deter mais com elles pera gostar da sua boa conversaçã. Com as quaes palavras, e outras, que este Cavalleiro sabia dizer, fez a todos mui contentes. Florambel, e seus companheiros, tanto que elle acabou estes concertos, pediraõ-lhe que os levasse em sua companhia: e depois que fizesse o casamento de Bracalar, fariaõ todos o que lhe a ventura dêsse, e elle mandasse. Pois me quereis, Senhores, disse o das lagrimas, fazer tanta honra, e mercê, que vos offereceis a esse trabalho; quero mandar entretanto provêr a vossa Fusta, e as nossas, e amanhã nos partiremos. Com este concerto se fizeraõ logo as Fustas prestes, e porque o tempo era prospero embarcaraõ nellas mui contentes. Mas esta partida foi taõ desviada do que elles esperavaõ, quanto he o nosso pensamento das cousas, que nos vem em contrario delle.

FIM DO PRIMEIRO LIVRO.

I N D I C E

DOS

CAPITULOS DESTA CHRONICA.

LIVRO PRIMEIRO.

- C**APITULO I. Pagina 1.
CAP. II. *Como passados alguns annos, houve ElRei Adriano hum filho : e dos grandes, e miraculosos sinaes, que se fizerao em seu nascimento.* 6.
CAP. III. *Como o Principe Clarimundo foi dado a criar á Condessa Urbina mulher do Conde Drongel, e do que lhe nesta criacao aconteceo.* 13.
CAP. IV. *Como se Drongel, e a Condessa Urbina, partiraõ da Corte del-Rei de Ungria, e dos casos tao desestrados, que lhe neste caminho aconteceraõ.* 16.
CAP. V. *Do que aconteceo a Narfastim, que á Condessa forçosamente levará.* 25.
CAP. VI. *Do que Drongel passou com hum escudeiro, e do mais, que depois fez.* 29.
CAP. VII. *Como a noite, que se o Conde partio, sonhava a Rainha Briaina hum sonho, e dos grandes prantos que se fizeraõ, depois que se soube a morte do Principe Clarimundo.* . . 38.
CAP. VIII. *De quem esta Dõna Grionesa era, e da causa, porque por esta parte vinha.* . 47.
CAP. IX. *Da traicao, que Maquinar ordenou a suas primas, e como por elle se soube onde ellas estavaõ, e do mais, que se nisto fez.* . 52.

I N D I C E.

- CAP. X. *Da criação do Príncipe Clarimundo, que depois se chamou Belifonte, e como se partio com Grionesa em huma Não pera se ir armar Cavalleiro ao Reino de Cecilia, e do que lhe neste caminho succedeo.* 60.
- CAP. XI. *De hum sonho, que El Rei Claudio de França sonhou, e como por sua causa armou a Belifonte Cavalleiro, e do mais, que se nisso passou.* 70.
- CAP. XII. *Do recado, que Oroneses trouxe, e como se Belifonte combateo com Filenor; e do que lhe nesta batalha succedeo.* 84.
- CAP. XIII. *Como se Belifonte despedio de Grionesa, e do que lhe neste caminho aconteceo com huma donzella, e por sua causa se combateo com tres Cavalleiros.* 91.
- CAP. XIV. *Como seguindo Belifonte seu caminho, dapois que se despedio de Targeta, no passo da Ponte Brigosa se combateo com Asquilante, e do mais que lhe nesta batalha aconteceo com hum fermoso donzel.* 104.
- CAP. XV. *Do que aconteceo a Belifonte neste caminho.* 119.
- CAP. XVI. *Da batalha, que Belifonte com Priamor houve, e do recebimento, que El Rei Claudio a Dom Dinar te seu neto fez. . .* 125.
- CAP. XVII. *Como partido Belifonte de Priamor foi huma noite dormir em huns edificios, e do que lhe aconteceo com dois Cavalleiros, que tambem ali pousaraõ* 134.
- CAP. XVIII. *Como Belifonte esteve alguns dias na Corte del-Rei Claudio, e por sua causa casou Cademia com Asquilante, e como Dom*

I N D I C E.

- Dinarte, e Fendibal foraõ armados Cavalleiros.* 147.
- CAP. XIX. *Em que conta o descontentamento, que El Rei Adriano, e a Rainha Briaina tinha, pela perda de seu filho Clarimundo, e do que lhe a elle aconteeço, depois que se partio da Corte del Rei Claudio.* 159.
- CAP. XX. *Como se Belifonte combateo com Learco, e Pantafasul seu irmaõ, salvando a Rainha Briaina, e suas filhas; e depois foi conhecido por seu filho.* 170.
- CAP. XXI. *Como partido Dom Dinarte, e Fendibal da Corte del Rei Claudio, fizeraõ tornar humas ricas armas a huma donzella, e do mais, que nella souberaõ, e passaraõ.* . . 187.
- CAP. XXII. *Do que Dom Dinarte passou no Castello de Caribordo, e do mais, que depois fez.* 199.
- CAP. XXIII. *Do que Fendibal passou com o escudeiro, que o levava : E da perigosa batalha em que o meteu.* 210.
- CAP. XXIV. *Como passeando El Rei Adriano pelo campo da Cidade de Buda com Belifonte seu filho, chegou a elles huma donzella, e do que com ella passaraõ.* 216.
- CAP. XXV. *Como partido Belifonte da Corte de seu pai, se combateo com hum Cavalheiro, que agora se chama Amor, e mais adiante se sabera seu nome, e do fim que esta batalha d'ambos teve.* 221.
- CAP. XXVI. *Como estando Belifonte no Valle de seu vencimento, chegou a elle huma donzella, que lhe deu huma carta, e humas armas,*

I N D I C E.

- por causa das quaes mudou o nome, chamando-se o Cavalleiro das lagrimas tristes : e do mais que passou com huns Cavalleiros.* 235.
- CAP. XXVII.** *Como partido Dom Dinarte de casa de Caletusa, seguiu seu caminho, e das aventuras que nelle passou antes de chegar á Corte de seu pai.* 251.
- CAP. XXVIII.** *Como partido o Cavalleiro das lagrimas, e Panflores da Abbadia, onde leixaraõ Cantim de Lorbem, foraõ ao Castello da Ferosa Torre, e do que nelle passaraõ.* 266.
- CAP. XXIX.** *Do que passou o Cavalleiro das lagrimas com Tardonça : e como por seu conselho se foi ella com Brinalta caminho da Corte do Emperador, e do recebimento que lhe fizeraõ.* 285.
- CAP. XXX.** *Como partido o Cavalleiro das lagrimas de Panflores, e sua companhia, chegou ao Padram da memoria lembrada : e do que passou com hum Caralleiro que ahi estava lançado.* 293.
- CAP. XXXI.** *Como estando o Cavalleiro das lagrimas no Padram da memoria lembrada, vio dous Cavalleiros combater-se : e do que passou com huma donzella, indo em busca delles.* 299.
- CAP. XXXII.** *Como o Cavalleiro das lagrimas justou com os mantenedores, e do que passou na casa Perfeita.* 319.
- CAP. XXXIII.** *Do que o Cavalleiro das lagrimas passou com os mantenedores, e como se deu a conhecer, e do mais que fez.* 338.

Livros Portuguezes que se vendem em Casa de Roland, Rua Nova dos Martyres, N. 10.

- Anno Christãõ, por Croiset, em 4. 7 Vol.
Coroa Seráfica Meditada, em 8.
Leal Conselheiro, e Ensinança de bem cavalgar, por elRei D. Duarte, em 4.
Imagem da Vida Christã por Heitor Pinto, em 8. 3 Vol.
Danvers, ou a Volta das Indias, em 8.
Batalha de Navarino, ou o Renegado, em 8.
Calista, por Madama Camilla Bodin, em 8. 2 Vol.
Joanna, ou a Campeoneza de Gournay, em 8.
Mosteiro, Novella de Sir Walter Scott, traduzida livremente por José Maria de Sales Ribeiro, em 8. 3 Vol.
Pequeno Proprietario Francez, por Dupin, em 8.
Escolha de Anecdotas Antigas e Modernas, em 8.
Rosalia, ou os Effeitos da nimia sensibilidade, em 8.
Rudimentos de Orthografia Portugueza, em 8.
Laura e Julia, em 8.
Resumo da Historia de França, em 8.
Compendio de Historia Moderna, em 8.
Luiz de Winchestre, ou o Patriota Belga, em 8. 2 Vol.
Os Noivos, por Alexandre Manzoni, em 8. 4 Vol.
Augusto de Valmor, em 8.
Historia de Estevãõ, e Valentim, traduzida pelo Traductor de *Simaõ de Nantua*, Philippe Ferreira de Araujo e Castro, em 8.
Ida, e Nathalia, por d'Arincourt, traduzidas por José Maria de Sales Ribeiro, em 8. 2 Vol.
Esfoladores, por d'Arincourt, traduzidos por José Maria de Sales Ribeiro, em 8. 2 Vol.
Cavalleiros do Cysne, por Madama de Genlis, em 8. 4 Vol.
Historia dos Stuarts, de Alex. Dumas, traduzida

- por José Maria de Sales Ribeiro , em 8. 2 Vol.
Marqueza de Pontanges , traduzida por José Maria de Sales Ribeiro , em 8. 2 Vol.
Doutrina Christã , em fôrma de Lições de Piedade , por Lhomond , traduzida por Fr. Domingos Vieira , em 8.
Os Tres Castellos , Romance do Visconde d'Arlicourt , traduzido por José Maria de Sales Ribeiro , em 8. 2 Vol.
Plutarco da Mocidade , em 8.
Elisa , ou o Modelo da Piedade Filial , em 8.
Monsieur Botte , Novella de Pigault Lebrun , traduzida livremente por José Maria de Sales Ribeiro , em 8. 2 Vol.
Tratado elementar de Geographia e Hydrographia , por Antonio Lopes da Costa Almeida , em 4.
Palmyra , Novella Ingleza , em 8. 4 Vol.
Os Rebeldes , Chronica do Século XIV , Romance do Visconde d'Arlicourt , traduzido por José Maria de Sales Ribeiro , em 8. 4 Vol.
Esperia , ou o Eremiterio de S. Tiago , em 8. 4 Vol.
O Leque , ou o Perigo de entregar-se ás Paixões , em 8. 2 Vol.
Julio , ou a Casa Paterna , em 8. 4 Vol.
Lições elementares de Eloquencia , em 8.
Lições Elementares de Poetica , seguidas de hum Ensaio sobre a Crítica Litteraria , em 8.
A Formosa Donzella de Perth , ou o Dia de S. Valentim , Novella de Sir Walter Scott , traduzida livremente por José Maria de Sales Ribeiro , em 8. 2 Vol.
Mysterios do Castello de Udolfo , por Madama Radclife , em 8. 6 Vol.
Historia de Mr. de Francheville , por Pigault Lebrun , em 8. 2 Vol.
Historia de Carlota Francheville , por Pigault-Lebrun , em 8. 2 Vol.

- Affonso , ou o Filho Natural , por Madame de Genlis , em 8. 2 Vol.
- Betsi, ou as Extravagancias do Destino, em 8. 2 Vol.
- Espião do Campo Neutral, por Cooper o Americano, em 8. 4. Vol.
- Barbarinski, ou os Bandoleiros do Castello de Wissegrado, em 8. 2 Vol.
- Nova Guia da Conversação, em Italiano, e Portuguez, em 8.
- Historia de D. Affonso Braz, Filho de Gil Braz de Santilhana, em 8. 2 Vol.
- Robinson de Doze Annos, Historia de hum Joven Grumete, abandonado n'hum Ilha deserta, em 8. 2 Vol.
- Novo Manual Epistolar, ou Arte de escrever todo o genero de Cartas, em 8.
- Orfã Inglesa, ou Historia de Carlota Summers, em 8. 4 Vol.
- Oberon, Poema de Wieland, traduzido por Filinto Elysio, em 16.
- Orfaõinhos da Aldéa, em 8. 4 Vol.
- Adolpho, Anecdota Allemãa, em 8.
- Convento de Santa Maria dos Bosques, em 8.
- Faustina, ou o que he o Mundo, em 8.
- Fabulas de Lafontaine, traduzidas por Filinto Elysio, em 16. 2 Vol.
- Contos do Castello, ou a Familia Emigrada, em 8. 2 Vol.
- Romalino, ou os Mystérios do Castello de Monte Rosso, em 8. 2 Vol.
- Hervanaria, por d'Arincourt, em 8. 2 Vol.
- Celina, ou a Filha do Mystério, em 8. 6 Vol.
- Compendio Historico, e Universal de todas as Sciencias, e Artes, em 8.
- Lições de Boa Moral, de Virtude, e Urbanidade, em 8.
- Fantasma Branco, ou o Protector Mysteroso, em 8. 3 Vol.

Henrique, e Amelia, ou a Herança Inesperada,
em 8. 2 Vol.
Jaques, e Georgeta, ou os Pequenos Montanhe-
zes da Alvernia, em 8. 4. Vol.
Prosas Selectas, em 8.
Compendio da Historia Antiga, e da Fabula, em 8.
Compendio da Historia Romana, em 8.
Adelina, e Theodoro, ou a Abbadia de Saint-
Clair, em 8. 4. Vol.
Dictionario Portatil Francez-Portuguez, e Portu-
guez-Francez, por Jozé da Fonseca, 2 Vol.
D. Joaõ da Falperra, em 8.
Gustavo, ou a Boa Peça, em 8. ; Vol.
Alberto, ou o Deserto de Strathnavern, em 8.
3 Vol.
Alexina, ou a Torre velha do Castello de Hol-
dheim, em 8. 4 Vol.
Augusto, e Gabriella, ou os effeitos do orgu-
lho, em 8. 2. Vol.
Baroneza de Batteville, em 8. 2 Vol.
Castello de Grasville, em 8. 4 Vol.
Caverna da Morte, em 8.
Caverna de Strozzi, em 8.
Dois Casimiros, em 8. 4 Vol.
Emilio, ou os Serões de meu Pai, em 8. 4 Vol.
Enguerrand de Coucy, por d'Arincourt, em 8.
2 Vol.
Estrangeira, por d'Arincourt, em 8. 2 Vol.
Eva, traduzida do Inglez de Isabel Keçly, em 8.
3 Vol.
Evaristo, e Theodora, ou o Castello de Clos-
tern, por D. Francisco Grimaud de Velaunde,
em 8. 4 Vol.
Florentino, e Rosina, ou o Orfão dos Vosges,
em 8. 2 Vol.
Fonte de Santa Catherina, em 8. 4 Vol.
Formidoro, e Zelinda, ou o Cavalleiro da Mor-
te, em 8. 2 Vol.

